

autora de "Aos olhos de Zoe"

CAMILA PELEGRINI

MALDIÇÃO DOS INOCENTES





PERIGOSAS NACIONAIS

CAMILA PELEGRINI

MALDIÇÃO
DOS
INOCENTES

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Camila Pelegrini

Capa: Ítalo Natã

Diagramação: Ge Benjamim – Serviços editoriais

Revisão: Graziela Reis

Todos os direitos reservados.

Maldição dos Inocentes

1. Fantasia.

2. Literatura Brasileira.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo
Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido pela lei nº. 9.610. De Fevereiro de
1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Esta é uma obra de ficção e toda e qualquer semelhança com pessoas ou situações reais terá sido mera coincidência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*A humanidade sempre teve medo
de mulheres que voam.
Sejam elas bruxas,
sejam elas livres.*

*Chamam de rebeldes
aquelas que gritam
contra a opressão.
Chamam de putas
aquelas que descobriram
a liberdade
de se amarem
através de livros e da arte.*

*E você
é tudo isso
e um pouco louca.
Mas não
aquela loucura banal.*

Mas sim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*a loucura profunda
de quem está
lúcida demais
para esquecer
que não somos nada
além de sacos de bosta
repletos de transtornos.*

*Eu
te chamo
de mistério.
E se eles soubessem
o quanto é gostoso
voar contigo,
também te amariam.*

*Mas eles
sentem medo
de mulheres
que voam.*

*Você
também?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur Diogo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A noite apenas começava, mas a escuridão e o frio que pesavam sobre seus ombros faziam-na duvidar de que pudesse existir um novo amanhecer. Ainda que o sol voltasse a brilhar e que a neve cessasse, não poderia se desfazer do gelo que pulsava, incentivando o sangue a percorrer seu corpo. O gelo que era seu próprio coração, desprovido de todo calor, a não ser do desejo de sobrevivência que, por algum motivo, ainda o mantinha vivo, mantinha seus sentidos em alerta e suas pernas em movimento.

Nem mesmo o fogo que queimava a sua frente, ardente e voraz, poderia jamais aquecê-la. As chamas dançantes, antes tão próximas, irmãs de sua alma, agora se limitavam a provocar-lhe arrepios e uma vertigem que poderia derrubá-la.

Mas ela não poderia cair. Não ali, nem em local algum.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era difícil, no entanto, manter-se firme, quando uivos de dor arranhavam seus ouvidos e eram digeridos como vidro em lascas. O som dilacerante harmonizava-se com o rosto que, beijado pelo fogo, se contorcia em agonia, em um perfeito espetáculo de fascinante horror.

Os olhos, a boca, a expressão. Tudo na jovem sendo queimada transmitia o desespero que sentia ao ter seu corpo abraçado pelas labaredas, e a população que assistia à cena, sedenta por sangue, parecia dele se alimentar.

Contudo, ainda pior que os sons e a visão era o cheiro. Pietra sentia a fumaça em seu rosto, trazendo o odor de cabelo e carne sendo queimados, trazendo o cheiro de seu próprio suor. Seu estômago agitava-se, implorando para que pudesse expelir todo o seu conteúdo, incapaz de suportar as sensações que o envolviam e

PERIGOSAS ACHERON

esmagavam. Enjoada, mas cônica de que era imprescindível que mantivesse uma postura sólida, tentou desviar os olhos, mas quando piscou, enxergou seu próprio rosto em meio às chamas. Era ela quem gritava. Seu cabelo vermelho se misturava ao fogo e as vestes escuras, que antes o escondiam, eram pura brasa.

A dor era excruciante. O peso da verdade também.

Ofegante, fechou os olhos, incapaz de continuar como plateia do horror que era o sofrimento da infeliz dama a sua frente. Mais um grito e se deixaria encontrar. Se teria que queimar, que o fizesse logo, enquanto já sofria com o espetáculo que acompanhava.

Mas de repente, o silêncio se fez ouvir. Os uivos de dor cessaram, e a cabeça da jovem tombou inerte. O ar soprou gelado em seu ouvido,

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurrando-lhe que ela seria a próxima.

Em resposta, como se o céu concordasse com o rumo daquela noite, pesados flocos de neve começaram a cair, fazendo com que ela envolvesse seu corpo com os próprios braços.

Não havia mais ao que assistir, e o corpo que surgia disforme do desaparecimento das chamas, aliado ao cheiro que exalava, começava a incomodar todas aquelas pessoas. A multidão se mexeu inquieta, ansiosa pelo que aconteceria a seguir.

Pietra levantou os olhos discretamente ao ouvir o murmúrio de surpresa que tomou conta de todas as bocas ao seu redor.

Um rápido olhar a sua volta foi suficiente para ver o ar de assombro e admiração que preenchia cada um daqueles rostos. Os homens se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aprumavam, as mulheres passavam as mãos sobre os cabelos. Estavam emocionados demais para agir com qualquer relevância.

— Preparem-se para receber vossa Majestade Rei Durian Dahl Hagebak, filho de Agmund Dahl Hagebak, primeiro de seu nome, o Senhor e Protetor de Litin — soou a voz imponente de um homem estranhamente pequeno e magro, cuja nuvem de cabelos loiros parecia pesar mais do que seu corpo todo.

Pietra sentiu o estômago revirar uma vez mais, porém obrigou-se a imitar os gestos de reverência. Não poderia ser diferente. Não mais do que já era.

— Ergam-se! — ordenou uma voz masculina.

Todas as faces imediatamente voltaram-se a

PERIGOSAS ACHERON

ele.

Sobre um pequeno palanque de madeira que dois homens colocaram sobre o chão, o Rei subiu. Muralhas humanas o rodeavam, mas era possível avistar suas vestimentas douradas, brilhando em destaque em meio à paisagem branca e gélida. Seu cabelo longo e amarelo dava-lhe um ar quase infantil, mas seus olhos eram de um azul frio como o ambiente.

— Povo de Evje, Capital de Litin, povo que jurei proteger contra todos os males e fazer prosperar — cumprimentou, com os braços elevados a altura de seus ombros.

A multidão aplaudiu eufórica as primeiras palavras do Rei em uma praça pública, com uma proximidade nunca antes vista na história daquele lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado. Em nome de Deus, que me escolheu e enviou para guiá-los — sua voz soou firme e alta, ressoando o medo em toda a praça —, venho hoje a vossa presença, cumprir o encargo que me foi dado pelos céus, alertando-os sobre um grave perigo.

O Rei aguardou os comentários agitados antes de prosseguir.

— Nada temam, todavia. O que presenciaram há alguns minutos foi a execução de uma bruxa julgada e condenada à morte por seus atos maléficos e satânicos que atentam contra a Santa Igreja, contra mim, e contra todo o povo. Todos nós estamos mais seguros a partir deste momento. — O povo aplaudiu uma vez mais. Pietra sofreu ao pensar que a cada pausa da fala do Rei teria que fazer o mesmo. — Essa mesma bruxa, cujo nome não é digno de ser pronunciado,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entregou-nos um grande mal antes de morrer: entregou-nos o nome da mais temível bruxa viva em nosso país. — O Rei endureceu o olhar e ergueu ligeiramente o queixo fino. — E ela está aqui em Evje.

Como era esperado, a multidão pareceu beirar a histeria, murmurando gravemente sobre quem seria a perigosa bruxa, abençoando-se com o sinal da cruz, e agradecendo pelo jovem Rei enviado para protegê-los.

— Há inúmeros relatos sobre o rastro de sangue que deixa em seu caminho. Mortes e rituais satânicos são sua oração. Carrega sangue em seu peito, e passa noites em cemitérios invocando demônios.

— Oh céus, eu já a vi! — uma voz gritou em meio à multidão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela faz feitiçarias com animais mortos, já vi com meus próprios olhos — respondeu outra voz.

O Rei aguardou pacientemente e então assentiu.

— É a bruxa mais impiedosa de que já se teve notícia, e, enquanto viver, ninguém estará a salvo. — Esperou mais um momento antes de continuar. — Seus olhos são fruto de um pacto feito no inferno, e o lobo que a acompanha é o próprio demônio com quem troca de corpo. As duas criaturas possuem olhos que se completam e causam destruição. Seus cabelos têm a cor do fogo, e sua pele, as marcas de seus pecados. É capaz de falar com animais e plantas, e entorpecê-los com seu próprio veneno.

Dessa vez, quando pausou, nem um único murmúrio foi ouvido. O medo preenchia o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ambiente, e o tremor de tantas pernas não poderia mais ser atribuído à neve que despencava incessantemente.

Aos olhos do amedrontado povo, o cheiro de carne tornara-se quase agradável. Era necessário que bruxas morressem queimadas, que expurgassem os pecados e erros de seu corpo, que não sobrasse uma única delas para ofender a Deus ou ao Rei.

Ciente do medo que tornava todo o seu povo necessitado de sua orientação, o Rei finalmente voltou a falar.

— É prioridade deste Reino a caça a todas as bruxas, em especial, a essa. Para tanto, o melhor de nossos caçadores se prepara para começar sua busca. Qualquer ajuda à causa dessa perigosa mulher será punida com morte. Qualquer informação sobre seu paradeiro ou sobre o que quer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que auxilie em sua captura deverá ser trazida até meus guardas. A omissão será punida com morte. Abrigá-la ou alimentá-la terá como punição a morte. Não serei benevolente ou misericordioso com quem quer que coloque meu povo em risco.

— Como é o nome dela? — uma voz masculina se fez ouvir.

O Rei Durian encarou a multidão amedrontada a sua frente e lambeu os lábios ressecados pelo frio intenso.

— Seu nome é Pietra Scarj. Que fique decretado que a partir de hoje tem início a caça às bruxas — o Rei bradou fortemente. — Quero que queime até a morte. E que depois de morta continue queimando no inferno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Finalmente voltaria para casa. Mal podia esperar para fazer as pazes com Eloyse. Sabia que havia partido em maus termos com a esposa, mas compensaria toda a sua ausência e todas as marcas de seu corpo e de suas vidas com o retorno. Um retorno permanente. Prometeria nunca mais caçar.

Conheceria, enfim, o rosto de sua criança. Torcia para que a mulher ainda estivesse esperando-o para escolher o nome.

A esperança lhe aquecia o coração, e a primavera coloria seu caminho. Parou para colher flores. Pegou algumas extras, além de pedras bonitas que encontrou. Assim teria presentes para o bebê, fosse menina ou menino.

O sol ardia quente no céu claro, e o perfume da flora ao seu redor era suave e

adocicado. Tudo o que ouvia era o farfalhar das árvores e o canto dos pássaros.

Mais alguns passos e estaria perto da família. Apenas mais alguns passos.

E então a casa invadiu sorrateiramente seu campo de visão. Pequena, no limiar da floresta, o saudoso lar.

Apressou-se para alcançá-la, mas teve sua atenção capturada pelo estranho odor que impregnava o ar. Reconheceu de pronto o cheiro metálico e seco com que estava tão familiarizado. Sangue.

Sentiu o coração disparar no peito, e as mãos começarem a suar. O desespero preencheu suas veias, e medo gritou dentro de sua cabeça.

Os pelos de seu corpo inteiro eriçaram ao sentir um toque gelado e úmido sobre a pele. Olhou

PERIGOSAS NACIONAIS

para o céu e viu uma grande cortina negra cobrir o que antes era de um límpido azul.

Uma chuva torrencial desabou sobre o mundo.

Forçou-se a correr, mas as botas encharcadas pareciam pesadas demais para se moverem na velocidade que seu cérebro comandava. Quanto mais avançava, mais distante a casa parecia, mais longínqua e inalcançável.

Um raio caiu a poucos metros de distância, mas ele se limitou a continuar correndo.

Seus músculos ardiam com o esforço, seu peito doía com a dificuldade em manter a respiração, mas era o coração que o incomodava. Parecia prestes a tampar sua garganta, impedindo de gritar o nome de Eloyse ou mesmo de sugar o ar.

PERIGOSAS ACHERON

A sensação de estar fugindo da morte ao mesmo tempo em que ia ao seu encontro parecia sua companhia naquela tarde que se transformara em noite. Toda a alegria de alguns minutos transformara-se em um pavor aterrorizante. Como podia a casa estar cada vez mais longe?

Um grito enlouquecido de dor e desespero soou quase ao seu lado.

O som trouxe arrepios de seus pés à sua cabeça. Estacou de súbito, horrorizado com a voz que gritava. Ele a reconhecia.

Buscou a aliança em seu dedo anelar, em uma tentativa de se manter são, mas ela não estava mais visível.

Suas mãos estavam molhadas.

Suas mãos estavam vermelhas.

Havia sangue por todo o lugar.

Sangue de Eloyse.



Nikolau Fagertun despertou ofegante, e embora na lareira não houvesse mais fogo, e a neve continuasse caindo pesadamente do lado de fora, estava encharcado em suor. A camisa branca grudava em seu corpo, e os pelos de seu braço continuavam eriçados como no pesadelo.

Sentou-se sobre a cama e colocou os pés sobre o chão gelado, deixando que a sensação fria percorresse sua espinha e o despertasse verdadeiramente das lembranças sombrias. Fechou os olhos, mas não gostou do que viu.

Pegou a vela que ardia sobre a cabeceira da cama e levantou-se, pois sabia que não voltaria a dormir tão cedo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminhava até a lareira quando teve a impressão de escutar um novo grito.

— Ela está morta, Nikolau! — repetiu impacientemente para si mesmo.

Abaixou-se para repor a madeira, mas dessa vez o grito soou mais alto e claro. Não era a mulher em seus sonhos. Era um garoto em suas terras.

O desespero que o acompanhava nos pesadelos voltou com ainda mais força e ainda pior, já que dessa vez era real. Explodiu de volta à cama, pegando sob ela uma pesada espada, com a qual se apressou em direção ao quarto ao lado. Viu as pequenas botinas caídas, quase escondidas sob o casaco de pelo jogado ao chão.

— Paaaaaaaai!

O gritou tornou-se completamente inteligível.

PERIGOSAS ACHERON

— Noah! — berrou em resposta, disparando para fora de casa.

Nikolau avançou furioso contra a porta entreaberta, alcançando a frente em um salto.

— Pai, me ajude, pai!

Avistou o filho sobre um cavalo marrom, grande e esbelto, sendo segurado por braços finos, que o envolviam, e que terminavam em mãos enluvadas. O raptor escondia-se sob uma capa com capuz negro, tornando impossível identificar qualquer coisa a respeito de sua pessoa.

— Estou indo, Noah! — gritou o mais alto que pôde para se fazer ouvir sobre o trote do animal que começava a se afastar. — Eu vou te alcançar!

Arremessou a espada, em uma tentativa de acertar o cavalo e atrasar seu avanço, mas não obteve sucesso. As mãos estavam duras de frio,

incapazes de completarem o movimento desejado.

Rapidamente, Nikolau se dirigiu ao seu estábulo, e um calafrio percorreu sua espinha ao notar que também aquela porta estava aberta. A ausência de sons era preocupante. O silêncio do local denunciava que havia algo de errado, e Nikolau desconfiava do que era.

Três dos cavalos que possuía estavam mortos. Estirados ao chão, com os olhos abertos e a boca espumando, encaravam-no com olhos pálidos e sem vida.

A passos lentos e cautelosos, aproximou-se da última baia. O quarto cavalo, um garanhão negro e reluzente, o silencioso corredor que o acompanhara em muitas de suas aventuras, encarou Nikolau com a cabeça erguida.

Entendendo que o cavalo estava pronto,

PERIGOSAS NACIONAIS

Nikolau jogou uma cela sobre ele e em segundos cavalgava sob a tempestade.

Não havia qualquer pegada sobre a neve, nem o menor sinal de para onde o filho havia sido levado. Recuperou sua espada e se concentrou em tudo o que via.

— Noooooooooah! — gritou irracionalmente.
— Noooah!

Cavalgou sem rumo durante longos minutos, berrando o nome do filho, enquanto sentia lágrimas lhe entorpecerem a visão. A pele exposta à neve não lhe causava tanta dor quanto a que sentia dentro de si.

O coração se partia, assim como a promessa que fizera há sete anos.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nikolau caminhava apressada e silenciosamente para o quarto da criança, resoluto em encontrar pistas que permitissem que alcançasse novamente o filho.

O coração batia em um ritmo irregular, e a garganta tinha um nó formado por laços de ódio, medo e dúvida. Não saber onde e com quem estava o garoto fazia com que o pânico, conhecido somente em seus pesadelos, ameaçasse tomar-lhe o corpo e a mente.

Se perdesse a criança, perderia sua própria sanidade. Sua vida seria tragada sem qualquer esforço. Seus pensamentos não pareciam ser capazes de se manterem em ordem. Quanto mais se concentrava, mais o rosto do filho se misturava ao de Eloyse.

— Ela está morta — falou para si mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Fechou os olhos com o intuito de se acalmar e proceder racionalmente, mas o rosto ensanguentado de Eloyse surgiu claro e novo, misturando-se ao pequeno rosto branco e sardento do filho, e sujando-o com o próprio sangue.

— Ela está morta! — gritou para si mesmo.

A imagem não se dissipou. Ao invés disso, as bocas que derramavam sangue começaram a falar em uníssono.

— Você nos deixou morrer, você não cuidou de sua família.

Nikolau levou as mãos sobre os ouvidos, incapaz de se livrar das alucinações.

— A culpa é sua! — as vozes berravam.

Os dois rostos ensanguentados contorciam-se em caretas de dor e ódio, cuspiendo em sua direção, destilando todo o desprezo que pareciam

sentir.

— Saia daqui! — Nikolau gritou em resposta

Deixou-se cair de joelhos antes da porta de sua casa. Respirando ofegantemente, afundou as mãos na neve.

— Saia daqui — repetiu a plenos pulmões.

Uma rápida sensação de formigamento começou a subir por seus braços, atingindo o corpo todo. As mãos ficaram duras e perderam toda a sensibilidade. Com o frio percorrendo todos os seus ligamentos e ossos, a mente foi forçada a se concentrar no corpo, e não nos pensamentos. Gradualmente o rosto de Eloyse se dissipou, e somente a face de Noah permaneceu limpa e sorridente, como era de costume em sua casa e em suas memórias.

Acalmando-se, sentiu a respiração voltando gradativamente ao normal, o coração retomando um ritmo regular. Agora poderia ser racional; iria encontrar o filho, e não se permitiria desesperar enquanto não o fizesse.

Levantou-se e adentrou a casa, com os olhos atentos e a mente afiada, embora ainda sentisse como se parte dela se mantivesse longe, onde quer que a criança estivesse. Envolveu-se em um pesado casaco de pele de lobo e recolheu o do filho, caído sobre o chão.

Noah havia sido levado sem sapatos ou sem qualquer agasalho. Se quisessem mantê-lo vivo, teriam que providenciar novas roupas e proteção contra a neve.

Olhou ao redor e percebeu que, se não fosse a ausência do menino, nenhuma diferença haveria no cômodo. A vela continuava acesa ao lado da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cama, entre um livro e uma caneca de água. Não pôde evitar lembrar-se de quantas vezes já havia proibido o filho de deixar as páginas secas e amarelas ao lado do fogo, alertando-o para o perigo de perdê-las. O garoto, muito mais inteligente do que ele jamais poderia ser, respondia sempre que a caneca de água estava ali para isso. Caso o fogo queimasse, a água apagaria.

Nikolau nunca entendeu verdadeiramente a vontade que Noah tinha de aprender a ler; nunca entendeu por que amava tanto os livros. Para ele, não passavam de uma pilha de papel ocupando espaço, sobre os quais inúmeros símbolos desconexos aguardavam que lhes fosse dada atenção. Ele nunca se preocupara em aprender a ler, mas, de alguma forma, seu filho sim. Relia os mesmos livros incontáveis vezes, e quando encontrava o pai desperto pelos pesadelos, era para

PERIGOSAS ACHERON

ele que lia.

Nikolau acabou aprendendo a ler um pouco com a insistência de Noah, mas a dificuldade em unir as letras que via, com algum significado, desanimava-o. Era um homem de poucas palavras de qualquer forma. Se não fazia bom uso delas falando, também não o faria através do papel.

Não encontrando nada que pudesse ajudar em sua busca pelo filho, caminhou de volta ao estábulo. A neve praticamente cessara, mas ventava impiedosamente. O ar gelado daquela noite cortava a pele de seu rosto desprotegido, porém Nikolau não parecia sentir.

Um odor de morte atingiu seu olfato no instante em que abriu a porta. A visão dos três cavalos mortos o entristeceu ligeiramente, mas avançou a passos firmes, aproximando-se do menor dos animais.

— Como você morreu?

O corpo do cavalo estava gelado, e a saliva que antes escorria agora formava cristais de gelo.

Nikolau ajoelhou-se e abriu sua boca, inspecionando seu interior. Aproximou sua própria cabeça, farejando a carcaça morta. Sua expressão não se alterou ao não encontrar qualquer indício do que ocorrera em sua propriedade naquela fatídica noite.

Repetiu o procedimento nos outros dois animais.

Seu rosto estava fechado em uma expressão de intensa concentração.

— Veneno — concluiu. — Bruxas? Mas por que teriam deixado meu melhor cavalo vivo? — sussurrou no silêncio da escuridão gelada.

Ainda na baía em que estava, a terceira,

PERIGOSAS NACIONAIS

bem ao lado da baia de Bestian, Nikolau passou as mãos sobre o feno que cobria o chão. Talvez pudesse descobrir a que clã a bruxa que levara seu filho pertencia, a julgar pela espécie de erva venenosa utilizada.

Ele conhecia todas as bruxas. Já havia capturado ao menos uma de cada clã, e, por vezes, clãs inteiros. As anjas do inferno. Os olhos do demônio. As sementes do Mal... Nikolau já havia levado todas à santa fogueira. Dizia-se que era a benção dos padres que de fato matava as feiticeiras, e não o fogo propriamente dito, já que bruxas eram amigas das chamas. Eram irmãs dele.

A única que Nikolau jamais encontrara, e que jurara nunca procurar, era a mais cruel de todas as bruxas já nascidas, cujo nome fora revelado na noite anterior na ocasião da morte de uma jovem feiticeira. Não havia sido necessária nem mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma noite para que o povo começasse a chamá-la de Sereia do Inferno. Isto porque seus olhos prendiam e fascinavam quem quer que dentro deles olhasse.

Diziam que o próprio diabo, incapaz de se afastar, assumira a forma de um lobo com os mesmos olhos para poder acompanhá-la.

Quando ouviu os primeiros rumores sobre a sua existência, Nikolau esperou, dia após dia, a convocação para caçá-la, visto que, sempre que uma temível e sagaz bruxa surgia, era a ele que o Reino recorria na esperança de captura. No entanto, tal convocação nunca chegou. Talvez finalmente, após inúmeras recusas grosseiras e gradualmente violentas aos serviços, conforme sua paciência se esvaía, houvessem entendido que sua aposentadoria era irrevogável, que jamais desonraria sua própria palavra. Nunca mais voltaria a caçar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao ter tais pensamentos cruzando sua mente, um lampejo de epifania acendeu seus neurônios. Seu olhar faiscou com a ideia, e sua expressão se fechou como o céu que anuncia uma nevasca.

Retomou furiosamente sua procura em meio ao feno, agitando as mãos impacientemente em busca de algo que, de preferência, mostrasse que sua desconfiança era fruto de uma paranoia cultivada ao longo de todos os anos de sua existência.

Moveu-se com pressa entre uma baia e outra, expelindo o frio de seu corpo e arremessando o casaco sobre o chão para facilitar seus movimentos.

Sua mandíbula estava travada em uma expressão feroz, e as cicatrizes em seu pescoço mexiam-se conforme pulsava a veia.

PERIGOSAS ACHERON

Foi somente quando uma de suas mãos esbarrou em um objeto sólido e frio que todo seu corpo parou rigidamente. Um frasco menor do que sua mão se elevou diante de seus olhos. Dentro do recipiente de límpido vidro, repousava um líquido grosso e amarelo.

— Havia o suficiente para matar Bestian — analisou.

Girou o frasco na mão, observando cada detalhe. Não havia marca alguma no vidro, mas Nikolau demorou os olhos na tampa dourada. A pequena peça reluzia, denunciando o ouro puro de que era feita.

Aproximou-a do rosto e semicerrou os olhos em uma tentativa de melhor enxergar. As bordas eram minimamente decoradas com uma inscrição em prata, mas Nikolau não podia entender o que estava escrito. Ainda assim, passou o dedo,

sentindo o toque gelado do metal.

— Prata pura — entendeu. — Agora eu compreendo.

Levantou-se com o casaco em uma mão e o frasco em outra, apressando-se para fora do estábulo, onde Bestian aguardava.

O lustroso e escuro pelo do cavalo brilhava, e seus olhos negros como o céu escondiam a verdade sobre aquela noite. O animal havia visto tudo, e ainda assim a ele havia sido permitido continuar a viver.

Mas não se poderia esconder muito de um caçador. Não por muito tempo. Mesmo que há várias primaveras não saísse à procura do mal para exterminá-lo, mesmo que há inúmeras luas não precisasse buscar respostas, mesmo que há tanto tempo seu corpo estivesse parado, sua alma jamais

PERIGOSAS NACIONAIS

estaria. A alma de um caçador precisava caçar.

E Nikolau já sabia quem seria sua presa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pietra sabia que seria rápido. Estava sendo visada há tempo demais, mas ainda assim surpreendeu-se com a decretação oficial do Rei Durian em plena praça pública. Ganhara até mesmo um apelido, bem como inúmeros feitos em sua existência. Bastara que o jovem iluminado e escolhido por Deus colocasse em uma mesma frase as palavras perigo, mortes, bruxa e fogo para que sua vida se transformasse em um inferno, porém mal sabia ele que ela não precisaria descer para queimar. Missão cumprida, Vossa Majestade.

Ela juntava seus poucos pertences com a maior velocidade que conseguia. Não havia qualquer condição de ficar mais um minuto sequer naquele local hostil. Primeiro sairia de Evje, depois encontraria uma forma de abandonar Litin. Deveria tê-lo feito muito antes, sabia, mas fora descuidada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O motivo que a prendia ali não era racional, mas fora forte o suficiente para colocar sua vida em risco.

De toda forma, precisava partir naquela noite, enquanto a escuridão e a nevasca poderiam cobrir seus passos e impedir que houvesse uma maior quantidade de vigias. Ademais, sabia que parte da fala do Rei fora um blefe. Não havia um caçador a sua procura, não ainda. Fenrir teria notado.

Inundada pela urgência de se colocar em movimento, Pietra cobriu-se com a pesada capa preta com a qual estava acostumada, vestiu luvas de mesma cor e prendeu o cordão prata em torno do pescoço, repousando a grande pedra vermelha sobre o peito. Demorou-se tocando o objeto, sentindo o calor que dele emanava e que aquecia o que sobrara de um antigo coração. Em seguida,

PERIGOSAS ACHERON

apanhou a pequena mala que preparou, colocou o frasco com o líquido amarelo entre os seios suportados pelo vestido justo e não olhou sequer uma única vez para as paredes que abrigavam seus segredos há alguns meses, e que agora voltariam a ser nada além de pedras sobre as quais repousavam as dores de um passado que insistia em se fazer presente.



Andava rapidamente, observando tudo, atenta a qualquer movimento que denunciasse que não estava sozinha. A neve caía em flocos leves e pequenos, o que a preocupava, visto que precisava de uma noite tão escura e fria quanto era a sua alma. Precisava que o manto negro que era o céu se derramasse sobre toda a cidade, escondendo em suas brumas os mistérios em que se fazia seu PERIGOSAS ACHERON

caminho.

As ruas possuíam o som dos mortos, um silêncio aterrador e denso, de modo que sua respiração pesada soava alta e era denunciadora de sua fuga. Cada passo adiante era uma súplica para que houvesse tempo, para que cumprisse sua missão a tempo de escapar da fogueira.

Para tanto, Pietra sabia que o ideal seria se distanciar dos domínios do Rei Durian naquele exato momento, mas não poderia fazê-lo sem antes pausar em um local. Não estava distante. Já conseguia distinguir a silhueta das inúmeras lápides à frente, cobertas pelos mistérios e dores que somente a morte era capaz de, paradoxalmente, esconder e revelar.

Certificando-se de que não seria vista e garantindo a si mesma, uma vez mais, que não havia qualquer caçador em seu rastro, alcançou as

PERIGOSAS NACIONAIS

grades de ferro do cemitério e, com movimentos ágeis, empurrou o portão e pôs se a correr até a cova que lhe interessava.

Não havia um túmulo, uma pedra ou qualquer marca que indicasse o que ou quem estava enterrado. Somente ela conhecia o que o chão, coberto por um tapete macio e branco de neve, escondia sob a majestosa árvore, cujos galhos secos e longos se estendiam como as garras que protegiam o seu segredo.

De forma rápida e ofegante, cavou um buraco menor do que a palma de sua mão, revelando a tampa marrom de uma pequena caixa de madeira. Abriu-a, e inseriu um envelope lacrado com o selo real. Tornou a fechá-la e a cobrir o objeto com terra e neve.

Estava feito. Se todo o restante falhasse, ali, onde tudo havia começado, talvez pudesse residir

PERIGOSAS ACHERON

também o fim.

Acalmando-se e conseguindo manter a respiração em um ritmo regular, colocou uma das mãos sobre o pedaço de solo recém-fechado e deixou que os lábios e a língua se movessem, experimentando o sabor de cada uma daquelas palavras.

— Guarde este segredo para mim. Não deixe que caia em mãos errados.

O som que emanava de sua boca trazia memórias tão amargas quanto doces, transportando-a para um tempo que unia o que de melhor e pior havia em suas lembranças.

Nestas ocasiões, quando as imagens do seu passado corriam diante de seus olhos, tinha a impressão de estar sendo tragada por ondas de um mar em ressaca, precisando usar toda a sua força

PERIGOSAS NACIONAIS

para não se deixar levar. Por várias vezes, sequer sabia qual a razão em resistir.

Preparando-se para tudo o que precisaria enfrentar em seu futuro próximo, permitiu-se fechar os olhos por um momento, transmitindo ao chão toda a energia existente em seu ser. Deixou de lado a fuga, o fogo e o terror que constituíam sua existência e permitiu que o toque de suas mãos fosse mais do que pele sobre o gelo.

— Esteja comigo por todo o caminho — pediu, ainda com os olhos cerrados.

O vento soprou em seu ouvido, fazendo com que fios vermelhos escapassem de seu capuz. O toque da brisa era gelado, mas era o que dizia que lhe causou arrepios. A escuridão dessa noite é somente o início, o som de sua passagem parecia sussurrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu coração bateu mais forte com o sibilo proveniente do movimento da lufada.

— O vento não pode contar o que viu. — Lembrou a si mesma — Você está segura — sussurrou, tentando convencer-se, mas já se movendo lentamente.

Uma nova rajada beijou sua pele, mas, dessa vez, as palavras que ouviu não vinham da corrente de ar.

— Quem pode estar seguro no inferno? — Uma voz de homem respondeu atrás de Pietra, gargalhando.

Uma mão fechou-se com força sobre seu ombro, e outra arrancou bruscamente seu capuz, agarrando-lhe as madeixas.

Mas Pietra já estava preparada. Sentiu o cheiro de álcool aproximando-se antes mesmo de

PERIGOSAS ACHERON

escutá-lo. Uma faca já estava pronta entre seus dedos, ansiosa para deles escapar. Silenciosamente, girou um dos braços para trás das próprias costas, fincando a arma no primeiro pedaço de pele que encontrou. Ouviu o som de carne sendo rasgada, e o cheiro de sangue misturou-se ao do álcool.

— Bruxa! — o homem urrou de dor, soltando-a para pressionar o machucado na região de sua virilha.

Ela sabia que precisava agir antes que o adversário chamasse atenção para o cemitério. Suas roupas eram brancas e amarelas, cores da guarda. Deveria ser o vigia responsável pela ronda do cemitério. Um só, pensou, estava sendo subestimada.

Alcançou o frasco entre seus seios e saltou, rápida como uma fera, sobre o tronco do homem. Ele era mais forte, mas a ferida e a surpresa

impediram que se equilibrasse. Desabaram os dois, o guarda, com o cabelo escuro colado à testa, sob o corpo leve de Pietra.

— Sua imunda! — berrou, tentando se desvencilhar.

A jovem pressionou o frasco contra a boca do homem no momento em que ele gritou, quebrando o vidro com a força aplicada contra os seus dentes. O líquido amarelo inundou a boca do guarda, que ainda cuspiu em seu rosto. Finalmente reunindo sua força, o funcionário real virou seu corpo contra o de Pietra, prendendo-a embaixo de si.

— Eu vou te levar pessoalmente à fogueira — falou, muito próximo de seu rosto, fazendo com que sua saliva atingisse o rosto da mulher. Seus lábios abriam-se em um sorriso de escárnio doente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai. Ele está chegando — ela sussurrou.

No instante em que as palavras escaparam de sua boca, o rosto do guarda se transformou em uma escultura de dor. Pietra sentiu o corpo do homem retesar sobre o seu, antes de ser arrastado, com as mãos tentando debilmente fincar-se na neve.

Ela sabia o que estava acontecendo. Levantou-se rapidamente, limpando o veneno do próprio rosto, e afastando os fios vermelhos que faiscavam, enquanto observava a criatura de olhos coloridos, idênticos aos seus, mostrando ameaçadoramente os dentes afiados.

— Fenrir, não — falou, autoritária. — Aqui não.

O lobo não desgrudou os olhos de sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

presa, nem sequer abaixou os pelos cinza eriçados de sua nuca. Seu rosnado mantinha o guarda, embora consciente, já pálido e com membros quase paralisados pela ação do veneno, rígido com o pavor que também preenchia suas veias.

— Fenrir — Pietra repetiu —, o sangue.

A fera continuou com o tronco arqueado, as patas tensionadas em uma posição que preparava o ataque.

Então saltou.

No entanto, quando o fez, limitou-se a agarrar com os dentes uma das pernas do homem. Olhou, finalmente, pela primeira vez, dentro dos olhos de Pietra. Seus pelos abaixaram-se, bem como sua mandíbula, cravando-se sobre as camadas de roupa e pele.

— Leve-o daqui.

PERIGOSAS ACHERON

O lobo obedeceu, iniciando uma corrida desenfreada arrastando o guarda real, já quase morto, atrás de si.

Pietra observou o animal se afastar em direção à mata densa da floresta que permeava todo aquele lado da cidade, enquanto se recuperava do ataque e tentava localizar os focos de sangue sobre a neve.

Já fazia algum tempo que podia contar com Fenrir, mas sempre que o via, ainda o admirava, chegando a ficar sem fôlego ao vislumbrar a beleza e a força com que se movia. Para ela, não havia nada mais majestoso do que a figura do lobo, ao mesmo tempo ameaçadora e fascinante.

Lembrava-se com nitidez e clareza da imagem do animal se aproximando, lentamente, pela primeira vez, e seu par de olhos coloridos se fazendo visíveis. Fora como olhar em direção a um

PERIGOSAS NACIONAIS

estranho espelho e vislumbrar uma imagem que, apesar de não ser sua, podia reconhecer. Naquele dia, Pietra encontrava-se em um estado de pura aflição, o corpo estirado na floresta, sua pele e seu espírito machucados até o limite. O lobo também estava ferido e, de alguma forma, haviam se reunido em uma unidade que mesclava o medo e a ira quanto a outros humanos. Enquanto tentavam se curar, reconheceram nos olhos um do outro um aliado pela sobrevivência, a fidelidade nascendo ao ser forjada na dor. Ao dividir sua escassa comida com a fera, a Sereia havia conquistado o melhor amigo de uma vida toda. E Fenrir havia emprestado, desde então, toda a força de que Pietra necessitava, fazendo nascer um pacto de comedimento e silêncio.

Se o primeiro encontro entre ela e a fera houvesse acontecido sob outras circunstâncias, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jovem achava que talvez pudesse ter sentido medo ao vê-lo se aproximar com as presas à mostra e os passos firmes apesar da carne dilacerada.

No entanto, naquele momento, ela tinha a impressão de já ter experimentado todos os imagináveis horrores, e não havia fibra em seu corpo ainda capaz de sentir. Medo, amor ou pesar, não existia espaço para qualquer espécie de paixão em seu ser. Indiferença a envolvia com a mesma intensidade que um casal tolo e apaixonado se abraçava.

A apatia, no entanto, inflamou-se pouco tempo depois, transformando-se em cólera e hostilidade, alimentando cada um de seus atos seguintes. E Fenrir se manteve lá, em cada um deles, assim como o fazia naquele momento, enquanto, voltando para o seu campo de visão, aguardava pacientemente para que seguissem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A jovem, despertando novamente para a noite sombria que testemunhava mais uma das mortes existentes em seu caminho, repousou a mão uma última vez sobre o chão protegido pela seca árvore. Assegurara-se de manter escondido, até então, tudo quanto ali havia, mas agora agia para que conseguisse retirar de sob o solo o que repousava em paz.

Aquele era seu objetivo.

Usaria toda a sua força para provar que os mortos também tinham segredos. E Pietra queria escutá-los falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Bestian galopava a uma velocidade que certamente causaria inveja aos melhores cavalos do Rei, mesmo sob a tempestade dos últimos dias. O som de seu trote sobre o solo era abafado pela quantidade de neve que amortecia o impacto, e suas pegadas não se mantinham visíveis por muito tempo.

O vento gelado que silvava de encontro à dupla cortava a pele do rosto descoberto de Nikolau, porém ele não demonstrava qualquer indício de que estivesse sentindo. O caçador já experimentara sofrimentos muito piores, alguns deles capazes de dilacerar o corpo, mas ainda pior, alguns capazes de dilacerar a alma. E era para evitar a maior de todas as dores que cavalgava desesperadamente.

Suas mãos firmaram-se com ainda mais

PERIGOSAS NACIONAIS

força sobre as rédeas em torno de Bestian, e, não fossem as grossas luvas de couro de crocodilo, um filete de sangue teria pingado sobre o chão macio e branco.

Nikolau já se aproximava do imenso portão de ferro entre as duas muralhas de pedra que protegiam o castelo do Rei Durian e, antes dele, do Rei Agmund. Havia homens armados sobre e atrás das altas barreiras, que circuncidavam as terras em que a família real vivia, de modo que um homem e seu cavalo jamais conseguiriam ultrapassá-las sozinhos, mesmo que este homem fosse um antigo e famoso caçador. A menos, é claro, que houvesse alguma utilidade em seu ingresso na propriedade real.

Se as suposições de Nikolau sobre os eventos daquela noite estivessem corretas, sua entrada seria permitida desde logo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele nunca se encontrara cara a cara com um Rei, e nem tinha qualquer pretensão de fazê-lo, mas não era novidade alguma ter que agir contra sua própria vontade. Seu pai o criara para ser um homem disposto a aceitar as dificuldades da vida, lutando contra elas quando possível, conformando-se quando não, mas nunca de modo a lamentar-se.

Era isso que fazia naquele momento quando, após presenciar, de forma impotente, o sequestro de seu filho, partira em direção ao castelo ainda antes do amanhecer, através da capital sombria, quieta e amedrontada que era Evje. Nikolau, contudo, não tinha medo. A noite poderia ser amiga das bruxas que se valiam das penumbras para fugir, mas também era amiga dos caçadores que se aproximavam à espreita.

Puxou as rédeas, finalmente reduzindo a velocidade do cavalo ao aproximar-se da estrada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que levava aos portões de Hogle, nome dado ao castelo havia séculos. Dois homens se fizeram visíveis sobre os pilares das extremidades das grades, e adiantaram-se armados.

— Pare aí mesmo, cavalheiro — uma voz ressonou quebrando o silêncio que o acompanhava.

— Não sou um cavalheiro — retrucou, embora houvesse obedecido ao comando. — Sou um caçador cuja visita o Rei aguarda.

— O Rei não aguarda ninguém no meio da noite — respondeu o segundo homem.

— Se não checarem e estiverem enganados, amanhã, quando eu retornar, certamente encontrarei suas cabeças sobre as muralhas do castelo.

Um dos homens apontou um arco armado em sua direção.

— O Rei pode nem saber que o morto na

PERIGOSAS ACHERON

estrada vinha vê-lo.

A irritação percorreu todas as veias de Nikolau, que se esforçou para conter o ímpeto de arremessar a própria espada em direção à sentinela.

— Apenas cheque. Diga ao Rei que Nikolau Fagertun está aqui! — Sua voz soou autoritária, porém cautelosa.

Os dois homens encararam-se antes de um deles voltar a falar.

— Nikolau Fagertun... O caçador de bruxas aposentado?

— Um caçador convocado pelo próprio Rei, impedido de prestar seus serviços por incompetência de dois capangas reais — mentiu um pouco mais alto, ao notar a convicção dos homens enfraquecendo.

Em resposta, os dois homens conversaram

PERIGOSAS NACIONAIS

entre si, até que um deles desapareceu atrás das muralhas.

— Aguarde exatamente onde está. Não dê um passo sequer.

Nikolau não respondeu. Não havia uma só palavra de sua breve conversa com os guardas que não fosse um blefe, exceto sobre sua identidade, mas como esperava, os portões foram abertos para ele.

Foi levado aos aposentados de reunião do Conselho Real, um imenso espaço todo em madeira e cheirando a vinho. Havia uma grande mesa com inúmeras cadeiras a sua volta, bem como um degrau sobre o qual repousava o trono esculpido em ouro maciço. Grandes estantes decoravam as paredes, com livros que faziam os olhos de Noah brilhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O rosto do menino, simples e alegre, inundou sua mente, e fez com que se lembrasse de como não havia nada de maior valor do que a sua companhia. Nikolau abriria mão de qualquer riqueza, de sua própria vida, para ter o menino de volta.

Percebeu, então, que mesmo não estando acostumado a posses e exuberâncias, nada de toda a opulência que enchia seus olhos naquele momento chamava sua atenção. Parecia-lhe, na verdade, que o excesso de ouro e bens servia para camuflar a ausência de virtudes, uma distração dos defeitos e falhas.

Não se sentia bem naquele lugar, e a sensação de incômodo agravou-se ainda mais com a entrada de Rei Durian no aposento, envolto em um hobby carmesim, acompanhado por um padre e outros seis guardas.

PERIGOSAS ACHERON

A autoridade parecia ainda mais jovem do que o normal em seus trajes de dormir e com o cabelo loiro desgrenhado. No entanto, apesar da expressão sonolenta em seu rosto alvo, seus olhos azuis brilhavam muito atentos e curiosos.

— Ora, ora — começou —, encontro-me dividido entre o ímpeto de censurá-lo por sua ousadia em exigir que seu Rei fosse acordado no meio da noite e a surpresa por...

— Sabia que eu viria — Nikolau interrompeu. — Na verdade, queria que eu o fizesse. Não seja dissimulado.

— Não deve interromper a fala do Rei — o padre interveio. — O senhor nem ao menos se curvou diante de Vossa Majestade ou pediu a bênção.

O caçador ignorou a fala, mantendo seus

olhos negros fixos nos do Rei.

— E então? — indagou, desprovido de qualquer apreço ou respeito para com aqueles homens.

O Rei sorriu.

— Eu, de fato, suspeitava que viria, mas aparentemente o subestimei. Sua fama precede seu nome, senhor Nikolau, mas nem mesmo ela faz jus à sua capacidade. Não esperava que viesse tão cedo.

— O Senhor levou meu filho. Achou que eu esperaria pelo desjejum? — Nikolau retrucou, agressivo.

O Rei ria quando respondeu.

— Eu poderia cortar sua cabeça por tão infame e caluniosa acusação. Por que eu levaria o filho de um velho caçador?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sou velho, e, mesmo que fosse, ainda seria o melhor caçador de Litin. Vossa Majestade precisa de mim.

O Rei sentou-se em seu trono, parecendo divertir-se com a cena.

— O senhor é de fato uma figura formidável, mas ainda estou com sono — resmungou.

— Diga seus termos para ter meu filho de volta.

O Rei Durian brincava com os dedos sobre o braço do trono dourado.

— Eu ordeno que fale primeiro — disse, com a voz suave, levantando os olhos para encarar Nikolau. — Como descobriu? Eu mandaria buscá-lo no primeiro raio de sol. É verdade que poupou trabalho de meus homens, mas gostaria de entender

PERIGOSAS ACHERON

como o fez.

A paciência de Nikolau estava claramente chegando ao fim, a julgar pela forma como sua mão agarrava o cabo da espada presa à sua cintura.

— A falta de defesa. Bestian vivo. A prata no frasco de veneno.

— Explique! — ordenou o Rei ainda sorrindo.

Nikolau sustentou o olhar do Rei por um instante antes de começar a falar.

— Um sequestro de criança no meio da noite com morte de animais por envenenamento é indício de ritual satânico de bruxas, o que seria de todo possível, uma vez que a tal Sereia do Inferno encontra-se à solta.

— Se tudo indica que foi ela que capturou seu filho, por que está aqui acusando Vossa

Majestade? — questionou o padre.

— Ainda não terminei — respondeu secamente.

— Vou perdoar sua insolência porque estou curioso — interrompeu o Rei. — Continue.

Nikolau obedeceu.

— Não consegui ver quem era o raptor, mas cheguei a tempo de vê-lo de costas sobre um cavalo. Todos sabem que a Sereia age sempre acompanhada por um lobo. Não havia pegadas, e quando arremessei minha espada, não houve sequer um farfalhar dos arbustos onde a fera deveria estar à espreita. Se fosse ela, o lobo teria se manifestado.

— Excelente! — o Rei elogiou, genuinamente admirado. — O que mais?

— O raptor queria que eu soubesse que a morte se dera por envenenamento, mas se esqueceu

do frasco por um descuido. A tampa era de ouro, porém as inscrições eram em prata.

— Achei que não soubesse ler — interrompeu o Rei novamente.

— Não com facilidade, mas sei que bruxas não têm resistência à prata. Nenhuma carregaria um vidro deste material.

O Rei simulou um tapa em sua própria testa.

— Bravo! — exclamou.

— Era evidente, portanto, que alguém havia sequestrado meu filho e tentado dar a entender que uma bruxa era a responsável, possivelmente para inflamar meu velho ódio, possivelmente para despertar-me novamente para a caça. O fato do meu mais famoso e veloz cavalo ter sido poupado era sinal de que precisaria dele. — Nikolau fez uma breve pausa antes de continuar. — O plano de

inflamar-me contra a bruxa estava funcionando, quando, infelizmente para vocês, cometi o erro de pensar que, pela primeira vez desde minha aposentadoria, eu não havia sido recrutado para a caça de uma temível, se não a pior, bruxa. Então tudo fez sentido: meu filho foi levado como uma motivação contra a qual eu não poderia lutar, e Bestian foi poupado para que eu tivesse velocidade na busca. — Os olhos de Nikolau estavam em chamas. — Aí está sua explicação. Agora quero Noah! — vociferou.

O Rei Durian aplaudiu.

— Muito, muito bom, senhor Nikolau. Espero que perdoe a dissimulação deste jovem Rei. Meu propósito é em nome de Deus e da segurança do meu povo. Se o senhor presumisse que a Sereia do Inferno havia levado seu filho, o senhor a encontraria. Se, por um acaso, fosse esperto o

bastante, como de fato foi, descobriria a armação e viria a mim. De qualquer forma, aceitaria o encargo que proponho. Preciso que trabalhemos em conjunto, Nikolau. — O Rei voltou a ficar em pé, aproximando-se do rosto marcado do caçador. — Será muito bem recompensado. Além disso — continuou, andando então pelo cômodo —, seu filho será muito bem cuidado durante sua estadia aqui. Considere-o como um... hóspede real — disse, sorrindo. — Será entregue em segurança e saudável quando me entregar a Sereia.

Nikolau já esperava por isso, mas ainda assim, ouvir as palavras do Rei fez com que seus nervos se inflamassem.

— Faz muito tempo que não caço. E se não puder encontrá-la?

— Eu sei que faz. Talvez porque ninguém tenha usado seu filho antes para convencê-lo. — O

PERIGOSAS NACIONAIS

Rei gargalhou. — Sabia que dessa forma conseguiria um sim dedicado e preocupado — falou, bocejando mais uma vez. — E quanto a sua outra pergunta... Não pensemos nisso por ora. Seu garoto é jovem, tem longos anos pela frente e aposto que ele não se incomodará em viver aqui em Hogle. E, no seu lugar, somente me apressaria porque quanto mais o tempo passa maiores as chances de Noah não querer voltar para um pai que deixou que fosse levado.

Nikolau trincou o maxilar.

— Nenhum mal recairá sobre o menino — o padre falou. — Sua missão é em nome de Deus e contra seus inimigos. Ele garantirá que estejam sob Sua proteção.

O Rei estendeu uma mão na direção do sacerdote.

PERIGOSAS ACHERON

— Ouviu só o que o Padre Hertz disse? Concentre-se apenas em fazer o que sempre fez de melhor. Seja um caçador. Deixe para ser pai quando tiver seu filho novamente. — O monarca voltou a bocejar. — Agora vou voltar a dormir. O capitão da minha guarda — um homem alto, loiro e de profundos olhos verdes deu um passo à frente —, providenciará tudo de que precisará. Fale com ele! — O rei caminhou até a porta da sala de reunião, onde dois homens já se apresentavam para abri-la.

Seus olhos transmitiam uma tranquilidade diretamente contrária à ebulição que existia no olhar de Nikolau, que se mantinha em silêncio, em um esforço contínuo para não cometer regicídio. Não tinha qualquer problema em fazê-lo, já que tinha certeza de que seu lugar no inferno estava reservado há tempos, mas era racional o suficiente

para saber que matar o rei significaria perder o filho para sempre.

Sua maior chance, naquele momento, por mais que lhe doesse a quebra da promessa, era jogar o jogo de Sua Majestade. Se o rei precisava de um peão, que o restante das peças fosse distribuído.



Nikolau foi conduzido pelo chefe da guarda, cujo nome descobrira ser Velory, através de um corredor estreito iluminado por tochas até uma pequena sala com janelas altas.

Dentro do cômodo havia pouca luz, portanto o caçador esforçou-se para adaptar os olhos ao breu. Em alguns instantes, uma infinidade de objetos começou a se revelar e, de súbito, um

mapa maior que ele mesmo capturou sua atenção, ao se fazer visível sobre uma mesa de madeira.

— Aqui ficam os armamentos da guarda particular do Rei Durian — o homem explicou. — As ordens foram de que o senhor fosse trazido até aqui e tivesse a liberdade de escolher o que quer que lhe seja útil para a missão.

Os olhos e mãos de Nikolau percorriam todos os armários, fartando-se de todas as opções que se estendiam à sua frente. Muitos dos objetos não lhe eram familiares, e o caçador não tinha a menor ideia do que poderiam fazer.

— Quanta tolice — resmungou, irritado.

Velory aguardava pacientemente prostrado do lado de fora da porta, enquanto Nikolau continuava se movendo por entre as armas, sentindo a mistura dos cheiros de ferro, aço e

PERIGOSAS NACIONAIS

madeira impregnando o ar.

Uma mesa do lado mais escuro da sala chamou sua atenção. Sobre ela, diversos mapas menores estavam estendidos.

Ele arrancou a tocha mais próxima da parede e se aproximou dos pedaços de papel. Inclinou-se para avaliar os desenhos, mas seus olhos logo repousaram sobre o pedaço de um mapa que se escondia sob vários outros. Nikolau agarrou a ponta visível e puxou-a para cima.

Com o fogo que tentava afastar as sombras do aposento como única fonte de luz, as letras pareciam-lhe ainda mais difíceis de serem lidas. Entretanto, ele reconhecia os desenhos. O caçador tinha em mãos o mapa das terras do castelo do rei, o que lhe garantia uma única chance de resgatar seu filho antes que fosse tarde demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deixou seus olhos se moverem ansiosos pela superfície, e sentiu o coração se agitar no peito quando encontrou um cômodo maior do que os outros com as inscrições em dourado. Esforçou-se, com a voz de Noah sussurrando instruções em sua cabeça, em compreender o que estava escrito.

A... Apo... Aposentos.

Era o que precisava decifrar. O resto conseguia deduzir.

Encontrara uma forma de chegar aos aposentos do rei. Se o fizesse refém, longe de sua guarda, poderia exigir passagem segura para ele e para o filho. Depois disso, desapareceria de Litin.

Nikolau sabia que estava próximo demais. Estava dentro do castelo. Estava armado. Não haveria melhor oportunidade. Ele sentia a necessidade de lutar antes de quebrar a promessa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que fizera no leito de morte de Eloyse, a promessa de nunca mais voltar a caçar. Era a única promessa que ainda poderia cumprir.

Enquanto a cabeça trabalhava ferozmente, levantando hipóteses e caminhos, apressou-se em jogar alguns objetos dentro da bolsa de couro vazia que recebera de Velory. Pegou mosquetes, flechas, frascos de veneno, bússola, corda, ervas, crucifixo, adagas e facas de prata.

Colocou um arco sobre o ombro e voltou-se, uma vez mais, para a mesa de mapas. Dobrou rapidamente alguns deles e enfiou dentro da calça o que se referia à planta do castelo.

Nikolau poderia ser apenas um peão, mas era um peão armado, dentro da área de proteção de um rei sonolento. Não havia bispos, torres ou cavalos em seu caminho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto Velory caminhava em sua direção, todo o seu corpo formigava com a angústia de precisar fazer uma importante escolha.

Não tinha mais do que alguns segundos.

Sentia que suas mãos, já sujas com o sangue de Eloyse, em breve receberiam mais do rubro líquido. Suas decisões custariam uma vida. Mas a de quem? A vida da Sereia do Inferno? A do Rei Durian? Ou a do próprio filho?

Sentindo como se o coração estivesse sendo esmagado por um punho de ferro, não conseguiu afastar o pensamento de que havia uma chance, ainda que arriscada, de salvar o menino sem precisar quebrar a promessa que fizera há tantos anos.

Precisava se decidir. O verde dos olhos do chefe da guarda real já era visível pela

PERIGOSAS ACHERON

proximidade.

E se falhasse? Poderia sofrer a fúria do rei?

O seu hálito quente já enchia as narinas de Nikolau. Não havia mais tempo.

— Está pronto? — Veroly perguntou.

O coração do caçador deu um último solavanco antes de sua boca se abrir em resposta e suas mãos agirem.

— Sim — limitou-se a falar, antes de se mover.

Que viessem as consequências, sua decisão fora tomada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau se certificava de ter atado com firmeza os nós da corda que prendia o chefe da guarda real. Derrubá-lo havia sido demasiadamente fácil, mas sabia que o elemento surpresa havia facilitado sua ação. Sir Velory era forte e treinado, o que significava que o caçador não teria uma segunda chance.

Após desacordá-lo com a pancada, ministrara o sumo de uma pequena fruta roxa que encontrara armazenada na própria sala, conhecida por manter os sentidos inativos. Trocara as suas vestimentas, e embora a camisa branca sob o colete dourado estivesse desconfortavelmente justa sobre seus músculos, havia servido.

Pegou o mapa e analisou com mais calma o caminho que teria que percorrer para encontrar o filho. A torre, onde os prisioneiros do rei eram

mantidos, situava-se na extremidade oposta do castelo. Alcançá-la não parecia um problema, mas não poderia dizer o mesmo sobre sair.

Nikolau subiu em uma cadeira e esticou-se para enxergar o céu pela alta janela. Não tardaria a amanhecer, o que provavelmente coincidiria com o despertar de Sir Velory. Teria que ser, portanto, rápido e furtivo.

Com a sacola de couro em uma das mãos e a outra sobre o cabo da própria espada presa à cintura, começou a caminhar apressadamente.

Desceu inúmeros degraus do corredor estreito de onde viera, controlando a respiração para que não soasse ruidosa. Seus passos eram ao mesmo tempo firmes, ágeis e discretos, exatamente como os de uma fera que precisa se fazer invisível para atacar. Seus olhos mantinham-se vivos, mas era a sua audição que o guiava e o protegia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Qualquer sutil sinal de aproximação poderia ser fatal. Para ele ou para quem ousasse se colocar em seu caminho. Ao final da escadaria, encontrou um novo corredor, onde, para sua aflição, se viu obrigado a ser ainda mais cauteloso. As paredes eram frias e escuras, e a luz do luar pouco impacto tinha na luta contra as trevas que impediam que enxergasse mais do que um palmo à sua frente. O silêncio, por sua vez, era ainda palpável naquela parte do castelo, o que fazia com que seus passos ecoassem sobre o chão. O som de seu avanço era muito mais alto do que poderia desejar, mas Nikolau não pararia nem que acordasse o próprio diabo naquela noite. Afinal, não tinha medo de morrer, mas sim de perder o que lhe mantinha vivo.

Após alguns minutos caminhando e tendo como única companhia o som de sua própria respiração, viu-se obrigado a optar por uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas alternativas da bifurcação que se revelava adiante. Forçou os olhos para encontrar a exata resposta no mapa, e se decidiu pelo sentido leste. Ao fazer sua escolha, no entanto, deu de cara com um homem que vestia o uniforme branco e creme da guarda do reino. Não da particular, notou aliviado. Com a feição séria, cumprimentou-o com um leve aceno de cabeça.

— Boa noite, senhor — o homem respondeu.

O mesmo processo se repetiu por quatro vezes antes que Nikolau finalmente chegasse ao pé de uma escadaria, que muito se assemelhava à que descera do aposento das armas.

A garganta se fechou imediatamente ao pensar que apenas alguns passos preenchiam o abismo que o separava de Noah.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava perto. O silêncio do castelo estava cada vez mais alto, e seu próprio coração parecia poder ser escutado.

Subiu os degraus lentamente com a mão segurando com firmeza sua espada, com os olhos e ouvidos atentos a qualquer possível sinal de mudança no ambiente.

Estava quase lá. Só mais alguns metros.

Ao final das escadarias, viu-se em uma ampla e vazia sala oval, exceto pelas tochas nas paredes e uma única porta de ferro.

Nikolau girou a maçaneta lentamente, e após um clique, que soou ensurdecer, abriu a passagem. Viu inúmeras celas que se estendiam dos dois lados do corredor, uma ao lado da outra. Dois guardas dormiam sentados ao final dele.

Seu estômago doía. Havia chegado tão

PERIGOSAS ACHERON

longe de onde partira e tão próximo do paradeiro de seu filho. Em um daqueles cárceres batia o coração que o mantinha em pé.

Com passos resolutos, caminhou entre eles, sentindo o coração ameaçar lhe rasgar a carne, tão forte batia. Observou o interior das celas, notando que algumas estavam vazias, e outras tantas ocupadas por mulheres adormecidas.

— Não se aproxime! — berrou um guarda que acabara de despertar assustado.

— Observe com quem fala — Nikolau retrucou com a voz firme, involuntariamente refletindo a respeito de seus blefes a cada minuto mais convincentes.

O homem cerrou os olhos tentando enxergá-lo com maior clareza.

— Perdão, senhor, não vi que era da guarda

PERIGOSAS NACIONAIS

particular — desculpou-se o segundo guarda ao observar os trajes que o caçador vestia.

— Teriam notado minha aproximação se não estivessem dormindo em serviço — Nikolau respondeu com desprezo na voz.

Não houve resposta.

— Tenho ordens para levar o menino à presença do rei.

— Que menino? — um dos guardas perguntou.

— O filho do caçador — respondeu Nikolau, com o estômago já revirando ao ter milhares de possibilidades invadindo sua mente em um único segundo.

— Ele não está aqui. É um hóspede.

O caçador sentiu a saliva descer queimando sua garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O sujeito que me orientou a vir aqui perderá o posto — esbravejou, em uma tentativa de mantê-los assustados demais para darem grande atenção ao enorme equívoco que acabara de cometer. — Tentem não dormir a partir de agora — ordenou antes de abandonar o recinto.

Nikolau desceu as escadas, furioso. Desperdiçara sua única chance, e ainda colocara a vida de Noah em perigo, já que, apesar do que os guardam haviam acabado de dizer, duvidava que o menino realmente estivesse sendo tratado como um hóspede. A própria palavra lhe causava arrepios, afinal quão bem um convidado do demônio poderia ser tratado?

Com a mente o castigando impiedosamente, começou a fazer o caminho de volta, a passos largos, desistindo da cautela com que antes avançava. Não tinha tempo a perder e ignorava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer resquício de discrição. Só queria sair daquela ala e alcançar a próxima. Alcançar o seu filho. No entanto, quando alcançou o saguão onde havia encontrado o último homem antes das escadas, notou um detalhe que feriu todos os seus nervos: raios solares inundavam o ambiente.

Os caminhos fechados que percorrera haviam lhe tirado toda a noção do tempo, embora não pudesse ter cometido tamanho descuido. Se o dia estava amanhecendo, também o faria, em breve, Velory.

Nikolau ouviu passos ocupando o castelo, movendo-se de um lado para o outro.

Uma velha de cabelos brancos e corpo redondo cruzou seu caminho com uma bandeja em mãos. Com o desespero impulsionando suas ações, Nikolau a chamou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, onde será servido o desjejum dos hóspedes? — arriscou.

— No quarto da torre oeste — a senhora respondeu, continuando seu caminho.

O coração do caçador bateu com força em seu peito. Talvez ainda houvesse uma chance.

Pondo-se a correr com os mapas nas mãos, ignorou todos os olhares surpresos e curiosos que lhe eram dirigidos. Ignorou, da mesma forma, o cheiro de carne e ovos que inundava o palácio e servia como aviso a respeito da alvorada que lhe trazia os riscos que temia.

Um guarda cruzou seu caminho, mas Nikolau não lhe dirigiu sequer um olhar. Dispensou-lhe a mesma atenção que dirigiria a um cão faminto. Mais alguns lances de escadas, alguns poucos corredores e alcançaria a torre oeste.

PERIGOSAS ACHERON

Obedecendo às imagens, virou à esquerda bruscamente. No entanto, antes que qualquer coisa entrasse em foco em seu campo de visão, sentiu uma forte pancada na parte de trás de sua cabeça, o que fez com que cambaleasse e experimentasse a vista turva por um momento. Ainda assim, rápida e instintivamente desembainhou a espada.

Sir Velory, que vestia um colete dourado sobre a roupa cinza com que Nikolau o vestira, o encarava com os olhos verdes em chamas. Dois outros guardas estavam ao seu lado, e sob a sua ordem, avançaram para segurar as mãos do caçador.

— Nem tente reagir. Você é valioso para o Rei Durian e vai ser tortura pedir que eu não o quebre todo — o chefe da guarda falou, com um sorriso notoriamente encolerizado.

— Onde está meu filho? — questionou,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

furioso. — Onde está Noah? — berrou, perdendo o controle.

Sir Velory se aproximou perigosamente de Nikolau, não deixando mais do que alguns centímetros entre seus rostos.

— Talvez o Rei estivesse errado sobre você — respondeu em um sussurro irônico. — Um homem, que com um mapa em mãos não consegue encontrar o próprio filho, não pode ser um bom caçador.

Sem qualquer resquício de racionalidade, Nikolau levou o punho em direção ao rosto à sua frente.

Não houve, contudo, tempo para que notasse o impacto dos ossos se chocando.

Ao invés disso, foi abraçado pela escuridão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma forte dor na cabeça encarregou-se de avisar a Nikolau que ele já havia recobrado a consciência. Abriu os olhos lentamente, sentindo a luz queimar sua visão e aumentar a força com que a lateral de sua testa latejava.

No mesmo instante, os últimos acontecimentos se apossaram com violência de sua mente, tal qual um exército inimigo faria em seu país: havia falhado com seu filho. Não lhe restava, portanto, qualquer outra escolha senão ceder à ardilosa, porém sagaz, chantagem criada pelo rei, que sabia não lhe importar que uma bruxa perigosa estivesse à solta; sabia que sequer lhe importava se toda Litin queimasse por suas mãos. Havia uma única energia que o movia e o limitava, uma única determinação a comandar seus atos, fossem de guerra ou de paz. A única existência que fora capaz

PERIGOSAS ACHERON

de mudar toda a sua.

Com a cabeça pulsando, olhou ao redor, esperando encontrar uma tropa inteira de soldados o segurando e vigiando. Percebeu, então, que estava sentado sobre uma cadeira de madeira na sala em que antes recebera sua missão, porém, para sua surpresa, não estava amarrado. Apenas Rei Durian o observava do brilhante trono à sua frente, cercado por alguns poucos guardas.

Não havia, no entanto, qualquer sorriso de satisfação, de poder ou sátira nos lábios do Rei, como o caçador poderia prever. Parecia, na verdade, cansado, e talvez até mesmo ligeiramente decepcionado.

— O senhor ofendeu gravemente à Coroa — o rei acusou com a voz firme. Nikolau não respondeu, mas sustentou o olhar da autoridade, imaginando qual intenção se escondia por trás das

PERIGOSAS NACIONAIS

agitadas águas azuis ali existentes. — Creio que posso entender sua desconfiança — continuou.

— O que acontecerá agora? — o caçador perguntou, com nada além de desprezo em sua voz.

O Rei Durian pareceu surpreso com a pergunta.

— Eu não tenho obrigação nenhuma de explicar meus atos para um plebeu, especialmente para um que cometeu o que poderia ser considerada uma traição, mas confesso que me sinto de fato entristecido por não entender a importância de sua missão para o nosso país.

— Não se incomode, Vossa Majestade — respondeu Nikolau, com uma crescente impaciência. Não era amistoso e jamais tivera pacatez suficiente para confabulações e histórias, e não seria ali, frente ao sequestro de seu filho, que

PERIGOSAS ACHERON

adquiriria tal nova virtude.

Até mesmo as vestimentas do rei, escuras e brilhantes naquela manhã, assim como as bolsas sob seus olhos claros, irritavam o caçador. A coroa cravejada por rubis e diamantes que refletiam os raios de sol que entravam pelas janelas funcionava como uma espécie de sinalização da diferença existente entre os dois homens. Aquele objeto, tão valioso, a despeito do tamanho, era símbolo do poder inescrupuloso atribuído ao jovem, legitimador de suas ações. O mais irônico, no entanto, é que o caçador nunca havia se sentido incomodado com a supremacia do compreensível poder existente nas mãos do monarca. Não até aquele momento.

— Sabe como meu pai morreu, senhor Nikolau? — o rei perguntou, surpreendendo o caçador e o resgatando da profundidade em que

submergia, dentro de sua própria cabeça.

— Ataque do coração — respondeu, de pronto.

A morte do Rei Agmund havia comovido o país inteiro, e durante semanas seu povo lamentou e permaneceu de luto. Foram acesas velas por toda a capital, bem como realizadas incontáveis missas por sua bondosa alma.

O caçador não havia compartilhado da dor coletivamente difundida, mas entendia o motivo de toda a comoção.

Litin havia prosperado em seu governo como nunca antes. Já não se via mais fome, violência ou sujeira nas ruas. A população, como um todo, fora revestida de confiança em relação ao reino, de modo que agia pautada pela exatidão que dele esperava. Porém, ainda mais do que isso: as

PERIGOSAS NACIONAIS

mais humildes pessoas haviam depositado fé na autoridade, passando a vê-lo, de fato, como a representação do Deus misericordioso e justo que os guardava do céu.

Como se não bastasse, todos sabiam que a paz entre Litin e o país vizinho, Slevik, somente havia sido alcançada pelas iniciativas do Rei Agmund e de sua irmã, a Rainha Mikaela. O casamento desta com o herdeiro da nação fronteira, com quem durante tanto havia existido guerra, permitira que os combates cessassem. Além disso, os esforços conjuntos de ambos os países e dos dois irmãos haviam permitido que alcançassem finalmente o fim da escravidão, iniciando-se negócios de importação e exportação entre as antigas forças rivais. Assim, tornou-se possível que cada uma das nações tivesse suas necessidades sanadas e que cessassem os conflitos armados e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

capturas de guerra existentes há muitas gerações.

Houve resistência, óbvio, como sempre ocorre quando mudanças são propostas e interesses são afetados, mas após alguns anos parecia não haver ameaça real à era de paz criada pelo venerado Rei Agmund e sua irmã, Rainha Mikaela.

E então, sem qualquer presságio, ele foi encontrado morto.

No início daquele inverno, em uma das noites mais escuras do ano, sozinho em seus aposentos, o rei fora vítima da falência de seu coração, em um ataque que seus guardas não poderiam evitar.

Além de toda a tristeza e desalento com que a notícia foi recebida, uma preocupante agitação percorreu cada habitante da Litin, como um choque que dança entre os nervos do corpo. Havia medo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desconfiança e aflição. O único filho deixado pelo viúvo Rei Agmund, Durian, era conhecido por ter sido uma criança mimada e geniosa, mas nada se sabia a respeito de sua governança ou de suas ideologias. Nunca fora visto fora dos muros de seu castelo, porém, da noite para o dia, seu rosto passou a ser o símbolo de todo o futuro que os aguardava.

Joelhos foram dobrados e olhos erguidos ao céu.

O início do governo do jovem rei coincidiu com o recomeço de boatos a respeito de bruxas, cujos ataques vitimavam homens feitos e plantações abundantes. Sempre haviam existido, é verdade, mas nunca rumores sobre seus feitos e estragos haviam sido tão intensos e frequentes.

A situação forçou que Rei Durian agisse pela primeira vez, mostrando do que era feito. E assim ele o fez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era feito de fogo. E com ele atuou, queimando inúmeras mulheres acusadas e julgadas por seus pactos satânicos. Contudo, uma única bruxa havia se destacado e levado Nikolau até o fatídico momento em que se via diante de seu rei.

— É nisso que todos acreditam — o governante respondeu depois de muito pensar, como se sopesasse a importância de revelar tais fatos ao caçador, que o encarava com feições sérias. — Podem se retirar — ordenou para os guardas que o circundavam.

— Vossa Majestade... — Velory deu um passo à frente.

— Senhor Nikolau agiu por impulso, Sir Velory. Não me fará mal algum. Agora saiam — repetiu.

Velory, contrariado, direcionou-se para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porta, acompanhado pelos outros.

— Estaremos do lado de fora.

O Rei ficou em silêncio por alguns instantes, até que todo o cômodo estivesse mergulhado em uma pesada quietação.

— A Sereia matou meu pai, senhor Nikolau — finalmente disse. Não houve qualquer mudança na expressão do caçador. — Ela cometeu muitos crimes, e mais outros tantos, mas este não foi revelado ao povo... — Rei Durian inspirou longamente antes de continuar. — Se nem mesmo o valente e amado Rei Agmund estava seguro, como poderia assegurar ao povo de Litin que tudo ficaria bem?

— Como ela chegou ao Rei Agmund? — Nikolau questionou de súbito, obedecendo a seu instinto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se sabe com certeza. Meu pai foi encontrado agonizando, com um líquido amarelo escorrendo pelo canto de sua boca.

— Como sabe que foi realmente a Sereia? Ela não é a única a usar veneno da flor de Myst. A planta é rara, mas não necessariamente exclusividade sua. — A atenção do caçador estava finalmente sendo conquistada pelas confissões do rei. O povo de seu país havia chorado uma morte muito mais grave do que sabiam.

— Meu pai sussurrou o nome de Pietra antes de morrer. Eu não sabia quem era, até que uma bruxa condenada à morte denunciou o nome da Sereia — o rei explicou calmamente.

— Se Vossa Alteza esperava conquistar minha simpatia, não conseguiu. Tudo o que quero é meu filho — Nikolau provocou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os olhos do Rei Durian tremeram por um instante, mas ele continuou com seu tom de voz firme, tal qual somente um rei, seja lá sua idade, consegue ter.

— Não preciso de sua simpatia, caçador. Preciso de suas habilidades — disse, encarando-o com o interesse de um cão que fareja um pedaço de comida. — Para um homem de sua fama, parece-me um tanto teimoso e irritante.

— Não fale como se me conhecesse — Nikolau retrucou, irritado.

— Conteí ao senhor o que conteí para que entenda que nunca enfrentou bruxa tão perigosa. Ela foi capaz de matar um rei amado e fortemente protegido, e, ainda assim, quase escapou sem que ao menos seu nome fosse descoberto — o rei continuou, ainda calmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me interessa quão perigosa ela seja. Apenas quero Noah — insistiu o caçador, com a voz trêmula ao forçar mantê-la em um tom controlado.

O monarca suspirou e olhou dentro dos olhos de Nikolau.

— Compartilho da dor de perder alguém amado, e embora não sinta prazer em retirar o filho de um homem, faço porque sirvo a Deus, e seus propósitos são maiores. Devo proteger meu povo, senhor Nikolau, e o senhor é a melhor arma que possuo. Entenda isso. — O rei permaneceu alguns instantes em silêncio, observando a reação do homem à sua frente. — Pare de lutar contra sua missão, pare de arriscar a vida de seu menino e do povo deste país. Pare de me enfrentar. Não há qualquer chance de recuperar Noah antes de me entregar a Sereia do Inferno.

PERIGOSAS ACHERON

O peito de Nikolau subiu e desceu rapidamente, com o esforço que fazia para controlar o ódio que percorria suas veias.

O Rei Durian sorriu tristemente e caminhou até a porta, onde bateu três vezes. No mesmo instante, Sir Velory apareceu.

— Traga! — ordenou. Voltou então a olhar para Nikolau. — Como disse, faço o que é necessário para cumprir meu dever enquanto Estado. Não espero que entenda, afinal não conseguiu preservar a única vida que tinha em mãos, não é mesmo? — Um tom ácido repentinamente surgiu nas palavras do rei.

Em resposta, Nikolau saltou furioso, mas antes que chegasse próximo o suficiente da autoridade, a porta se abriu e Velory entrou com uma pequena caixa de madeira nas mãos. Com o rosto em chamas, o caçador cravou os pés no chão

a alguns metros de distância dos dois homens.

O rei sorriu com a explosão.

— Eu quero isso de você, mas lá fora, caçando! — O sorriso inflamou ainda mais os nervos de Nikolau. — Mas como eu ia dizendo, embora não me agrada fazer mal ao pequeno Noah, o senhor traiu a confiança da Coroa. E mesmo um bondoso Rei como eu não pode tolerar afrontas como a sua.

— O que você fez? — berrou Nikolau, avançando.

Sir Velory colocou-se em frente ao rei com a espada apontando diretamente para o peito do caçador. Rei Durian caminhou calmamente, saindo de trás do guarda real.

— É apenas uma forma de lembrá-lo da importância de sua missão, e claro, de deixar uma

parte do seu filho com o senhor — explicou suavemente, estendendo a caixa a Nikolau, cujo peito ainda se mantinha na mira da espada de Sir Velory.

O caçador tomou bruscamente o objeto, sentindo o coração palpitar e uma vertigem tomar conta de seu âmago. A cabeça rodava, e tinha dificuldades para respirar.

Quando tudo dera tão errado?

Quando levantou a tampa, o estômago reagiu, como se um nó se formasse, apertando-o. Seus olhos arderam como se estivesse sobre brasas, e sua garganta fechou-se com a náusea e com o ódio.

Deu um passo à frente, e a ponta da espada de Sir Velory fincou em sua pele, fazendo com que uma gota de sangue tingisse suas vestimentas. Os

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos do chefe da guarda brilhavam intensamente, e um sorriso estava sobre seus lábios.

Nikolau fechou a caixa com força, retirando de seu campo de visão a pequena orelha do filho.

— O Estado deve fazer coisas desagradáveis pelo bem de seu povo, e bem... Eu sou o Estado! — o rei falou rindo. — E então... Posso contar com suas habilidades, senhor Nikolau?

Com os dentes rangendo, a visão ofuscada pelo rancor, e sentindo as alucinações ameaçando lhe tomar a mente, forçou-se a responder.

— Sim, eu caçarei, mas saiba que enquanto ela queimar, será o seu rosto que verei arder na fogueira.

A espada de Sir Velory afundou mais um pouco em sua carne, mas Durian apenas sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

— Veja e pense o que quiser! — A voz da figura real suavizou-se enquanto respondia a Nikolau. — Apenas faça... o que eu mandar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Noah estava assustado e com frio. Tudo havia acontecido em uma velocidade muito maior do que sua jovem mente poderia acompanhar.

Lembrava-se de ter sido arrancado da cama com uma força brutal, no meio da noite, por braços que não se importavam em gravar sua pele com hematomas, temporários lembretes da distância que o separava da armadura e escudo que era seu pai. Havia gritado com toda a capacidade dos pulmões, sentindo a súplica por ajuda arranhar e ferir a garganta. Ao mesmo tempo, lágrimas ameaçavam inundar a visão que tentava desvendar a identidade do rosto por trás do tecido escuro.

No entanto, logo começou a lhe faltar ar, as pernas fraquejaram e uma ânsia aterradora invadiu seu pequeno peito. O pai não apareceria. A muralha, que era sua base e sua proteção, não havia

PERIGOSAS NACIONAIS

se movido, mas Noah não o culpava. Conhecia o sono agitado e imerso em pesadelos que o homem suportava, e por isso não se admiraria se começasse a escutar o brado do pai, vítima de seus próprios sonhos. Não seria surpresa se envolverem em uma lamentável disputa de gritos, padecentes, cada um de seu próprio pesar.

O menino então cessou os brados e direcionou toda a sua energia para as pernas. Fortaleceu-as e chutou, tanto quanto pôde, o corpo que já o arrastava para fora de sua tão querida casa. Não se deixaria levar tão facilmente. Sabia, apesar de sua tenra idade, como a ausência de sua mãe havia machucado o pai, e que era por ele, o fruto de um casamento precocemente findo, que o caçador vivia. Neste sentido, Noah tinha consciência de que se o pai era a muralha, ele era o guerreiro a evitar que caísse.

PERIGOSAS ACHERON

Quando foi colocado sobre um cavalo, finalmente ouviu o pai reagir pela primeira vez dentro de casa. Sua voz forte e gutural chegou aos seus ouvidos e o encheu de uma frágil esperança, que se fortaleceu quando avistou o rosto transtornado de Nikolau — a imagem de um predador que nunca havia associado à figura amorosa que via em seu pai. Sua espada voou em direção ao cavalo em que montava, mas caiu ao chão, machucando apenas a fé de que seria resgatado.

O animal então disparou, deixando tudo o que Noah conhecia para trás.

Enquanto avançavam, os dentes rangendo pelo frio incomodavam seus ouvidos, mas o que mais o atormentava era a insistente crença de que a qualquer momento o pai os alcançaria. Era impossível não acreditar na capacidade ilimitada do

PERIGOSAS NACIONAIS

homem que lhe dera vida. Era inadmissível a concepção de vê-lo errar.

Pais não falhavam. Seu pai, especialmente, não lhe falharia.

O frio intenso e a velocidade do cavalo começavam a causar certa vertigem, e seus olhos pareciam tentados a ceder. Permitiu-se cerrá-los por apenas alguns minutos. Talvez, quando novamente os abrisse, estaria repentinamente em sua cama, tal como dela havia sido compelido a sair.

A escuridão que inundou sua mente o fez pensar, por um breve instante, nas incontáveis histórias em que havia se perdido. Quantos filhos de Reis não eram sequestrados nos livros? Quantas princesas e quantos nobres? As aventuras daí decorrentes eram suas favoritas. Adorava imaginar os grandes guerreiros vencendo numerosos inimigos, fazendo sacrifícios, superando perdas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gostava, ainda mais, dos reencontros, das respostas, dos enigmas resolvidos.

Ao abrir os olhos, sentiu a realidade o receber como um soco. Os poucos segundos em que havia se permitido viajar entre as velhas histórias lidas haviam lhe ofertado conforto, subitamente perdido ao notar os braços fortes pesando sobre seus ombros.

Foi neste momento que Noah se deu conta então da verdade que o deixou ainda mais aflito e amedrontado: não fazia parte da realeza, não havia valor em sua vida. Possivelmente sequer seria encontrado ou teria a chance de se despedir de sua única família. O desespero então o preencheu, fazendo com que questionasse o motivo de estar ali, sendo arrastado para longe. Por que ele? Não tinha nada nos bolsos, não tinha nada em casa... Tinha somente um livro. E um pai. Por que ele, que já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdera a mãe, precisava perder também o homem que lhe dera a vida? Sempre se esforçara para ser um bom garoto, ser razão de orgulho e alegria para o genitor, mas agora estavam o transformando em motivo para mais uma ferida.

Por que dentre tantas crianças especiais do reino, ele, Noah, precisava ser levado? Havia cometido algum erro?

As reflexões finalmente o fizeram chorar, vencido pelo medo e pela saudade, em uma infantil preparação para a morte.

No entanto, gradualmente começou a crescer em seu campo de visão o castelo real, a imagem que lhe era tão familiar por descrições e pinturas.

O nó que enlaçava seu estômago se tornava mais apertado a cada instante, o medo sendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

substituído pela confusão e pela dúvida. A intensidade de tais sentimentos cresceu exponencialmente, até finalmente explodir em sua imensidão.

Os guardas abriram os portões tão logo se aproximaram, revelando ao garoto uma construção muito maior do que poderia imaginar. Enquanto ingressavam no interior do castelo, Noah se esqueceu, por alguns instantes, do motivo para estar ali. As paredes robustas e iluminadas que enxergava em seu caminho chamavam sua atenção, mas não tanto quanto o teto e o chão. Até mesmo tais superfícies eram decoradas! Jamais teria imaginado que cada um dos centímetros daquele local exalavam o poder e a riqueza que guardavam.

Ergueu os olhos para ver, por completo, as esculturas de santos e anjos que se espalhavam pelo caminho, em sua maioria mais altas do que ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tropeçou nos próprios pés, absorto demais no excesso de beleza, fina e cuidadosa, que transbordava. Tentou formular, involuntariamente, uma frase para contar ao pai tudo o que havia conhecido no castelo do Rei, quando o reencontrasse. Ao falhar, percebeu, contudo, que certas existências e sentimentos não podiam ser descritos em palavras. A majestade daquele local era uma delas, assim como também o era a saudade que sentia do pai.

Seus pensamentos se silenciaram por completo quando se viu diante de uma porta dourada que brilhava como o sol, e de onde surgiu o próprio Rei Durian.

Para sua surpresa, a autoridade o acompanhou, em silêncio, por alguns metros muito mais sombrios e cinzentos do que o caminho até ali. A decoração diminuía, conforme avançavam,

PERIGOSAS ACHERON

até finalmente minguar por completo quando ingressaram em um quarto escuro e gelado na torre leste. O Rei o acomodou e sentou-se à sua frente, encarando-o através de profundos olhos azuis.

O menino concentrou-se em não desabonar toda a educação fornecida pelo pai, mas experimentou grande dificuldade em respirar na presença do homem mais importante para o país. Por que estava ali? Estaria sendo punido por alguma razão? Estaria o Rei o julgando por ter se apropriado de um livro que achara caído na praça? Seria condenado à morte? Por que não podia estar com o pai? O pânico crescente fazia seus olhos marejarem, porém Noah se forçava a manter as lágrimas ocultas.

Ainda assim, durante os primeiros momentos da conversa, foi necessária significativa quantidade de esforço para que a criança

PERIGOSAS NACIONAIS

absorvesse de fato as informações que lhe eram transmitidas. Havia excessiva inquietação percorrendo suas veias, e o fato de estar sozinho com a autoridade, em um cômodo silencioso dentro do castelo, não contribuía para que se acalmasse. Seu pai jamais pensaria em procurá-lo em tal local.

Contudo, Rei Durian parecia determinado em dar continuidade à sequência de atos insólitos daquela noite. Antes de proferir qualquer relevante palavra, o obrigou a comer e a beber, além de fazê-lo vestir um grosso casaco de pele de lobo. Noah obedeceu com relutância, já que embora sua vontade se limitasse a correr de volta para casa, entendia a necessidade de fazer tal qual lhe era ordenado.

Após infinitos minutos, Rei Durian finalmente havia começado a falar, com calma e de uma forma que se assemelhava a um pouco de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carinho. Explicara que havia sido levado até ali para aguardar em segurança, enquanto seu pai partia para uma importante missão em nome do país. Enfatizou que o múnus o tornaria um herói, e que com essa qualidade retornaria para a família.

A afirmação do rei, no entanto, fez com que Noah abaixasse os olhos. Naquele instante, percebeu o quanto o governante poderia se enganar, como sabia muito menos do que ele, que era apenas um garoto: Nikolau já era um herói. Não havia o que ser provado.

O garoto tentou questionar o fato de o pai ter reagido contra o seu desaparecimento, porém o Rei, abandonando toda a gentileza antes existente em seus gestos, levantou-se bruscamente e mandou que se calasse. Em seguida, tomado por uma súbita exasperação, deixou os aposentos, gritando ordens aos guardas que o esperavam do lado de fora.

PERIGOSAS ACHERON

Noah permaneceu sozinho e em silêncio no escuro quarto, encolhido sobre a cama, sentindo-se acompanhado unicamente pela certeza de que não havia obstáculo intransponível ao pai. O Rei poderia ser o homem mais importante para o país. Mas não para ele. Não para Noah.

Nas primeiras horas, limitou-se a sentir saudades de casa e dos livros, mas estava decidido a portar-se como um menino forte e maduro. Sua resolução estava firme como uma rocha: não choraria ou gritaria; sequer tiraria os sapatos a ele concedidos. Permaneceria pronto para quando o pai fosse buscá-lo.

Contudo, conforme as horas passavam, começou a se sentir excessivamente incomodado.

No início, Noah não conseguia compreender os sons inteligíveis que invadiam o cômodo, porém pouco a pouco se tornaram mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

altos. Os murmúrios tornaram-se gritos e lamentos; as batidas revestiram-se de intensos choques.

Os sons assustavam o menino com mais potência do que a própria situação a que fora submetido ao penetrarem sua cabeça e misturarem-se a seus próprios pensamentos.

O tormento era tal que, em um ato de angústia e desespero, Noah pressionou um dos travesseiros com força sobre o rosto, na tentativa de se proteger daquele sofrimento que conseguia transpassar as paredes e fazer-se também seu. Nessa posição, mal respirando, o menino permaneceu, sufocando o próprio grito de desespero.

Quando os sons finalmente cessaram, após o que pareceram dias a fio, Noah conseguiu adormecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava em um sono perturbado, com imagens envolvendo o pai e cavalos que corriam em velocidades surreais, mesclando-se em uma coroa reluzente. Não fazia qualquer sentido, mas o sufocava e o mantinha em uma interminável busca por um destino que não se mantinha inerte. Quanto mais avançava, mais o pai e os animais corriam.

O barulho seco e áspero das pesadas portas de ferro e madeira sendo abertas foram o suficiente para despertar o garoto de seu agitado sono, embora a nova realidade não tenha o atingido com a mesma velocidade que a claridade que entrava pelo vão recém-aberto. Tendo dificuldades em lembrar por que estava ali e não em sua casa, encarou confuso o contorno daquele rosto que não conseguia distinguir com nitidez por conta da escuridão.

— Papai? — perguntou, esfregando os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Sem dizer uma única palavra, em um absoluto silêncio, a não ser pela respiração calma e os passos firmes, um homem, usando um colete que brilhava, aproximou-se de Noah. Antes mesmo que o menino se desse conta de sua proximidade, o homem desembainhou a espada e passou-a com rapidez e força no rosto da criança.

No instante em que o fez, o garoto não entendeu o que, de fato, estava acontecendo.

Levou alguns segundos para que uma dor excruciante o atingisse e para que percebesse o líquido grosso e quente que em grande quantidade escorria por todo o seu pescoço.

O homem responsável pelo ferimento já alcançava a porta novamente, sem sequer lhe lançar um único olhar. Noah percebeu, ao levar as mãos ao local da dor, com o maior desespero que já experimentara em sua curta existência, que ele

levava sua orelha consigo.

Esquecendo-se então de sua resolução sobre ser corajoso como o pai sempre o ensinara, o garoto gritou. Lágrimas molharam todo o seu rosto, e ele berrou por todo o desespero e medo que sentia.

Chorou mais alto do que todos aqueles sons que antes o incomodavam, mais forte do que todos os lamentos que perfuraram seus tímpanos. Gritou tudo o que havia em seu jovem peito e só parou quando, exausto, temeu que o castelo inteiro acordasse com sua dor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A cabeça de Pietra ainda latejava, em decorrência das mãos pesadas do guarda que, por pouco, não arrancara seu couro cabeludo. A mera lembrança de seu toque fazia com que suas entranhas se retorcessem de asco, a repulsa presente em cada um de seus poros. Uma vez mais, sentia-se suja e dolorida após experimentar, ainda que involuntariamente, contato humano. O que mais perto havia de alívio em seu ser era o conforto de saber que o homem estava morto. Fenrir garantia que não fossem incomodados de novo. Convenientemente, os últimos flocos de neve caídos do céu antes de amanhecer haviam se encarregado de limpar o sangue que maculava o branco chão do cemitério.

Todos os pequenos contratempos estavam resolvidos e, portanto, Pietra sentia a necessidade

PERIGOSAS ACHERON

latente de continuar.

Sob o céu alaranjado, recebendo o sol que timidamente iluminava o dia e afastava as nuvens das últimas horas, a jovem caminhava rapidamente, irritando-se com a longa capa que parecia determinada a não parar de bater em seus pés em movimento. Da mesma forma, o vento gelado convidava seus cabelos vermelhos para uma dança liberta do capuz, o que mantinha suas mãos na incansável e reiterada missão de tentar escondê-los. Ser discreta era, naquele momento, a sua maior defesa e, de certa forma, também sua maior arma. Especialmente porque as pessoas começavam a encher as ruas e, por conseguinte, a se aproximarem perigosamente.

No entanto, apesar dos passos, dos sons das carroças e cavalos, todos pareciam estranhamente quietos. Assustados, possivelmente. Olhavam por

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre os ombros com frequência, como se a qualquer instante pudessem encontrar ou cruzar com uma horrenda e letal bruxa, talvez até mesmo com um dos demônios que as acompanhavam. Pietra via que, sem qualquer motivo aparente, levavam os dedos ao rosto e se cobriam com o sinal da cruz. No mesmo sentido, pareciam somente encontrar algum momentâneo sossego quando avistavam a patrulha da cidade, cuja quantidade havia dobrado de um dia para o outro.

Viu-se forçada a engolir uma gargalhada mal-humorada. O estado de espírito de toda uma cidade havia mudado por conta dela, uma moça de aparência frágil. Também não pôde evitar questionar o que a tal fé pregada pelo padre e todo o reino poderia fazer pelo povo, como poderia protegê-los se, ao sentirem medo, seus olhos não buscavam o céu, mas tão somente as espadas dos

PERIGOSAS ACHERON

guardas?

Indisposta a continuar alimentando dúvidas que somente aumentariam o vazio existente em seu peito, abaixou os olhos e continuou sua caminhada em direção à floresta. As árvores eram visíveis e se agigantavam a cada passo que dava, bem como o ar se tornava mais cortante conforme se afastava do centro urbano.

Após longos minutos, finalmente saiu da concentração de gente para alcançar os limites da cidade. Deu de cara com um enorme aglomerado de vazio e ausência de sons e inevitavelmente se sentiu melhor ali.

Observando ao redor, e certificando-se de que não havia ninguém que pudesse vê-la, finalmente correu em busca da proteção das gigantes árvores da floresta, ignorando, pela primeira vez, as ondas vermelhas que esvoaçavam

PERIGOSAS NACIONAIS

contra seu rosto. Somente desacelerou, ofegante, quando se sentiu segura.

O silêncio de estar em meio à mata era reconfortante. Pietra sentia-se à vontade naquele local, embora a sensação lhe fosse tão estranha que mal poderia reconhecê-la. Há anos não sabia o que era calma ou sossego. Na realidade, talvez os houvesse experimentado quando fixara morada no cemitério, antes, no entanto, que pares de olhos comesçassem a vigiá-la incessantemente.

Continuou penetrando as entranhas da floresta, perdendo-se muitos metros adentro, aprofundando-se no silêncio quebrado apenas por sons que vinham de animais, de todos os lados. Eles, contudo, não poderiam assustá-la.

Seu único temor era o homem. Era ele quem aparecia em seus pesadelos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao encontrar uma clareira, parou satisfeita e retirou o capuz, deixando que os longos cabelos ondulados fossem livres finalmente.

— Fenrir! — gritou uma única vez.

Abriu a bolsa de couro em que levava seus poucos pertences e retirou uma porção de pequenas bolinhas pretas que furtara, naquela manhã, de uma senhora que montava sua barraca no centro da cidade.

Recolheu uma folha do tamanho de seu braço que estava caída a alguns metros de distância, e sobre ela começou a espremer os frutos, que, apesar de pequenos, rendiam grande quantidade de um grosso e negro sumo. Pegou um pouco da neve que cobria o chão e adicionou à mistura.

O cheiro cítrico que emanou da substância era forte e ácido e, ao atingir seu rosto, fez com que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas narinas ardessem e os olhos coloridos lacrimejassem. Desviou-os por um segundo a fim de reduzir o ardor, e avistou Fenrir encarando-a intensamente a poucos metros.

Não se surpreendeu com o fato de já estar tão próximo. O lobo era tão silencioso quanto ela.

As duas criaturas partilhavam mais do que apenas os mesmos olhos... Compartilhavam a mesma alma indomável e perigosa.

Acostumada com o olhar fixo do animal, Pietra voltou sua atenção à solução que preparara, e começou a aplicá-la rapidamente sobre o próprio cabelo. Em poucos minutos, seus fios haviam deixado de ser da cor do fogo para serem da cor da noite, ambos os elementos que lhe eram tão preciosos.

Quando terminou, mergulhou as mãos na

PERIGOSAS ACHERON

neve que cobria o chão e esfregou-as para que ficassem limpas. Reuniu seus pertences uma vez mais e caminhou até o lobo.

— Fenrir, precisamos partir. — O lobo continuou deitado, encarando-a. — Preciso de moedas para uma passagem pelo mar — Pietra falou, pesando suas opções. — Se atravessarmos a floresta por este lado — refletiu, apontando para o leste —, chegaremos a uma cabana. Lá conseguirei o que preciso para seguirmos viagem.

Em resposta, o animal ficou em pé e começou a caminhar para a direção oposta, ignorando por completo as indicações da jovem.

Pietra sabia que o lobo iria caçar. Ela faria o mesmo.

— Fenrir... — chamou novamente. O lobo parou no lugar com as orelhas altas, mas não se

virou para olhá-la. — Esteja por perto.

Ouvindo isso, o animal afastou-se correndo, sendo engolido pelas sombras da floresta.



O sol já avançava no céu quando Pietra alcançou a cabana limítrofe à floresta. Reconheceu-a de imediato, embora já fizesse muito tempo que não a visitasse. Mesmo ali, de longe, podia sentir o cheiro de vinho em que provavelmente já se embriagava o antigo amigo. O único homem em quem confiava. O único que poderia tocá-la sem que se queimasse.

Correu com os olhos baixos para vencer a distância existente entre as últimas árvores que lhe davam cobertura e a porta da casa de Rollo. Estava acostumada ao quão isolada era aquela área em

relação ao restante de Evje, motivo, aliás, que contribuíra grandemente para a solidificação de sua amizade com o desregrado homem de olhos verdes. Ainda assim, foi com alívio que notou o vazio e a sensação de abandono que circundava o local. Não havia nada além de árvores em um raio de dezenas de quilômetros, a não ser uma segunda casa silenciosa.

Pietra abriu a porta e entrou sem ser convidada.

Atravessou a cozinha, notando os barris e taças espalhados por todo o cômodo. No quarto, as cobertas da cama estavam jogadas ao chão, e não parecia haver nada em seu devido lugar. Um sapato feminino, aparentemente esquecido, denunciava que Rollo recebera visitas.

Voltou para a cozinha, por onde entrara, e sentiu o forte odor de vômito. Avistou uma poça de

um líquido vermelho e malcheiroso dentro da pia. Mais uma vez Rollo farreara até o desgaste extremo de seu corpo, concluiu sem qualquer emoção.

Velhos hábitos possuíam raízes tão profundas quanto às de uma árvore centenária.

Pietra levantou uma das cadeiras caídas, mexendo nos bolsos dentro de um pesado casaco de pele que sobre ela repousava. Suas extremidades estavam úmidas em decorrência de origens que a moça preferia não conhecer. Deixou que um pequeno objeto caísse em seu interior, e virou-se para procurar pelo amigo.

— Rollo? — chamou.

Ouviu um resmungo impaciente antes que o amigo respondesse.

— Não grita, Sereia. Minha cabeça dói.

O rapaz entrou na cabana, trajando apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

uma calça marrom. Seu peitoral claro e liso estava nu, e os cabelos ondulados caíam em cascatas até seus ombros. A barba também escura estava cheia, escondendo seus lábios, mas Pietra viu um sorriso formar-se quando ele a encontrou.

— Noite agitada? — perguntou, aproximando-se do amigo, ao notar as bolsas roxas sob seus olhos, que maculavam sua pele pálida.

Ele não respondeu. Estava ocupado observando o cabelo preto da amiga. Passou as mãos sobre os fios já secos.

— Parece que seu fogo está apagado — disse, afastando as madeixas de um dos lados do pescoço da jovem, revelando sua clara cútis.

Em silêncio, adiantou-se e beijou o local lentamente, fazendo sua barba roçar os poros de Pietra, e divertindo-se com a manifestação dos

PERIGOSAS ACHERON

corpos em alerta.

A moça sabia que deveria agir com rapidez, tal qual havia feito até ali, porém em uma conta rápida, acabou concluindo que poderia demorar-se alguns minutos. Talvez não houvesse sido sua mente a tomar a decisão, estava ciente, mas estava também satisfeita com o que quer que a tivesse tomado.

Pietra conhecia seus desejos e demônios, todos eles, e há muito aprendera a controlá-los quando quisesse. O problema é que, naquele momento, queria libertá-los de suas correntes, deixá-los devorar, fazê-los satisfeitos.

Assumindo o controle, como era de praxe, fez com que seus lábios passeassem pelo lóbulo da orelha do amigo.

— Meu fogo nunca estará apagado —

PERIGOSAS NACIONAIS

respondeu, sussurrando agora em sua boca —
porque eu sou o fogo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sair daquele castelo havia sido mais doloroso do que muitos dos ferimentos que haviam gerado as cicatrizes que cobriam seu pescoço e suas costas. As lembranças de suas origens haviam lhe invadido com imensa força, fazendo-o sentir as familiares vertigens, com o mundo girando a seu redor.

Nikolau montou Bestian, mas foi preciso parar e sentir o frio em suas mãos para despertá-lo uma vez mais para a realidade. Ele não tinha tempo ou disposição para gastar sua energia em lutas que eram travadas dentro de sua cabeça.

Galopando em direção ao centro da cidade, já tomado pelo povo que começava seus afazeres, percebeu que apesar do frio, o dia estava claro, e que não havia indícios de uma nova tempestade. Os cabelos da Sereia estariam, portanto, em destaque no cenário alvo e gélido, porém Nikolau

PERIGOSAS NACIONAIS

desconfiava que a bruxa se encarregaria de escondê-los, o que tornaria seu trabalho mais difícil. Sabia que havia frutos capazes de esconder a verdadeira cor dos fios, embora não se tratasse de uma mudança permanente.

Observando a movimentação comercial, decidiu parar e desmontar do cavalo. Caminhou por entre as barracas montadas no centro, irritando-se com a agitação das pessoas que negociavam, aproveitando o tempo claro. Para o caçador, parecia tão supérflua a existência de quem pudesse seguir a vida normalmente comemorando suas ordinárias sobrevivências, quando seu filho, um garoto doce e bondoso, estava preso e sozinho. Continha, a cada novo segundo, o ímpeto de berrar como eram todos medíocres, ocupando-se com vendas que lhes gerariam não mais do que uma refeição, temendo bruxas que sequer notavam suas existências.

PERIGOSAS ACHERON

A única vantagem, no entanto, de estar no rastro de uma mulher cuja fama se conhecia há quilômetros de distância era o fato de que, embora pudesse escapar das mãos de treinados capangas reais, não poderia se ocultar por completo dos olhos de um povo amedrontado. Por isso mesmo precisava seguir o procedimento, há tanto esquecido no canto mais insondável de sua mente, e se forçar a falar com quem poderia ter informações. Cuidadosamente analisando os rostos dos transeuntes, avistou uma mulher de idade avançada, cabelos brancos e com um casaco surrado e marrom, organizando diversas ervas sobre a plataforma a sua frente. Um crucifixo prateado descansava sobre o peito.

Puxando Bestian atrás de si, Nikolau aproximou-se dela.

— Olá, rapaz — ela levantou os olhos e

cumprimentou, sorridente. — O que procura?

— Que tipo de erva está vendendo? —
Nikolau questionou em resposta.

A mulher o olhou de cima a baixo. Viu a barba escura e cerrada que cobria seu rosto, os olhos castanhos, estreitos e misteriosos. Analisou ainda o pesado casaco de pele cinza que cobria seu corpo alto e forte, mas seus olhos se demoraram nas cicatrizes que desciam por seu pescoço e sumiam sob as roupas.

— Você é um caçador — ela afirmou.

Nikolau sentiu-se tentado a responder que costumava ser, porém então se lembrou dos acontecimentos das últimas horas.

— Sim — limitou-se a dizer.

Os olhos azuis da senhora percorreram seu rosto em busca de mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É o senhor que caçará a Sereia do Inferno? — Seu tom de voz diminuiu significativamente ao pronunciar o apelido da bruxa, como se a mera menção pudesse atrair todo o seu perigo.

Ele assentiu.

— A senhora já a viu? Já fez negócios com ela? — questionou, sério.

A mulher pressionou os lábios um contra o outro antes de responder.

— Valha-me Deus, é claro que já a vi. Todo mundo já viu a Sereia, e todos já a temíamos mesmo antes de sabermos que é a bruxa mais perigosa de todos os tempos — dizendo isso, agarrou a cruz sobre o peito. — Aqueles olhos... Que Deus o proteja, caçador.

Nikolau sentiu suas entranhas se contraindo,

PERIGOSAS ACHERON

os nervos se manifestando. Era mais do que as palavras da senhora... era o tom em que eram sussurradas, o modo como seus olhos se moviam, certificando-se de que não estava sendo vigiada. Nunca se deparara com tamanho horror em razão de uma única mulher.

— Eu nunca a vi de fato, mas ouvi falar sobre seus olhos. Pode me contar como são? — pediu, já que os anos em reclusão haviam o tornado carecido de informações relevantes a respeito de sua presa.

— Ah... — a mulher exclamou, apertando com mais força o crucifixo. — São olhos de demônio. Um escuro como a terra, e um azul claro como o céu. Dizem que homem nenhum resiste a eles.

— E o que mais a senhora se lembra de sua fisionomia? — Nikolau insistiu.

— Bem — a mulher franziu o cenho forçando a memória a render frutos que pudessem ajudar na importante missão do caçador —, seus lábios são carnudos e vermelhos, e sua pele é clara como a neve. Seu cabelo é longo e possui ondas que lembram as chamas quando dançam. Eu nunca a toquei, mas dizem que a pele de uma bruxa é sempre quente, não é?

Nikolau estava acostumado a pessoas reproduzindo todos os rumores que escutavam, ainda que lhes fugisse à compreensão e não tivessem qualquer fundamento, mas dessa vez havia razão nas palavras da senhora. Ele já havia tocado a pele de inúmeras bruxas, e todas eram, de fato, quentes, mesmo sob uma terrível nevasca.

— Sim — confirmou.

O caçador tentou imaginar como seria a Sereia, e percebeu que ela jamais passaria

PERIGOSAS NACIONAIS

despercebida. Era diferente de todo o povo de Litin e, possivelmente, de todo o mundo. Era, certamente, um demônio na terra.

— A senhora sabe se ela possui algum parceiro, amigo ou familiar?

A mulher meneou a cabeça negativamente.

— Ouvi dizer que sua única companhia é um lobo com os mesmos olhos. É tudo o que sei — a senhora encerrou a conversa de súbito ao ver um cliente se aproximando. No segundo seguinte, havia soltado a cruz e ignorava Nikolau.

— Obrigado — ele agradeceu, recomeçando a caminhar.

Precisaria de mais do que uma descrição do rosto de Pietra para encontrá-la. Geralmente bruxas pertenciam a clãs, de modo que embora fosse mais perigoso enfrentar um grupo de mulheres poderosas

PERIGOSAS ACHERON

lutando por sua vida, era mais fácil rastreá-las. Pietra, por sua vez, parecia solitária e provavelmente esperta, ágil e inescrupulosa. No entanto, ainda assim, Nikolau não a temia. Seus maiores medos encontravam-se presos no castelo do rei e, alguns deles, dentro de sua cabeça doente.

Resoluto, montou Bestian novamente e se dirigiu à praça pública, onde as execuções costumavam acontecer. Ainda sobre o cavalo, desembainhou sua espada e a apontou para o alto.

Como esperado, grande parte dos olhares presentes no centro se voltaram para ele.

— Povo de Litin! — chamou o mais alto que conseguiu. Sentiu a garganta rasgar-se ao fazê-lo. — Preciso da atenção de vocês!

Um murmurinho percorreu o ambiente, e uma a uma as pessoas encararam o homem sobre o

PERIGOSAS NACIONAIS

cavalo negro no centro da praça. — Meu nome é Nikolau Fagertun, e serei breve.

Ao dizer seu nome, uma nova agitação percorreu o aglomerado de gente. Homens e mulheres aproximavam-se da praça, curiosos.

— O caçador? O caçador aposentado? — alguém perguntou.

— Não mais aposentado — respondeu. — Estou em busca de Pietra Scarj, ou como devem conhecê-la, a Sereia do Inferno.

— Eu disse que o rei cuidaria de nós — uma voz de mulher se fez ouvir. — Graças a Deus.

Nikolau se irritou com o comentário, mas entendia que o Rei Durian lidara de maneira inteligente com a situação de perigo que se instalara, utilizando-se do medo daquelas pessoas em benefício de sua própria imagem e reputação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de capturar Pietra e salvar o povo, certamente faria seu nome como grande Rei.

— A minha mensagem é simples: qualquer informação que tiverem sobre a bruxa deverá ser trazida a meu conhecimento. Não tenho paciência ou tempo para lendas ou rumores, mas tenho interesse em qualquer notícia que possa me ajudar a localizá-la. — Várias cabeças balançaram em concordância. — Do mais, tentem se manter protegidos.

Nikolau voltou a guardar a espada e ordenou que Bestian se movimentasse. As pessoas voltavam a seus postos lentamente, com uma aparente dificuldade em desgrudar seus olhares do famoso caçador. Havia tensão em excesso, curiosidade em demasia, medo em abundância.

— Espere! — ouviu alguém chamar. — Senhor caçador, espere!

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau puxou as rédeas do animal, fazendo-o dar meia volta. Desmontou e esperou que uma jovem se aproximasse. Seu corpo cheio de curvas se movia com graça enquanto corria.

— Eu... Eu acho que posso ajudar — falou timidamente, enquanto recuperava o fôlego.

Os instintos de Nikolau se fizeram em alerta.

— O que sabe? — perguntou, curioso.

— Por favor, não se zangue por eu não ter certeza, mas acho que sei onde ela mora. Ou morava.

A atenção de Nikolau dobrou.

— Estou esperando.

A jovem, tal qual a senhora com quem conversava alguns minutos antes, olhou para os dois lados antes de responder, como se quisesse se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certificar de que a Sereia não estaria a observando, pronta para se vingar. Movendo as mãos desconfortavelmente, hesitou por um momento antes de continuar, mas o olhar inquisitivo e impaciente do caçador a motivou. Abriu a boca, e com uma voz doce e trêmula disse:

— A Sereia passa as noites no cemitério e o dia caçando e fazendo rituais com o lobo na floresta, mas ela mora entre um lugar e outro.

Nikolau se esforçou para visualizar a cidade dentro de sua mente confusa.

— Não há nada entre o cemitério e o início da floresta — finalmente disse, em um tom alterado de irritação, dando as costas à moça, que correu e colocou-se à sua frente.

— Há sim. É ali que se situa o Cemitério de Guerra — retrucou, afobada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim como uma luz é acesa para afastar repentinamente as trevas que cegam os olhos, a compreensão do caçador sobre a que a jovem se referia iluminou a escuridão em que se via imerso. Lembrou-se com clareza do Cemitério de Guerra, que consistia em uma construção utilizada para tortura de prisioneiros de guerra, bruxas e inimigos da coroa. O falecido Rei Agmund decretara o seu fechamento permanente e proibira que quaisquer dos antigos instrumentos fossem utilizados, firmando uma era de paz e justiça.

Desde então, ninguém se aproximava dos arredores do Cemitério de Guerra, pois rumores afirmavam que gritos das dores ali infringidas ainda podiam ser ouvidos. Nem mesmo bruxas escondiam-se lá, uma vez que também temiam as pinturas de suas semelhantes sendo queimadas, bem como se afligiam diante dos sinais de unhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cravadas nas paredes, como marcas do intenso desespero e agonia que as paredes guardavam.

Até onde sabia, porém, Pietra Scarj não era uma bruxa comum. Tratá-la como se já a conhecesse e subestimar suas motivações e habilidades era um perigoso erro que não poderia cometer.

— Ela vive nos Cemitérios de Guerra — completou a moça, embora Nikolau já montasse Bestian.

— Mantenha-se a salvo — respondeu, antes de sair a galope.

A chance de Pietra estar onde já fora vista era mínima, mas ao menos Nikolau teria, finalmente, por onde começar. E o lugar não poderia parecer mais propício.

Onde mais poderia procurar pela morte,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senão à mesa onde se servia?

Nikolau esperava não ser sua próxima refeição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

O silêncio que envolvia o Cemitério de Guerra era esmagador.

Situado em uma parte completamente abandonada de Litin, era cercado pelos elementos mais sombrios e inóspitos da cidade. Por muitos metros e muitos metros, que se estendiam em todas as direções, havia somente neve intacta, como sinal da ausência de transeuntes pelos arredores. Assemelhava-se, em certos aspectos, à morada da morte, onde ela, sozinha e plácida, podia repousar sem receber visitantes.

O cenário branco e pacato era interrompido somente após alguns quilômetros, onde, a leste, situava-se o verdadeiro cemitério, antro dos corpos dos plebeus e pessoas humildes do povo. A oeste, e seguindo em direção ao sul, uma densa sequência de árvores robustas margeava as proximidades do

PERIGOSAS NACIONAIS

local, tornando-o ainda mais hostil e isolado. Não havia um único elemento à vista que suscitasse qualquer sensação relacionada à vida ou a ânimo, sendo inevitável experimentar o próprio vigor escorrendo pelo solo abandonado.

Apesar da própria natureza da edificação e do quanto a cercava, o que mais se destacava da área eram as memórias, quase palpáveis, que a preenchiam, transformando toda a extensão em um retrato assustador de tempos sombrios. O lugar não havia conhecido nada além de sofrimento e aflição, e tais sentimentos pareciam contaminar todos os centímetros dali.

O passado do local se fazia presente até mesmo no ar. ainda mais gelado ali, sendo que, mesmo com o sol fraco que avançava lentamente no céu, a neve restava muito alta, chegando à metade da canela de Nikolau coberta pelo couro de

PERIGOSAS ACHERON

sua bota.

O caçador observou a construção pelo lado de fora. Não havia janelas, apenas uma porta no que parecia um único cômodo gigante. Aproximou-se das paredes e viu sangue seco na forma de uma mão.

Um corvo gritou ao longe, quebrando o silêncio em mil pedaços.

Apesar de todo o lúgubre cenário, o sangue ali existente não assustava Nikolau. Seu serviço sempre fora derramá-lo.

Observando mais de perto, contudo, notou que não havia rastro ou gotas de sangue no restante da superfície, apenas uma única mão rigorosamente colocada, o que o fez concluir que a palma na parede havia sido propositalmente marcada. Tratava-se, na verdade, de um sinal para que as

peessoas não se aproximassem, para que temessem todo o sangue já derramado, e o que ainda haveria de ser.

Seguindo em frente, Nikolau tocou a porta, que se mostrou apenas encostada. Empurrou-a com cuidado, mas o ranger de seu movimento pareceu ecoar por toda Litin, assim como também os passos do caçador reverberavam por todo o ambiente, cujo interior se assemelhava a um vazio infinito, absolutamente escuro e aterrador.

A sua vontade era de não dar as costas a nada, como se a qualquer momento algum tipo de mal pudesse atacar por trás, surgindo da escuridão de qualquer das direções.

Nikolau abriu a porta o máximo que conseguiu, e deixou a bolsa de couro como peso, para que assim se mantivesse. A claridade inundou o lugar, e as paredes tornaram-se visíveis. Embora

PERIGOSAS NACIONAIS

frio e solitário, não havia cheiro de mofo ali, o que indicava que o Cemitério de Guerra não estivera fechado por tanto tempo quanto se acreditava. Todavia, não havia absolutamente nada a ser visto, nenhum sinal de vida ou de morte. Apenas uma discreta e solitária porta na parede direita.

O caçador repetiu o processo e empurrou também aquela porta, e uma segunda câmara apresentou-se à sua frente. A luz, porém, não chegava até ali, e o breu voltou a inundar seus sentidos, motivo pelo qual caminhou para fora da construção e procurou por pedras, folhas e gravetos secos. Manuseando-os, conseguiu acender uma pequena chama. Retirou então um pedaço de sua própria camisa cinzenta e amarrou-o na ponta da espada, improvisando uma tocha que colocou em contato com o fogo recém-aceso. A claridade era pouca, mas suficiente para que pudesse enxergar o

PERIGOSAS ACHERON

ambiente. Seus olhos logo se habituaram à escuridão e à pouca luz de que dispunha, mas, frustrado, percebeu que também não havia nada ali.

Rapidamente dirigiu-se para a porta que, como a anterior, estava presente na parede direita. Avançou a passos largos os próximos dois cômodos, ambos igualmente desertos. Foi somente quando o fogo já consumia quase todo o tecido, que alcançou o quinto e último espaço.

Com a espada erguida, viu, presas a todas as paredes, tochas. Usou o que restava de seu engenhoso improviso para acender todas elas. O fogo espantou as sombras, e aquele pedaço do Cemitério de Guerra revelou-se diante de seus olhos.

Havia mastros para execução de bruxas erguidos nos cantos do cômodo, bem como uma guilhotina ao centro, o que o fez entender,

PERIGOSAS NACIONAIS

imediatamente, porque as bruxas não costumavam se sentir à vontade no local. Ademais, as paredes estavam decoradas com pinturas feitas com sangue, que mostravam mulheres e homens berrando enquanto eram queimados ou atravessados por espadas.

Nikolau desviou o olhar, enjoado, e focou sua atenção no chão.

Uma grande quantidade de feno se apresentava como uma cama improvisada, ao lado do que, roupas estavam amontoadas. Retirando uma das tochas da parede, Nikolau agachou-se em frente à pilha de tecidos e começou a examiná-los. Ergueu a primeira peça, que se mostrou sendo uma justa calça de couro escuro, embora ele não pudesse distinguir com certeza a sua cor. Alguns espartilhos e vestidos também se revelavam, além de um par de luvas negras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nikolau levou as roupas próximas a seu rosto e inspirou profundamente. O cheiro era forte e cítrico, e muito mais agradável do que poderia supor.

Levantando-se, continuou iluminando cada centímetro do local, já que parecia claro que Pietra realmente estivera ali.

Encontrou raízes e ervas caídas, e aproximou-se também delas para analisar. Reconheceu apenas alguns dos vegetais, pois nunca havia visto a maior parte deles. Teve a impressão de que estavam todos envelhecidos, visto possuírem uma aparência murcha e mórbida. Pegou uma folha oval, verde-clara, cujo cabo possuía espinhos pretos, e levou-a diante dos olhos. Em segundos, a planta começou a tornar-se completamente negra, e um cheiro amargo e podre emanou de sua folha.

PERIGOSAS ACHERON

— Santo Deus! — Nikolau exclamou, derrubando-a novamente sobre o chão.

No mesmo instante, sentiu um formigamento tomar conta de suas mãos, enquanto assistia a um líquido pegajoso escorrer por entre seus dedos. Olhou assustado para a própria mão e viu seu sangue sujando-a.

— Planta amaldiçoada! — esbravejou, tentando lavá-la com o restante do vinho que acabara de achar em uma garrafa quebrada, em um dos cantos do cômodo escuro.

Um ardor percorreu seus nervos, mas sua preocupação era o que aquilo poderia lhe causar nos minutos ou dias seguintes. Parecia evidente que a bruxa criara uma armadilha em seu esconderijo, enfeitiçando a planta, porém Nikolau desconhecia seus efeitos. Comprometeu-se a manter a atenção sobre as pequenas feridas que surgiam, gradual e

rapidamente, por toda a sua mão, mas não ali. A urgência o consumia.

Muito mais impaciente do que quando entrara no Cemitério de Guerra, Nikolau continuou vasculhando a antiga morada da Sereia. No entanto, a dor latente oriunda do contato com a planta se prestava muito mais a desconcentrá-lo. Estava irritado consigo mesmo por cometer erros que somente um principiante cometeria, embora não pudesse evitar que a lembrança da orelha cortada do filho ocupasse uma parte grande demais de sua mente. Era impossível concentrar-se completamente em sua presa.

Nikolau sabia muito bem que quando a alma não queria estar em um local, não era suficiente que o corpo estivesse.

O caçador estava prestes a encerrar sua inspeção, quando um pequeno desenho na parede

da porta por onde entrara capturou seu olhar. A gravura não era grande, mas o fato que lhe despertara a atenção era que não fora feita com sangue como as demais. As linhas afundavam na construção, revelando a repetição e força utilizadas para que fosse realizado o desenho.

Aproximando-se, Nikolau notou que se tratavam de duas coroas, desenhadas com traços simples, no meio das quais uma espada flamejante apontava para cima.

Ele não tinha ideia do que queria dizer, mas achou por bem memorizar a imagem, até que pudesse descobrir seu significado. Não havia dúvidas de que Pietra passara bastante tempo naquele lugar, mas o caçador não havia encontrado nada que pudesse guiá-lo até ela.

Frustrado, chutou a parede, e a dor que latejou em seu pé distraiu-o por alguns instantes da

dor que sentia em sua mão. Foi o incômodo em seu estômago, contudo, que o despertou de seus pensamentos. Sua barriga roncava, e Nikolau notou que há anos não sentia tanta fome. Suas refeições eram regradas ao lado do filho.

Decidiu então voltar para casa, onde se alimentaria pela primeira vez naquele dia. Poderia reunir alguns pertences e racionalizar com calma e precisão os próximos passos. Talvez devesse também vasculhar as margens da floresta ou mesmo fazer algumas bruxas falarem.

Arquejando, completamente descontente, caminhou para fora do Cemitério de Guerra, sem levar nada daquele escuro e silencioso lugar, a não ser ainda mais mistérios que se acumulavam em suas mãos machucadas.

Galopando de volta para casa, esperava poder pensar e organizar a mente perturbada por ao

PERIGOSAS ACHERON

menos uma hora.

Aonde quer que fosse, no entanto, seus demônios o seguiriam, perturbando-o, tão incansavelmente quanto o lobo que acompanhava Pietra. Nikolau não possuía meios de romper com seu passado, onde as sombras residiam e, portanto, não haveria forma de afastar os próprios fantasmas. O caçador sabia que jamais encontraria conforto novamente.

Não em sua casa e, principalmente, não em sua mente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Pietra colocava o vestido negro apressadamente, preparando-se para partir. Fora até Rollo pedir por ajuda, com o intuito de abandonar Evje da maneira mais célere possível, mas acabara passando uma hora toda na cama com o amigo, aproveitando seu calor e as sensações que seus toques proporcionavam. Nada útil, sabia, mas indiscutivelmente prazeroso.

Seus olhos não se demoraram mais do que alguns segundos no homem que cochilava satisfeito e tranquilo. Seu peito liso e claro não tinha qualquer marca que o maculasse. Tão diferente dela, não pôde evitar refletir. Ainda se lembrava da primeira vez em que ele a despira e encontrara as cicatrizes, precipuamente sobre seus seios, suas costas e pernas. O olhar consternado e interrogativo de Rollo havia gravado sua pele, tal qual ferro em

brasa. Como resposta, Pietra havia tão somente oferecido seus lábios, fazendo com que o amigo se perdesse na temperatura de seu corpo, desvendando-a em cada um de seus centímetros, resguardando, porém, sua alma e seus segredos. Estes pertenciam exclusivamente a ela.

Ela sabia da ânsia que o rapaz tinha em perguntar sobre seu passado nebuloso, bem como sobre seu presente sombrio, mas os questionamentos vinham através de toques, suaves e urgentes, e não de palavras. Pietra era grata pelo silêncio que encontrava na cama dele e respondia, também através de sua taciturnidade, às suas dúvidas. Ali, dispensava a realidade, buscando apenas a entrega e a satisfação do seu prazer.

Sabia também que não era a única a procurá-lo em tais termos. A cama de Rollo devia ser o local mais movimentado de Evje, talvez até

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo de Litin. No entanto, apesar de seu jeito despreocupado e descompromissado, não era raro ver mulheres brigando em frente à sua casa, ansiosas por sua atenção, desejosas pela chance de serem finalmente quem lhe conquistaria o coração e não somente o corpo. Pietra sabia, contudo, que todas as tentativas eram frustradas e, de uma maneira egoísta, esperava que assim continuasse sendo. Não queria nada além do que já encontrava sob seus lençóis, porém repelia a ideia de perdê-lo para um eventual vínculo amoroso.

Já vestida, começou a vasculhar as gavetas da cômoda de Rollo em busca de moedas, alheia ao quão imoral pudesse parecer. Precisava de dinheiro, e o amigo, único herdeiro vivo da abastada família Prestegard, o possuía. Era uma aritmética simples e irrefutável. Ademais, o rapaz gastava cada centavo em sua vida boêmia, em uma generosidade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendente com os comerciantes de vinho e outros líquidos etílicos. Sobreviria com um pouco menos.

Encontrou moedas de ouro e prata dentro de um saquinho preto e, dentro de um segundo, idêntico, quatro colares de várias pedras preciosas. Pietra sorriu, cônica de que eram presentes que Rollo certamente pretendia distribuir, alegrando inúmeros corações apaixonados.

— Você me iludiu para me roubar? — a voz de Rollo soou preguiçosa enquanto ele se levantava da cama.

— Vim aqui atrás de ajuda, e estou providenciando — Pietra respondeu, enquanto continuava abrindo as gavetas da cozinha, sem sequer olhar o amigo.

— Você não me pediu ajuda — Rollo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

retrucou, aproximando-se e envolvendo-a por trás.

Pietra libertou-se em um único movimento e virou-se para encará-lo

— Eu vim para conseguir ajuda, não para pedir — respondeu secamente, o queixo ligeiramente erguido. A jovem mantinha o olhar duro, desafiando-o, embora notasse o brilho divertido nos olhos verdes à sua frente.

Rollo gargalhou com a resposta e voltou para o quarto para colocar a camisa.

— Para onde você vai? — ele perguntou. Enquanto vestia a capa e as luvas, Pietra sentia o olhar dele ardendo sobre os pedaços de pele que pouco a pouco o tecido cobria.

Sustentando seu olhar, refletiu por um instante, decidindo se responderia com honestidade ou não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso chegar a Slevik — finalmente falou, soando ríspida como de costume.

— Por que Slevik? — questionou, confuso.
— Slevik também é um país cristão, despreza bruxas, tal qual Litin. Aliás, a rainha de lá é irmã do falecido Rei Agmund... Não deve haver grandes diferenças. Como poderia estar mais segura em suas terras?

— A Rainha Mikaela, consorte do falecido Rei Storr, não apoia certos atos do governo do sobrinho, o Rei Durian. Há uma grande tensão entre Litin e Slevik. Vou valer-me dela — respondeu de maneira simples e determinada, denunciando que havia motivos ocultos em sua conduta.

Percebeu o rapaz sorrir fascinado.

— Como você sabe disso? Improvável, já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que além do fato de a Rainha Mikaela ter saído daqui para se casar com Rei Storr e viabilizar o acordo de paz entre os dois países, foi daí que surgiu o pacto para o fim da escravidão. E há ainda o fato de que importamos certos legumes de Slev... — Viu que Rollo parava bruscamente de falar, como se inundado por um pensamento. — Talvez você tenha razão. Ouvi algumas criadas do palácio reclamarem de tais legumes estarem em falta desde a morte do Rei Agmund.

Pietra assentiu.

— Eu e Fenrir precisamos chegar ao porto e embarcar em um navio cargueiro — explicou. — A viagem será longa e não tenho dinheiro algum.

— Ah! — exclamou Rollo, sorrindo. — Entendi onde entro nesta história.

— É. Meus poderes de persuasão não vão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me garantir uma passagem para cortar o oceano. —
Pietra assentiu em um tom imerso em ironia.

— Posso acompanhá-la até o porto? Posso acompanhá-la até Slevik.

— Não — Pietra cortou secamente.

— Poderia protegê-la — ele insistiu.

Pela primeira vez em anos, Pietra sorriu, divertindo-se.

— Seria eu a protegê-lo e não tenho vontade alguma de assumir essa obrigação.

Notou o olhar de Rollo intensificando-se, enquanto caminhava em sua direção e estendia uma mão para acariciar seus olhos distintos.

— Vou voltar a vê-la? — perguntou em um sussurro.

— Não acho que seja provável — a Sereia

PERIGOSAS ACHERON

respondeu sem qualquer emoção na voz.

— Gostaria que não precisasse partir —
Rollo ainda sussurrou em seu ouvido, manifestando parte do que ela sabia que o amigo sentia, sem revelar, porém, a súplica que parecia tentar calar.

Um leve calor percorreu o corpo da jovem, mas seu coração permaneceu gelado.

— O desejo é o mais fraco de todos os poderes, Rollo. Ele, por si só, nada resolve.

Sabendo que o amigo compreendia o que queria dizer, Pietra deixou que o rapaz se aproximasse e a beijasse com a maior ardência que já manifestara. Tinha a impressão de que ele buscava manter o gosto de seus lábios por toda a eternidade, pressionando-a contra seu corpo, como se tentasse gravar sua forma em sua própria pele. Incomodada com a intensidade de seu contato, a

ruiva afastou-se.

— Não posso demorar mais aqui.

Pietra viu que Rollo sorriu, derrotado, como se tentasse controlar a corrente elétrica que o percorria. A respiração entrecortada revelava o sangue fervendo, comprometido pela volúpia.

— Leve isto — disse, como se fizesse grande esforço para ignorar os apelos do corpo. Entregou-lhe uma bolsa de couro do tamanho de suas duas mãos, que retirou de debaixo de sua cama. — Há moedas suficientes para que chegue em Slevik e para que volte, caso queira e possa — acrescentou diante da frieza de seu olhar.

A bruxa pegou seus pertences e adiantou-se para a porta da casa.

— Pietra, espere! — Rollo pediu correndo para fora.

Abraçando o próprio corpo parcialmente nu conforme avançava, viu que o rapaz parava ao lado de um cavalo branco e esbelto.

— Leve-o com o você. Não é tão forte, mas é ágil, e você poderia alcançar o porto em poucos dias — ofereceu.

Pietra pareceu reticente ao olhar para o animal.

— Sei que o lobo irá com você, mas nele você ao menos poderia montar — Rollo argumentou, sorrindo.

Em resposta, a moça montou silenciosamente no cavalo e puxou as rédeas, fazendo o animal caminhar para longe da casa. Com alguns metros de distância, olhou para trás e o viu observando-a fascinado, ainda que ela sequer houvesse se despedido ou mesmo o agradecido por

seus gestos.

— Rollo — Pietra chamou, fazendo o animal parar por alguns instantes —, não deixe que saibam que me conheceu. Apague-me de sua vida — ordenou, antes de galopar para longe, ignorando o amigo, seus sentimentos e sua ajuda.



Rollo assistiu em silêncio os cabelos, agora negros, voando com o movimento, tornando-se cada vez menores com a distância. Notou então um estranho pressentimento gelar o seu sangue, substituindo a luxúria que antes o possuía. Não sabia se temia pela vida de Pietra ou simplesmente, de forma egoísta, pela saudade que dela sentiria.

Apesar da urgência que experimentava quando estava em sua companhia e do peculiar

desejo, experimentado pela primeira vez com Pietra, de passar um infinito de dias a seu lado, Rollo sabia que nada que dissesse poderia mantê-la perto de si. Sequer tentava pedir, não lhe pertencia o direito de fazê-lo. Desconhecia sua história, mas diante de suas cicatrizes, sentia-se desprezível ao pensar em reclamar qualquer coisa. Gostaria que partisse dela a vontade de estar, de entregar-se de uma vez por todas, eterna e integralmente, à sua presença.

De qualquer forma, não ignorava o fato de que a permanência de Pietra em território sob o domínio do Rei Durian seria o mesmo que a condenar à morte. Aliás, condenada já estava, mesmo sem ter sido submetida a um julgamento.

De um estranho e irremediável modo, Rollo sabia que gostava demais da Sereia para ser egoísta a ponto de desejá-la somente para si, ignorando os

perigos que a cercavam. Em um paradoxo que talvez somente o amor pudesse compreender, seu peito se inflamava em desejo de liberdade para ela, mas de prisão para ele próprio, em meio a suas mãos, boca e seios.

Eu não quero apagá-la, concluiu em resposta a seus próprios pensamentos e à fala da bruxa. E mesmo que quisesse, não conseguiria.

Inspirou longamente, decidido a voltar para dentro de casa e reencontrar o familiar alívio presente no líquido rubro que era o vinho. Desejava apenas, por um único momento, esquecer-se de fogueira e de mar. Não queria se lembrar de caça ou de fuga.

Rollo queria apenas fechar os olhos e continuar gozando do torpor que somente Pietra poderia lhe oferecer. Por mais um único momento, queria reviver a dolorosa paixão que somente uma

PERIGOSAS NACIONAIS

Sereia poderia causar.

Estava enfeitiçado por ela. E não tinha o menor problema em assim continuar pelo resto dos seus dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau alimentou Bestian e o deixou descansando do lado de fora dos estábulos, uma vez que as carcaças dos outros dois cavalos mortos emitiam um forte odor de carne morta e envelhecida, enojando-o. As moscas, por sua vez, serviam-se satisfeitas da abundância mórbida sobre o chão.

O caçador saiu do local com o estômago embrulhando, e com a garganta fechada com a ânsia causada pela exalação. Precisou inspirar profundamente o ar frio antes de continuar, a fim de controlar as entranhas que, aflitas, se contorciam em seu interior.

Estar de volta à casa, ao contrário do que poderia esperar, trazia más lembranças e uma angústia ainda maior do que a que se instalara em seu peito desde a fatídica noite do rapto de Noah.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo o que mais o machucava havia acontecido ali: a morte da esposa, o sequestro do filho. Da mesma forma, também no mesmo local, restavam as melhores lembranças dos anos em que seu coração pulsara mais vivo e contente. Era doloroso reviver sua perdição e salvação simultaneamente, e a mente sentia o impacto da memória. O caçador já podia sentir as vertigens ameaçando tragá-lo como as ondas da ressaca do mar.

Concentrou toda a sua força para manter-se consciente da realidade e desviou o olhar para o lado oposto de sua casa. Percorreu as margens da floresta que se estendia à sua frente, e repousou os olhos sobre a choupana situada a alguns metros, a única, além da sua, a existir naquela região.

Uma morena de cabelo muito longo montava o cavalo branco de Rollo, o dono da casa. Nikolau não sabia muito sobre ele, mas estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acostumado a ver a movimentação constante em sua casa. Mulheres de todas as cores e idades entravam e saíam de lá com grande frequência, por vezes exultantes, em outras, devastadas, porém sempre exalando a intensidade característica dos apaixonados.

Nikolau vira poucas vezes o rapaz de perto, mas sabia que era ele o causador das excessivas demonstrações de afeto, assim como conhecia vários de seus hábitos por pura observação à distância. Ele e Noah costumavam tentar adivinhar os próximos passos de Rollo, tão previsíveis, como uma brincadeira ingênua e despretensiosa compartilhada entre pai e filho. Acertavam tudo com demasiada facilidade.

Sem esforço, podia apostar que àquela hora do dia, quase na metade dele, Rollo estava provavelmente acabando de acordar ao lado da

PERIGOSAS ACHERON

moça que se afastava, cujo nome somente lembraria com considerável dificuldade. Estava presenteando a jovem com o cavalo, ou simplesmente providenciando uma forma de despachá-la para longe de maneira mais célere.

Continuava não sendo difícil fazer deduções sobre Rollo, porém Nikolau percebeu que não havia graça alguma em realizá-las sem a companhia de Noah. O peito foi aquecido pela imagem sorridente do garoto, sempre tão inteligente e doce, mas ao mesmo tempo dilacerado por não o ter ao alcance de seus braços. Resistiu ao impulso de ferir a si próprio, como uma forma desesperada de sentir uma dor maior do que a que o afligia.

Perdido em seus devaneios, oscilando entre a saudade e a revolta, voltou a si somente quando escutou o galope do cavalo afastando-se. Olhou para a origem do som e viu o cabelo escuro da

garota que saíra da casa do rapaz, balançando com o movimento. Notou ainda que Rollo observava a dupla que partia, moça e cavalo, até que seus olhos pareceram encontrar os de Nikolau. O rapaz esboçou um cumprimento com a cabeça, e caminhou para dentro de casa.

O caçador fez o mesmo.



Após comer o suficiente para tratar a refeição como um almoço reforçado, Nikolau virou uma taça de vinho para limpar a garganta, experimentando um efêmero prazer e, contrariando seus próprios hábitos, serviu-se de uma segunda dose. Não sabia quando voltaria a beber. Não sabia, sequer, se retornaria.

Quando saía para uma caçada, Nikolau

PERIGOSAS NACIONAIS

desconhecia por quanto tempo ficaria fora. Por vezes, as pistas levavam-no para cada vez mais longe, e só conseguia retornar semanas, meses depois. Em outras, no entanto, voltava para casa antes de partir novamente. Nessas ocasiões, sentia que as feridas do corpo e da alma encontravam um bálsamo: rever a mulher, mesmo que por poucos dias, era toda a cura de que necessitava.

Notou, contudo, que naquele momento não havia razão para que ansiasse retornar para o lar. Não havia quem por ele esperasse.

Após estar saciado, enquanto escutava a madeira crepitar na lareira, juntou mais alguns pertences para carregar consigo. Eram poucos os que lhe seriam úteis e que ainda mantinha em casa, mas encontrou camisas, luvas e adagas. Pegou também, dentre outras coisas, o livro que o filho deixara ao lado de sua cama. Se precisasse de uma

PERIGOSAS ACHERON

parte de Noah para manter-se são, queria que fosse a melhor parte, a que o fazia pensar no menino por inteiro.

Tal reflexão, no entanto, fez com que a imagem de sua pequena orelha, entregue pelo rei como prova de que tinha a vida de seu filho em mãos, retornasse com força, ignorando seus esforços para que fosse esquecida. Nikolau virou a cabeça bruscamente, como se os movimentos fossem suficientes para mandar os pensamentos embora. A lembrança piscou e em seu lugar surgiu o rosto de Eloyse, sem orelhas, encarando-o, furiosa.

O caçador colocou-se em pé e chutou com violência a cadeira sobre a qual estava. Com passos inseguros e a visão vacilante, correu para fora de casa em busca do frio. Parou, com a respiração rápida, e fechou os olhos, mas as imagens

tornaram-se ainda mais nítidas dessa forma.

O vento gelado não parecia ser suficiente para acordá-lo daquele pesadelo. Irritado, bateu na própria cabeça, em uma tentativa frustrada de fazê-la funcionar direito. Não houve qualquer melhora, mas nesse instante, Nikolau avistou novamente Rollo. Dessa vez, o rapaz saía cambaleante de sua casa, e tentava, em vão, montar um cavalo escuro.

A orelha de Noah surgiu uma vez mais, porém a imagem finalmente foi repelida pela realidade, ao que viu Rollo despencando do dorso do animal. Sem saber ao certo o que estaria realmente à sua frente, Nikolau correu em direção ao outro homem.

Conforme avançava, a construção adiante se tornava mais concreta, as curvas do cavalo mais reais. Com os pés afundando na neve, e junto a eles, as alucinações, parou de correr longos minutos

PERIGOSAS NACIONAIS

depois, quando encontrou o corpo estirado sobre o chão. O rosto jovem de Rollo estava afundando no branco da neve, e as roupas encharcadas em vinho. A cor e o cheiro não permitiam que restassem dúvidas quanto à questão.

Nikolau tentou virá-lo, mas Rollo reagiu e o empurrou com um dos braços.

— Saia daqui — resmungou, levantando ligeiramente a cabeça. — Saiam todos vocês daqui.

Nikolau irritou-se com a lamentável figura estirada à sua frente. O coitado do rapaz rico gastara toda a fortuna bebendo, e agora ele, o imbecil e fracassado caçador, estava gastando seu tempo o ajudando a levantar-se daquela queda sem significado? Ele que tinha as preocupações de um país todo sobre seus ombros? E pior ainda, ele que tinha as preocupações de um pai sobre si?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Impaciente consigo e com seu incompreensível ímpeto de tirar o rapaz da neve antes que morresse congelado, Nikolau arrastou-o desajeitadamente para dentro. Quando o jogou sobre a cama, notou que Rollo já estava inconsciente.

O caçador observou a bagunça do ambiente e irritou-se ainda mais com toda a futilidade e vazio que existiam ali. Vibrou, em seu íntimo, pela oportunidade de partir daquele lugar e jamais voltar a ver o boêmio, um ingrato e desmerecedor de sua própria situação abastada.

Virou as costas para sair, mas escutou Rollo rolando sobre a cama e resmungando frases incompreensíveis. Prestes a explodir, porém determinado a arrancar o homem de seu campo de visão o mais rapidamente possível, o caçador dava o primeiro passo em direção à porta quando

PERIGOSAS ACHERON

pareceu entender uma das palavras que escapavam da boca do rapaz.

— Serr... Sereia...

Completamente em alerta, Nikolau girou rigidamente sobre os calcanhares e aproximou-se silenciosamente da cama.

— Sereia, não... — ele balbuciou, a voz soando tão fraca quanto era o sentido que havia em sua fala.

Havia sido ele vítima de algum dos feitiços e maldades de Pietra Scarj? Nikolau questionava-se, atento, enquanto o observava suar em seu sono agitado.

— Te encontrar.

O caçador mantinha-se vigilante, ignorando os questionamentos que o invadiam sobre a situação. Aguardava que alguma daquelas palavras

fizesse sentido.

— Te encontrar no mar, Sereia —
resmungou sofregamente.

Nikolau aguardou, porém após alguns minutos de absoluto silêncio, notou que Rollo parara de falar e parecia imerso em um sono profundo. Concentrado, o homem observou o restante da casa, em busca de evidências que complementassem as poucas palavras proferidas pelo vizinho. No entanto, não havia nada que denunciasse quem participara da festa da última noite.

Caminhou até o lado de fora da choupana e refletiu sobre as palavras que acabara de ouvir. O que queriam dizer? Deveria aguardar até que o rapaz acordasse para descobrir o que sabia sobre a Sereia do Inferno?

PERIGOSAS NACIONAIS

Nikolau entendia que o apelido era uma invenção do povo, e bem sabia que a imaginação se tornava muito fértil quando havia medo. Entendia também, portanto, que a jovem bruxa não tinha qualquer relação real com as águas de Litin ou com as de qualquer outro lugar do mundo.

Pietra Scarj não vivia no mar.

Contudo, involuntariamente, a memória do cavalo branco partindo mais cedo retornou, e Nikolau sentiu o estômago dar uma cambalhota com o pensamento que cruzou sua mente.

Talvez... Talvez toda sereia realmente necessitasse do mar em algum momento.

Transtornado, Nikolau correu para dentro, decidido a aguardar até que ele acordasse. Era possível que algumas confissões escapassem em seu sono de embriaguez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O caçador tinha perguntas. E não descansaria enquanto não obtivesse respostas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Apesar da chuva leve que caía, fazendo intensificar o frio daquele fim de tarde, uma vez mais estava a praça principal de Evje permeada por pessoas, rostos interessados em possíveis tragédias. Em dias como aqueles, tão marcados por sangue e fogo de bruxas, era insofismável a curiosidade que movia o povo até ali. Assistir ao padecimento de uma mulher supostamente herege, infame e impura causava uma insólita sensação de segurança, como se somente a violência pudesse guardar a paz.

Era em silêncio que observavam a mulher sendo arrastada por guardas de colete amarelado por entre o povo. Abriam espaço, amedrontados de que pudessem ser tocados por ela quando passassem, como se pudesse transmitir um pouco de sua rebeldia, e ignorando o fato de que a mulher não esboçava reação alguma. Estava calada, como

uma pedra.

Sir Velory dava passos firmes à frente, apressando-se para cumprir a tarefa que lhe fora atribuída. Deveria se certificar de arrancar dela revelações. Assim ocorreu quando, em particular, ela dissera tudo o que o rei gostaria que falasse. Mas a parte mais importante seria ali, em praça pública, diante das testemunhas de seu julgamento. Afinal, de que adiantaria confessar somente entre quatro paredes o que todo o povo precisava escutar?

— Silêncio! — ordenou o chefe da guarda real ao pararem no centro do largo.

Os olhares viajavam do alto guarda loiro para a mulher morena, que aparentava ter cerca de quarenta invernos. Algumas rugas marcavam seu rosto de ossos salientes e, embora fosse extremamente magra, possuía olhos agressivos e

PERIGOSAS NACIONAIS

quase insanos, um deles contornado por um hematoma negro. Ainda assim, havia um sorriso em seus lábios rachados.

— Essa bruxa foi capturada há uma semana — Sir Velory começou, a voz tão dura quanto o olhar em seu rosto. — Ficou presa durante todos esses dias, desintoxicando-se de todos os feitiços e rituais com que está acostumada. Mas hoje... Hoje, no dia de seu julgamento... — Velory pausou e colocou a mão sobre a espada presa à cintura. — Em troca de piedade, contou-nos o que sabe sobre a Sereia do Inferno. Ela repetirá o que disse, agora, na frente de vocês e de Deus.

Sir Velory empurrou-a adiante, fazendo a bruxa tropeçar nas cordas que prendiam seus pés e suas mãos.

— Fale! — disse rispidamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher gargalhou em resposta, e as pessoas presentes à praça encolheram-se com o som.

— Vocês querem a verdade sobre a Sereia?
— A bruxa voltou a rir, como se acabasse de lembrar de uma piada hilária. — Sereias não existem! — gritou, gargalhando a seguir.

Um dos homens que a cercavam deu um passo à frente, desembainhando a espada.

— Cuidado — disse, em um tom de flagrante ameaça.

A bruxa pareceu não o escutar, os olhos movendo-se de um lado para o outro, denunciando sua loucura pouco velada. O sorriso mantinha-se firme em seu rosto magro, assustando as pessoas à sua frente com mais intensidade do que qualquer feitiço poderia fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enquanto temem uma Sereia que não existe, o tubarão vem e... NHAC! — voltou a gritar de súbito, fazendo quem estava mais próximo se sobressaltar. — Morde a sua bunda — completou, ainda gargalhando.

— Pare de falar tolices e repita o que disse a Sir Velory — o mesmo guarda rugiu. O chefe da guarda particular observava-a com a expressão séria e atenta, como uma cobra que prepara seu bote.

— Vocês sabiam que os tubarões adoram sereias? Elas distraem — perguntou aos berros, sempre em meio a risadas. — O tubarão de Liti...

Suas palavras foram interrompidas pela espada que atravessou seu estômago. Sir Velory segurava a arma com firmeza, e encarava, com olhos em chamas, o povo à sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Muitos desses, chocados com os últimos acontecimentos, haviam levado a mão à boca, e as pessoas mais próximas estavam sujas do sangue que a mulher havia cuspidido.

— Eu, Sir Velory, cavalheiro de Litin, chefe da guarda particular real, ordenado por Deus e pelo Rei, condeno esta bruxa à morte pelos crimes que cometeu e pelas blasfêmias que disse — falou rapidamente em alto e bom som. — Com piedade — completou em um tom de voz mais baixo.

Retirou sua espada com velocidade, e a mulher caiu morta sobre a praça. O cheiro de sangue impregnou o ar, fazendo com que as pessoas recuassem instintivamente. Não tinham problema em assistir alguém sendo morto bem à sua frente, mas não podiam levar as marcas daquela cena em suas roupas de volta para casa, seus templos de santidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Já para suas casas! — Sir Velory ordenou para o povo, claramente irritado pelo fato do julgamento não ter resultado nas confissões públicas que esperava. — Tirem-na daqui — disse a dois guardas à sua esquerda, olhando com desprezo para o corpo caído a seu lado.

Os homens moveram-se até a mulher morta. Sua aparência parecia ainda mais doentia do que antes. As bolsas roxas sob seus olhos cerrados se destacavam na pele de tom mórbido, a boca aberta derramava sangue. Da forma como caíra, também era possível enxergar hematomas em seus braços e pernas finos. Alguns eram tão escuros quanto a noite. Outros, porém, tão vermelhos quanto o fogo. A morte parecia já a ter tocado antes, deixando-lhe marcas para que se lembrasse de que logo voltaria para buscá-la.

— Raça maldita e estúpida — resmungou

PERIGOSAS NACIONAIS

Sir Velory montando seu cavalo marrom.

— Senhor, por que ela agiu assim? Eu a ouvi contando sobre alguns dos crimes da Sereia — um dos guardas falou, apressando-se para se manter ao lado do chefe da guarda.

— Pouco nos importa agora — Sir Velory respondeu secamente. — De toda forma, temos uma bruxa a menos, além de um recado ter sido dado.

— E qual foi esse recado, senhor? — o homem insistiu, observando o superior com curiosidade.

— Ora, deve-se saber — Sir Velory disse, sorrindo. — Que antes de provocarem o tubarão, deveriam ao menos distanciar-se dele.

Dizendo isso, iniciou seu trajeto de volta ao castelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A noite já se instalara há algum tempo quando Nikolau, à beira de um colapso de ansiedade, percebeu que os olhos de Rollo se moviam de forma inquieta, denunciando que logo acordaria.

Após as palavras murmuradas por ele, o caçador revirara sua casa inteira em busca de qualquer indício que revelasse mais sobre Pietra. Não encontrou nada além de litros e mais litros de vinho e cevada, muitas moedas de ouro e algumas ervas para ressaca. Deixou tudo no lugar e voltou para o quarto. Encontrou Rollo prestes a acordar.

Colocou uma cadeira à frente da cama e sentou-se, aguardando os minutos que se arrastavam como anos.

— Ai — resmungou Rollo, levando a mão à cabeça e abrindo os olhos lentamente. — Santo
PERIGOSAS ACHERON

Deus! — exclamou, assustado, ao ver Nikolau o encarando duramente. Sentou-se, recostando-se à parede com um único movimento rápido. — O que está fazendo aqui? — perguntou, a voz revelando seu sobressalto.

Bastou que o rapaz abrisse os olhos e revelasse o assombro que os perpassou para que Nikolau tivesse a confirmação de que necessitava. Notar o medo espontâneo em seu rosto e a preocupação em seus gestos rígidos foram mais do que suficientes para que soubesse que somente quem esconde uma presa tem medo do caçador. Sentindo o coração agitar-se em seu peito com a constatação de que talvez ali descobrisse o necessário para reaver seu filho, fechou as mãos com firmeza, tentando controlar o tremor.

— Sei que conhece Pietra Scarj. E agora, eu quero conhecê-la — Nikolau disse diretamente,

PERIGOSAS NACIONAIS

puxando a cadeira para mais perto. — Conte-me tudo o que sabe.

O rosto de Rollo perdeu a cor, mas sua voz estava calma quando respondeu.

— Sei o que todo mundo sabe sobre ela. É uma bruxa perigosa com algumas características diferentes, embora eu ache que seja meio atraente — acrescentou, despreocupado.

Nikolau não riu.

— Você sabe onde ela está — afirmou o caçador, os olhos investigando cada mínima reação na expressão de Rollo.

— Por que você acha isso? As mulheres gostam de mim, é verdade, mas até meu charme tem limite — o rapaz disse em meio a uma risada tão espontânea quanto era o inexistente humor de Nikolau.

PERIGOSAS ACHERON

De novo, o outro permaneceu sério.

— Enquanto dormia, você disse que iria encontrá-la. Onde? — o caçador insistiu, a voz rouca saía arranhando sua garganta.

— Já viu um homem bêbado, Nikolau? — Rollo perguntou ao seu vizinho mais próximo. — Sei que já foi um grande caçador, mas duvido que seguisse pistas obtidas pelas palavras de um bêbado desmaiado — respondeu, a voz soando um pouco mais firme do que antes.

Apesar da palidez inicial, o sorriso de Rollo era como uma promessa de que tudo ficaria bem, independente do que acontecesse. Nikolau imaginou a facilidade com que mulheres deviam render-se àquele sorriso. Impacientando-se, contudo, com as respostas atravessadas do rapaz, levantou-se derrubando a cadeira. Agarrou o jovem a sua frente pelo colarinho de sua camisa branca e

arrastou-o para fora da cama.

— Bêbados costumam dizer mais verdades do que a maioria dos homens sóbrios. — O rosto de Nikolau estava muito próximo do de Rollo. — Onde você ia encontrá-la? No mar? No porto?

Uma vez mais, Nikolau notou a cor fugir do rosto do outro. A palidez oferecia a confirmação que buscava. Rollo, recuperando-se de sua hesitação em poucos segundos, conseguiu rir novamente, embora dessa vez houvesse menos convicção no som.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Eu realmente não sei — afirmou, encarando o caçador, sua voz escapando ligeiramente trêmula.

Com a mão livre, Nikolau acertou um soco no rosto de Rollo.

— Ei — ele exclamou, assustado, tentando

afastar-se. — Eu não sei onde essa mulher está! Eu não a conheço mais do que qualquer um nesse lugar! — gritou, perdendo a calma e cuspiendo uma mescla de saliva e sangue.

Nikolau avançou, prendendo-o contra a parede de madeira. Com um dos braços pressionou-o tanto, que a proximidade permitiu que visse as manchas e imperfeições na superfície às suas contas. Parecia desgastada, o tipo de parede que presenciou as muitas histórias vividas na cama espaçosa bem ao lado.

— Você disse que encontraria a Sereia no mar. O porto é o único local plausível. — A voz do caçador estava baixa e completamente ameaçadora. — O que eu quero saber e que só perguntarei uma vez é: qual o destino dela?

Rollo sustentou o olhar castanho do homem por alguns segundos, o coração batendo com força

PERIGOSAS NACIONAIS

em seu peito.

— Eu. Não. Sei — respondeu, também em um tom de voz baixo e resoluto.

Nikolau desembainhou a espada rapidamente e apontou-a para a jugular do rapaz.

— Qual o valor da vida dessa bruxa para você? — questionou com olhos furiosos. — Acha que é maior do que a vida do meu filho? — o caçador gritou as últimas palavras.

Rollo lembrou-se de ter ouvido os gritos do menino durante a noite anterior e de não ter dado atenção. Sequer tinha certeza se eram reais, uma vez que podiam muito bem ser efeito da embriaguez costumeira. Naquele momento, contudo, unindo os fatos, entendeu o que estava acontecendo. Sentiu pena do menino e de Nikolau, mas ainda assim não entregaria Pietra.

PERIGOSAS ACHERON

Forçou-se então a usar toda a honestidade que conhecia em suas palavras.

— Escuta... — começou encarando o homem e sentindo o frio do ferro contra sua pele. — Eu sinto por Noah, sei que é um ótimo garoto, eu sinto mesmo. — Rollo notou os olhos de Nikolau ficando úmidos. — E eu admito que já dormi com a Pietra algumas vezes, mas — apressou-se a acrescentar ao notar a expressão do caçador agravando-se —, sempre aconteceu quando ela me procurava. Eu nunca soube nada sobre ela. Eu juro.

Nikolau investigou-o com os olhos, analisando cada centímetro de seu rosto.

— Por que se arriscar dormindo com bruxas? Isso é suficiente para a Coroa prendê-lo — perguntou, a voz ríspida, embora Rollo sentisse seus músculos já relaxando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bruxas são quentes — Rollo respondeu, dando de ombros.

Nikolau encarou o rapaz por alguns instantes, o maxilar rígido em uma expressão de fúria. Pareceu incapaz de se mover por alguns segundos, mas deu tudo de si para forçar os músculos a relaxarem e soltarem o jovem. Sua respiração estava irregular, como se sair daquela casa sem um paradeiro exato de Pietra fosse um fardo maior do que o que poderia carregar.

— Ou está falando a verdade e é um estúpido, ou está tentando proteger a Sereia, o que faz de você ainda mais estúpido! — Rollo sorriu com a observação. — Se seu nome aparecer durante a minha caçada novamente, você pode virar a presa — ameaçou, dirigindo-se para a porta.

— Entendido, caçador — Rollo respondeu, engolindo em seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O rapaz observou-o afastar-se sobre o cavalo negro e reluzente, sentindo um nó formar-se em sua garganta.

Nikolau tinha razão. Ele era estúpido.

Sabendo que o caçador mais famoso de Litin morava ao lado, havia ficado bêbado a ponto de falar sobre Pietra durante seu momento de inconsciência. Traíra sua confiança e a colocara na mira do caçador, como um chamativo alvo. Percebeu, amedrontado, que finalmente chegara a hora de sair de sua zona de conforto.

Precisava seguir para o mar.

Precisava redimir-se, e tudo o que poderia fazer era tentar não morrer no caminho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Pietra não estava acostumada a andar tanto tempo a cavalo. Suas pernas, que latejavam e pareciam duras de uma maneira irreversível, eram incapazes de sair da posição de montaria. No entanto, ela jamais reclamaria de nenhum desses pesares, mesmo que tivesse com quem se queixar.

Experimentara dores piores. As marcas de tão sofríveis e angustiantes experiências escondiam-se sob o vestido de cor escura, resguardando-se de seu olhar. Porém ela bem sabia que existiam marcas que tecido nenhum poderia mascarar. E com essas, ela convivia diariamente, até que exausta dos traços inafastáveis presentes em sua alma, optara por se livrar dela de uma vez por todas. Se não podia apagar as inscrições feitas em árvores, que derrubasse logo o tronco. Se não havia meios de eliminar a dor em seu espírito... que se

PERIGOSAS NACIONAIS

livrasse dele, e passasse a vagar como uma caixa vazia, um corpo sem vida.

O que a preocupava, contudo, era o fato de que fazia horas que não via Fenrir. Não sentia sua presença desde que escondera a cor verdadeira de seus fios. Aliada à ausência do lobo, Pietra sentia uma inquietação constante perturbar seu íntimo, uma dúvida latente sobre ter revelado seus planos a Rollo. Não sabia se podia confiar nele para qualquer tarefa que não fosse satisfazer mulheres na cama, mas não tinha outra opção. Em algum momento do futuro ele entenderia tudo. Ele precisaria entender.

Pietra já se deitara com muitos homens e mulheres, e embora muitos houvessem passado por seu corpo, não contava como se houvessem passado, de fato, por sua vida.

Não era a mesma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar de todas as suas dúvidas, contudo, não podia negar que a visita lhe rendera bons frutos. Tinha dinheiro suficiente para a viagem e um desconfortável cavalo que adiantaria o percurso em dias. Além disso, era quase prazeroso sentir o vento em seu rosto enquanto cavalgava, como se a própria liberdade avançasse a seu lado, acariciando sua pele e a incentivando a prosseguir. O vento tinha tal efeito sobre Pietra... Por vezes, assumia ares de liberdade. Em outras, de solidão.

Perdida em seus próprios pensamentos, revolveu fazer uma pausa para comer e dormir um pouco somente quando a lua já estava cheia e alta no céu. Sabia que não poderia fazê-lo com grande frequência, e por isso mesmo precisava aproveitar a noite propícia e a vantagem que o animal lhe garantiria.

Outrossim, somente poderia seguir pela

floresta por mais dois ou três dias, período após o qual teria que continuar por caminhos muito mais abertos e visíveis. Até lá conservaria sua energia e tudo o que a mantinha forte. Assim, já antecipando as dificuldades que estavam por vir, desceu do cavalo branco e analisou os largos troncos das árvores ao seu redor.

Olhando para uma, enxergou os galhos que pareciam fortes o suficiente para aguentarem seu peso. Caminhou por alguns metros adiante e amarrou o animal em torno de uma das árvores.

— Você não vai morrer de frio, não é? — perguntou ao cavalo, que bebia água acumulada entre as folhas caídas sobre o chão. — Bom, se morrer, servirá como jantar para Fenrir — disse, voltando para onde havia encontrado a árvore em que passaria a noite.

Escalou-a com dificuldade por conta do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vestido de que logo esperava se livrar, e acomodou-se em um de seus galhos.

— Minhas coxas nunca mais vão voltar ao normal — resmungou.

Não nevava ou chovia, mas o cheiro de mata úmida ainda era forte, o que agradava Pietra.

De onde estava, tudo o que via era uma imensa planície branca, com robusta mata conservando o frio ainda mais intenso na região. Não conseguia enxergar com grande nitidez nada além disso, porém poderia ouvir através do silêncio da noite.

Dormiria da maneira a que estava acostumada desde que podia lembrar-se: atenta e preparada para matar.



PERIGOSAS ACHERON

Pietra estava acordada antes mesmo de abrir os olhos.

O som dos sussurros abafados e das botas afundando na neve colocaram-na em um imediato estado de alerta. Sentia cada membro de seu corpo vibrando, preparado, cada veia por onde seu sangue corria forte e vivo. Sua atenção estava absolutamente centrada no que se passava na floresta, em um nível inferior ao seu, mas seus olhos não alcançavam nada além de folhas verdes e úmidas.

O cavalo denunciaria a sua presença nos arredores, constatou, o que significava que não poderia arriscar que fosse encontrado.

As vozes continuavam conversando entre murmúrios, mas eram completamente inteligíveis dali. Pietra não podia nem ao menos saber se eram homens ou mulheres. Notou, contudo, que não

PERIGOSAS NACIONAIS

estavam aumentando em proximidade. Quem quer que estivesse na floresta, parecia ter parado no lugar.

Silenciosamente, Pietra desceu da árvore, controlando sua respiração para que não fosse percebida. Colocou o cabelo para dentro da capa e vestiu o familiar capuz. Caminhou com passos leves alguns metros à frente, e colou o corpo contra um largo tronco. Concentrou-se para ouvir.

— Nós precisamos e iremos encontrar a Sereia, estão me ouvindo? — uma voz forte de mulher falou com autoridade. — E, quando o fizermos, finalmente sangue correrá. Haverá execução — afirmou, seu tom revelando força e impiedade.

Pietra fechou os olhos por um segundo, enquanto digeriria as palavras a seu respeito que acabara de escutar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia o que precisava fazer.

Caminhou sorrateiramente até uma segunda árvore e espiou por entre as folhas. Eram apenas três mulheres, cujos rostos não conseguia enxergar com nitidez. Melhor assim, concluiu.

Pegou a arma que trazia presa à sua bota e inspirou longamente antes de saltar em direção ao pequeno grupo.

Maldição, pensou. Odiava ter que matar mulheres.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Walkyria não tinha dúvidas a respeito do caminho que precisava seguir. A única parte de seu coração que parecia fraquejar, quando pensava sobre o assunto, era a que se referia a Sophia e Noelle. Suas irmãs seguiam-na aonde quer que fosse, porém naquele momento não tinha certeza se tal lealdade era positiva. Era justo levá-las consigo?

Estava rumando para a morte quase certa. Tratava-se, porém, de sua única chance de fazer o que há tanto tempo planejava e que sozinha jamais conseguiria. Finalmente veria aquela morte de perto. A única que importava.

Pietra conseguira fugir por muito tempo, mas dessa vez Walkyria a encontraria em definitivo; era de importância vital que o fizesse. Ela e as irmãs já seguiam seus passos há algum tempo, observando-a de longe, aprendendo seus

PERIGOSAS NACIONAIS

truques e hábitos. Haviam demorado demais para fazer o que tinha de ser feito, mas as dúvidas atrasaram-nas.

Agora, com o caçador no encalço de Pietra, Walkyria tinha sua única oportunidade de encontrá-la. Ela, Noelle e Sophia haviam seguido a bruxa até a casa do jovem de olhos verdes e depois pela floresta. No entanto, com a velocidade que a ruiva — então morena — avançava a cavalo, perderam-na de vista.

Cercadas por altíssimas árvores e por um intenso frio, a convicção das jovens mulheres começava a fraquejar.

— Irmã, nós nunca vamos alcançá-la a pé — Sophia, a mais nova, reclamou.

Seus olhos negros, da cor de seus longos fios lisos, transmitiam a exaustão de seu corpo. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto pequeno e delicado, assim como todos os seus outros traços, não parecia capaz de suportar aquela missão. Frágil, porém, era somente sua aparência, apesar dos poucos quinze anos que possuía.

— Ela eventualmente irá parar — Walkyria respondeu sem olhar para trás.

Tinha as mesmas características da irmã caçula, exceto pelo comprimento muito curto de seu cabelo. E embora tivesse apenas vinte e três anos, a idade que estimava que Pietra também teria, Walkyria já possuía profundas marcas de expressão em seu rosto. Eram sinais de dores em excesso, muitas além do que se poderia esperar de uma única vida tão curta.

— E nós não iremos? — Noelle questionou, cansada. Era a irmã do meio, a única que herdara os cabelos loiros e olhos azuis da mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Andaremos enquanto aguentarmos —
Walkyria voltou a responder, séria.

— Ótimo — a loira ironizou, enquanto
amarrava o cabelo.

— Meninas... — A irmã mais velha parou
onde estava e virou-se para encarar as outras. —
Vocês entendem o perigo do que estamos fazendo.
Há muito mais maneiras disso dar errado do que de
dar certo, porém eu — ela frisou a última palavra
— preciso agir. Vocês não. Ainda há tempo de
retornarem. Eu jamais as obrigaria a nada.

— Walkyria, nós iremos. Sempre juntas.
Fogo e madeira, lembra? — Sophia respondeu
gentilmente, aproximando-se da irmã.

As duas morenas olharam para Noelle, que
também se aproximou.

— Você tem certeza disso, Walkyria? Deve

PERIGOSAS ACHERON

haver outro jeito! — indagou, ansiosa.

— Nós precisamos e iremos encontrar a Sereia, estão me ouvindo? — Walkyria respondeu com firmeza. — E quando o fizermos, finalmente sangue correrá. Haverá execução.

Noelle e Sophia ouviram em silêncio as palavras, entendendo que não recuariam, independentemente do perigo que houvesse.

— Então vamos continuar? — a caçula incentivou, dando um passo à frente para recomeçar a caminhada.

— Esperem! — Walkyria estendeu a mão de súbito, parando-a.

— O que foi? — Noelle perguntou, assustada, notando o tom de voz urgente usado pela outra.

— Ela está aqui — a mais velha sussurrou,

procurando qualquer movimentação nas folhas. — Senti seu cheiro e ouvi sua respiração. Ela sabe que estamos procurando por ela — continuou, falando em um murmúrio.

O corpo de cada uma das três mulheres estava rígido, a tensão que os percorria dos pés à cabeça era quase visível. A respiração de todas estava rápida e silenciosa, seus corações batendo em ritmos irregulares.

Walkyria notou que se podia passar a vida toda em uma busca, mas não havia meios para que se fizesse pronta para quando finalmente encontrasse o seu objetivo. A jornada era uma batalha. Lidar com o resultado era outra, completamente distinta.

As costas de Walkyria, Noelle e Sophia estavam coladas, de modo que cada uma observava uma direção da floresta. Todo o ambiente parecia

PERIGOSAS NACIONAIS

girar em torno das três, o silêncio e a expectativa castigando-as aos poucos.

— Nós sabemos que está aí, Sereia — Noelle gritou, recebendo em resposta mais silêncio e olhares reprovadores das irmãs.

— Pietra — Walkyria viu-se obrigada a falar. — Nós precisamos conversar. Por favor, apareça — pediu calmamente.

O vento sibilou, fazendo algumas folhas caírem sobre o rosto das irmãs.

— Estou sendo caçada — uma voz fria respondeu. — Por que eu apareceria?

— Você tem razão — a voz de Walkyria soou mais forte —, mas se eu quisesse matá-la, teria a surpreendido... — Não houve qualquer som em resposta. — Sei que vivia no Cemitério de Guerra — continuou —, e sei que passou várias

PERIGOSAS ACHERON

noites na cama daquele rapaz bonito, o herdeiro... — O ar tornava-se mais denso à medida que as palavras brotavam de sua boca. — Vi que seu cabelo não é mais ruivo, e vi que o cavalo que a trouxe até aqui é branco e pertencia àquele mesmo rapaz.

No instante seguinte, Pietra surgiu à sua frente. Noelle e Sophia olharam-na com um misto de fascínio e medo. As quatro mãos agarraram armas escondidas em suas roupas escuras.

— O que querem? Por que estão me seguindo? — questionou, cada sílaba soando como uma ameaça.

Um uivo de lobo fez-se ouvir, e as três mulheres sobressaltaram-se assustadas, com calafrios percorrendo cada um de seus nervos.

Apesar de todas as perseguições a Pietra,

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca tinham visto a fera, de fato. Mas era verdade. O lobo era real. O lobo de olhos coloridos e lealdade única.

— Nós precisamos de sua ajuda — Sophia conseguiu dizer corajosamente, soltando as armas, embora sua voz vacilasse.

— Querem morrer? — Pietra indagou gravemente. — Posso providenciar isso.

Walkyria forçou-se a encará-la. Mesmo já a tendo visto inúmeras vezes à distância, estar de frente a Sereia do Inferno era, no mínimo, intimidador. Seus olhos coloridos não permitiam que os seus próprios se desviassem. Seus lábios vermelhos e carnudos moviam-se lenta e perigosamente.

— Você sabe de coisas que podem mudar tudo. Finalmente mudar tudo — Walkyria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respondeu, ignorando as ameaças de Pietra. — Queremos ajudá-la com isso. Queremos ser ajudadas.

Um sorriso quase imperceptível surgiu em um dos cantos dos lábios da bruxa.

— Você realmente sabe de muita coisa — disse, os olhos investigando com curiosidade as pessoas que haviam interceptado seu caminho. — Como nunca a percebi? Percebi vários que me seguiam, e matei todos eles — contou friamente. — Bem, quase todos. Fenrir cuidou de alguns.

Sophia sentiu um novo calafrio percorrer sua espinha.

— Não sou como eles — Walkyria respondeu, resistindo à tentação de desviar o olhar. — Sou como você.

Pietra permaneceu em silêncio por alguns

PERIGOSAS ACHERON

instantes.

— E o que você quer que eu faça? — finalmente indagou, parecendo genuinamente curiosa.

— Que você volte e faça o que só você pode — Noelle falou pela primeira vez.

A Sereia sorriu.

— Não há qualquer chance de fazer o que querem que eu faça e o resultado ser o que esperam — Pietra respondeu friamente, virando-se para partir.

— Por favor — Walkyria chamou, correndo e segurando-a pelo braço.

Pietra puxou-o com violência, afastando-se. A expressão em seu rosto finalmente alterou-se. Havia repulsa em sua expressão.

— Nunca mais me toque — disse
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ferozmente. — Se quiserem que tudo mude, façam com que isso aconteça — continuou, autoritária. — Eu vou seguir o meu caminho, e é melhor que não se encontrem nele. A minha frente ou atrás de mim, há perigos que não querem enfrentar.

— Nós podemos te ajudar — Sophia insistiu, os olhos marejando ao notar a melhor chance que tinham se esvaindo.

Pietra devolveu o olhar com dureza.

— E eu mesma as matarei se as encontrar novamente — percorrendo as mulheres com os olhos, repousou-os sobre a loira. — Fiquem longe de mim — ordenou, sumindo por entre as árvores.

Walkyria avançou a passos largos, mas um novo uivo fez com que todos os seus pelos se eriçassem. O medo a atingiu em cheio, fazendo-a paralisar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cravou então os pés no lugar rigidamente, sentindo toda a força deixar seu corpo. No entanto, com ela ia também a esperança, e foi a ausência dela que a enfraqueceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A pele do pescoço de Nikolau ardia, e o grito preso em sua garganta afogava-se no sangue que não parava de jorrar de sua boca.

Ele sabia que não estava acordado. Tinha certeza, porém, de que também não estava sonhando.

Estava completamente familiarizado com as imagens sombrias que adentravam sua mente sem serem convidadas, mas se habituar a elas era uma tarefa que não conseguia cumprir. A sensação que tinha era de que a parte saudável de seu cérebro estava preso em meio a todo o restante da massa encefálica, que se esforçava para engolir o que restava de sua sanidade.

Nikolau travara muitas batalhas, mas a que enfrentava contra si mesmo era a que mais temia perder.

PERIGOSAS ACHERON

Esforçava-se, com toda a sua energia, para fazer com que as imagens da realidade tomassem o lugar das já familiares memórias distorcidas, mas falhava. Sempre.

A consciência de que a espada fervente rasgando seu pescoço não era real não trazia qualquer alívio, pois ela parecia ser. Sentia como se fosse. Assim, começava a acreditar que talvez não houvesse, de fato, realidade mais verídica do que a que se passava dentro da mente de um homem. E quem é que poderia afirmar o contrário?

Preso em sua própria cabeça, Nikolau viu a Sereia do Inferno segurando a arma que rasgava sua carne. O cheiro de seu próprio sangue causava-lhe náuseas, mas era o olhar colorido que o fazia querer vomitar.

— Você falhou — ela disse, com a voz baixa e aguda, fazendo-o pensar em uma lâmina. —

Você sempre falha.

No instante seguinte, o rosto de Pietra transformou-se, e era Noah quem segurava a espada flamejante. Com um grito de desespero, levantou a arma. Porém, antes mesmo que Nikolau pudesse reagir, o garoto enterrou-a no próprio pescoço.

Nikolau levou as mãos à cabeça, batendo violentamente nas laterais, mas a dor que provocava em si mesmo não era nem de perto suficiente para fazer com que as alucinações cessassem.

Seus olhos estavam fechados, e seu rosto retorcido em uma expressão de angústia e desespero. Suas pernas, por outro lado, estavam fracas e soltas, prontas para cederem a qualquer instante. No entanto, mesmo ainda não tendo se curvado, o caçador teve a impressão de estar

caindo. Não sabia de onde ou para onde, mas sentia a adrenalina típica de uma queda percorrendo sua espinha.

A queda não durou mais do que um segundo.

De repente estava com o rosto mergulhado na neve, na mesma posição em que encontrara Rollo algum tempo antes. Pouco? Muito? Naquele momento não sabia dizer.

O alívio do frio molhando sua pele limpou as imagens, trazendo a clareza até então perdida. Entendeu que havia caído do dorso do cavalo durante uma de suas muitas alucinações e, apesar de seu joelho latejar, a queda havia valido a pena. Ao menos estava novamente no controle de seus próprios pensamentos.

— Quando isso vai acabar? — perguntou

PERIGOSAS NACIONAIS

para si mesmo, o cansaço fazendo a voz sair irritada.

Nikolau era valente o bastante para enfrentar tudo o que a vida colocava à sua frente, porém achava que também era valente o bastante para decidir negar a própria vida. Admitia que já havia pensado em tal solução inúmeras vezes. Se o fizesse, sabia que o inferno o estaria esperando, mas estava preparado para isso também. Afinal não poderia existir inferno mais real do que o que se passava em sua própria cabeça. Dentro dela, havia mais confusão e sangue do que uma pessoa seria capaz de experimentar ao longo de toda uma vida, e libertar-se seria alívio que até mesmo ele, homem ignorante, merecia. No entanto, se a ideia de tirar a própria vida era um de seus inimigos que diariamente precisava enfrentar, o filho era o escudo que a mantinha longe. Era por Noah que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morria e vivia todos os dias, e era por ele que continuaria fazendo isso, não importava o quão doloroso fosse.

Lembrava-se claramente de quase ter se matado anos antes, quando, chegando em casa após uma de suas missões, encontrara Eloyse lutando para não ultrapassar a porta que levava à morte, cuspiendo sangue enquanto tentava pedir-lhe que promettesse nunca mais caçar. Algum assassino qualquer havia passado por sua casa enquanto estivera ausente, roubando seus poucos bens e ferindo, de maneira irremediável, sua esposa.

A visão o ferira mais do que uma espada transpassando seu coração milhares de vezes seguidas poderia ter feito, de modo que quando percebeu o corpo sem vida da mulher, implorou para que Deus o levasse junto, arrebatando a garganta em um grito de desespero. Por vários

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

instantes, chegou a pensar que suas preces seriam atendidas, tamanho era o laço que esmagava seus pulmões; naquele momento, deixou de haver ar, deixou de haver luz, deixou de haver propósito para que o sol voltasse a nascer. Naquele momento, Nikolau morreu pela primeira vez.

E tinha certeza de que assim teria permanecido, completamente morto em seu âmago até que o corpo também sucumbisse, não fosse o choro fraco que o despertou de sua dolorosa consternação. Foi quando viu o bebê, o pequeno fruto que seu único e sincero amor havia rendido. Pegou-o no colo, inseguro, e sentiu o ínfimo coração bater forte contra seu peito. Foi como se a vibração tivesse provocado o seu próprio coração, fazendo-o finalmente bater de novo. Chegou à conclusão, naquele momento, e em todos os outros que se seguiriam quando voltasse a pensar em

PERIGOSAS ACHERON

desistir, que se não tinha motivos para viver por si mesmo, tinha pela criança que gerara e que era de sua inteira e exclusiva responsabilidade. Aquele único motivo que tinha para viver era o suficiente para que relevasse todo o restante.

O Rei Durian podia pensar que Noah era sua fraqueza, mas se enganava. O menino era, na verdade, seu escudo e sua espada. Era o caminho que precisava percorrer, e era os passos que o levaria até o fim. Era, afinal, o que o tinha mantido vivo até ali, e seria a razão pela qual enfrentaria também aquela última caçada em busca da bruxa letal, e sobreviveria, para novamente poder abraçar sua criança.

Com o corpo dormente por ter ficado tanto tempo deitado na neve, Nikolau levantou-se, sentindo que aos poucos o vigor retornava, tendo bastado a mera lembrança de que o filho o

PERIGOSAS NACIONAIS

esperava. Ainda mais determinado do que antes, voltou a montar Bestian.

Procurou aproveitar o momento de claridade em sua cabeça, apesar da forte escuridão da noite, e organizar as próximas ações.

“Encontrar a Sereia no mar” haviam sido as palavras de Rollo.

A bruxa, independentemente de qual fosse seu poder, não poderia escapar de Litin, pela água. Havia muitos e muitos quilômetros de mar separando a cidade de qualquer outro ponto para o qual poderia se dirigir. Assim, concluiu que suas palavras somente poderiam ter um significado: Pietra Scarj dirigia-se ao porto, onde provavelmente encontraria uma embarcação disposta a levá-la para longe da caçada de que era presa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era óbvio que o recado do rei havia sido claro: ninguém poderia ajudar a Sereia, sob pena de morte ou qualquer outra punição que se mostrasse ainda pior do que esta. Todavia, Nikolau deixara de ser um menino ingênuo muito antes de sequer aprender a beber. Tinha plena consciência de que com a oferta certa, qualquer um poderia colaborar com a bruxa. Talvez alguns o fizessem por dinheiro; outros, por poder. Ora, mesmo ele beijaria seus pés se tal gesto fosse suficiente para trazer seu filho de volta!

O fato era um e único: todos eram fiéis a uma causa, porém deixavam de ser quando havia conflito com a sua própria. Homens e mulheres nunca seriam tão planos quanto os personagens dos livros que Noah lia; nunca fariam renúncias altruístas com tamanha facilidade e, principalmente, jamais poderiam ser definidos

PERIGOSAS ACHERON

simplesmente como bons ou maus.

Com tal lucidez, Nikolau decidiu procurar Pietra e capturá-la antes que tivesse a chance de aproximar-se do porto, já que não tinha ideia sobre onde almejava ser o seu destino. Esperava, apenas, que ela não o tivesse alcançado ainda. Entretanto, conhecia os contras de tal opção. Se não a encontrasse a tempo e ela conseguisse partir, suas chances de entregar a bruxa ao Rei Durian diminuiriam drasticamente e, por conseguinte, assim também ocorreria com suas chances de recuperar Noah.

A sua melhor chance era, portanto, fazer uso das informações que obtivera e antecipar-se a Pietra, preparando o porto para recebê-la.

Quando a Sereia chegasse, Nikolau já estaria esperando por ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

A área que precisava cobrir, porém, era extensa demais para que o fizesse sozinho. Odiava ter que pedir ajuda, odiava trabalhar com companhia, mas uma vez mais faria o que tinha que ser feito.

Se o necessário para recuperar seu filho era recorrer ao estúpido chefe da guarda real, assim o faria.

O caçador sabia que toda caçada exigia sacrifícios. Ofereceria sua vida, se necessário fosse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Durian estava satisfeito. Pouco mais de um dia e uma noite depois de mandar buscar o garoto, Nikolau já havia descoberto o futuro paradeiro da Sereia, e entrado em contato para requerer homens para o que precisaria ser feito.

Em poucos dias, o rei poderia voltar a dormir em paz. A Coroa estaria em paz.

Com o problema da bruxa próximo de ser resolvido, restaria apenas um único transtorno com o qual precisaria lidar: questões políticas envolvendo seu governo e o reino de sua tia, a Rainha Mikaela.

Desde que assumira o trono, Durian notava o comportamento arrogante e desconfiado da monarca quanto às suas ações. A infeliz parecia determinada em interferir na forma como planejava reinar. Como se um soberano como o jovem rei

PERIGOSAS ACHERON

precisasse de qualquer consideração, fosse do povo, do clérigo, ou de outros países.

Felizmente, ele, Durian, não procurava por ovação de sua família. Bem sabia que a tia Mikaela fora extremamente próxima de seu pai, o falecido Rei Agmund, de modo que jamais estaria satisfeita com o fato de que outra pessoa ocupasse o trono que fora do velho por tanto tempo. Mesmo que fosse ele, seu não tão querido sobrinho, e legítimo herdeiro.

Outrossim, Durian também sabia que sua vontade em alterar os termos que regiam a paz entre os dois reinos não fora recebida com bons olhos pela Rainha de Slevik. A simples proposta que enviara para o país fora suficiente para fragilizar a famosa relação entre os dois estados, tão pacífica desde o governo de seu pai.

Ah, a célebre união entre Litin e Slevik.

Durian ouvira as histórias a respeito de tamanha conquista algumas centenas de vezes, e tivera vontade de revirar os olhos em todas elas.

Mikaela e Agmund haviam finalmente conseguido alcançar a paz entre dois países antes rivais, haviam finalmente conseguido fazer cessarem as disputas que vitimavam tantos inocentes e rendiam ainda mais escravos para o Cemitério de Guerra.

Haviam, finalmente, instituído a chamada Era de Ouro.

No entanto, a simples menção ao risível título causava ânsias em Durian. A náusea se agravava especialmente quando ouvia tolos do povo manifestando sua admiração pelo morto Rei Agmund, seu pai. Como poderiam ser tão saudosos por um homem e por um tempo marcados por fraquezas e renúncias? Pela completa inexistência

de força e ousadia?

A Rainha Mikaela tinha razão em temer a relação entre os dois países agora que ele, Durian, era o rei, porém se enganava ao pensar que lhe faltaria pulso pela pouca idade. Teria-o em bastante conta, suficiente para compensar a ausência durante o governo de seu pai.

No entanto, Durian não era um sonso qualquer. Entendia que a tia jamais aceitaria de bom grado as suas exigências como condição para que se mantivesse o comércio entre os dois reinos. Ele não queria mais vegetais; estes poderiam plantar. Claro que não os que recebiam de Slevik, mas quem não poderia viver sem eles?

Em troca dos tecidos que Litin exportava, Durian queria escravos. E um tipo muito específico deles.

PERIGOSAS NACIONAIS

A prática fora coibida por Rei Agmund, e Durian nunca entendeu o motivo. O povo precisava de escravos. A Coroa precisava de escravos. Ele, o Rei, também. Mais uma das tolices de seu pai; mais uma de suas fraquezas que prejudicavam o país que deveria ser o maior entre os grandes.

Evidente que a Rainha Mikaela também se posicionava veementemente contra a existência de tal prática, e justamente por isso havia sido tão fácil conquistar a “paz” entre os dois governos. Ambos medíocres. Ambos covardes.

Agora, com Durian apresentando seus novos interesses, as relações entre os reinos, antes tão pacíficas, encontravam-se cada vez mais tensas e sensíveis. Prestes a romper. O jovem rei chegara a cogitar invadir as terras vizinhas da tia, e trazer alguns escravos como prisioneiros de guerra. Poderia até mesmo reativar o Cemitério de Guerra,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e não desperdiçar nem uma única parte de toda a terra sob seu comando.

Talvez realmente fizesse isso, mas depois. A Sereia do Inferno era sua prioridade. Aliás, talvez até mesmo adiasse seu julgamento e a execução certa para que pudesse ver o resultado do que estava planejando. Iria guardá-la como sua propriedade, faria questão de que visse a nova forma de governo, uma na qual ela jamais sobreviveria, mesmo que tivesse nascido em berço de ouro. E então, somente depois de fazer com que ela entendesse o quão insignificante era para o mundo, finalmente a queimaria em praça pública, onde todos pudessem assistir ao fim daqueles que pecam contra a Igreja e contra a Coroa.

Sorrindo com tudo o que havia pela frente, Rei Durian sentou-se à mesa de seu imenso e dourado quarto onde seu desjejum estava disposto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deixou de pensar no passado de covardia instituído até ali, e focou-se em refletir sobre o futuro glorioso que conquistaria para seu reino. Ficaria conhecido como o mais nobre, ousado e feroz dos reis, e sua imagem seria esculpida sobre a de todos os homens e mulheres que ousassem lhe desafiar.

Mataria cada um deles em nome de seu país. E dedicaria cada morte ao seu pai, desejando que visse, de onde quer que estivesse, o que era governar de verdade.



Algum tempo depois, quando terminou de comer, Durian levantou-se, espreguiçando-se, satisfeito, experimentando todo o vigor que a expectativa do sucesso poderia causar. Era como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma grande dose de adrenalina percorresse suas veias, impulsionando-o, fazendo-o crer que todo e qualquer império se curvaria diante de sua presença. Manteria essa imagem em mente, mas antes tinha assuntos mais urgentes para tratar.

— Sir Velory! — chamou, ansioso.

Não se passaram mais do que poucos segundos antes que o chefe de sua guarda abrisse a porta.

— Com licença, Vossa Majestade.

O rei fez um sinal para que o homem se aproximasse, enquanto engolia mais alguns pedaços de salsichas à sua frente.

— Como o garoto está? Foram providenciados os cuidados? — questionou com a boca cheia de carne, sem desgrudar os olhos dos talheres que manuseava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — respondeu firmemente. Os cabelos loiro-escuros do guarda estava puxados para trás com a mesma rigidez de sua postura. — A ferida foi tratada, e ele não apresentou febre. Está bem. O sacerdote foi vê-lo esta manhã.

Rei Durian deu de ombros, e um pouco de vinho escorreu pelo canto de sua boca.

— Ótimo — exclamou, então fitando os olhos azuis do cavaleiro, um pouco mais escuros que os seus próprios. Com delicadeza, limpou os lábios e o queixo, por onde o líquido rubro escorrera. — Preciso que vá até a torre e traga-me uma de minhas amigas — falou com suavidade.

Os ombros de Sir Velory moveram-se quase imperceptivelmente.

— Qual? — indagou com a expressão forçosamente neutra.

PERIGOSAS ACHERON

— Surpreenda-me — o rei respondeu sorrindo. O chefe da guarda curvou-se rapidamente e voltou para a porta, e, antes que pudesse abri-la, o monarca voltou a falar. — E Sir Velory, sei que não tem nenhuma afeição por Nikolau, mas confio que fará exatamente como ele ordenou. Estou correto? — Velory confirmou com a cabeça. — Excelente, pois o senhor sabe que tenho lenha suficiente para duas fogueiras, não é?

Os ombros de Velory voltaram a se mover rápida e discretamente.

— Certamente, Vossa Majestade.

O Rei abriu um largo sorriso.

— Não é maravilhoso servir a um rei como eu, Sir Velory? — insistiu, voltando a mastigar um pedaço de pão que havia sobre a mesa.

O homem hesitou por apenas um segundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certamente, Vossa Majestade — repetiu, então forçando um sorriso.

— Então ande, pode se retirar — ordenou, a mão agitando-se no ar. — Preciso de companhia para compartilhar a satisfação desta bela manhã.

O cavalheiro obedeceu, e seguiu para a Torre.

Rei Durian aguardou, novamente sorrindo, e pela última vez naquele dia se perguntou como o pai pudera ser tão fraco para desistir do comércio de escravos. Concluiu que certamente ele havia decepcionado os céus que o haviam escolhido como governante de todo aquele país.

Seu conforto era que ao menos... ao menos tal erro não seria novamente cometido.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rollo avançava a cavalo por entre a mata cerrada da floresta, o pensamento focado na busca por Pietra e na tentativa de controlar-se para não beber todo o vinho que levava consigo. Aprendera a beber muito cedo, muito antes, aliás, de entender por que o fazia.

Nunca conhecera a mãe, que morrera no parto, e apesar do que pudessem dizer em sentido contrário, nunca tivera um pai. Simplesmente vivera na casa do homem que lhe dera a vida.

Levi era um homem amargo e violento, e toda a sua constante fúria era descontada em Rollo, que crescera tendo os hematomas do corpo como partes permanentes de sua própria pele. Quando criança, algumas das criadas da mansão tentavam protegê-lo, mas foi em uma dessas tentativas, que a sua favorita, Mercedes, recebeu todos os socos e

PERIGOSAS ACHERON

chutes que lhe eram destinados.

A velha não resistiu ao espancamento e faleceu uma semana depois, servindo como alerta, aos outros empregados que ajudavam o garoto, de que a cólera de Levi não podia ser impedida. Poderia receber destinação diversa, mas nunca se dissiparia.

Após o enterro simples da empregada, sem qualquer menção a quem causara todo o seu sofrimento e sua morte, Rollo escondeu-se no depósito da cozinha e bebeu todo o vinho que conseguiu, movido por um instinto que nem sequer sabia possuir.

Durante as horas em que teve o líquido agindo em seu organismo, esqueceu toda a infeliz vida que levava. Não era mais Rollo Vivandi, o menino responsável pela morte da mãe durante o parto e, por isso, odiado pelo pai. Não era Rollo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Prestegard, a criança rica que causara a morte de uma doce e inocente criada. Durante aquelas horas, ele não foi ninguém. Não fazia parte da vida de qualquer pessoa, e a insólita sensação o agradou.

Havia causado dor a duas pessoas que o haviam amado, o que significava que deveria cuidar para que ninguém jamais o fizesse de novo.

Dali por diante, limitou-se a viver solitário e taciturno em seu recanto, aceitando as agressões quando vinham, divertindo-se quando não. Tais dias eram presentes, e presentes deviam ser aproveitados.

Poucos anos depois o pai envolveu-se em uma briga e foi assassinado.

Apesar de sempre ter acreditado que não sentiria qualquer emoção se perdesse Levi, quando aconteceu, surpreendendo a si mesmo, ele chorou;

PERIGOSAS ACHERON

chorou pela morte do único homem que era parte de sua família. Chorou por não ter um pai, e por nunca ter tido.

Rollo balançou a cabeça, afastando as lembranças.

Vivia feliz desde então, ainda se utilizando do vinho como companheiro que fora na fatídica noite da morte de Mercedes, sem qualquer remorso por sua dependência. Contudo, sabia que fora sua embriaguez a colocar Pietra em perigo. O caçador sabia para onde ela estava indo graças a seus comentários inconscientes, à sua inexistente preocupação com os atos decorrentes da costumeira ebriedade.

A esperança de Rollo era que conseguisse alcançar a Sereia antes que o caçador o fizesse, motivo pelo qual saía de casa às pressas, sem gastar qualquer segundo para trocar as roupas sujas

de vinho e suor que usava. Limitara-se a vestir um casaco limpo e a jogar água sobre o próprio rosto. Precisava afastar os efeitos do vinho, e recuperar o discernimento e a lucidez ou, do contrário, jamais seria capaz de encontrar Pietra.

Rollo certamente não podia prever os passos da bruxa, mas a conhecia bem o suficiente para saber que seguiria pela floresta até onde conseguisse. Isto porque ela era adepta das sombras; jamais se faria expor em meio aos caminhos da cidade quando podia ter a proteção da natureza. De toda forma, o rapaz não tinha a pretensão de encontrá-la; sabia que se nem mesmo o rei com o exército e o povo ao seu lado conseguira, tampouco ele o faria. Esperava, no entanto, ser encontrado por ela. Afinal, eles haviam dividido uma cama e inúmeras lembranças.

Já fazia muitas horas que cavalgava tão

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente quanto podia, porém ainda não vira qualquer sinal da moça e, felizmente, nem do lobo.

Voltara a nevar havia pouco, e o dia e a noite confundiam-se ligeiramente. O céu estava completamente cinzento, e a floresta muito mais fria do que poderia desejar. Rollo gostava da temperatura alta e do fogo; ideias que inevitavelmente o faziam pensar em Pietra, constatou.

Surpreendeu-se ao notar que o singular pensamento sobre a moça era suficiente para que um confortável calor o envolvesse, despertando sensações que afastavam até mesmo o frio da neve. Sua mente começava a divagar para as lembranças do encontro do corpo de Pietra com o seu, quando, de súbito, teve a impressão de ouvir alguém chorando. Olhou ao seu redor, mas tudo parecia calmo e abandonado.

PERIGOSAS ACHERON

Desceu de seu cavalo e concentrou-se em sua audição. Parecia, de fato, que alguém chorava. Era um choro urgente, desesperado, angustiado. Um medo involuntário atingiu-o no estômago ao pensar em Pietra, porém sabia que as chances de encontrá-la fazendo alguém chorar eram maiores do que o oposto. Quem estaria no meio da floresta, sob a neve, quando a noite já se aproximava?

Instintivamente algo em seu âmago gritou que aquele barulho tinha ligação com a jovem que procurava. Enquanto avançava em direção ao som, perguntou-se se estaria ficando louco, se estaria enfeitiçado ou se realmente tudo o que acontecia em Litin naqueles dias tinha a ver com Pietra.

Não sabia qual opção era a pior.

O som tornou-se mais claro, e Rollo notou que era uma mulher que chorava. Checou o cavalo e puxou-o atrás de si, enquanto seguia caminhando

PERIGOSAS NACIONAIS

com a espada em riste. Com passos cautelosos, avançou o suficiente para que enxergasse o longo cabelo negro escondendo o rosto de uma mulher bastante magra, enrolada em um casaco marrom.

Estaria perdida?

Sentindo-se mais confiante e seguro, deu apenas dois largos passos. Seu movimento foi contido por uma voz feminina.

— Dê mais um passo e eu atiro.

Rollo parou rígido no lugar, e com as mãos erguidas procurou a origem do recado. A alguns metros, do seu lado direito, uma jovem de cabelos longos e loiros encarava-o, séria, com uma flecha apontada para seu coração.

— Eu sempre achei que morreria pelas mãos de uma mulher, mas não achei que estaria em pé — disse, a voz divertida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se falar, também atiro! — De seu lado esquerdo uma mulher com cabelos negros e curtos surgiu segurando uma espada.

— Duas? Eu podia estar sonhando! — exclamou, sorrindo.

Antes que pudesse ver a reação de qualquer das mulheres à sua piada, sentiu uma pancada na parte de trás da cabeça.

Caiu desmaiado, sem qualquer tempo para sentir a dor.



Rollo abriu os olhos lentamente, sentindo a cabeça latejar.

Demorou alguns instantes para que conseguisse focar as três moças em seu campo de

PERIGOSAS ACHERON

visão. Reconheceu as duas que o haviam ameaçado e também a que vira chorando, esta possivelmente a responsável pelo seu desmaio.

— Eu morri? — perguntou, a voz soando mais fraca do que tinha planejado.

Três pares de olhos voltaram-se para ele.

— Ainda não — a que parecia ser a mais velha respondeu. — Quem é você? — indagou, seu tom sério e ameaçador.

Os olhos de Rollo percorreram todos os rostos, mas se cravaram no da jovem loira de olhos claros como o céu.

— Meu nome é Rollo e sou seu futuro amante — respondeu, sorrindo.

— É um imbecil — ela retrucou, revirando os olhos, as mãos presas à cintura.

— Tirá-la do sério era mesmo meu primeiro

PERIGOSAS ACHERON

passo — o rapaz insistiu, tentando não demonstrar o quanto a visão estava turva pela pancada.

A mulher de cabelos curtos agachou-se à sua frente.

— Você gosta de fazer piadas, não é? Faça agora — completou, dando um soco em seu rosto.

— Ow! — Rollo exclamou, levando as mãos atadas à face, genuinamente assustado. — Qual é o seu problema?

— Nesse exato momento, o meu problema é você — a mulher respondeu. — Nós te vimos há algumas horas e optamos por fazer algumas perguntas antes de decidirmos o que fazer com você — explicou, ainda agachada à sua frente.

— Eu posso votar? — ele perguntou, sério.

Em resposta, recebeu outro soco. O terceiro em algumas horas. Sentiu o lado esquerdo do rosto

inchando. Talvez fosse o momento para cessarem as brincadeiras.

— Você está à procura de algo. Ou alguém — a loira aproximou-se e agachou-se ao lado da outra.

Rollo permaneceu calado, observando-as.

— Você está atrás da Sereia do Inferno? — a jovem de cabelos claros insistiu, persuasiva.

A mais jovem dentre as três, a que tinha o cabelo negro e comprido, e fingira estar chorando, juntou-se às outras. Rollo não pôde deixar de notar a sua postura firme, contrastando com a inocência flagrante de seus gestos. A combinação, por algum motivo, causou um nó em seu peito, despertando um instinto de proteção que o rapaz nem sequer sabia possuir.

Não parecia certo que alguém tão jovem

precisasse possuir tanta força.

Observar as três jovens reunidas despertou sua curiosidade e, apesar da agressividade que demonstravam, também sua simpatia.

— Ele é idiota demais para caçá-la, Walkyria — a menina respondeu, dando de ombros.

— Achei realmente ofensiva a sua colocação — Rollo falou, embora estivesse mais sério desde que escutara a menção a Pietra. — E não, não conheço a Sereia e não tenho intenção nenhuma de esbarrar na bruxa — mentiu, encarando a que claramente era a líder. — Agora você pode me soltar? Enquanto vocês não me querem, tenho companhia me esperando em casa — arriscou, sorrindo, tentando não demonstrar a preocupação que todo aquele interrogatório inevitavelmente gerava.

— Você tem razão, Sophia. Mas espere aí!
— A de cabelos curtos, cujo nome descobrira ser Walkyria, pegou seu rosto com uma das mãos e jogou seu cabelo escuro e ondulado para trás. — Sabia que nada em você era estranho. Você é Rollo, o amante da Sereia — exclamou animadamente, soltando-o bruscamente e batendo as mãos sobre as próprias pernas. — Vejam só quem encontramos, meninas!

— É ele! — a mais jovem agitou-se. — É verdade, irmã, como demoramos tanto para reconhecê-lo? Viu, Noelle?

— O rosto dele está todo inchado e roxo — a loira, de nome Noelle respondeu com uma careta. — Dificultou.

— Como sabem quem eu sou? — Rollo perguntou, receoso, mas então pareceu compreender algo e relaxou ligeiramente. — E por

PERIGOSAS NACIONAIS

que a calma se acham que sou amigo da Sereia? Vocês não deveriam querer me matar? — ele disparou a falar, deixando as palavras jorrarem conforme vinham a seus lábios. — A menos que vocês estejam do lado dela — cogitou, investigando-as com os olhos. — Vocês estão do lado dela! — quase gritou de excitação. — Por quê?

— Nós fazemos as perguntas aqui — Walkyria retrucou, tornando a ficar séria, embora seus olhos brilhassem.

— Acho que Pietra gostaria de vocês — ele resmungou.

Noelle sorriu com a resposta, mas Walkyria estava concentrada no trunfo que haviam acabado de encontrar.

— Sabemos que ela confia em você. Nós já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o vimos de longe, e sabemos que sua casa foi o último lugar em que passou antes de desaparecer.

— Vocês estão me seguindo? — Rollo estava sorrindo ao perguntar.

— É óbvio que não. Seguindo a Pietra — Sophia corrigiu-o.

— Hum — ele soou decepcionado, fazendo Noelle sorrir novamente. — E o que vocês querem com ela?

— Queremos ajudá-la a se livrar de toda essa caçada, mas para isso precisamos que ela nos ajude antes — a loira respondeu.

— Quando foi que nós deixamos de fazer as perguntas? — Walkyria repreendeu a irmã, calando-a. — Ela foi até você, você a ajudou com dinheiro e um cavalo. Por que decidiu segui-la agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rollo estava sentindo dificuldade de se concentrar, devido ao rosto e a cabeça que latejavam, porém concluiu que se aquelas três jovens tinham o mesmo propósito, talvez pudessem ajudar uns aos outros. Além disso, elas eram bonitas e pareciam perigosas, o que tornaria sua busca mais agradável e segura.

— Nikolau Fagertun é o caçador encarregado dessa missão — ele começou, afastando qualquer resquício de humor no tom da voz pela primeira vez desde que encontrara com as irmãs.

— O caçador aposentado? — Walkyria interrompeu-o. — Aquele conhecido por já ter capturado mais bruxas do que é possível contar?

— Sim. Eu arriscaria dizer que seu filho foi sequestrado para obrigá-lo a voltar à ativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As três mulheres pareciam genuinamente surpresas e interessadas no que ele tinha a dizer.

— Ele mora perto de você, não é? — Sophia, a mais jovem, questionou.

Foi a vez de Rollo erguer as sobrancelhas, surpreso.

— Vocês realmente sabem tudo, não? — diante do silêncio delas, continuou. — Mas sim, ele mora. E descobriu para onde Pietra está indo, por isso estou tentando alcançá-la. Preciso alertá-la.

— Para onde ela está indo? Como você sabe que o caçador... — Walkyria interrompeu a própria pergunta ao notar a expressão de Rollo mudando. — Você a entregou? Você a traiu? — gritou, levantando a espada.

— Eu nunca a trairia! — Rollo berrou em resposta, com toda a honestidade de seu ser. — Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prefiro morrer — completou em um sussurro fraco, os olhos cerrados enquanto ofegava. Apesar da flagrante sinceridade em suas palavras, sua expressão revelava a culpa que o machucava. A dor que o tingia desarmou as irmãs.

— Então como sabe? — Sophia insistiu.

— Eu estava completamente bêbado e inconsciente, mas aparentemente falei mais do que devia. E Nikolau estava por perto para escutar — disse de uma vez, como se a confissão pudesse aliviar a culpa que carregava em seu peito.

Walkyria mordeu a própria mão com raiva.

— Você é realmente um imbecil — vociferou, irritada.

— Eu sou — confirmou, encarando-a com olhos verdes intensos —, mas eu faria de tudo para não ser com ela. Ela vai me encontrar a tempo, e

PERIGOSAS ACHERON

conseguirá sair de Litin.

— Para onde ela está indo? — Noelle perguntou.

O rapaz relutou alguns instantes para contar, permanecendo em silêncio enquanto pesava tudo o que havia acontecido nos últimos dias.

— Nós somos a sua melhor chance de encontrá-la, e você é nossa melhor chance de fazê-la escutar — Walkyria respondeu. — Para onde Pietra está indo? — repetiu a pergunta da irmã, adiantando-se alguns centímetros em direção ao rapaz. Continuava agachada, os olhos cravados nos dele, a proximidade tão grande que sentia sua respiração tocar sua pele.

Rollo lambeu os lábios, observando as marcas em seu rosto jovem e a forma como as outras duas moças se posicionavam a seu lado,

PERIGOSAS NACIONAIS

fortes, corajosas e obedientes. Sabia que a morena tinha razão.

— A Sereia vai para o porto — respondeu, suspirando. — E o caçador também.

Os olhos negros de Walkyria brilharam satisfeitos com a resposta. Em seguida, a mulher ergueu a espada com força, fazendo-a descer, furiosa, em direção ao rapaz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

O cavalo branco cedido a Pietra se misturava ao cenário branco da floresta. A neve voltara a cair, cobrindo toda a extensão daquela área e conferindo-lhe um ar cândido, um santuário maculado apenas pelas vestimentas negras da bruxa, que avançava rapidamente. O animal que a levava era realmente ágil, mas seus pensamentos moviam-se com uma velocidade ainda maior.

Que encontro completamente inesperado fora aquele? Pietra não fazia ideia de que alguém pudesse conhecer seu segredo. Nem mesmo parte dele.

Ver aquelas três mulheres oferecendo e pedindo ajuda despertou em seu íntimo o que de melhor havia nele. Porém, paradoxalmente, também despertou o pior, afinal os dois extremos humanos comumente se conectavam em uma

PERIGOSAS NACIONAIS

amálgama de emoções. O amor frequentemente estava vinculado ao ódio; a expectativa, quase sempre, à decepção.

A evidente cumplicidade entre as irmãs e a coragem que todas possuíam faziam-na lembrar-se de valores que imaginava não mais existirem. Faziam com que se lembrasse de si mesma, recordando as memórias a respeito dos motivos pelos quais corria solitária ao lado de um lobo. Assim, mesmo sem conhecê-las, não tinha dúvidas de que somente a dor e o sofrimento poderiam tê-las levado até o ponto de interferirem em uma caça, em busca de uma lenda do inferno. Estava familiarizada com o sentimento.

Talvez as similaridades tenham sido as responsáveis por fazer com que Pietra hesitasse pela primeira vez em todos aqueles anos, incutindo-lhe uma temerária sensação de pertencimento.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda assim, a bruxa não havia se esquecido, nem por um segundo, da diferença marcante entre ela e as três mulheres: elas não eram a Sereia. Elas não eram possuidoras daqueles olhos. Elas não tinham seu rancor e não tinham, especialmente, um alvo em suas costas e um fardo sobre os ombros.

Para Pietra, só havia um caminho a seguir, e nele só poderia haver volta caso cumprisse uma única condição: a de trazer consigo todo o fogo que pudesse reunir.

A Sereia não gostava de Litin, não gostava das pessoas e muito menos de seu Rei, mas não podia evitar sentir o desejo e a vontade de voltar àquele cemitério quando tudo terminasse. Metade do que já fora um dia repousava sob o solo, embaixo da enorme árvore de galhos eternamente secos.

Instintivamente, Pietra levou a mão à

PERIGOSAS NACIONAIS

corrente presa em seu pescoço, ao final da qual uma pedra vermelha pulsava sobre seu peito alvo. Em suas lembranças, um riso cheio de vida surgiu, inundando-a de um calor agradável, uma sensação de completude. Era insólita a comoção de experimentar seu corpo sendo preenchido, quando já estava há tanto tempo vazio, abandonado por sua própria alma. No entanto, tão logo a realidade abraçou-a novamente, e o silêncio voltou a tomar conta de seu ser, Pietra sentiu como se a temperatura houvesse caído, tornando aquela noite ainda mais fúnebre.

Simultaneamente, sentiu também o estômago reclamar dolorosamente, e concluiu que após mais um longo dia de fuga incessante e sem refeições, deveria parar e alimentar-se.

Seu corpo poderia sobreviver sem alma, mas ainda não sem comida.

PERIGOSAS ACHERON

Pietra desmontou do animal e concentrou-se para ouvir qualquer som que denunciasse que tinha companhia. Para sua infelicidade, pensou ter escutado novos sussurros. E dessa vez não eram as três irmãs, ela podia pressentir.

Quem quer que fosse, porém, não sabia exatamente onde ela estava. A julgar pelo leve ruído dos tecidos atritando e do couro afundando na neve, estavam procurando por alguém. Se não havia sons de cavalo, a jovem concluiu que seus perseguidores ao menos sabiam que estavam próximos, e por isso haviam deixado o animal para trás.

Sopesando suas opções, decidiu que contra duas pessoas, ainda que fossem dois homens, estaria mais segura lutando do que fugindo. Decidida, pensou em Fenrir. Sabia que o lobo não estava longe, porém, naquele momento, precisava

dele perto. O mais perto possível.

Levou a mão à boca e deixou que os dentes fincassem na própria carne. Quando um pedaço se abriu e o sangue jorrou, esfregou a pele machucada nos troncos de várias árvores, em todas as direções.

— Fenrir — chamou baixinho.

Deu passos lentos e silenciosos em direção aos sons, mas não conseguiu ver ninguém. Teria que avançar mais, mas achou que seria um risco desnecessário.

Odiando ter que dar as costas para o lado em que os perseguidores estavam, voltou alguns metros da direção de onde viera. Repetiu o movimento anterior, e começou a escalar uma árvore. Amaldiçoou o vestido longo que usava e ansiou pela oportunidade de trocá-lo por calças. Como confirmação à sua raiva, seu pé direito

enroscou no tecido, fazendo-a despencar.

Pietra arfou, mas conseguiu agarrar-se ao tronco novamente. Irritada consigo mesma, imprimiu velocidade em seus gestos, tentando recuperar a distância que perdera com a queda.

Manteve-se concentrada, toda a sua atenção na tarefa de desaparecer em meio aos galhos e folhas. Da mesma forma que o atrito das mãos e dos pés penetravam a mente da Sereia, como sons distantes, danificando o profundo silêncio em que estava imersa, lascas do tronco perfuravam as mãos e pés da bruxa a cada vez que fazia força para sustentar o peso do corpo durante a escalada.

Subia centímetro a centímetro, tendo como companheiros a dor e o silêncio.

Subia, deixando um rastro de seu sangue conforme avançava, bem como abandonando

qualquer resquício de humanidade que ainda pudesse subsistir em seu âmago. Se era caçada como um animal, o que a impediria de atacar como um?

Mas então sentiu como se algo cortasse o ar bem ao lado de seu ouvido direito. Um zunido agudo causou-lhe arrepios. Um sutil vento gélido beijou-lhe o pescoço. A compreensão levou apenas uma fração de segundos para lhe atingir; mas não houve tempo para qualquer reação.

A flecha que passara voando rente a seu rosto já transpassava sua mão, perfurando-a e prendendo-a à árvore.

Caçadores.

Com um impulso, jogou as pernas ao redor do tronco, prendendo seu corpo da melhor maneira que conseguiu, e usou a mão boa para arrancar a

seta que a prendia ali. Soltou-se no segundo em que outra flecha zuniu em um voo muito próximo à sua cabeça.

Ao tocar o chão, sentiu uma leve vertigem, que ignorou. Virou-se e olhou furiosa para seus caçadores.

Dois homens de estatura média e cobertos por casacos surrados encaravam-na. Um deles, careca, usava uma pele cinzenta sobre o corpo e mantinha uma flecha apontada para Pietra. O de cabelos escuros, completamente envolvido em um casaco de pele marrom, tinha os músculos todos tensionados. A Sereia observou que um de seus ombros estava a alguns centímetros atrás do corpo do primeiro caçador.

Ele me teme, refletiu.

— Viemos caçar animais e encontramos a

PERIGOSAS NACIONAIS

Sereia! — o caçador exclamou, investigando-a com os olhos. — Quando percebemos que uma mulher andava sozinha pela floresta, parecendo completamente à vontade nas sombras, desconfiei que poderia ser você, embora quase não a tenha reconhecido com esse cabelo, feiticeira. Mas vendo esses olhos... Tenho certeza — Pietra notou que apesar da boa mira do careca, agora que ela o fitava, sua mão tremia ligeiramente. Concluiu que ele também a temia. Não estava nos planos de nenhum deles cruzar com ela no caminho.

Que azar. Deles.

Continuou olhando-os nos olhos, séria, profunda e perigosamente. Deu um passo à frente.

— Não chegue perto! — o segundo caçador gritou.

É claro que ela chegaria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda sem desviar o olhar, deu mais um passo. Quando firmou o pé no chão, contudo, sentiu a perna fraquejar. Sorriu tentando prender a atenção dos homens em seu rosto; não podia revelar qualquer vulnerabilidade.

— Nenhum de vocês me assusta. Posso cuidar de cada um com uma mão. — A Sereia ergueu a que estava ensanguentada e lambeu-a lentamente. — E eu tenho duas.

O arco que o caçador segurava tremeu visivelmente, mostrando a insegurança oriunda de sua ameaça.

Aproveitando-se daquele único instante, Pietra rapidamente retirou uma adaga presa em sua bota, e arremessou-a na direção do caçador. Assustado, o homem soltou a arma e pulou para o lado esquerdo, tentando se esquivar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentindo-se completamente zozza, a Sereia correu para trás de uma árvore.

— Fenrir — chamou novamente, a voz escapando em um sussurro.

Com as pernas fraquejando, Pietra sentiu que não conseguiria mais sustentar o peso do próprio corpo. Encostou-se em um dos troncos e fechou os olhos, em uma tentativa de fazer cessarem as imagens que rodavam, causando-lhe náuseas.

A respiração saía com esforço, parecendo disputar espaço com a bÍlis que subia até sua garganta.

Pietra notou o coração disparando, batendo forte contra seu peito, que parecia prestes a explodir a qualquer momento. GotÍculas de suor formavam-se em seu rosto e em seu colo, assim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como suas mãos pareciam completamente molhadas.

Um incômodo formigamento começava em seus dedos, avançando por cada um de seus membros, entorpecendo-lhe pouco a pouco conforme se alastrava.

Suas veias pareciam rios de lava, queimando-a por dentro, ao mesmo tempo em que um violento frio castigava sua pele.

Toda e qualquer parte de seu corpo pedia por socorro. Estômago, peito, cabeça.

Em um ligeiro momento de lucidez, conseguiu compreender o que acontecia. A flecha que a atingira tinha veneno. Pietra podia senti-lo correr por suas veias, consumindo-a pouco a pouco, absorvendo cada resquício de vitalidade de seu ser. No entanto, ela sabia que a substância servia apenas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para dopá-la, para desnortear animais pesados e desmaiar bruxas. Precisava ser levada viva ao rei para ter algum valor para aqueles homens. Não morreria ali. Não daquela forma.

Usou tudo o que restava de si para tentar controlar a respiração e os sentidos, antes de voltar a falar.

— Fenrir vai ficar feliz em saber que vieram em dois — disse, sentindo a força se esvaindo com o esforço, mas ainda assim seu tom de voz saiu gelado e ameaçador. — Um homem para cada um de nós.

Ao dizer essas palavras, a Sereia correu em direção a outra árvore, afastando-se como podia de onde os caçadores estavam. Tinha a impressão de ouvi-los caminhando bem a seu lado, de sentir suas asquerosas respirações no pé de seu ouvido, porém sabia que não podia confiar em seus sentidos. Tudo

PERIGOSAS ACHERON

a seu redor girava.

— A carne de vocês é boa? — perguntou, esforçando-se para manter a voz firme enquanto se movia para outra direção. — É Fenrir quem se interessa. — Foi para trás de outra árvore. — Eu prefiro o sangue — disse, passando as unhas por um tronco, e forçando-se a se agarrar à consciência, que parecia prestes a esvair-se por completo.

Pietra parou, respirando fundo. Tinha certeza de que os tinha apavorado. Os dois covardes ficariam escondidos até que o veneno cumprisse seu propósito, e somente então teriam coragem de capturá-la. Percebeu que não demoraria para que tivessem a oportunidade de fazê-lo, já que não sentia mais parte alguma de seu corpo. Sua mente era tudo que lhe restava e, portanto, se não agisse agora, não haveria mais tempo.

Retirou um frasco que repousava entre os

PERIGOSAS NACIONAIS

seios, e forçando-se a parar o tremor das mãos, despejou um pouco do veneno que trazia consigo em quatro facas que tinha em suas vestes. Usaria da mesma estratégia, embora a sua substância fosse muito diferente da utilizada pelos caçadores. E eles logo notariam.

Observou as imagens rodopiantes com o máximo de atenção que conseguiu utilizar. Procurava pelas pegadas dos homens. Avistou-as sumindo atrás de uma enorme rocha que se destacava naquela parte da floresta. Os caçadores fugindo da presa. Essa situação era, possivelmente, a única capaz de despertar-lhe afeição.

Reunindo toda a sua força para ignorar as imagens que apareciam borradas e dançantes a seu redor, caminhou com passos vacilantes em direção à imensa pedra negra, cuja superfície estava coberta de neve, em um flagrante contraste de cores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisava aproximar-se o suficiente para fazê-los sair de trás dela, já que não conseguiria acertá-los da forma como estavam... Não com o veneno percorrendo sua própria corrente sanguínea.

Pietra tropeçou, mas faltavam somente alguns metros.

Apoiando-se nos troncos conforme avançava, conseguiu ver o perfil do caçador careca, com as costas coladas contra a rocha. Seu rosto brilhava com o suor, e uma de suas mãos cobria a própria boca, em uma tentativa de calar a respiração ruidosa que lhe escapava.

Covarde, Pietra pensou. Tentara enfrentar alguém que era superior a ele na cadeia alimentar e agora se escondia, esperando que o veneno a apagasse.

Por mais nojo que sentisse pelos homens

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que acabara de conhecer e, mais ainda pelo Rei que os colocara em seu caminho, não podia deixar de agradecer ao monarca. Convencer as pessoas a temerem-na como uma fera sedenta por sangue fizera-lhe tanto mal quanto bem.

A jovem sabia, como ninguém mais, a importância de tal sentimento. Se o medo existia, ela faria bom uso dele. Que fosse sua ferramenta para matar e fazer fugir quem quer que se aproximasse.

Pegou uma das facas e arremessou o melhor que pôde com a mão boa. O veneno não poderia entrar em contato com seu sangue já contaminado. A arma bateu na rocha e caiu, mas cumpriu seu propósito.

Os dois homens saltaram assustados de trás dela, fazendo-se integralmente visíveis diante de seus olhos embaçados. Um deles, em uma resposta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

instintiva, puxou mais uma de suas flechas e rapidamente a disparou em direção ao rosto de Pietra. Novamente, a jovem sentiu o movimento da arma, rasgando o ar, muito próxima de sua pele. Mas dessa vez não foi atingida.

Três facas restantes.

A sereia moveu-se para a direita, porém em sua visão turva havia quatro homens, com contornos embaçados. Escolheu o que parecia mais real e atirou.

Ouviu um deles arfar. Tinha certeza de que acertara. Estava zozna, mas não alucinando.

Duas facas restantes.

Mais uma flecha que voou.

Pietra não conseguia enxergar mais do que um palmo à sua frente, mas ainda não podia revelar sua situação de desvantagem.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela já deveria ter caído! — Escutou um deles gritar assustado.

A Sereia podia notar através da voz trêmula e desesperada, bem como das flechas que passavam cada vez mais distantes de onde estava, que os caçadores estavam nervosos, apavorados. Ela precisava mantê-los acreditando que havia motivo para tanto.

Olhou para o céu e gritou alto, estridente, arrepiante.

— Morram! — berrou.

Mais uma flecha. Roçou sua perna.

A ruiva calculou instintivamente de onde veio o disparo e arremessou mais uma faca na mesma direção. Nenhum sinal de acerto.

Uma faca restante.

Não havia tempo para pensar. A consciência
PERIGOSAS ACHERON

ameaçava abandoná-la.

Pietra arremessou.

Errou novamente.

Ouviu passos e o estrondo de um corpo atingindo o chão. O homem que acertara com uma das facas havia caído.

— Meu veneno mata, não adormece, como vocês tentaram comigo — falou, autoritária.

Os joelhos fraquejaram, e a Sereia não conseguiu mais se manter em pé.

— Você matou César! — uma voz masculina acusou-a. Pietra reconheceu como sendo a do careca. — Espero que o Rei Durian a coloque em uma fogueira, e que você asse, sentindo cada centímetro de sua pele queimar antes de finalmente morrer! — completou.

A bruxa tentou levantar-se, porém voltou a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cair. Estava praticamente inconsciente, mas o caçador ainda não se aproximava. Ele não chegaria perto enquanto ela não estivesse completamente desmaiada.

Covarde, voltou a pensar.

Quando tempo tinha aquele segundo?

Pietra não tinha controle sobre mais nenhum de seus membros. A grande Sereia do Inferno estava sucumbindo diante de um medroso caçador de animais.

Covarde. Esse pensamento já havia cruzado sua mente?

Permitiu-se fechar os olhos. Descansaria suas maiores armas.

Como uma canção de ninar para sua melancolia, Pietra ouviu, antes de desmaiar, o uivo de um lobo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E então a escuridão tomou conta de tudo.
Dentro e fora da jovem havia trevas, e somente trevas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A distância parecia aumentar na mesma proporção dos avanços de Nikolau. Quanto mais depressa cavalgava, mais inalcançável seu destino se tornava. Era como se a mente adorasse pregar peças, parecendo manipular o tempo a seu bel prazer, fazendo-o lento quando desejado veloz, assim como o inverso. Era o tempo sendo utilizado como instrumento de tortura pelas próprias aspirações, constatou, tendo certeza de que se tivesse a companhia do filho, aquela mesma viagem teria passado tão rapidamente quanto um piscar de olhos.

Porém, apesar de tudo, Nikolau sabia que não demoraria mais do que algumas horas para chegar ao porto. Pelos seus cálculos, Pietra, por sua vez, já chegaria ao anoitecer. E os guardas da cidade já estariam fazendo sua parte àquela hora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquele momento, contudo, o caçador sentava-se em uma estalagem à beira da estrada, os braços cruzados sobre a mesa de madeira, enquanto observava o ambiente ao seu redor. O local era bastante simples, característica essa que o tornava confortável. Nikolau não se sentia à vontade em contato com o nobre; muito pelo contrário, incomodava-o em demasia. Lembrava-o da arbitrariedade existente nas extravagâncias e imoderações de quem possuía títulos, sempre conquistadas em detrimento daqueles que já não possuíam sequer o suficiente para viver. Era como se tirassem a água dos pobres para produzir o vinho dos ricos.

Ali, fizera uma rápida parada para tão somente tomar seu desjejum, antes do que esperava serem as últimas horas de sua missão, após o longo tempo que passara cavalgando.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela estrada, havia ao menos uma dúzia de estalagens por conta da movimentação decorrente do porto que se situava a alguns quilômetros, mas Nikolau escolhera aquela pelo tamanho do estábulo que tinham. Bestian havia se esforçado muito para realizar o longo trajeto até ali nos últimos dias, motivo pelo qual o caçador achou que merecia uma reforçada alimentação e algum descanso. Ainda teriam a viagem de volta.

Com o casaco cinza cobrindo até mesmo sua cabeça, estava no canto mais isolado do saguão, enquanto uma senhora e um garoto mais velho do que Noah serviam os cafés da manhã. A mulher permanecia atrás de um balcão de madeira, recolhendo moedas e sorrindo docemente para quem se aproximava. Com uma agilidade, que denunciava a sua experiência, enchia canecas de vinho e cerveja e as entregava, uma após a outra,

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre com um comentário amistoso. O rapaz, por sua vez, desaparecia a cada poucos minutos por uma porta atrás do balcão, e voltava equilibrando pratos de succulenta aparência nos braços. Caminhava até as velhas mesas espalhadas pelo lugar, as quais estavam todas ocupadas, deixando atrás de si um rastro do aroma de bacon e ovos.

Nikolau optara por uma sopa quente para afastar o frio daquela aurora, e enquanto a engolia, folheava as folhas do livro de Noah que levava consigo. Havia anotações nas margens de algumas páginas, e ver a letra infantil e redonda do filho fez o coração do caçador reduzir-se ao tamanho de uma das ervilhas que ingeria sem qualquer vontade. Por um instante, ao ver a caligrafia do menino, Nikolau também sentiu a presença de Eloyse a seu lado, quase conseguindo vislumbrar seu rosto sereno, com aquela expressão de luminescência que

PERIGOSAS ACHERON

passara a ter depois de descobrir que estava grávida.

— Agora que você irá parar de caçar, poderá aprender a ler para depois ensinar nosso filho ou filha. — Seus olhos amendoados cintilavam de alegria.

Nikolau jamais fora um homem de muitas palavras e sorrisos, mesmo enquanto crescia, mas Elyse conseguia fazer dele o melhor que podia ser. Nos raros dias em que suas memórias não surgiam distorcidas para assombrá-lo, ele buscava lembrar-se de como seu rosto delicado e bonito era de fato. Esforçava-se para se lembrar de seu cheiro doce e dos calos em suas pequenas mãos.

Eloyse fora a primeira mulher que amara, e Nikolau não tinha dúvidas de que seria a última. Nem mesmo a precoce morte da esposa fora capaz de arrancar os sentimentos tão profundamente

enraizados em seu âmago. O caçador acreditava que mesmo quando fosse a sua vez de fechar os olhos, Eloyse ainda estaria presente em seu ser.

Naquele momento, contudo, tinha consciência de que não partilhavam o mesmo mundo, e a única chance de salvá-la e salvar a si mesmo era entregando a Sereia ao rei, e resgatando o pedaço de seu coração que batia preso em algum lugar do castelo real. Assim, decidindo que era a hora de rumar para o porto e finalmente capturar a bruxa, Nikolau levantou-se e caminhou até o já desgastado balcão de madeira atrás do qual a senhora Margareth, dona da estalagem, limpava o chão.

O caçador colocou algumas moedas sobre a superfície e virou as costas.

— Espere, meu filho — a mulher chamou-o, com a voz doce.

Nikolau voltou-se, contrariado, e encarou os olhos vivos e negros da senhora.

— O que quer? O dinheiro não é suficiente?
— perguntou, impaciente.

Para sua surpresa, Margareth ignorou as moedas e aproximou-se, colocando as mãos sobre seu rosto. Nikolau recuou, completamente aborrecido com o gesto, mas não conseguiu se desvencilhar. As mãos enrugadas e frias, apesar de leves, seguravam-no com firmeza.

— Posso ver as marcas em você, meu jovem — ela comentou em um tom de pesar.

— Somente um cego não consegue ver minhas cicatrizes — respondeu rudemente, puxando o casaco para mais perto do corpo.

A senhora sorriu, triste.

— As marcas em seus olhos e em sua alma

dizem muito mais do que as suas cicatrizes.

Nikolau sentiu o coração saltar em seu peito. Não eram as palavras da senhora que o impactavam. Eram seus olhos negros, profundos e intensos, que faziam calafrios percorrerem sua espinha.

— Eu não tenho tempo para tolices — conseguiu dizer, livrando-se do toque em seu rosto.

— Eu sei qual é a sua missão — Margareth insistiu, segurando uma das mãos de Nikolau sob a luva de couro quando ele tentou se afastar.

— Então deveria me agradecer e me deixar partir — o caçador rosnou, insatisfeito com a aproximação da senhora e principalmente com o efeito que ela lhe causava.

Por que tinha a estranha sensação de que a postura da mulher de alguma forma o invadia? Que

ela se dedicava a vê-lo, que não tinha medo de sustentar o seu olhar, quando todos os outros o tinham? Por que aquela experiência o fazia sentir que ela realmente o enxergava?

Nikolau sentia uma estranha inquietação em seu peito. A senhora exercia um impacto inóspito, uma atração sacrílega, um peso em seus ombros e pernas.

— Essa caça em muito se assemelha às antigas que realizou... — Apesar de contrariado, o caçador escutava-a com atenção. Não conseguia evitar. — Embora você talvez ainda não veja isso.

— É uma bruxa, e eu vou capturá-la. Sim, vejo as semelhanças — Nikolau retrucou, a inquietação aumentando em seu peito.

A mulher sorriu, solidária.

— Quais os crimes que ela cometeu? —

questionou calmamente, como se discutisse os erros de um cachorro, e não os de uma mulher fatal.

— Assassinatos, blasfêmia, torturas, roubo, culto ao demônio — respondeu de pronto.

— E quais crimes foram cometidos contra ela? — a senhora perguntou sorrindo, como se falasse com uma criança.

Nikolau não entendeu a pergunta, mas ao notar o aperto no peito aumentando a ponto de ameaçar lhe sufocar, irritou-se. Puxou a própria mão, com violência, libertando-se do contato com a mulher. Talvez também ela fosse uma bruxa. Somente uma feiticeira poderia buscar razões para defender outra.

Lendo a reação no rosto do caçador, a mulher sorriu novamente.

— Que Deus te abençoe e acompanhe. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Margareth olhava-o como um filho perdido e necessitado de orientação. — E que você possa enxergar. Ainda assim, espero que finalmente encontre a Sereia do Inferno e faça o que precisa ser feito.

Nikolau fitou-a por não mais do que um instante, enquanto tentava decifrar o significado de seus comentários. Concluiu, no entanto, que palavras eram superestimadas e que pouco poderiam influir na missão que tinha pela frente. A senhora podia falar o quanto quisesse, poderia listar todos os demônios a que Pietra pudesse ter sobrevivido, e ainda assim não mudaria nada. A jovem continuaria sendo uma bruxa e mais importante: continuaria sendo o preço a ser pago para que recuperasse Noah.

E para isso, sim, Nikolau faria o que precisava ser feito. Ou morreria tentando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A espada desceu com violência em direção a Rollo. Ele cerrou os olhos com força, esperando pela dor excruciante que certamente antecederia a escuridão eterna. Ao contrário do que tanto se falava, não viu a vida inteira revelar-se em fragmentos rápidos de visões. Nos milésimos de segundos em que esperou pela morte, tudo o que havia eram as batidas irregulares de seu coração e a esperança desesperada de que houvesse uma mudança no cenário em que se via preso.

E para alívio de Rollo, contrariando suas expectativas, quando a espada finalmente atingiu seu objetivo não foi sua cabeça que rolou. Foram as cordas que prendiam suas mãos.

Abriu os olhos, assustado, tentando certificar-se de que ainda estava vivo, e encontrou o rosto sério de Walkyria soltando também as

PERIGOSAS NACIONAIS

amarras de seus pés. O alívio impactou-o tão fortemente quanto o medo. O peito finalmente pareceu livre, e a respiração voltou a circular regularmente. Contudo, a comoção decorrente da certeza de que seria assassinado agitou também seu estômago. Rollo sentiu uma intensa contração e, um instante depois, vomitava sofregamente.

— Maldito! — Walkyria reclamou, dando um passo para trás e desequilibrando-se com a pressa em se afastar.

Quando Rollo terminou, levantou-se, cambaleante, e esfregou a manga da camisa para limpar a boca. Pressionou o rosto, onde a jovem havia batido, e notou que estava inchado.

— Achei que você ia me matar — disse, ainda tentando recuperar o controle dos sentidos.

— Eu também achei — Walkyria

PERIGOSAS ACHERON

concordou, guardando a espada na bainha —, mas isso não significa que não o matarei se não montar logo neste cavalo e nos ajudar a conversar com a Sereia.

O rapaz imediatamente dirigiu-se até o animal e fez como ordenado.

— Então vamos — assentiu, resignado. A fraqueza no estômago e as dores decorrentes das pancadas lembravam-no de que não teria qualquer chance contra as mulheres. Não havia nada que pudesse fazer para impedir que elas o acompanhassem. Sentia como se continuasse preso, apesar de Walkyria ter soltado as cordas que amarravam seus pés e mãos, O que o consolava era saber que partia rumo a Pietra... O restante poderia resolver depois.

Assim, ele e as três irmãs então partiram em direção ao porto, porém como possuíam somente

três cavalos, Sophia e Noelle cavalgavam no mesmo, enquanto a irmã mais velha e Rollo iam lado a lado, sozinhos em seus animais. Avançaram em silêncio por uma longa distância, mas quando a noite chegou e a neve começou a cair em flocos delicados, o grupo viu-se obrigado a reduzir a velocidade.

— Está desconfortável? — o rapaz perguntou para a caçula, cujos braços estavam em torno da cintura de Noelle. — Podemos trocar se você quiser. Fique com esse cavalo aqui todo para você — ofereceu, dando uma palmada de leve em seu dorso. — E eu vou com sua irmã.

— Se você disser isso mais uma vez, vou cortar sua língua — Walkyria ameaçou. — Você não precisa dela para ser reconhecido pela Sereia.

— Você está certa — ele respondeu, sorrindo. — Porém, apesar de Pietra certamente ser

capaz de me reconhecer pelos lindos olhos verdes que possuo, talvez a língua ajude-a ter certeza de que sou eu. Afinal, ela teve grandes oportunidades de conhecê-la.

Sophia fez uma careta, mas Noelle riu discretamente. Rollo devolveu o sorriso, satisfeito.

— Eu juro por Deus — Walkyria falou com os dentes trincados —, pare de fazer gracinhas para minhas irmãs ou...

— Pare com isso, Walkyria — Noelle interrompeu para surpresa de todos eles. — Você não precisa ficar me defendendo. Eu não preciso que você o faça.

O olhar fuzilante de Walkyria, que Rollo imaginou fosse reservado exclusivamente a ele, foi lançado em direção à loira. A irmã mais velha, contudo, limitou-se a assentir com a cabeça e a

voltar os olhos para o caminho que se estendia à sua frente, entre as árvores.

— Pietra já deve ter saído da floresta a essa hora. Na verdade — olhou para o céu enquanto pensava —, com a velocidade do cavalo que deu a ela e o tempo que ficamos parados, imagino que já esteja há horas na estrada.

— Talvez já esteja chegando ao porto — Sophia concluiu.

— Isso quer dizer que estamos a cerca de um dia atrás dela? — Noelle indagou, preocupada.

— Quase isso, acho — Walkyria confirmou, a voz revelando a tensão que o atraso gerava.

— É possível que ela parta antes mesmo de chegarmos? — a loira voltou a perguntar, diante do significativo tempo que a Sereia teria antes que o

grupo se aproximasse o suficiente do porto.

Todos os olhos se voltaram instintivamente para Rollo.

— Não adianta olharem para mim. Só conto o destino de Pietra se perceber que ela confia em vocês — respondeu, firme.

Nenhuma delas retrucou, já que na realidade entendiam a condição do rapaz. Por melhores que pudessem ser suas intenções, Rollo não as conhecia e, portanto, não poderia correr o risco de trair a confiança de Pietra. As irmãs, da mesma forma, não haviam contado o que as motivava.

Alguns segredos eram como pragas. Uma vez soltos, causavam destruição a tudo o que encontravam em seu caminho.

— Como é ser uma bruxa? — Rollo perguntou de súbito.

PERIGOSAS NACIONAIS

As irmãs olharam-no surpresas com a indagação. Walkyria fitou-o, certa de que ele fazia outra de suas piadas. No entanto, o rosto do rapaz não aparentava divertimento, mas sim curiosidade. Talvez até mesmo um pouco de fascínio.

— Por que não fez essa pergunta a Pietra?

— Noelle questionou, desafiando-o.

— Eu fiz — Rollo sorriu, misterioso. — Mas ela se recusou a responder. Ah! — então pareceu lembrar-se de algo. — Ela me perguntou como era ser uma pessoa normal.

Noelle riu, e até mesmo os lábios de Sophia inclinaram-se timidamente.

— Vocês não a conhecem direito, mas é típico...

— Cale a boca — Walkyria interrompeu em um tom baixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos obedeceram ao notar a urgência em sua voz. A expressão do grupo alterou-se bruscamente, revelando a tensão e adrenalina que percorriam cada osso e ligamento. Naqueles dias de inquietação e violência, com o governo propondo a agressão e a hostilidade, ninguém sabia ao certo quem deveria ser caçado em nome da paz. E na ânsia de descobrirem, todos queriam se tornar caçadores, sem perceber que, com o medo os motivando, eram, na verdade, presas. Do rei. Da guerra. E uns dos outros.

— Ouvi o som de um trote — a mais velha sussurrou enquanto desmontava do seu cavalo.

As irmãs ameaçaram imitá-la, mas a morena meneou a cabeça negativamente, impedindo que o fizessem.

— Esperem aqui — ordenou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os olhares carregados acompanharam seus movimentos cautelosos.

Walkyria desembainhou a espada e avançou por entre as árvores com a arma em riste, enquanto o restante do grupo prendia a respiração ao vê-la avançar. Os olhos da irmã mais velha estavam muito abertos, atentos a qualquer sutil movimentação no ambiente, tentando sorver tanto quanto possível a despeito da ausência de luz. Seu coração batia no mesmo ritmo de seus passos. Lentos e moderados.

Controlar o medo que sentia era tão necessário quanto empunhar sua arma corretamente, já que, do contrário, ambos poderiam ser usados em seu desfavor.

A espera para que a surpresa, que se escondia naquele cair de noite, se revelasse havia transformado o ar em um pesado martelo, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ameaçava esmagar seus ossos a qualquer momento. Ainda assim continuou, desaparecendo entre a vegetação e fazendo-se invisível aos olhos de seus companheiros.

Quando o fez, Rollo trocou um olhar receoso com as irmãs e desmontou do cavalo, sendo seguido por Noelle e Sophia.

— Ela nos mandou esperar aqui — murmurou a caçula, nervosa.

— Sim, eu mandei.

Sobressaltadas, as três pessoas olharam para a direção da voz. Walkyria já voltava a passos largos, com um leve sorriso pendendo sobre seus lábios. Os seus ombros pareciam relaxar, despencando centímetros.

— O que era? — Sophia adiantou-se em direção à irmã.

PERIGOSAS ACHERON

Parou, contudo, quando viu que a mão de Walkyria, que antes empunhava a espada, puxava algo atrás de si. Segundos depois, um cavalo inteiramente branco, de porte esbelto e patas finas e compridas surgiu. O animal tinha algumas folhas sobre o dorso, grudadas em seu pelo claro e molhado.

— Nevasca! — Rollo correu em direção ao animal e sorriu ao acariciar sua cabeça. — O que aconteceu? — perguntou, olhando nos olhos negros do cavalo. Tão logo terminou de proferir as palavras, pareceu lembrar-se do motivo pelo qual o animal não estava em casa em primeiro lugar.

— Pietra — Noelle leu em seus olhos.

— Encontrei-o perdido e desorientado — Walkyria explicou, preocupada. — Não havia qualquer sinal da Sereia por perto.

— Por que ela teria deixado o cavalo? —
Sophia voltou a questionar.

— Não acho que ela teria deixado de propósito — Noelle respondeu em um tom de voz cauteloso.

— É claro que ela não foi capturada — Rollo retrucou antes mesmo que pudessem cogitar em voz alta tal possibilidade, subitamente irritado. — Deve ter decidido seguir a pé por alguma razão. Talvez para chamar menos atenção — conjecturou apressadamente. — Talvez o cavalo ficasse fazendo-a se lembrar de mim — apesar de fazer piada como de costume, sua expressão estava séria, e nem mesmo ele parecia achar graça dos próprios comentários.

— E se ela tiver sido capturada, irmã, o que faremos? — a jovem de longos cabelos escuros indagou. Walkyria abria a boca para responder

quando foi interrompida pela explosão de Rollo.

— Ela não foi capturada! — gritou com a voz trêmula.

— Acalme-se! — a mais velha ordenou ríspidamente.

O rapaz deu passos para ambos os lados, passando as mãos sobre os fios ondulados.

— O que é isso que você sente pela Sereia? — Noelle questionou, e embora sorrisse, seu rosto aparentava um certo desgosto e contrariedade. — Quando se refere a ela, você não parece em nada com o bêbado conquistador que descrevem em Evje.

Os olhos verdes de Rollo fitaram-na por alguns segundos antes de começarem a relaxar.

— Eu não sei — respondeu honestamente, enquanto soltava o ar preso em seus pulmões.

O silêncio voltou a preencher o grupo, obrigando Walkyria a dar um passo à frente.

— A verdade é que não sabemos o que aconteceu — falou com autoridade, não deixando brechas para questionamentos. — Pietra pode ou não ter sido capturada — diante do olhar desesperado de Rollo, pensou ter sentido o que se assemelhava a uma certa simpatia pelo rapaz, uma pequena quantidade apenas —, embora eu não acredite que tenha sido. De qualquer forma, não temos como ter certeza, a não ser seguindo para o porto, como temos feito — Walkyria olhou cada um deles nos olhos. — Vamos continuar!

— Meninas, agora há cavalo para todos. — Rollo forçou-se a sorrir com a constatação. — Nevasca é meu.

Não houve tempo para quaisquer impugnações, uma vez que subiu nas costas do

PERIGOSAS ACHERON

animal tão logo terminou de falar. Porém, para surpresa de todos, o cavalo relinchou e ergueu as patas dianteiras, derrubando Rollo com um estrondo.

— Nevasca! — gritou, enquanto puxava com força as rédeas.

Walkyria, que estava mais próxima, correu para ajudá-lo, mas foi interrompida pelo tom de voz assombrado de Sophia.

— Irmã, pare.

A mais velha estacou rígida no lugar e virou-se para a caçula, que tinha os olhos negros arregalados. Noelle olhava para a mesma direção com a boca ligeiramente aberta.

Com o coração ameaçando lhe sufocar a respiração, Walkyria seguiu receosa o olhar das irmãs. Eles se estendiam por alguns metros e

PERIGOSAS NACIONAIS

encontravam-se completamente absortos sobre uma criatura que se ocultava entre as sombras.

Tudo na fera era assustador.

Apesar da distância e da escuridão, conseguiam notar seu pelo cinzento e eriçado, denunciando a postura ameaçadora que mantinha. Pior ainda eram seus dentes à mostra: grandes, sólidos e fatais. Era inevitável constatar a força da mandíbula, a julgar pelo tamanho e rigidez das presas, que lhes sorriam em uma expressão de puro terror e letalidade.

Porém o que os mantinham fixos ao chão, com o assombro roubando-lhes qualquer capacidade de raciocinar, eram os olhos que, apesar do breu, cintilavam. Um negro e outro azul, embora ambos fizessem todos os poros do corpo arrepiarem-se.

PERIGOSAS ACHERON

Era o lobo. O lobo de Pietra.

Era Fenrir.

— Uma Sereia e uma fera — Rollo sussurrou, incapaz de se mover. Seus ossos haviam congelado com o medo. — Eu não gostaria de cruzar o caminho dessa dupla.

— Você. Já. Cruzou — Walkyria respondeu com os dentes trincados.

Nevasca tentou correr, assustado, mas Rollo conseguiu segurar as rédeas, levantando-se cautelosamente e com esforço.

Fenrir, completamente silencioso, deu um passo à frente com as movimentações. Todos os outros, instintivamente, deram um passo para trás.

— Olha só, nós somos amigos da Pietra — o rapaz falou de maneira mansa e trêmula, como se acalmasse um cachorro. O lobo rosnou, fazendo-o

calar-se.

Fenrir não era um cão. Não era domesticado. Não obedecia. Sua natureza era fiel à Sereia, mas somente a ela. Somente porque ele queria.

— O que nós faremos? — Noelle perguntou em um sussurro angustiado.

O lobo aproximou-se ainda mais do grupo, caminhando lenta e perigosamente. Suas patas longas moviam-se com graça, e os músculos de seu corpo tornavam-se cada vez mais evidentes. Quando estava a apenas cerca de dois metros de Sophia, parou no lugar, encarando-a. Com a aproximação, tornaram-se nítidas as manchas de sangue em seu focinho comprido e grosso.

O grupo estava completamente inerte e vulnerável, absolutamente entregue ao perigo que

PERIGOSAS NACIONAIS

Fenrir era.

De toda forma, sentiam que se não morressem atacados por ele, morreriam sufocados. Já se passara o que parecia ser uma eternidade desde que o lobo aparecera e, em todo o tempo, respirar parecia arriscado demais.

Os pulmões ardiam com o esforço em inspirar a menor quantidade de ar possível, e os olhos ardiam tentando não piscar. Qualquer segundo na escuridão poderia ser o suficiente para que ela se arrastasse pela eternidade.

O lobo colocou a pata dianteira um pouco mais à frente e ergueu a cabeça. Suas orelhas pontiagudas moveram-se ligeiramente. Seu focinho fechou-se, a boca trincada voltando a esconder os dentes.

E então, de súbito, correu.

PERIGOSAS ACHERON

— Walkyria! — Sophia gritou, desesperada, quando o lobo avançou furiosamente.

A menina jogou o corpo para o lado, desviando do animal que trotava em sua direção. No mesmo segundo, uma flecha estava posicionada no arco de Noelle, que apontava para o lobo.

— Não! — Walkyria gritou, correndo para a irmã. A loira tinha uma expressão confusa e amedrontada no rosto, dividida entre o ímpeto de atirar na ameaça e a resistência injustificada na voz da outra.

Com as mãos trêmulas, puxou um pouco mais a flecha, sentindo o arco retesar-se entre seus dedos. Não parecia capaz de disparar a tempo.

O lobo saltaria em sua direção a qualquer segundo.

— Noelle, não atire! — Walkyria insistiu, a

voz aflita.

O tempo pareceu arrastar-se com o avanço de Fenrir. Era rápido demais e, ao mesmo tempo, eterno.

A jovem fechou os olhos, incapaz de encarar as duas írises coloridas que faiscavam. E então disparou.

— Noelle! — Ouviu Walkyria gritar.

No instante seguinte, sentiu os braços sendo agarrados. Saltou para trás, agarrando uma das adagas que trazia em meio às vestimentas, pronta para digladiar o animal, na esperança de lhe cortar o pescoço.

— Noelle, sou eu! — A voz de Walkyria voltou a ressoar próxima a seus ouvidos.

Com o corpo inteiro tremendo compulsivamente, conseguiu abrir os olhos e focar

PERIGOSAS NACIONAIS

na irmã à sua frente, segurando seus braços. Imediatamente olhou para todas as direções, procurando o corpo de Fenrir.

— Você errou — a mais velha sussurrou tentando acalmá-la, embora também sua voz vacilasse.

— Onde ele está? Mas que diabos aconteceu? — questionou, o estômago revirando com o medo, a respiração entrecortada finalmente alimentando os pulmões.

— Ele simplesmente correu para o meio das árvores — Sophia contou, aproximando-se a passos lentos, as pernas parecendo ter dificuldade para sustentar o seu peso.

Noelle abriu a boca para falar, mas percebeu que não havia o que ser dito. Deixou-se cair no chão, de joelhos, recuperando o fôlego,

PERIGOSAS ACHERON

incapaz de controlar o tremor compulsivo que finalmente dominava-lhe o corpo.

Estavam vivos. O lobo os havia deixado viver, ainda que nenhum deles soubesse o motivo.

E certamente não poderiam imaginar que Fenrir acabara de se alimentar de um homem cheio de carne.

O animal estava satisfeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pietra abriu os olhos lentamente, receando a claridade que poderia machucar suas írises coloridas. No entanto, logo percebeu que não havia qualquer luz. Recebeu então a noite escura com gratidão e alívio, apreciando o familiar conforto que o breu costumava lhe propiciar. Não tinha medo de estar sozinha e exposta em uma sombria madrugada, uma vez que, ao contrário do que a maioria poderia dizer, as pessoas não se transformavam à noite, mas simplesmente agiam conforme seus mais íntimos desejos quando pensavam que ninguém assistia. Era o mesmo perigo, com a diferença de que no escuro os véus de dissimulação caíam. Há muito, Pietra concluía que as trevas não criavam o mal. Elas apenas o revelavam.

A mente da Sereia estava confusa, vazia,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se toda e qualquer espécie de pensamento coerente a tivesse abandonado e resistisse a ser recuperada. Suas ideias vagavam em um embaraçado devaneio, passando por castelos, exércitos, bruxas e caçadores, fazendo-a se sentir não mais do que uma existência fugaz e insignificante em um universo imenso e complexo, uma formiga em um mundo de gigantes. E o mundo de gigantes, que era tudo a seu redor, parecia prestes a massacrá-la, tão rapidamente girava diante de seus olhos.

Pietra continuava caída, e achava que talvez não tivesse forças para se levantar. O corpo, doente e adormecido, parecia cansado dos suplícios a que fora submetido, e insubordinava-se, como se já não tivesse interesse em obedecer aos seus comandos para que se movesse.

De qualquer forma, a Sereia já não sabia se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia propósito em se mexer. A escuridão ao seu redor gravitava de maneira tão insólita e instável, que ela provavelmente cairia de novo se ousasse ficar de pé.

No entanto, o corpo finalmente decidiu se manifestar em uma penosa conturbação. Foi o estômago embrulhando que a fez reconectar novamente a carcaça e a mente. O violento mal-estar despertou sua consciência para a ânsia que subia à sua garganta, e a bruxa teve tempo apenas para se virar e não vomitar sobre si mesma. O cheiro, porém, acertou-a em cheio. De repente, todos os seus órgãos pareceram acordar, reclamando em um uníssono de padecimento e aflição. Todo canto de seu ser sofria. Ossos, músculos, nervos, pele.

Pietra forçou-se a levantar e viu que estivera deitada sobre um amontoado de folhas úmidas, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perfazia uma camada relativamente macia entre suas costas e a neve que cobria o chão. A cabeça estivera próxima a um tronco largo de árvore, cujos galhos secos provavelmente eram os responsáveis pela grande quantidade de folhas que se acumulavam abaixo. A Sereia correu as mãos pelo fuste da planta, procurando, ainda com a visão turva, a corda que deveria prender o cavalo branco de Rollo. Não encontrou qualquer sinal dele, assim como não encontrou dentro de si qualquer explicação para o seu possível paradeiro. Não se lembrava de onde o havia deixado, ou mesmo da última vez que o vira. Perguntou-se se teria mesmo chegado até ali com um cavalo, ou se estava confundindo as memórias. A insistente desorientação começou então a irritá-la, o que aumentou a ansiedade e agitação para reaver sua lucidez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aborrecida, colocou-se a vasculhar, sofregamente, seu corpo à procura de marcas que não fossem as habituais, e as encontrou em suas mãos, pernas e braços. Contudo, foi o sangue em torno de seu pulso direito que chamou sua atenção. Quando o encontrou, o ombro se manifestou, ardendo. Fragmentos de uma memória que se mesclava à inconsciência surgiram em resposta, fazendo-a ter a impressão de que fora arrastada até ali, com alguém ou alguma coisa a puxando por aquele braço.

Ignorando o incômodo e tentando controlar o revoltado estômago, agora que a mente parecia encontrar seu caminho de volta, caminhou por alguns metros, até que enxergou a rocha atrás da qual haviam se escondido os dois caçadores. As lembranças então lhe inundaram a mente, em uma cascata incontável de memórias. Fora atingida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma flecha envenenada e conseguira matar apenas um dos homens com suas facas. O outro estava prestes a capturá-la quando ficou inconsciente.

Como então ainda estava ali?

Buscando recuperar plena consciência de sua situação, voltou a caminhar por mais alguns metros. Não precisou avançar muito para encontrar leves pegadas sobre a neve, já quase desaparecidas. Pietra abaixou-se, com dificuldade, para analisar as marcas sobre o chão e constatou que não eram humanas. Eram de um animal. Rápido, leve, perigoso. Como se a mente oferecesse uma recompensa por Pietra avançar em seu raciocínio, garantiu-lhe então a recordação de um uivo que preencheria o ambiente quando fechara os olhos. A Sereia soube, naquele momento, que não estava delirando. Somente o lobo poderia tê-la salvado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entendeu, por conseguinte, que provavelmente havia sido arrastada por Fenrir pelo pulso. Isso explicaria as marcas e a dor em seu ombro. Restava saber por quanto tempo ficara inconsciente.

Foi forçada a parar, contudo o nó em seu estômago alcançou níveis ainda mais intensos quando uma lufada de vento soprou em seu rosto, carregando um cheiro forte de sangue. O odor metálico e enjoativo fez com que a bile subisse à sua garganta, enojando-a antes mesmo que pudesse avistar os dois corpos caídos. O rastro do lobo estava ali, mas como de costume, ele não estava.

Pietra olhou para o céu, tentando inspirar ar puro e, ao mesmo tempo, enxergar por entre a copa das árvores. Precisava vislumbrar a lua e observar sua posição para que pudesse então calcular o tempo que havia perdido inconsciente. Semicerrou os olhos, tentando focalizar o corpo celeste em sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

visão ainda ligeiramente prejudicada. Viu, porém, apenas o contorno de um dos seus lados já crescentes.

Levou as mãos ao rosto, em uma tentativa de superar a persistente sensação de que sua mente voltava a se dispersar, e concentrou-se nos dados que tinha. Na noite em que fora atacada pelos caçadores, a lua era nova, com apenas uma pequena parte de si visível a olho nu. Naquele momento, embora não pudesse ter certeza, Pietra achava que não havia muita diferença em tamanho, o que lhe dizia que apenas um dia havia se passado, ou então um mês inteiro. No entanto, considerando as dores que sentia, as marcas de sangue em sua pele e os corpos ainda inteiros dos caçadores, não poderia ter decorrido tanto tempo. No frio que fazia, ela sequer teria resistido deitada sobre a neve, com somente algumas folhas protegendo-a do contato direto.

PERIGOSAS ACHERON

Concluiu, portanto, que ficara desacordada por um dia inteiro. Era a noite seguinte à do ataque.

Passou então a calcular rapidamente tudo o que já havia avançado desde que abandonara o centro de Evje. Se não houvesse ocorrido o contratempo com os caçadores, deveria estar já há um dia na estrada, com poucos quilômetros para percorrer até o porto. Todavia, com o atraso, somente alcançaria o destino com cerca do dobro do tempo, ou um pouco mais, concluiu, olhando ao redor. Agora tinha certeza de que não havia qualquer sinal do cavalo de Rollo. Procurou-o por alguns metros em todas as direções, mas como esperava, o animal fugira. Possivelmente havia se assustado com o ataque do lobo, o que significava que já devia estar longe dali, definitivamente fora de seu alcance. Sabia que procurar pelo animal não era uma opção, já que somente a atrasaria, de modo

PERIGOSAS NACIONAIS

que aceitou a ideia de que o restante do trajeto precisaria ser feito a pé. Esfregou os olhos e suspirou, em um gesto de vulnerabilidade que jamais faria se houvesse alguém por perto.

Enquanto reunia forças para movimentar as pernas, desenhou mentalmente o percurso que precisaria percorrer até o porto, e constatou que, apesar de todo o ocorrido, o resultado da intervenção de Fenrir fora, como sempre, satisfatório. A fera custara-lhe o cavalo, mas lhe salvara a vida.

Instintivamente, passou a mão pelas roupas, procurando pelas armas que carregava consigo, cônica de que não poderia depender sempre do lobo. Encontrou os frascos de veneno, adagas e facas presos ao próprio corpo, mas foi somente então que percebeu que já não carregava a bolsa com os demais pertences.

PERIGOSAS ACHERON

Com um desespero crescente ameaçando lhe sufocar, colocou-se a vasculhar o chão da floresta. De nada adiantaria seguir aquele percurso se perdesse o que havia na bolsa.

Com a coluna inclinada para baixo enquanto procurava, levou uma das mãos à boca e mordeu-a com força, com raiva de si mesma por ter sido tão estúpida. O pedaço de papel devia estar preso a seu corpo, grudado em sua pele, tão bem protegido quanto estava seu próprio coração.

Estúpida, estúpida, estúpida.

Com o estômago voltando a incomodar, Pietra passou em frente aos cadáveres, mas não conseguiu se demorar observando. Avançou, os dentes fincados na pele da própria mão. Quando já começava a sentir o gosto de sangue da ferida que abrira em si mesma, avistou sua pequena sacola de couro a poucos metros de onde estivera desmaiada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirando aliviada, agarrou-a com força e checkou o seu interior. Não faltava nada. As moedas que pegara de Rollo, os pedaços de corda e o precioso papel que levava estavam ali, intactos.

A sua passagem de volta estava garantida. Agora somente restava continuar.



Algumas horas depois, quando a neve cessou e o sol pálido ameaçava despontar no horizonte, a Sereia finalmente foi obrigada a abandonar a segurança da floresta. A vegetação era completamente densa a partir dali, impossibilitando que qualquer um se aventurasse por ela. Felizmente, porém, ao sair discretamente da proteção das árvores, notou que já estava na estrada que a levaria ao porto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Salpicando à margem oposta, havia um aglomerado de comércios, estalagens e vendas, com uma quantidade preocupante de pessoas transitando entre os pontos. Pietra não costumava estar em meio a multidões, de modo que o ruído de inúmeras vozes, uma tentando se sobrepor a outra, a incomodava profundamente. Detestava a inabilidade que o ser humano tinha de silenciar. O fato, no entanto, é que já não poderia continuar isolada, como tanto apreciava. Precisava seguir aquela estrada até o final, misturando-se entre os homens e mulheres que não faziam mais do que lhe causar asco. Para tanto, percebeu que precisaria fazer seu caminho completamente invisível e a melhor maneira de fazê-lo seria escondendo suas diferenças. Precisava se tornar o mais comum possível, mais uma dentre tantas pessoas que se ignoravam mutuamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Embrenhando-se na vegetação por alguns minutos, improvisou um coque comum no topo da cabeça e vestiu o casaco do caçador, de modo a esconder a roupa maltratada que usava. Puxou alguns de seus fios escuros para que caíssem sobre um de seus olhos, cuidando para que escondessem a visível diferença de cor entre eles.

Enfiou a sacola sob a roupa, amarrando as alças à própria cintura. A saliência na região da barriga fazia parecer que estava grávida. Agora precisava apenas de algo que justificasse sua caminhada solitária em direção ao porto. Sem pensar duas vezes, apanhou todo tipo de folhas a seu alcance e saiu para vendê-las. Ou para fingir que o fazia.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A caminhada de Pietra intercalava picos de velocidade. Nos locais onde as pessoas pareciam irritantemente atentas e curiosas a todo tipo de produto, fora interceptada algumas vezes. Em todas elas, havia sido bem-sucedida no papel de uma tímida e submissa mulher grávida, que mantinha a cabeça baixa o tempo todo, enquanto educadamente respondia perguntas a respeito das folhas que levava. Em outros pontos, onde o comércio era menos intenso, conseguia caminhar com mais velocidade, fazendo seu trajeto com os olhos fixos no chão, sem despertar qualquer atenção para si.

Apesar de sentir uma frieza mórbida cada vez que precisava parar, preparando-se para a eventual necessidade de cravar a adaga no coração de quem quer que encarasse seus olhos, chegara o mais próximo que podia imaginar de dar risada. Vendera, por algumas moedas de cobre, as folhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que apanhara. Era evidente que não havia qualquer utilidade nelas, mas faziam parte do disfarce da Sereia. Eram tão comuns e ilegítimas quanto ela.

Pietra caminhou o dia todo, e embora sentisse fome e cansaço, somente parou à noite porque prosseguir viagem, nesse caso, chamaria atenção demais para si. Embrenhou-se de volta no mato para esperar o sol reaparecer no dia seguinte.

A noite foi extremamente desconfortável, mas não tão ruim quanto a maioria que já enfrentara.



Pietra saltou para a estrada assim que as sombras da noite começaram a se afastar. Tão logo pisou para fora da floresta, notou que a partir dali o caminho era muito mais movimentado do que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antes. Carroças e cavalos iam para o porto e vinham dele incessantemente. Resoluta, concluiu que desde que ninguém olhasse dentro de seus olhos, ou que sua barriga falsa não despencasse, estaria bem.

Caminhou por entre o aglomerado de pessoas durante horas, sentindo o calor do próprio corpo afastar o frio do ar. O mal-estar oriundo do veneno passara completamente, porém, em seu lugar, a fome tornou-se ainda mais pungente, machucando ainda mais seu estômago já vazio e maltratado. Naquela região havia muita venda de alimentos e, com a movimentação, Pietra não poderia encontrar melhor oportunidade para se alimentar.

Parou por um instante, varrendo com os olhos tudo o que havia em seu campo de visão. Procurava pela banca com maior aglomeração de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas, com a esperança de que olhassem não para ela, mas para as moedas que tinha para pagar.

Enquanto girava a cabeça, notou uma senhora de cabelos manchados por fios brancos na margem oposta, em frente à maior estalagem daquele trecho. Não teria notado a figura, não fosse o fato de que a mulher olhava diretamente em sua direção. Pietra não estava longe, mas duvidava que a estranha pessoa pudesse enxergar seus olhos coloridos, especialmente pelo fato de seu cabelo esconder um deles.

Ainda assim, seu estômago revirou quando a mulher estendeu a mão, chamando-a enquanto sorria. Não conseguiu se mover. Não era o convite que a assustava. Era, na verdade, a curiosidade que sentia. Seus pés estavam fincados ao chão, incapazes de avançarem e fazê-la mergulhar na dúvida, assim como incapazes de fazê-la se afastar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O sorriso amistoso que lhe era ofertado a intrigava e prendia.

Assim como surgira, porém, a senhora sutilmente se virou e começou a caminhar para dentro da movimentada estalagem. No instante em que o fez, foi como se um insólito feitiço se quebrasse, devolvendo a Pietra o controle de seus movimentos. Passando as mãos sobre os olhos, como para certificar-se de que um deles estava escondido sob o cabelo, notou o estômago novamente reclamando da falta de alimentação. Tentando afastar a imagem da senhora estranhamente amigável, decidiu se dirigir a um pequeno e escuro bar, de aparência bastante velha e suja, porém de onde saía um cheiro forte de bacon e ovos, o que bastava para lhe atrair a atenção.

Com a cabeça baixa, a Sereia deu passos firmes, sentindo o frio menos rigoroso daquela

PERIGOSAS ACHERON

manhã queimar a pele clara de seu rosto. Tal qual acontecera no cemitério, contudo uma presença incômoda pareceu acompanhá-la.

Pietra não precisava olhar para trás para saber que tinha companhia. Seus sentidos sempre haviam sido armas poderosas de defesa e de ataque. Mesmo em meio ao som de tantos outros passos que transitavam por ali, ela podia reconhecer os que se aproximavam gradativa e rapidamente.

Havia alguém tentando chegar até ela.

Instintivamente, a bruxa levou a mão para dentro do casaco, onde sua menor adaga estava escondida contra o peito. Já podia imaginar o som da lâmina ao rasgar a carne de seu perseguidor, bem como o urro de dor que provavelmente escaparia de seus lábios. Acertou a posição da arma em suas mãos, preparando-se para sumir em meio ao movimento de transeuntes antes mesmo que o

corpo tivesse tempo de atingir o solo.

Sentiu a aproximação.

Podia ouvir os passos leves. Era um homem. Era jovem.

A respiração em sua nuca.

Fincou os pés no chão para se virar e golpeá-lo com firmeza.

Porém uma mão repousou levemente sobre seu ombro, e uma voz interrompeu seu movimento.

— Senhora?

Não havia qualquer ameaça no som que a chamava. Pietra guardou a adaga rapidamente e virou-se, afastando-se do toque.

— Senhora — um jovem de não mais que 15 anos a encarava, esfregando as próprias mãos para espantar o frio. — A sua carroça está pronta

— completou, apontando para trás. O olhar de Pietra seguiu o movimento, encontrando um cavalo, de aparência um tanto velha, preso a uma carroça coberta por legumes.

O transporte estava exatamente à frente da estalagem, onde desaparecera a senhora que alguns minutos antes lhe sorrira. Abriu a boca para questionar, mas o garoto já se afastava correndo.

Uma vez mais, uma incerteza a que não estava habituada tirava seu coração do conforto da ausência de emoções. Qual era o significado de tudo aquilo? O que a mulher tentava dizer? Por que oferecia um cavalo?

Pietra sentia a dúvida pesar sobre seus ombros, fazendo-a perdida dentro de suas próprias convicções. Apesar do receio de aceitar a suposta ajuda, ela sabia que se o fizesse, poderia chegar ao porto muito mais rapidamente do que se

continuasse caminhando, vencendo o atraso provocado pelos caçadores na floresta. Além disso, utilizando-se do transporte, não correria o risco de ser interceptada metro a metro, estando presa em meio ao mar de pessoas que fazia o mesmo caminho. No entanto, a mera ideia de aproximar-se era suficiente para lhe causar um mal-estar que impregnava todo o seu ser. A Sereia não confiava. Quer dizer, por que mais alguém faria algo bom? Por que alguém faria algo bom por ela?

Pensamentos contraditórios cruzavam sua mente a uma impressionante velocidade.

Aquele transporte seria um presente? Era a oferta da curiosa mulher idosa que lhe estendera a mão? De alguma forma, no entanto, Pietra encontrava muito mais facilidade em encará-lo como uma possível armadilha. Com que frequência uma pessoa oferecia a outra, completamente

desconhecida, algo que não sofrimento e desprezo?

Lançando um último olhar em direção à carroça, tomou sua decisão e voltou a caminhar, ignorando o que poderia ser o primeiro presente que recebia em muitos e longos anos. Seu percurso seria muito mais demorado, ela sabia, mas ao menos seria solitário. Já decidira há muito tempo que a única companhia que aceitaria seria a de um lobo.

Afinal, suas presas poderiam ferir a carne, porém nunca rasgar o espírito, como somente os humanos sabiam fazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nikolau encontrava-se em um estado de absoluta concentração, enquanto varria todo centímetro daquele lugar com os olhos e absorvia cada detalhe de tudo que se movia. Finalmente o céu oferecia uma trégua, mantendo-se azul e claro, sem qualquer sinal de que voltaria a nevar ao menos pelas próximas horas, de modo que o porto estava funcionando normalmente, em uma intensa agitação.

Havia homens e mulheres desempenhando suas funções, carregando e abastecendo caixas, que eram passadas para dentro dos barcos, enquanto venciam o frio que, apesar do fim da tempestade, intensificava-se nas proximidades das águas geladas de Evje. Um grande número de embarcações estava sendo preparado para partir, levando pessoas a outras localidades, mas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

especialmente, transportando itens para troca com os países vizinhos.

O caçador mandou que alguns homens do rei, que o acompanhavam, se dirigissem a cada um dos barcos ali atracados, e se informassem a respeito de seus destinos. Queria saber quais os possíveis locais para onde as embarcações iriam e, com sorte, identificar eventuais relações com Pietra. Torcia para que o nome lhe despertasse a intuição, a memória ou qualquer que fosse o sentido que o aproximaria de Noah. No entanto, para sua infelicidade e irritação, eram cinco os países que receberiam bens de Litin naquele dia, e nenhum deles lhe chamava atenção. Não conseguia conectar os locais à Sereia, e, por mais que se esforçasse, não vislumbrava qualquer critério para a escolha da bruxa. A insofismável e dolorosa verdade era que não tinha qualquer ideia a respeito

PERIGOSAS ACHERON

da intenção do seu roteiro e, por isso mesmo, não poderia perdê-la. Era imprescindível que fosse capturada ali.

Nikolau deu passos lentos, olhando tudo a sua volta, observando as pessoas que andavam apressadas de um lado para o outro e gritavam ordens, o som de suas vozes disputando para se sobrepor à balbúrdia típica do lugar. Era incômodo procurar por alguém no porto. A gritaria infiltrava-se nos pensamentos do caçador, como pequenas e incontáveis agulhas, machucando sua mente e dificultando que mantivesse o foco. O silêncio lhe fazia falta, mas o filho fazia ainda mais. Assim, forçou-se a continuar atento ao seu redor.

Enxergou então Sir Velory com a cabeça baixa atrás de caixas empilhadas. Não havia qualquer sinal das vestimentas douradas ou brancas que usava como chefe da guarda pessoal do rei, o

PERIGOSAS NACIONAIS

que talvez justificasse a sua expressão carrancuda. O caçador imaginou que, para alguém como o intragável Velory, vestir roupas simples deveria ser uma espécie de tortura. Um tolo, por óbvio.

Notou também os vários homens da guarda real que estavam lá, sem, contudo, mostrar vestígios de suas verdadeiras funções. Apesar de todos eles vestirem roupas escuras e simples, tais quais as usadas pelos trabalhadores do porto, reconhecia neles a postura de anos de treinamento. Misturavam-se ao povo, sob as orientações de que agissem naturalmente, embora um olhar atento pudesse notar que não eram como os outros. Havia uma implacável força nas expressões rígidas, bem como uma intensa concentração no olhar, típica de quem cumpre o que lhe foi ordenado.

Ademais, os responsáveis por todos os embarques haviam sido avisados a respeito de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como seria o funcionamento do porto durante os dias que antecedessem a captura de Pietra Scarj. Toda e qualquer pessoa que buscasse viagem deveria ter seus olhos inspecionados. Sutil e imprescindivelmente. A Sereia podia esconder muitas de suas maldições, porém não aquela que estampava seu rosto em cores contrastantes, aquela que era os portões de sua alma: suas írises coloridas. Uma alma dividida, impura e quebrada.

Nikolau exigira que fosse avisado quando sua aproximação fosse notada. Não confiava em absolutamente ninguém mais para apanhá-la, para ter em mãos a chave para resgatar Noah. No segundo em que a bruxa colocasse seus pés carregados de maldade no porto, ele saberia, e então poderia levá-la ao rei para seja lá o que ele quisesse fazer. Julgamento, punição ou fogueira. Naquele momento, o caçador pouco se importava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o que a Sereia sofreria quando capturada pelo monarca, e toda vez que sua mente ameaçava divagar para um questionamento moral de seus próprios atos, fazia questão de impedi-la. Aquela caça não era diferente de tantas outras que já fizera; aquela bruxa não era menos culpada do que tantas outras mulheres impuras que já havia encontrado. E, mesmo que o fosse, ela era o preço para recuperar o filho, e Deus sabia que não havia preço caro demais para tanto. Nikolau o pagaria com sua própria vida. Pagar com a de outra pessoa não poderia ser mais difícil. No entanto, caso, de algum modo, Pietra conseguisse ser mais rápida, Nikolau havia posicionado guardas disfarçados dentro de todas as embarcações, e nenhum dos navios partiria antes de uma inspeção completa.

Ele havia sido recrutado para caçar. E era isso o que faria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O caçador esticou o pescoço coberto por cicatrizes, em uma tentativa de varrer com os olhos a maior parte do ambiente que pudesse. Embora a entrada principal estivesse à sua frente, a estrada se alargava por alguns quilômetros antes de desembocar no porto, de modo que era impossível enxergar todas as pessoas que por ali transitavam. As pesadas roupas do inverno Litiano também dificultavam que se distinguisse os rostos que passavam por ele.

Nikolau sabia que as chances de Pietra escapar sozinha enfrentando dezenas de guardas reais e um experiente caçador eram pequenas, porém nem mesmo tal consciência foi capaz de impedir o desespero que começou a corroer seu íntimo.

Sentia-se preso em meio a um mar de pessoas, os sentidos sendo limitados por tantas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vozes, tantos cheiros, tantos toques. As distrações chegavam como ondas violentas, quebrando-se quando o encontravam, desnordeando-o, deixando-o zozzo, tornando-o vulnerável.

Ele submergia em um caos de sons que ameaçava fechar-se sobre ele, sufocando seus sentidos, tornando-o prestes a fracassar novamente...

Maldição, como poderia pensar em meio a tanto barulho?

A imagem da orelha de Noah piscou em sua mente, seguida pelo rosto pálido e sem vida de Eloyse. A ansiedade em acabar com o pesadelo que vivia apertava-lhe os órgãos, e mostrava imagens desconexas em sua cabeça.

Não, não, não. Nikolau concentrou toda a força que o sustentava nas pessoas ao seu redor,

PERIGOSAS ACHERON

lutando para ignorar as peças que sua mente insistia em tentar lhe pregar. Não havia oportunidade ou chances para falhas naquele momento. Tudo se resumia a ele e a sua presa.

Nikolau sempre soube esperar, já que em seu ofício, movimentos eram tão necessários quanto a abstenção deles. No entanto, sabia que o tempo estava intrinsecamente ligado ao coração, e o seu estava preso em alguma torre no centro de Evje, distante demais para que fizesse os minutos avançarem. Àquela altura, não tinha ideia se haviam se passado segundos ou horas desde que começara a aguardar por Pietra.

Sua cabeça girava a uma velocidade que corpo nenhum poderia acompanhar. Era como se seus olhos perdessem a capacidade de focalizar em uma única imagem, enviando para o cérebro do caçador uma quantidade imensurável de

PERIGOSAS NACIONAIS

informações. Mas todas elas eram desconexas. Todas o atingiam rápida e dolorosamente, misturando-se em um pandemônio de símbolos e cenas.

Nikolau sentiu as pernas fraquejarem, o corpo manifestando a impiedosa loucura da mente. Era impossível firmar-se no chão quando os pensamentos voavam para longe, roubando-lhe a lucidez. Era impossível recuperar o discernimento quando já não conseguia, sequer, definir se estava alucinando, ou se aquela, na verdade, era a realidade de sua cabeça.

Confusa, perdida, doente.

Observou, confuso, as pessoas à sua volta, e sentiu o coração parar quando viu olhos coloridos.

Havia olhos coloridos por todas as partes. Havia sorrisos de escárnio em cada uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas que passava por ele. Todos eram Pietra, e nenhum deles era de fato.

No centro de um furacão, incapaz de se mover, Nikolau finalmente encontrou os olhos frios de Sir Velory, e neles reconheceu a realidade borrada por suas alucinações. O cavaleiro percebia a iminência de sua loucura, e parecia divertir-se com o olhar perdido e confuso do caçador.

A vontade de quebrar o nariz do guarda real explodiu de todo o seu ser, e sobrepôs-se ao restante. O ódio devolveu-lhe a lucidez, e Nikolau sustentou os olhos claros do outro, trincando com ferocidade o maxilar. Prometendo a si mesmo que, quando tudo estivesse terminado, não deixaria o país antes de quebrar um dos ossos daquele sujeito, virou-se uma vez mais para a estrada que observava com desejo e desespero.

Então, um vulto chamou-lhe atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma figura magra aproximava-se, tentando enxergar por sob o pesado casaco preto que escondia todo o seu corpo e rosto. As mãos estavam escondidas, mas se revelaram com pressa para afastar uma madeixa de cabelo negro que caía sobre o rosto.

O estômago de Nikolau revirou, e suas pernas involuntariamente foram na direção da figura. Lembrando-se de que não poderia assustá-la, cravou os pés no chão e aguardou seu próximo movimento.

Talvez estivesse enganado, mas todos os seus instintos gritavam que se tratava da famosa Sereia à sua frente.

Com o corpo completamente tenso, viu a mulher sob o casaco aproximar-se de um dos guardas disfarçados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E então aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Walkyria já havia estado no porto inúmeras outras vezes antes, mas a ansiedade com que, naquele momento, o encarou parecia garantir ao lugar formas e tamanhos inéditos. Nunca lhe pareceu tão grande, assim como jamais aparentou possuir tantas distrações e possibilidades de esconderijos. Ao mesmo tempo, ela sabia que, a julgar pela quantidade de homens do rei que provavelmente estariam por ali à espreita, o local se fecharia ao seu redor, tornando-se estranhamente sufocante. Sabia que precisava encontrar a Sereia, sabia disso, mas não podia ser encontrada com ela. Tratava-se de uma necessidade bastante específica e problemática, ela sabia, de modo que qualquer movimento em falso poderia ser fatal. Não havia margem para erros.

Walkyria tinha uma única chance de vencer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o frio mais rigoroso que já conheceu. Não era o frio advindo do vento gélido que tocava sua pele, mas o que emanava da alma de Pietra e a mantinha inatingível, como se protegida por uma barreira invisível e intransponível. De alguma forma, porém, a jovem precisava superá-lo e fazer-se ouvir pela Sereia, alcançar seu íntimo e conquistar sua ajuda. Desesperava-a, no entanto, não ter ideia de como vencê-lo.

Certo é que o seu último encontro com a bruxa teria sido suficiente para fazer com que qualquer um, com uma determinação ligeiramente mais frágil, desistisse, mas as ameaças e a aspereza recebidas ainda eram mais fracas do que o objetivo que lhe movia. Walkyria precisava, insofismável e inevitavelmente, do fogo da Sereia do Inferno. E que piada de mau gosto a jovem pensava ser tal fato, já que o inferno nunca fora conhecido por

PERIGOSAS ACHERON

conceder favores ou dádivas por preços inferiores ao de uma alma. E, além de suas irmãs, isso era tudo o que restava à mais velha.

Ainda assim, tentando esquecer o fato de que provavelmente não tinha qualquer valia para a bruxa, Walkyria atravessou a imensidão branca que cobria Evje, forçando seus olhos para que acompanhassem tudo quanto pudessem ver no porto iluminado por tímidos raios de sol. Após terem deixado os cavalos em um estábulo, poucos metros antes de chegarem ao porto, caminhou buscando avidamente por qualquer indício de Pietra e desejou, com todo o seu ser, que dessa vez a Sereia lhe desse mais do que alguns impiedosos minutos para tentar lhe convencer da urgência de suas necessidades.

Leu, no rosto jovem e ansioso de Sophia, toda a fé que a caçula depositava naquele plano. A

PERIGOSAS NACIONAIS

irmã mais nova era tão doce, que Walkyria daria sua vida para que a inocência da menina continuasse imaculada. A garota era o último raio de luz a impedir que seu caminho fosse completamente entregue às sombras. Walkyria também percebia que Noelle, apesar de ser a mais diferente dentre as três, física e intimamente, também tinha olhos verdes inquietos a procura de Pietra naquele momento. Porém a mais velha não pôde evitar perceber que era Rollo que indiscutivelmente mais ansiava por encontrar a Sereia. Seus motivos talvez não fossem tão cheios de urgência e perigo, mas ela podia enxergar o fio inegável que o ligava a Pietra. Talvez, de alguma forma, a paixão também demandasse pressa.

— Irmã, será que estamos no lugar certo?
— Sophia sussurrou, tentando controlar a ansiedade presente em sua voz.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela virá. Eu sei — Rollo respondeu sem piscar. — Ah não — acrescentou, com um tom de voz que colocou as três irmãs em alerta imediata. — Ah não, ah não — repetiu.

— O que foi? Você a vê? — Noelle puxou o braço do rapaz, tentando chamar sua atenção.

— Ele está aqui — respondeu, com a voz sufocada. — O caçador está aqui.

No segundo seguinte, Walkyria venceu a distância que a separava de Rollo e o arrastou, colocando-o em meio a um grupo de pessoas, de costas para a direção que antes encarava.

— E ele conhece seu rosto. Não deixe que o veja — ordenou, séria.

Rollo sustentou seu olhar por um instante antes de assentir.

— Irmã, talvez... — Sophia começou,

PERIGOSAS NACIONAIS

receosa, falando bem próxima ao rosto de Walkyria. — Talvez, quando a Sereia chegar, seja bom que o caçador veja Rollo.

Os olhos claros do rapaz iluminaram-se antes que a menina pudesse dizer qualquer outra palavra.

— Tem razão — concordou efusivamente, depositando um rápido beijo na testa de Sophia e recebendo olhares reprovadores das três irmãs em troca. — Posso distrai-lo, posso desviar sua atenção.

— Você não deveria ter aberto a sua boca — Noelle disparou, ríspida, para a mais jovem. — É perigoso.

O grupo ficou em silêncio, sopesando as possibilidades.

— Se o caçador soube para onde vir, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

culpa é minha e, portanto, é minha a obrigação de assumir esse risco.

— Você está certo — Walkyria concordou, fazendo Noelle resmungar, contrariada. — Mas espere até que tenhamos certeza de que ela já está aqui. Aliás — a mulher pareceu ser atingida por uma importante lembrança —, você disse que nos contaria o destino da Sereia.

A expressão no rosto de Rollo endureceu.

— E você disse que contaria por que estão atrás dela — o rapaz retrucou, sussurrando enquanto continuava olhando para todos os lados.

Os lábios de Walkyria inclinaram-se suavemente para cima, em um imperceptível sorriso. Abria a boca para contraditar quando um grito mais afiado do que a adaga que trazia em suas vestes irrompeu, cortando o ar.

PERIGOSAS ACHERON



Sophia não fazia ideia do que havia acontecido nos segundos que antecederam a terrível imagem que se apresentava, naquele momento, diante de seus olhos.

Lembrava-se apenas de um violento impacto em suas costas. E então, todo o resultado.

Encarou as próprias mãos que, trêmulas, estavam encharcadas de um líquido espesso e vermelho.

Sangue.

Notou então uma face transfigurada pela dor à sua frente, os olhos azuis do rosto pálido a encarando. A jovem não reconhecia aquela pessoa, e não tinha ideia da razão pela qual estava tão próximo, observando-a com tamanha súplica e surpresa.

As mãos de Sophia, sujas de sangue, estavam na mesma altura do ferimento do rapaz, embora ela não conseguisse compreender aquela infeliz coincidência. Ela não o havia atacado. Ela se lembraria caso tivesse feito.

Alguns segundos depois, porém, com um estrondo, o homem desabou ao chão, fazendo com que a garota deixasse um grito sufocado escapar de seus lábios. As pessoas a seu redor também gritaram no mesmo instante, embora suas vozes revelassem um horror que perfurou os ouvidos de Sophia, e transformou-a em uma estátua de mármore.

— Irmã — murmurou, tentando desgrudar os olhos do homem que engasgava em seu próprio sangue. — Irmã.

O mundo todo girava a uma velocidade que não podia acompanhar, fazendo com que seus

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos rodassem sem origem ou destino. O som dos passos agitados e dos gritos a seu redor faziam-na crer que não estava realmente ali. Sophia não pertencia àquele momento, estava aprisionada no pesadelo de alguém.

Com esforço, conseguiu olhar para outra direção, mas encontrou somente uma imagem borrada. Não reconheceu ninguém. A única coisa nítida em seu campo de visão eram as próprias mãos. Onde estavam suas irmãs e Rollo? Por que o sangue do pobre coitado estava nela? Por que, de repente, tinha a memória de que seu braço havia se estendido em direção à garganta daquele homem, sem que houvesse comandado o movimento?

Notou então, ao lado de seu próprio pé direito, a arma do ataque. Uma adaga coberta por sangue coloria a neve sobre a qual pisava.

— Deus, senhor todo poderoso... — A

língua estava seca, sofrendo para fazer saírem as palavras. — Fui eu que fiz isso?

Sophia sentiu então um corpo se aproximar de suas costas. A mesma aproximação que antecederia a cena mórbida e que ainda tentava entender. Não houve tempo, porém, para que se virasse e desvendasse a presença, pois os rostos horrorizados que a encaravam subitamente sumiram. Toda a visão de Sophia foi substituída por uma ampla escuridão, que vinha acompanhada de uma intensa sensação de sufocamento. Instintivamente, a menina levou as mãos sobre a cabeça e sentiu o tecido que a cobria. Alguém tampava seu rosto.

— Corra — uma voz feminina sussurrou em seu ouvido com urgência.

Sophia tinha a impressão de não controlar mais quaisquer de seus atos. Era, ao mesmo tempo,

PERIGOSAS NACIONAIS

expectadora e protagonista de um espetáculo sangrento que não fazia qualquer sentido. Absolutamente aterrorizada pela confusão que enublava sua mente, e tendo como único objetivo escapar das trevas que a cercavam, obedeceu à estranha voz.

Forçou as pernas a se moverem a uma velocidade capaz de lhe tirar daquele cenário, agarrando, contra o próprio corpo, a capa negra que misteriosamente escondia seu rosto e suas mãos manchadas.

Sua mente desordenada mandava que seus olhos varressem o porto atrás de Walkyria, Noelle ou Rollo, que encontrasse um rosto familiar que a resgatasse do pesadelo em que estava submersa. No entanto, o pânico que ocupava seu peito não permitia que expusesse sua face, obrigando-a a manter o olhar firmemente preso ao chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Correu, esbarrando nas pessoas de faces retorcidas pelo repúdio ao assassinato que acabara de ocorrer.

Correu, sentindo mãos tentando agarrar seus braços finos.

Correu, aproximando-se de seu limite. Não havia ar suficiente para abastecer o pulmão, que se contraía dolorosamente na tentativa desesperada de obter oxigênio.

Não resistiria por muito tempo.

Onde estavam suas irmãs? Estavam conversando e, de repente, um esbarrão em suas costas, uma morte, e um mistério. Do que, ao menos, estava fugindo? Para onde?

Percebia seus pés tropeçando com uma frequência cada vez maior, e o espaço que conseguia percorrer diminuía significativamente.

PERIGOSAS ACHERON

E então caiu.

Mãos a ampararam na queda, reduzindo o impacto da colisão entre sua testa e o solo. O choque, ainda assim, foi forte, e percorreu todos os seus nervos, fazendo com que uma dor pungente se alastrasse da cabeça para sua nuca e, em seguida, para todo o peito.

Estirada sobre o chão, sob o pesado tecido, sentiu os olhos inundarem. Não tinha qualquer intenção de voltar a se levantar, mas um grito autoritário arrepiou até o último de seus poros.

— Capturem aquela mulher! É a bruxa!

Por um instante, Sophia pensou que todos os seus músculos estivessem congelados, bem como tudo o que havia a seu redor. O tempo que antes se movia com intensa velocidade, agora parecia completamente estático. Havia medo e

PERIGOSAS NACIONAIS

espera no silêncio que pressionava seu corpo contra o chão.

Sua mente, por outro lado, sorveu-se de uma infinidade de imagens desconexas. Pietra foi encontrada. Será que suas irmãs a ajudariam a escapar?

Diante da seriedade do que aquelas palavras significavam, depositou concentração para se reerguer e exercer o papel que lhe cabia. Não poderia permanecer encolhida enquanto a Sereia carregava sozinha toda a força do ódio.

No entanto, quando, com a cabeça girando pela queda, colocou-se de pé, sentiu que incontáveis dedos se fechavam em torno de seus braços. Confusa, constatou que as pessoas a seu redor a seguravam com firmeza, o rigor de seus gestos machucando sua cútis e pressionando seus nervos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sophia percebeu que todos eles queriam prendê-la ali, naquele exato lugar. E apesar da pressão que colocavam no aperto para segurá-la, foi a violência e o desprezo que havia em todos aqueles rostos que fez com que suas pernas parecessem incapazes de se mover.

— Bruxa!

— Você vai queimar!

As acusações se misturavam em um som perturbador, e Sophia não nutria mais qualquer dúvida a respeito do que estava acontecendo. Tinha certeza de que o povo pensava que ela, fugindo sob um pesado casaco negro e banhada em sangue, era a bruxa caçada pelo rei. Tomavam-na pela temida Sereia do Inferno.

— Eu não sou uma bruxa! — berrou em resposta, lutando para se desvencilhar das mãos que

PERIGOSAS ACHERON

a agarravam.

Entre tantos corpos que tentavam prendê-la, valeu-se de sua pequena estatura para desvencilhar-se do sufocante aperto. Quando conseguiu, voltou a correr imediatamente, o casaco permanecendo nas mãos que tentavam, com afinco, agarrá-la. Dessa vez, contudo, não havia espaço para que suas pernas se movessem com a urgência de que necessitavam. O planeta todo parecia girar em uma nova órbita, tendo como único centro o alvo da caçada, que passou a ser Sophia.

Seu peito doía ainda mais do que antes, já que o pouco fôlego que ainda resistia era usado também para o choro compulsivo que escapava de sua garganta.

— Segurem-na! — Ouviu uma voz masculina gritar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sophia persistiu na tentativa de escapar por entre o aglomerado de pessoas que se fechavam ao seu redor, experimentando o sufocamento da violenta aproximação.

— Sereia do Inferno, maldita! — Outra voz soou estrondosa muito perto de seu ouvido direito.

A garota instintivamente buscou a origem da acusação, mas encontrou, como resposta, uma enorme mão viajando em direção ao seu rosto. O impacto brutal fez com que todos os ossos da face estralassem, parecendo terem se quebrado em migalhas irrecuperáveis. A dor a teria jogado ao chão uma vez mais, porém não havia espaço para cair. Estava amparada por truculentos e selvagens toques.

— Afastem-se — vociferou o homem que a agrediu. — Saiam da frente!

PERIGOSAS ACHERON

Sophia, com esforço, levantou o rosto para encarar seu carrasco. Sentia o olho esquerdo inchando-se rápida e gradativamente devido à agressão, o que aliado às lágrimas que insistiam em cair, dificultou que enxergasse com nitidez.

Ainda assim, logrou êxito em distinguir a forma severa do rosto de seu captor, desenhado por inúmeras cicatrizes que sumiam sob as vestimentas cinza. Mesmo sem ter certeza, a imagem do perigoso caçador do reino encheu sua mente, o medo roubando para si todo o oxigênio que antes era dela.

— Me solte — implorou, mal se fazendo ouvir pela balbúrdia de sons que davam graças pela captura, e dos asquerosos comentários de homens que sorriam, satisfeitos, pela monstruosa cena.

— Coloque isso! — o caçador limitou-se a responder, jogando uma pesada capa de pele negra

sobre seu corpo. O mero contato do tecido com seu rosto machucado causou uma dor excruciante.

Como se toda a cota de dor até ali experimentada não fosse o suficiente, sentiu um objeto se chocando contra a lateral de sua cabeça. Pessoas arremessavam frutas e legumes em sua direção, em gestos de verdadeiro desprezo.

Sem qualquer esforço, Sophia percebeu que os itens estavam carregados com mais do que a força do arremesso. Eram impulsionados pela frieza, pelo medo e pela ignorância de todo um povo. Eram símbolos do apreço pela violência, do asco pelas diferenças. Da mesma forma, transcendendo ao próprio momento, notou que experimentava uma única parcela dos enfrentamentos diários de Pietra.

A garota sentiu o corpo machucado pela situação, mas maculado também pelo próprio

entendimento que tinha de si mesma e do mundo. E não tinha certeza se haveria cura para qualquer dos ferimentos.

Atingida reiteradamente pelos ataques populares e sentindo os dedos do caçador fincando-se cada vez mais profundamente em sua pele para evitar que caísse, Sophia percebeu a consciência ameaçando dissipar-se. Recuperou-a, no entanto, quando notou que paravam bruscamente. Forçou-se a ficar em alerta, enquanto sentia as mãos do caçador se fechando em torno de sua cintura, e depositando pressão para a erguer do chão.

— Suba!

Obedeceu, dando impulso nas pernas para envolvê-las, logo em seguida, no dorso de um cavalo. Ao fazê-lo, a capa escorregou de sua cabeça, revelando seu cabelo desganhado e sujo de sangue. Viu que estava nos limites do porto,

PERIGOSAS NACIONAIS

cercada por inúmeros guardas reais que impediam a aproximação das pessoas.

— Ela precisa chegar viva ao castelo — Nikolau ordenou aos demais. — Só vamos parar quando estivermos diante do rei.

No entanto, foi interrompido por um grito alto e agonizante de dor, que desviou todos os olhares da jovem sobre o animal. O caçador, de imediato, agarrou com uma das mãos a perna de Sophia que estava a seu alcance, e com a outra, a espada.

— O que é? — esbravejou, olhando para um dos guardas.

— O lobo... Está atacando — o homem respondeu, apontando para o lado de onde tinham vindo.

Nikolau afastou-se rapidamente em direção

PERIGOSAS ACHERON

a alguns caixotes e sobre eles subiu, tentando enxergar com clareza.

— Ele não está tentando chegar até aqui — falou para si mesmo, em uma tentativa de se concentrar em meio à algazarra que recomeçou. Pessoas corriam desesperadas, no ápice do medo que já haviam experimentado.

A menina percebeu que um momento de confusão enublava os pensamentos do caçador. Podia adivinhar sobre o que ele refletia... Por que o lobo estaria tão longe, se a bruxa estava ali?

Sophia notou que ele entendia, quando viu seu rosto cobrir-se de uma expressão sombria e angustiante, e Nikolau correu de volta em sua direção, agarrando-lhe a perna e fazendo-a descer com violência do cavalo. As mãos do caçador agarraram seu rosto fino, e seu olhos a encararam com um desespero maior do que o existente nela

mesma.

A jovem viu na expressão do caçador que ele quase desmaiou quando enxergou as suas duas írises negras, sob os hematomas que inchavam um de seus olhos.

— Levem-na! — Nikolau berrou para os guardas, enquanto já se colocava em movimento.

Sophia assistiu-o se afastando em direção ao lobo, em sentido exatamente oposto ao da maré de pessoas que fugiam amedrontadas do animal.

— Onde ele estiver, ela também estará. Onde ele estiver, ela também estará — ouviu-o repetir como um mantra, enquanto usava todo o poder de sua força corporal para abrir espaço até o local do ataque.

Sophia podia ler nos gestos e semblante aflitos do caçador o desespero oriundo do equívoco

que acabava de cometer. Ela era a vítima do erro, mas ele, o culpado. Imaginou como o rei lidaria com a catastrófica falha.

Somente a captura de Pietra poderia resolver tudo aquilo, isentar o homem da responsabilidade e libertá-la para que pudesse retornar para a segurança da companhia de suas irmãs. Ainda que a ideia da Sereia presa fosse contrária aos planos que planejavam há tanto, Sophia não conseguia evitar tal desejo naquele momento. Afinal, era a sua vida do outro lado da gangorra.

Qualquer esperança que pudesse ter, no entanto, quebrou-se no instante seguinte, quando notou que o caçador parou, o olhar fixo em um ponto do mar além do porto.

Um dos barcos distanciava-se rapidamente do porto, silencioso em uma fuga discreta e

PERIGOSAS ACHERON

despercebida. Não precisava enxergá-la para saber. A Sereia estava ali.

Com o desespero ameaçando sufocá-la novamente, Sophia viu o caçador ainda mais transtornado, preparando-se para correr em direção ao transporte. No entanto, um rosto familiar interceptou-o com um violento empurrão nos ombros.

— Solte a Pietra! — o homem gritou, socando o rosto do caçador.

A garota observou, incapaz de se mover, Nikolau não se dando sequer ao trabalho de olhar nos olhos de quem o segurava. Percebia que para ele, não lhe importava quem fosse. Não lhe importava a razão existente naquele gesto. Era evidente que mantinha a mente adiante, onde a Sereia se afastava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tendo como único objetivo alcançá-la, como o mapa que era em direção ao filho, fez o que precisava ser feito para que se libertasse do incômodo homem que o atrasava.

Ergueu sua espada e o transpassou, recomeçando a correr em seguida.

Sophia gritou ao perceber que o caçador não olhou para trás nem por um único segundo. Assistiu, impotente, Nikolau avançando e ignorando por completo a figura do rapaz que sucumbia. Observou, com as mãos pressionadas contra a boca, que era Rollo que se afogava em seu próprio sangue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

O sol sequer havia começado a se mover para declarar o início daquele fatídico dia, mas a praça já estava integralmente tomada por pessoas completamente despertas. Os sinos da igreja haviam tocado insistentemente e a infantaria do Reino se manifestado em alto e estrondoso som, de modo a evitar que as camas continuassem ocupadas.

Era tempo de boas novas. E todo o povo deveria estar presente para testemunhá-las.

Homens e mulheres aguardavam ansiosos por qualquer acontecimento que justificasse a inquietante espera, murmurando entre si palpites e supostas certezas oriundas de rumores disseminados por aquelas bocas e ouvidos curiosos. Até mesmo crianças esperavam sob a gélida neblina que antecedia a manhã, esfregando os olhos

sonolentos, alheios a qualquer pretensa importância que a apresentação poderia guardar.

Diziam que o próprio rei voltaria a aparecer publicamente, a segunda vez em um ainda breve governo, o que assombrava o povo e revestia a figura real de uma fascinante aura de proximidade e interesse por seus súditos. Da mesma forma, finalmente o extremo receio com que fora recebido após a morte de seu pai começava a fragilizar-se, revelando uma crescente satisfação pela forma com que conduzia os negócios do país.

Quando surgiu, dourado e reluzente como era de costume, reforçou ainda mais tal percepção. Um jovem, destemido e ousado rei... Como poderia o futuro de Litin ser menos do que próspero?

Acompanhado pelo sacerdote, caminhou lentamente até o centro da praça, cercado por guardas armados fortemente, e então parou,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encarando todos os rostos que lhe devotavam infindável reverência.

— Há algum tempo — começou, fazendo cessar imediatamente todos os comentários que antes enchiam a madrugada —, declarei o início da caça às bruxas — diante do silêncio recheado de expectativa, continuou —, como uma medida imprescindível para que nosso país finalmente pudesse alcançar a paz. A paz dos homens e a paz de Deus — completou, direcionando o olhar para o padre a seu lado.

— Nosso povo precisa da orientação, da fé e da devoção completa ao único que pode nos salvar e conduzir à vida eterna — o sacerdote tomou a palavra, sendo acompanhado por rostos de fervorosa concordância. — Uma única ovelha de seu rebanho que lhe nega o coração, que se perde na luxúria, no ceticismo e no rancor, compromete

PERIGOSAS ACHERON

todo o povo, e se a permitimos viver dessa forma, nos colocamos no caminho da perdição ao desapontar nosso Senhor. Por isso — tomou fôlego, encarando o jovem rei —, temos que dar graças por termos um líder que nos colocou novamente no caminho santo. A Igreja e o Estado estão unidos como nunca, e somente por isso, finalmente estamos diante de um governo irretocável.

O rei respondeu com um aceno de cabeça.

— Com o apoio também de vocês, que em momento algum tentaram estender a mão a uma mulher herege, suja e desmerecida, venho anunciar que finalmente nossa capital está livre de perigo — Rei Durian fez um gesto discreto com as mãos, olhando para Sir Velory. — A Sereia do Inferno foi capturada! — proferiu as últimas palavras em alto tom, fazendo-se ouvir por todo o local.

Palmas, exclamações e gritos de satisfação e

alegria preencheram o ambiente, a euforia pela iminência de uma morte sofrível e agonizante embalando o que restava da noite.

— Tragam-na! — ordenou o rei a um dos guardas.

Passaram-se apenas alguns poucos minutos até que o homem reaparecesse, arrastando atrás de si uma jovem de cabelos vermelhos. A menina não aparentava mais do que dezesseis invernos sob a exuberante cabeleira.

Foi recebida com gritos de maldição e rezas fervorosas, palavras proferidas pelas bocas e também presentes nos olhos que a despiam com desprezo.

— Qual o seu nome? — o padre perguntou em voz muito alta.

A jovem permaneceu calada, em uma

PERIGOSAS NACIONAIS

inércia que rememorava a própria morte.

— Qual seu nome? — o padre repetiu, a pergunta acompanhada por um safanão de um dos guardas.

— Pi... Pietra — respondeu, a voz sem emoção, tal qual seus gestos lentos.

— Como você é conhecida? — o padre insistiu.

— Sereia do Inferno — a jovem balbuciou, os olhos encarando os pés descalços. A firmeza que havia em seu tom era a mesma que existiria em um castelo firmado sobre a areia. Uma brisa suave parecia capaz de desmontá-la por completo.

Apesar da aparência frágil e desgrenhada da moça, de seu semblante que muito mais se assemelhava ao de uma presa do que à imagem de um suposto perigo, o mero movimento de sua

PERIGOSAS ACHERON

cabeça se erguendo ligeiramente foi o suficiente para que as pessoas ali presentes dessem um passo para trás.

Havia medo.

— Você confessa ter agido contra Deus e contra o Estado? Matando, realizando rituais demoníacos, deitando-se com homens e mulheres? — o padre perguntou. A confiança em sua voz crescia gradativamente, seu peito parecendo inflar com o poder que lhe fora investido impondo-se à pequena figura assustada. Como no mais fácil dos exercícios, o sacerdote se agigantava sobre o medo e os sinais de fraqueza da menina.

A jovem abriu a boca para responder, mas pareceu encontrar dificuldades para fazer funcionar suas cordas vocais. Tornou a fechá-la, no mesmo instante em que uma lágrima desenhava seu rosto. Então, em um ato de desespero, suas mãos se

PERIGOSAS NACIONAIS

fecharam em torno do braço do homem que a segurava. O guarda reagiu de imediato, torcendo o fino braço da ré, que gritou de dor em resposta.

O padre adiantou-se, diante do sorriso discreto do rei.

— Não a deixem gritar! Enfeitiçará todos vocês — ordenou.

As palavras do sacerdote foram recebidas com exclamação de susto dos homens e mulheres que assistiam ao espetáculo. Uma corrente de eletricidade percorria todos aqueles corpos, inquietando-os diante da iminência do que parecia ser um ataque prestes a eclodir.

— Matem-na logo! — alguém gritou do meio da multidão.

— Matem-na! — uma segunda voz repetiu com urgência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um minuto depois, um coro de vozes entoava pedidos de morte, em uma unanimidade que se assemelhava às cantatas de fenecimento, um pacto de vontades fúnebre e sepulcral.

Talvez a semelhança com um episódio já tão famoso da história pudesse ter despertado qualquer embaraço ou ponderação, porém o medo do que era diferente não permitia espaço para prudência. O movimento cíclico da história permanecia inerte, soterrado e silenciado, como um espectador onisciente que tudo conhecia, mas em nada interferia.

O sacerdote se aproximou do rei e recebeu instruções ao pé do ouvido. Assentiu com a cabeça e tornou a olhar para o povo que reiterava os nefastos protestos. As autoridades liam naqueles rostos a indeclinável oportunidade de queimar quem em fogo se constituía ameaça. Ainda que se

PERIGOSAS ACHERON

queimasse apenas a imagem... Bem sabiam de sua força.

— Amarrem-na! — o sacerdote ordenou a um dos guardas, que a puxou, ignorando seu choro compulsivo, e prendeu-a à barra de madeira sobre a pilha de feno.

O povo ovacionou o comando, tornando inaudíveis os soluços e apelos da jovem Sereia. O profundo medo em sua voz jamais seria tão importante quanto à satisfação existente nos expectadores que assistiam à cena.

Homens e mulheres, porém, silenciaram de súbito quando chamas altas e imponentes surgiram e começaram a lamber a pele da bruxa. O som que rompeu então de sua garganta de repente alcançou altura e gravidade incômodas aos ouvidos dos presentes, tornando-se impossível ignorá-los. Podia-se regozijar diante de tamanho desespero ou

PERIGOSAS ACHERON

ainda compadecer-se frente a ele, mas nunca se manter indiferente. A iminência da morte sempre teria o poder de mover todos os ânimos e despertar os instintos mais profundos da alma.

A visão da bruxa desaparecendo em meio às chamas tornou-se perturbadora o suficiente para que todos os rostos se voltassem para a imagem do rei, ansiosos pelas palavras de conforto que certamente sairiam de sua boca.

Na figura forte do monarca encontrariam todo o significado para o cheiro de carne queimada, para os sons de horror que vinham da fogueira e para o rosto contorcido da jovem, que pouco se assemelhava a uma feição humana, tão grotesca era sua expressão de dor.

— Você, Pietra Scarj, Sereia do Inferno, foi condenada à morte pelo Estado por ter praticado atos de bruxaria. A benção dos céus se faz presente

PERIGOSAS NACIONAIS

nesse fogo que expurgará seus pecados enquanto se esvai também sua vida — o rei declarou com solenidade, desgrudando seus olhos então da fogueira para encarar seus súditos. — A mais perigosa das bruxas jaz agora morta. Nosso país está a salvo! — Aguardou que os aplausos cessassem para continuar. — Inauguremos agora uma nova era de paz!

A euforia voltou a ser tamanha que as cordas vocais da jovem sendo queimada poderiam estourar em vibração e altura, e ainda assim não despertaria mais do que rápidos lances de olhares.

— Sem esta preocupação, Litin agora poderá se dedicar a novos acordos comerciais com os países vizinhos, exportar nossos excedentes e adquirir aquilo que hoje nos falta! — A explosão de alegria e satisfação continuava, a garota perdendo sua vida para o fogo não parecendo nada além de

PERIGOSAS ACHERON

um artefato no cenário.

— Um país tão rico e cheio de vigor como o nosso precisa também se reforçar belicamente. Somos uma potência, e não podemos aceitar qualquer tratamento aquém!

Quando a cabeça da jovem finalmente tombou para um lado, os gritos cessando ao libertar-se da prisão de fogo, não houve qualquer percepção a tal respeito. Sua existência não havia sido importante durante sua vida. Não havia razão para o ser em sua morte.

A busca incessante pela temida Sereia do Inferno acabava naquele momento aos olhos do povo, exatamente como havia começado meses atrás: com o povo, tal como um rebanho, atento às ordens do rei e da Igreja, aguardando os comandos a respeito de como deveriam se sentir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero que cada um de vocês sinta orgulho por fazer parte desse país, quero que saibam que são melhores do que quaisquer outros estrangeiros. Quero que abracem a Deus, a nossa bandeira e a coroa! — o monarca exclamou, absolutamente confortável em seu papel de líder.

A sua figura crescia a cada uma de suas falas, bem como sua aprovação diante da opinião pública. A memória de seu falecido pai se tornava, pouco a pouco, tão ínfima quanto às cinzas que fora obrigado a se tornar.



Findo o julgamento, o comício e o espetáculo da madrugada, foi ordenado que a multidão se dispersasse e voltasse imediatamente para suas casas. O rei, acompanhado do padre,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguia sério de volta ao castelo, dentro de uma carruagem que balançava irritantemente ao se mover.

No entanto, a excitação de tudo quanto havia sido dito começava a dar espaço para o ligeiro incômodo que ainda o acompanhava desde que recebera Sir Velory com as últimas informações e tentava convencer-se de que não havia mais riscos.

Dentre todos os cenários possíveis, havia objetivado o ideal, e embora os inúteis sob seu comando houvessem falhado, a ameaça fora afastada dos limites de seu domínio de uma vez por todas. De uma forma ou de outra, o propósito havia sido cumprido.

Ainda assim, uma fugaz inquietação se apossava do seu âmago ao relembrar a cena da ardente fogueira.

PERIGOSAS ACHERON

— O inferno realmente existe, Padre Nigak?
— o rei perguntou, o olhar azul faiscando.

O homem, despertando de um silêncio vazio e profundo, pareceu surpreso com a pergunta.

— Não se preocupe, Majestade, o senhor agiu pensando no povo — respondeu com doçura na voz.

Em resposta, o rei irrompeu em uma áspera gargalhada, deixando o sacerdote aturdido à sua frente. Quando parou, um sorriso severo ainda enfeitava seu rosto.

— Eu admito que fiquei surpreso com a fuga. Não achei que era esse o objetivo dela — declarou, ciente de que o sacerdote entendia a quem se referia. — Posso acrescentar covarde aos seus inúmeros defeitos.

— Ah sim — o padre concordou. — Ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

que se ignorasse todo o resto, seus pecados não poderiam ser perdoados. Ela se deitou com homens e mulheres, amaldiçoou a Igreja e matou mais pessoas do que posso contar. Não há dúvidas de que o inferno a aguarda — inspirou profundamente antes de continuar. — E quanto ao que disse antes, Majestade, peço que perd...

— Sobre eu descer ao inferno? — o rei interrompeu, novamente sorrindo. — Não se preocupe, padre. Não tenho medo algum do inferno. É ele que deveria me temer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sophia tinha dificuldades em identificar o que a machucava mais, a pulsação constante e latente que sentia no rosto como resultado da bofetada que levara do caçador, as amarras que prendiam firmemente suas mãos e pernas à cadeira e que já começavam a rasgar sua carne, ou mesmo o pesado e prolongado silêncio, que a fazia perder-se no tempo e em si mesma.

Não tinha ideia de quantas horas haviam se passado desde que fora capturada no porto, arrastada até o castelo e esquecida em um de seus muitos quartos. Ou será que já fazia dias? A ignorância em distinguir a passagem do período era tão cruel e aprisionador quanto uma masmorra.

A única vantagem aparente de ser abandonada no escuro, sem qualquer referência sobre onde e quando no mundo se situava, estava

PERIGOSAS NACIONAIS

no fato de que tinha a oportunidade de repassar os últimos acontecimentos. Tinha a chance de tentar compreender a sequência de erros que a havia levado até ali.

A cabeça também latejava com os insistentes pensamentos, mas eram eles os únicos capazes de trazer ao menos certa quantidade de luz ao breu total em que estava mergulhada.

Já não tinha dúvidas de que havia sido traída por Pietra. Aliás, a mera escolha de palavras a fazia lembrar-se de como era ingênua, já que traição pressupunha uma relação de confiança, o que jamais havia existido, não importava quão determinadas ela e suas irmãs fossem em obter da ruiva alguma espécie de ajuda. Não ignorava o fato de que qualquer expectativa que ousara criar era muito mais culpa sua do que da Sereia, que jamais havia feito as promessas que cultivava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

insistentemente em seu peito. No entanto, ainda assim não conseguia evitar a sensação de ter sido enganada por quem havia recebido tanto de suas esperanças.

Pietra se aproximara sorrateiramente de modo a matar uma pessoa e fazer parecer que fora ela, Sophia, a culpada. Agira com o intuito de que todos os olhos presentes no porto tivessem um único centro de atenção e ignorassem seus movimentos. Agiu de forma a distrair o caçador e os guardas reais, entregando-lhes o que desejavam: uma presa.

A garota perguntava-se se não havia sequer uma reminiscência de humanidade na Sereia. Como era possível não existir remorso pela morte daquele homem inocente ou por colocar outra pessoa para queimar em seu lugar?

Seria este o significado de ser uma bruxa?

PERIGOSAS ACHERON

Estaria o reino certo em tentar capturá-la? E o que aconteceria com suas irmãs caso fossem flagradas tentando evitar que isso acontecesse?

Sophia sentia-se sufocar com as infindáveis dúvidas e inenarráveis temores. Nunca havia experimentado tamanha vulnerabilidade. A consciência de estar à mercê de seus algozes, sem força ou voz para enfrentá-los, incutia-lhe pânico suficiente para que fizesse orações aprendidas em uma igreja que pouco poderia fazer por sua situação. Estava desesperada por salvação, mas dispensava a ajuda da alma. Queria que seu corpo fosse resgatado, e essa parecia uma ação dispensável para os santos.

Com a mente divagando por entre todas as dores que suportava, visitou o próprio passado inflamado de tragédias e passos errantes que a tinham conduzido até ali, e contemplou, com

PERIGOSAS NACIONAIS

ceticismo e receita, o futuro que já não sabia se viria a existir. E então, quando cansada demais para suportar tantas incertezas, Sophia adormeceu para mergulhar em um sono agitado e desconfortável.

Perder a consciência aumentou ainda mais sua desorientação, de modo que quando acordou com som de um pesado andar se aproximando, precisou de grande força para fazer corpo e mente se reencontrarem.

O barulho de janelas sendo abertas precedeu a invasão de luz no cômodo, que a cegou por um momento ainda mais intensamente do que o fazia a escuridão total. Levou algum tempo para que a silhueta à sua frente se tornasse nítida, revelando um rosto jovem e poderoso. Reconheceu, de imediato, o rei, o que fez com que seu coração viajasse em uma velocidade aterradora até a garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar de aparentar ser tão jovem quanto ela mesma, Sophia retraiu-se da forma como pôde ao encarar o olhar azul gélido da autoridade. Os olhos duros e que viajavam sobre seu corpo a intimidavam mais do que a presença dos musculosos guardas reais.

Havia ferocidade selvagem na forma como Rei Durian se portava. Uma ferocidade contida, presa em algum lugar dentro de si mesmo, porém ainda assim existente.

Sua voz suave causou calafrios por todo o corpo de Sophia.

— Então foi você que se sacrificou para ajudar a bruxa a escapar? — perguntou serenamente.

Sophia ficou surpresa com o questionamento. Apesar de todas as reflexões

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desconexas, em momento algum cruzou sua mente a possibilidade de que para o governo parecesse que teria agido de propósito. Que o plano fosse seu, e não imposto sobre ela sem qualquer chance de discordar.

— Eu não... Eu não sabia de nada — balbuciou, insegura.

O rei sorriu.

— Claro que não sabia. — Quanto mais baixo era o tom de sua voz, mais ameaçador soava. — Eu posso perdoar o assassinato que cometeu, posso perdoar você ter descumprido determinação expressa de não se intrometer em assunto de trato real com apenas uma condição.

Sophia aguardou em silêncio que o rei continuasse, amedrontada demais para sequer fazer suposições a respeito da exigência que estava

PERIGOSAS ACHERON

prestes a escutar.

— Você só precisa me dizer para onde Pietra foi. E se ela pensa em voltar —exigiu.

— Ela fugiu? — Sophia retrucou espontaneamente, surpresa com a confirmação, embora de certa forma já fosse aguardasse por isso.

Diante da naturalidade de Sophia, o rei fechou a boca que abria para responder. Passou longos segundos pensando, sem desgrudar os olhos da moça à sua frente. Então sorriu, parecendo experimentar uma epifania e mudar de ideia.

— Você não me parece alguém capaz de matar — constatou, novamente com o insuportável tom doce.

— Eu não matei aquele homem. Eu juro — Sophia confirmou, notando os olhos úmidos com a lembrança da horrenda cena sangrenta.

— O que você estava fazendo no porto? — o rei continuou, ignorando a súplica existente no rosto da menina.

Apesar de sentir o coração despencar com a pergunta e o medo de denunciar a missão das irmãs, esforçou-se para manter a voz no mesmo tom quando respondeu.

— Ia buscar peixes em preço mais em conta. Eu estava ali por acaso — mentiu.

Rei Durian continuou avaliando o semblante da jovem.

— Então você não conhece Pietra Scarj?

— Conheço — os olhos dele faiscaram antes mesmo que pudesse continuar. — Todos conhecem. Todos já ouvimos seu nome, e todos temos medo dela, mas eu nunca a vi, embora ela tenha me visto e me escolhido para ser a distração

— contou, com a esperança de que a mescla de blefe e honestidade não denunciassem seus pecados.

— Você sabia que somente não foi queimada porque seus cabelos não são parecidos o suficiente com os dela? — o rei perguntou, fazendo com que uma nova corrente de calafrios despertasse cada um dos poros de Sophia. — Você foi trazida para prestar esclarecimentos e morrer. Teve muita sorte de uma ruiva ter cruzado o caminho de Sir Velory — completou, sorrindo.

Sophia engoliu em seco, sentindo o coração acelerar com a constatação de que mais uma mulher havia sido queimada.

— Eu passei um minuto todo de confusão, tentando entender como o sangue do homem estava em mim, porque eu estava sendo perseguida. Eu juro que não sei nada sobre a Sereia, e que nunca

quis ajudá-la. — Sophia sentia a própria voz ficando mais firme conforme falava. O ódio por Pietra diminuía na mesma proporção que a raiva pelo rei e seus atos, que tão bem conhecia, aumentava. Sabia que precisava sobreviver ao derradeiro momento de confronto contra ele para que pudesse ter a chance de enfrentar a origem de todo o caos em que estavam mergulhados.

— Se você realmente é inocente, o que faremos com você? — o rei indagou, olhando para os guardas que os cercavam.

Sophia cerrou o maxilar, experimentando a maior das repulsas que já havia sentido. O medo gritava tão alto dentro de sua cabeça, que até mesmo as dores por todo o corpo foram sobrepostas. Não havia espaço para nada além dele.

— Eu gostaria muito que pudesse ficar conosco — continuou, em um tom de voz

forçosamente gentil.

— Por favor, me deixe voltar. Minha velha mãe deve estar morta de preocupação — mentiu uma vez mais.

O rei não pôde responder, porque um choro alto e dolorido invadiu as grossas paredes do cômodo. O coração de Sophia se fez em milhares de pequenos pedaços ao identificar o que parecia ser o desespero de uma criança. Um menino.

O som pareceu incomodar a autoridade, que se apressou em fazer um sinal de comando para um dos guardas, que saiu rapidamente, com a mão sobre a espada.

— Você realmente viu e ouviu coisas demais — o rei constatou, pensativo.

Um nó se formou no estômago da jovem.

— Eu juro que não conto nada sobre o

PERIGOSAS NACIONAIS

porto, sobre a fuga, sobre nada — prometeu, nervosa.

Sua fala fez com que o rei passasse outro minuto em silêncio, em notória ponderação a respeito de seu próximo ato.

— Minha linda menina — falou, finalmente —, não confio no silêncio de ninguém. As pessoas possuem uma inevitável necessidade de falar. É mais fácil tampar toda a luz do sol que até nós chega do que calar uma boca.

— Eu juro — Sophia tentou insistir.

— E por isso é mais fácil matar alguém pela boca do que pelo coração — concluiu, fazendo com que Sophia se encolhesse ainda mais em sua cadeira. O gesto não passou despercebido pelo rei, que sorriu. — Foi uma boa conversa. Bastante esclarecedora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A jovem sentia o coração bater tão alto, que imaginou se todo o castelo também estaria escutando.

— Há coisas que não podem ser evitadas, doce Sophia... — A menina escutou antes de mergulhar em escuridão. — E essa é apenas uma delas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma estrada. Era uma única estrada que o levaria de volta ao castelo. E de novo parecia tão infinita quanto o universo inteiro. Nikolau se perguntava quando cada objeto e cada fato voltariam a ser exatamente como eram ao invés de parecer como se tudo e todos estivessem revestidos por um manto de desespero e angústia, companhias inseparáveis desde a fatídica noite do rapto de Noah.

O coração estava vacilante, a ansiedade em chegar logo diante do Rei e pegar o filho nos braços castigava todo o seu ser. O desassossego de sua alma era tamanho que se refletia fisicamente, fazendo doer o peito como se houvesse sido atingido por um soco de um enorme brutamonte.

Enquanto aguardava os portões do castelo serem abertos para que ingressasse, sua presença já

PERIGOSAS ACHERON

sendo aguardada pelo rei, Nikolau sentia uma vez mais as lembranças do que ocorrera no porto, o que o atingia feito chibatadas em toda a sua pele.

Por alguns minutos, tivera certeza de que a moça capturada era de fato Pietra. Estava tudo tão claro e certo, sem qualquer espaço para dúvidas. O assassinato a sangue frio, a fuga de cabeça baixa e coberta pelo negro casaco, os cabelos escuros como resultado do disfarce, o olho inchado escondendo a sua cor. Ainda assim, deveria ter desconfiado. A moça não havia oferecido resistência, proferido palavras amaldiçoadas ou mesmo lutado por sua liberdade. Tudo isso deveria ter servido como indício de que não era a perniciosa bruxa em seus braços. Era uma vítima. Mais uma. Uma conveniente presa oferecida em seu lugar como distração para que escapasse do país.

Não tinha mais dúvidas de que a culpa pelo

fracasso era sua. Era melhor do que aquilo. Não podia ter deixado que seus sentimentos o cegassem a ponto de não enxergar o óbvio, de fazer com que deixasse passar as mais flagrantes evidências em uma caçada. Estivera tão absorto em manter o olhar focalizado em tudo que estava tão distante que não olhara para o que estava bem diante de si. Erro comum e por isso mesmo ainda mais repulsivo para ele, já tão experiente.

A irritação consigo fazia também aumentar exponencialmente a irritação que nutria pelo rei, o causador inicial de todo aquele caos. Que maldito homem, com o país inteiro a seus serviços, com uma fortuna imensa em seus cofres reais, usaria uma criança como moeda de troca para um único objetivo do governo? Qual era o tamanho de sua mesquinharia? De sua crueldade?

Nikolau nunca nutrira especial carinho por

PERIGOSAS NACIONAIS

reis, mas pela primeira vez desejava, com todo o seu coração, que toda a monarquia caísse, que não existisse uma única pessoa viva com tamanho poder nas mãos, já que se tornava fácil, prático e, por que não, até mesmo recomendável que se agisse de maneira inescrupulosa. Aliás, como se esperar qualquer escrúpulo de quem era justamente o responsável pela imposição de limites, aos quais nunca se submetia?

Tomado pela já familiar fúria, tão logo foi ordenado que aguardasse onde já estivera outras vezes, diante das luxuosas portas que davam acesso à sala de reuniões do conselho, nem sequer tentou se conter. Avançou a passos largos, empurrando os guardas que tentaram segurá-lo. Abriu violentamente a passagem, os gestos acompanhados da voz rouca e ameaçadora.

— Onde está meu filho? Onde está Noah?

PERIGOSAS ACHERON

Ao ingressar abruptamente no cômodo, encontrou o sacerdote com uma das mãos sobre a cabeça de uma moça de cabelos escuros, que mantinha os olhos fixos nos próprios pés. O padre imediatamente realizou o sinal da cruz, abençoando a jovem, e com um gesto ordenou que um dos guardas a levasse. Nikolau segurou-a pelo braço, quando passava a seu lado em direção à porta.

— Solte-a! — o sacerdote ordenou, dando um passo para trás, assustado.

A menina, surpresa e amedrontada, levantou o rosto, e o caçador viu um dos olhos inchado. O outro, negro, encarava-o realizando tantas súplicas que Nikolau sequer conseguia defini-las. E em todas elas reconheceu de imediato a mulher que prendera no porto pensando ser Pietra. Foi somente naquele momento que notou como era jovem, percepção que o arrematou por completo,

roubando-lhe todo o ar que havia em seus pulmões. A memória de arrastá-la porto adentro, com tamanha brutalidade, atingiu-o em cheio, fazendo com que experimentasse uma nova e terrível sensação: remorso.

Instintivamente, sem chance para pensar no próprio ato, Nikolau abaixou os olhos diante da jovem, envergonhado, culpado e arrependido por ter submetido alguém que há pouco deixara a infância a tamanho sofrimento e humilhação. A ideia de que a machucar não era tão diferente de ferir um garoto como Noah fez-se em milhares de pequenas agulhas, perfurando cada pedaço do seu corpo.

Sentiu os olhos marejarem, e pela primeira vez em sua vida esteve prestes a chorar por alguém que não a falecida esposa e o filho. Não teve tempo, porém, porque tão logo a moça pareceu

abrir a boca para falar, em evidente surpresa, foram interrompidos pela voz alterada do rei.

— Levem-na agora! — ordenou rapidamente.

Nikolau soltou o fino braço com uma delicadeza que não sabia existir em suas mãos e encarou o monarca, já com os olhos secos e o peito em brasa. E embora houvesse culpa pesando sobre seus ombros, não olhou para trás quando ouviu a porta se fechar atrás de si.

— Percebeu que ela nem parece com a Pietra, senhor Nikolau? — o rei caçoou, sorrindo.

— Quero meu filho — o caçador forçou-se a dizer, tentando ignorar a provocação e a forma como fazia com que se sentisse.

— E por que eu deveria entregá-lo? — Durian questionou. — Se bem me lembro,

PERIGOSAS NACIONAIS

tínhamos um acordo bastante simples. Você o teria de volta quando me entregasse a bruxa.

— Ela está longe.

— E isso deveria funcionar como um argumento a seu favor? — O rei gargalhou de bom humor. — Sabe, é o segundo apelo por clemência de hoje — comentou despreocupadamente, virando-se para o padre. — Devo me acostumar a isso, não? Aparentemente ser um rei piedoso significa somente atender, mas nunca receber nada de realmente útil em troca.

— Vossa Majestade tinha medo dos perigos que a Sereia oferecia. Queria ela dada como morta em seus domínios, longe deles, e assim aconteceu.

— O que faz com que o senhor pense que eu a queria dada como morta? — o rei indagou, dando ênfase na palavra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O senhor queimou uma mulher em seu lugar. Para todos os efeitos, o povo tem Vossa Majestade como salvador.

— E o que me garante que ela não irá voltar? — indagou, confirmando as acusações de Nikolau.

— Ela fugiu. Escondeu-se. Qualquer que seja a razão para ter matado seu pai, ela não parece ter força ou vontade de enfrentar o senhor.

O rei sorriu satisfeito.

— Tem razão. Ela sempre soube que seu destino era um só... Não existe versão em que não termine sendo queimada.

Nikolau já não tinha paciência para mais conversas. Em momento algum se interessara de fato pelos motivos que moviam o rei, ou mesmo pelos crimes da Sereia do Inferno. Só havia um

PERIGOSAS ACHERON

único desejo em seu coração: reencontrar o filho e partir daquela inóspita cidade.

— De toda forma, o propósito foi cumprido. Uma mulher queimou, Pietra Scarj não oferece mais perigo e o povo se mostra contente. A caça terminou e, portanto, devo ter Noah.

O rei levantou-se de seu trono, ainda sorrindo, e se dirigiu ao centro da sala, onde uma comprida mesa de madeira se estendia. Pegou a pena que estava imersa no tinteiro e colocou-se a escrever caprichosamente sobre um pedaço de papel.

O som do papel sendo arranhado pelo objeto irritava os ouvidos de Nikolau, cuja inquietação crescia a cada segundo. De onde estava, esforçava-se para compreender as letras que iam, pouco a pouco, surgindo sobre a superfície, mas tal tarefa se mostrou completamente

impossível. Não conseguia desvendar o que o rei escrevia.

Quando finalmente terminou, após o que pareceram longas horas, dobrou o papel e derramou cera para fechá-lo. Imprimiu a insígnia sobre a marca e estendeu a folha para o sacerdote.

— Acompanhe o senhor Nikolau até Sir Velory. Entregue isto a ele — o monarca ordenou. Dirigiu-se então novamente ao caçador, sustentando seu olhar, e estendeu a mão para que o homem a beijasse.

— Jamais me curvaria para a mão que machucou meu filho — ele respondeu, adiantando-se para sair pela porta.

No entanto, para seu desgosto, Nikolau deu de cara com Sir Velory, cujo olhar claro endureceu tão logo se esbarraram. Não houve tempo para

dizerem nada, uma vez que o sacerdote também surgiu no corredor, com a carta do rei nas mãos. O caçador observou-o entregar a carta ao chefe da guarda real e partir sem proferir qualquer palavra.

O chefe da guarda real, após analisar o documento por um instante, colocou-se a abri-lo em silêncio.

— É para buscar Noah — o caçador apressou-se a explicar, temendo que o homem lesse tão lentamente quanto ele mesmo fazia. Agora tão próximo de rever o menino, os segundos pareciam determinados a não passar. Eram dias e noites inteiros dentro de cada um dos instantes que o separava do filho.

Sir Velory o ignorou, atendo-se à leitura do que estava gravado sobre o papel. Alguns minutos depois, no entanto, um sorriso se abriu em seu rosto, causando uma inevitável preocupação e um

terrível pressentimento em Nikolau.

— O que diz aí? — perguntou, tomando de súbito a carta em suas mãos. A aflição, contudo, intensificava ainda mais sua dificuldade em decifrar letras.

Notando o esforço estampado no rosto do caçador, Sir Velory deixou que o suave sorriso se transformasse em uma sonora risada, ignorando por completo o fato de ter sido tomado de suas mãos o papel real.

— É claro que é um ignorante — comentou, a voz mergulhada em acidez e provocação.

Como era de costume, Nikolau avançou em direção ao oficial do reino, amassando a folha de papel sobre seu peito.

— Fale! — gritou, descontrolando-se.

O outro pareceu tentado por um momento a

agredir o rosto do caçador, mas conteve o ímpeto.

— O rei ordena aqui que se entregue a criança... — Uma ligeira paz pareceu tocar a alma de Nikolau, porém antes que pudesse usufruir de tal sentimento, o homem à sua frente continuou. — Ele ordena que o senhor escolha qualquer criança que seja do seu agrado no reino, e que os pais sejam obrigados a entregar quando você tiver feito a sua escolha.

— O quê? — a voz do caçador saiu fraca e entrecortada. — Não quero outra criança, quero Noah!

Velory voltou a rir.

— O senhor não entregou uma jovem qualquer no lugar da Sereia do Inferno? — dando as costas ao desorientado caçador, o guarda real apenas gritou antes de sumir para dentro dos

PERIGOSAS NACIONAIS

aposentos reais. — Bom, o rei fará o mesmo por você. Seja sábio em sua escolha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Walkyria sentia como se o pouco que restava de seu mundo estivesse desabando. Obviamente não esperava flores de um plano que envolvia encontrar uma fugitiva dada como letal, em um ambiente repleto de guardas reais, mas tampouco podia imaginar o caos que o lugar se tornaria. Um verdadeiro pandemônio movido por vultos, gritos e sombras, que tornava difícil escutar até mesmo seus próprios pensamentos. Ainda se lembrava com perfeita nitidez da sensação de se mover para todos os lados e não conseguir firmar os olhos em uma única imagem, tão rapidamente a multidão se movia. Também se recordava do aterrador desespero de perceber, ao estender as mãos, que somente Noelle a agarrava. Levara ao menos um minuto inteiro para que ela e a irmã constatassem que a caçula havia desaparecido e muitos outros para que entendessem que a algazarra se dava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque, ao que tudo indicava, a Sereia havia assassinado um homem bem ali no porto, muito próximo de onde estavam.

A jovem tinha dificuldades em acreditar que Pietra pudesse ter matado alguém bem diante de seu nariz sem que notasse. Em outras circunstâncias, o fato certamente a colocaria em um intenso estado de alerta, atenta para encontrar a bruxa ao alcance de suas mãos. No entanto, naquele momento, não conseguia se ater ao acontecimento. Isto porque Sophia não estava a seu lado, e só podia imaginar que houvesse sido arrastada para longe quando o mar de pessoas começou a empurrá-las, como somente agressivas ondas fariam.

A princípio, seu maior incômodo era o fato de que inevitavelmente se distrairia procurando a irmã e perderia preciosos minutos em sua busca pela Sereia, o que certamente seria tempo suficiente

PERIGOSAS ACHERON

para que a ruiva se distanciasse o bastante para não ser encontrada. Com essa preocupação a atormentando, demorou para que percebesse que a inquietação e ansiedade realmente se justificavam, mas, em algum ponto, simplesmente deixou de pensar em Pietra para se entregar inteiramente ao pânico de não enxergar Sophia em local algum. Não haveria qualquer êxito em obter a ajuda da bruxa se não estivesse com as duas irmãs sob sua proteção.

Seu horror cresceu quando viu nos olhos claros de Noelle a mesma indagação, a mesma preocupação crescente e o mesmo nervosismo. A loira encarava todas as direções com urgência e alarme, enquanto apertava seu pulso com cada vez mais força.

— Nós vamos encontrá-la — Walkyria viu-se obrigada a dizer, e mesmo sem precisar

PERIGOSAS NACIONAIS

especificar a quem se referia, sabia que a irmã não teria dúvidas. A Sereia já não era mais prioridade, não quando Sophia não estava com elas.

— Walkyria, olhe! — Noelle indicou, apavorada.

A mais velha sentiu o coração disparar dentro do peito antes mesmo que pudesse ver o que a outra indicava, tamanho o terror existente em suas íris claras. Não estava, porém, de fora alguma preparada para aquela visão.

O caçador, que já estavam habituadas a ver no encalço de Pietra, arrastava uma frágil silhueta encapuzada pelo braço em direção a um cavalo.

Nikolau havia capturado a Sereia.

Enquanto Walkyria tentava digerir a cena, com a garganta fechando e uma súbita vontade de chorar ameaçando consumi-la, percebeu a também

PERIGOSAS ACHERON

familiar figura de Rollo avançar rápida e desesperadamente em direção a eles. Antes que pudesse sequer se dar conta do que o rapaz pretendia fazer, viu Nikolau transpassá-lo sem um único segundo de hesitação, sem um único vestígio de dúvida. A postura segura de quem estava habituado a matar.

Os segundos até que o corpo do ébrio impactasse o chão arrastaram-se para passar, como se desejassem que a jovem sofresse o bastante ao assistir à imagem, em uma mensagem de que todo o seu plano só podia ter aquele mesmo fim. Cada pedacinho de sua estratégia ruiria, e não havia nada a ser feito além de observar, impassível, os detalhes de sua derrota.

Então Noelle gritou.

A voz da irmã despertou-a de seu transe, fazendo-a lembrar que, ainda que todo o resto

PERIGOSAS NACIONAIS

falhasse, ainda tinha como missão de sua vida cuidar das irmãs. E aquele grito chamava toda atenção de que não necessitavam.

Subitamente atenta, agarrou o braço da loira e arrastou-a para longe do confronto, sussurrando em seu ouvido para que se calasse. Dando as costas para o caçador, não viu quando o homem se desesperou ao enxergar um navio partindo e bateu repetidamente em sua própria cabeça.

Noelle resistiu ao movimento da irmã, desesperada para alcançar Rollo, mas Walkyria não permitiu. Não quando, na presença de tantos guardas reais, poderiam ser também capturadas como cúmplices ou simpatizantes dos atos de Pietra.

— Vamos encontrar Sophia, depois veremos se... — prometeu, incapaz de continuar.

PERIGOSAS ACHERON

Com o coração impossibilitado de retornar ao ritmo habitual e a dificuldade de respirar agravando-se em razão de todos os acontecimentos daquele dia, Walkyria obrigou os olhos a continuarem investigando toda a área do porto em busca da caçula, forçando-se a ignorar o ardor que tantas horas de tensão e expectativa causavam. Sentia o corpo de Noelle rígido a seu lado e, em alguns momentos, tinha a impressão de ouvi-la soluçar baixinho, mas de algum modo ignorava tudo isso. Limitava-se a buscar o rosto de Sophia em qualquer lugar daquele porto que, sabia, apareceria em seus pesadelos como o próprio inferno.

Viu o caçador e os guardas reais partirem levando com eles a única esperança que tinha para cumprir o propósito que estabelecera tantos anos antes, mas as pernas não se moveram um único

centímetro para segui-los. Não havia razão para tanto. Não havia mais nada a ser feito.

Pouco a pouco, a multidão de pessoas dissipou-se, e somente o som das águas passou a preencher seus ouvidos. Apenas alguns poucos guardas, pescadores e carpinteiros continuavam no porto enquanto a noite os cobria, e Walkyria dirigiu-se a cada canto do local e a cada rosto, sentindo o aperto no peito aumentar ao constatar que nunca era Sophia em nenhum deles.

— O que aconteceu com ela? — sussurrou, sentindo uma miscelânea de fracasso e impotência tomarem todo o seu corpo.

— Irmã — Noelle começou, insegura —, se existe uma mínima chance de Rollo estar vivo, precisamos ajudá-lo.

Walkyria a encarou absorvendo suas

palavras, embora durante longos segundos não a tenha enxergado de fato. Então pouco a pouco o rosto da irmã ganhou foco diante de seus olhos.

— Sim — foi tudo o que conseguiu dizer.

A loira mordeu o lábio inferior e cuidadosamente pegou na mão da outra, tomando à frente para guiá-la até onde viram o rapaz ser ferido por Nikolau.

Enquanto avançavam, Walkyria foi arrematada pela consciência de que não podia manter-se apática e desorientada daquela forma. Não haviam encontrado Sophia viva, porém, tampouco a haviam encontrado morta. Ademais, durante todo o dia não escutara um único comentário a respeito de outra vítima, o que significava que suas esperanças podiam se manter acesas. Encontraria a caçula, jurava para si mesma a cada novo segundo, mas Noelle tinha razão. Se

PERIGOSAS NACIONAIS

Rollo estivesse vivo, precisavam ajudá-lo. E, se não estivesse, poderiam ao menos fechar seus olhos e cobrir seu corpo, como o único aliado que haviam conquistado durante toda aquela infeliz jornada merecia.

Quando chegaram ao local onde o viram ser machucado, imediatamente notaram uma espessa camada de sangue seco sobre o chão, prolongando-se por alguns metros em direção a caixas de madeira empilhadas.

As duas irmãs seguiram o rastro, percebendo que se tornava mais estreito conforme avançavam, aprofundando-se no que parecia uma espécie de depósito a céu aberto.

— Rollo! — Noelle chamou por entre as caixas quando o líquido rubro passou a ser visível apenas através de manchas disformes.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele está por aqui — Walkyria afirmou, sentindo o cheiro de sangue e de suor destacando-se em meio ao odor de madeira e peixes.

— Rollo! — a jovem repetiu. — Sou eu, Noelle!

Em resposta, ouviram uma voz fraca murmurar palavras ininteligíveis. As duas mulheres entreolharam-se por apenas um segundo antes de voltarem a caminhar apressadamente. Haviam passado em frente às inúmeras caixas empilhadas mais cedo, mas notando que não parecia haver qualquer espécie de cobertura ou espaço para uma pessoa adulta, haviam se limitado a gritar pelo nome de Sophia, ao que não receberam resposta. Porém, naquele momento, com a impressão de ouvirem a familiar voz masculina, sabiam que de alguma forma ele estava ali.

O caminho antes indicado pelo rastro de

PERIGOSAS ACHERON

sangue já não existia naquele instante, tendo sido substituído por cascas envelhecidas e pedaços podres de frutas, mas instinto e esperança eram suficientes para guiá-las.

As irmãs deixavam as mãos correrem pelas superfícies de madeiras, enquanto com os olhos semicerrados se esforçavam para que os sentidos captassem toda espécie de manifestação.

Diminuíram o ritmo ao encontrarem ao menos uma dúzia de caixas desorganizadas sobre o chão, obstaculizando o caminho. Walkyria firmou as mãos sobre a tampa da que parecia menos fragilizada pela ação do tempo e flexionou os joelhos para ultrapassá-la. Ao fazê-lo, ajudou Noelle a repetir o movimento, mantendo-se colada à loira, tão estreito era o espaço em que conseguiam pisar.

— Olhe — a mais jovem falou com

urgência, apontando o dedo para um objeto que se destoava dos demais pelo tamanho.

Era apenas mais uma caixa velha, suja e malcheirosa como as outras, mas no mínimo três vezes maior. O tipo de armazenagem que jamais seria carregada por um único homem sozinho, mas que certamente era grande o bastante para escondê-lo, caso fosse necessário.

Noelle apressou-se, empurrando pedaços de metal enferrujados e descartados para o lado. Visivelmente ansiosa, firmou as mãos sobre as plataformas de madeira que chegavam à altura de seus seios, e dirigiu os olhos para o seu interior, sua expressão congelando no segundo em que o fez.

— Ele está aqui — sussurrou, com a voz grave.

Walkyria adiantou-se para o lado da irmã e

PERIGOSAS NACIONAIS

reconheceu o rosto pálido de Rollo, com olhos que mais pareciam duas fendas. Suas mãos agarravam a lateral da barriga, onde a roupa parecia encharcada em sangue.

— Pietra, Sophia — o rapaz murmurou, a voz em apenas um fio fazendo o coração da mais velha bater mais forte, machucando seu peito. — Socorro — balbuciou, antes de perder a consciência.

A morena, desesperada, agarrou os ombros do amigo.

— Sophia? Você sabe onde ela está? Onde está Sophia, Rollo?

— Walkyria — Noelle chamou, segurando seus pulsos. — Walkyria, pare, ele desmaiou! — desesperou-se, com lágrimas nos olhos. — Nós precisamos tirá-lo daqui!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, nós precisamos saber onde Sophia está...

— Irmã, ela não está aqui — respondeu, com a voz fraca. — Nós olhamos por tudo, é impossível...

— Vamos esperar até que ele acorde e então...

— Ele não vai acordar! — Noelle exasperou-se, falando mais alto do que o normal. — Olhe para ele, Walkyria, se não o levarmos para um lugar seguro ele morrerá!

— Mas se sairmos daqui...

— Se formos para qualquer lugar nas redondezas do porto, Sophia não saberá onde nos encontrar — a loira disse apressadamente, segurando os braços da irmã. — Precisamos ir para um lugar que ela conheça, e precisamos cuidar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rollo. Vamos roubar um cavalo e ir até a casa dele — disse com firmeza. — Se ele acordar poderá nos dizer o que sabe sobre o que aconteceu com Sophia, e se não acordar... — pausou, respirando pesadamente. — Bom, pelo menos estaremos em um lugar conhecido. Aqui estamos expostas e distantes do local para onde Pietra foi levada. Não há utilidade em ficarmos.

Walkyria permaneceu em silêncio, processando as palavras da outra, absorvendo a racionalidade e sensatez de tudo o que dizia. Se não estivesse tão preocupada, teria se permitido sentir orgulho da irmã.

— Certo — confirmou, com esforço. — Vamos salvar esse rapaz.



PERIGOSAS ACHERON

As duas horas seguintes foram suficientes para que Walkyria notasse o efeito dos atos do rei sobre o povo.

O medo que vinha sendo alimentado por murmúrios, fogueiras e denúncias relacionados à Sereia do Inferno era como um grande véu que se estendia sobre toda a Evje, nublando a maneira como todo e qualquer acontecimento era enxergado. Desde que a caça às bruxas tivera início, falava-se baixo, aos sussurros, como se o vento fosse capaz de levar aos ouvidos de Pietra tudo aquilo que se tentava esconder. Os passos eram cautelosos, temendo-se encontrar nas sombras os olhos coloridos e o mal que guardavam.

No entanto, bastara a notícia de que a bruxa havia sido capturada no porto para que a áurea de uma cidade inteira mudasse. Era possível enxergar os sorrisos, que nos últimos meses eram tão

PERIGOSAS NACIONAIS

perigosos quanto um pecado, tornando a aparecer. Homens e mulheres voltavam a respirar sem questionarem, a todo instante, qual seria a última lufada de ar que inspirariam. Os movimentos voltavam a ser firmes, dispensando a hesitação que antes parecia imprescindível para a sobrevivência.

E tudo isso porque os guardas do reino haviam capturado a mulher cuja fama era ainda mais letal do que seus próprios atos.

O sossego e a satisfação que imperavam foram percebidos por Walkyria, e apesar de lhe incutirem náuseas, serviram como aliados para seus propósitos.

Pela primeira vez nos últimos tempos o povo abaixava a guarda, e com a Sereia prestes a queimar os pecados de todo um país através de seu corpo, sentia-se mais próximo do céu. O povo sentia-se seguro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enojada com a percepção, a jovem pediu para que Noelle distraísse um comerciante, afastando-o de sua carroça, a fim de conseguir roubá-la. Como esperava, a irmã não teve qualquer dificuldade em fazê-lo. Bastou que dissesse algumas palavras sobre estar apavorada com a ideia de ter estado tão próxima de uma bruxa nas horas anteriores, e simulasse algumas lágrimas e tremores, para que o homem a convidasse para beber um copo de cevada a fim de acalmá-la. Afinal, era fácil ser herói quando a crença de toda uma cidade já havia vencido o vilão.

Walkyria assistiu-a acompanhar o rapaz para um beco escuro ao lado de uma estalagem, e soube que em poucos segundos ele estaria desacordado. Soube também, antes mesmo que acontecesse, que seu ódio ao recobrar a consciência se daria muito menos em razão de ter seu

PERIGOSAS ACHERON

instrumento de trabalho roubado do que por ter sido feito por uma jovem. A morena sabia que tais confrontos jamais poderiam ser aceitos na sociedade em que vivia. Não quando os aceitar seria o mesmo que pressupor que homens e mulheres tinham alturas suficientes para se encararem, o que, em última análise, significaria dizer que tais mulheres não estavam com os olhos presos ao chão, de cabeça baixa, exatamente como eram ensinadas a fazer.

E sociedade patriarcal nenhuma subsistiria se suas meninas enxergassem o poder que tinham contra seus opressores.

Assim, quando avistou Noelle surgir com o queixo erguido, experimentou novamente aquela velha sensação de ter o peito se enchendo de um orgulho que mal lhe cabia. A irmã caminhava da exata forma que deveria: deixando que o mundo a

examinasse, mas devolvendo o favor.

A mais nova entregou à Walkyria um casaco, uma garrafa de vinho e uma camisa branca, recebendo um discreto sorriso em resposta. Havia não somente cumprido perfeitamente o plano, como também se encarregado de obter outros itens essenciais para o cuidado de Rollo.

Com esforço e mudando suas posições ao menos três vezes para obterem sucesso, as duas mulheres conseguiram colocar o rapaz na carroça e fazê-lo deitar sobre uma enorme quantidade de verduras que, ao menos pensavam, eram capazes de tornar a viagem de volta para a sua choupana minimamente macia.

Walkyria colocou-se à frente para guiar o cavalo, mas Noelle permaneceu ao lado de Rollo pelos primeiros quilômetros do percurso. Limpou a ferida com a bebida que havia subtraído, utilizou a

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa tão limpa quanto era possível para improvisar uma atadura em torno do abdômen machucado e cobriu o rapaz com o casaco que também trazia de sua simplória missão. Deixou-o o mais confortável que pôde, e somente quando percebeu que já não havia mais nada que pudesse fazer, a não ser velar seu sono perturbado e mantê-lo longe de ataques, foi que se sentou próxima à irmã para se manter atenta à viagem.

Ainda usufruindo da calma oriunda da captura de Pietra, conseguiram realizar todo o trajeto sem qualquer contratempo. Contudo, embora Walkyria estivesse agradecida por isso, o silêncio lhe oferecia espaço, tempo e vazio demais para que preenchesse com suas preocupações. Os corpos, já beirando à exaustão, ainda se mantinham mais firmes do que a mente, que parecia tão esgotada quanto suas esperanças. Ainda assim,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhuma das duas mulheres ousou sugerir algumas horas de sono. Se ficarem no porto reduzia as chances de encontrarem Sophia e de salvarem Rollo, sabiam que perder mais tempo do que o necessário no percurso as dizimariam.

Desta feita, seguiram sem dizer uma única palavra, sem pensar na fome ou na sede que sentiam, tampouco sem se renderem ao medo ou ao desespero que as consumiam centímetro a centímetro.

Avançaram por quase dois dias, mas teriam acreditado se lhes dissessem que foram dois anos inteiros. O corpo se forçava a permanecer acordado, mas o espírito já não parecia possuir a mesma rigidez.

Talvez por isso, ao finalmente colocarem Rollo em sua cama de volta à choupana, tenham instintivamente buscado uma a outra. Deitaram-se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abraçadas no chão, notando que pela primeira vez em muito tempo não tinham planos, caminhos ou rumo. Não tinham um terço de seus corações.

Assim, ao fecharem os olhos, deixaram-se buscar conforto nos outros dois terços que restavam, sabendo que pelo menos durante aquela noite, estava tudo bem em se sentirem fracas, vazias e perdidas. Enquanto a lua as observava silenciosamente, podiam se permitir chorar, ou mesmo adormecer antes mesmo que a primeira lágrima tivesse tempo de cair.

Afinal, apesar de sua determinação, as duas irmãs ainda eram humanas. E humano nenhum, feiticeiro, guerreiro ou covarde, poderia escapar da brutalidade que é a dor da saudade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sophia tinha a impressão de que o coração batia em todos os cantos de seu corpo. Conseguia ouvi-lo ressoando alto em seus ouvidos, ecoando pelo ambiente à sua volta. Imaginou se teria tempo de percebê-lo parando quando o rei decidisse acabar com tudo aquilo de uma vez por todas. Haveria tempo para perceber que estava morta?

A venda sobre os seus olhos impedia que enxergasse para onde estava sendo levada, embora a textura e a umidade do solo sob seus pés descalços revelassem que caminhava em direção ao interior da floresta.

Ao se encontrar frente à iminência da morte, percebeu que não tinha tanto medo quanto poderia esperar. Depois de um caminho tão doloroso, qualquer fim parecia uma oportunidade de descanso. Uma oportunidade de obter um pouco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de paz. Ainda assim, a ideia de que seu corpo seria possivelmente abandonado em meio à mata fazia com que temesse por suas irmãs. Elas não mereciam passar pela experiência de encontrar somente a casca vazia do que um dia havia sido alguém amado. Não de novo. Desesperava-a imaginar a dor que haveria nos olhos de Walkyria e Noelle ao descobrirem que haviam batalhado tanto para terminarem exatamente como haviam começado. Sozinhas, feridas, em luto.

E apesar da família ocupar quase todo o espaço ainda não tomado pelo instinto de sobrevivência que lhe gritava alertas, de alguma forma não conseguia afastar a lembrança do olhar do caçador ao vê-la. Tinha a impressão de ter enxergado culpa, arrependimento e pesar o corroendo, tornando-o incapaz de manter a cabeça erguida diante de sua presença. Era quase como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele sentisse vergonha de seus atos. Sophia não conseguia compreender as motivações do homem e, naquele momento, tampouco conseguia explicar seus próprios sentimentos, mas toda a raiva parecia querer dar espaço à pena. A constatação fazia com que se lembrasse dos comentários das irmãs sobre ser a mais ingênua e, mais do que nunca, fazia com que tivesse certeza de que estavam certas.

Já não importava, porém. Nada mais importava.

A jovem sentiu quando o aperto em seu braço se intensificou antes de relaxar. Parou imediatamente, tentando controlar a respiração que escapava ruidosa.

Era chegado o momento.

Dedos suaves percorreram seu rosto com delicadeza, retirando a venda que cobria seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar do toque não ter provocado dor, o arrepio que causou era tão desagradável quanto. E ainda mais repulsivo.

Foram necessários vários segundos para que Sophia registrasse o ambiente que a cercava, já que as imagens insistiam em não entrar em foco. Isto porque a mente ansiava em encontrar qualquer resquício de esperança pífia a que pudesse se agarrar, qualquer elemento que pudesse significar uma última chance de fuga. Não havia, porém, absolutamente nada, somente um grande vazio branco de uma floresta em um inverno rigoroso. Tampouco qualquer testemunha do que estava prestes a acontecer. Somente o sacerdote, de nome Nigak.

Apesar de nunca ter frequentado a igreja, Sophia achava que alguém, que pregava a respeito de um homem que se dizia ter pisado sobre aquele

PERIGOSAS ACHERON

mesmo chão falando sobre amor e tolerância, não deveria ser tão intimidante. Não deveria um homem de palavras ser tão assustador quanto um com armas. De algum modo, ainda assim o era.

O ímpeto da garota era de correr e se manter o mais distante possível do sorriso que, apesar de forçosamente bondoso, revelava intenções que céu nenhum aceitaria receber. Aterrorizada pelo fato de estar em meio a um cenário isolado que fazia ecoar o silêncio que a ensurdecia, somente com o padre como companhia, retraiu-se, sentindo as pernas ameaçarem não sustentar seu peso.

— Minha filha — o homem começou, repousando uma mão sobre o ombro magro de Sophia —, você tem uma oportunidade de ouro em suas mãos, concedida pela generosidade de seu rei. Você viu o que aconteceu no porto, sentiu na pele o egoísmo e as manobras ardilosas da Sereia do

PERIGOSAS NACIONAIS

Inferno, certo?

A jovem meneou a cabeça em um movimento trêmulo.

— Certo? — repetiu, exigindo uma confirmação.

— Certo...

— Pois bem. Você viverá — falou, rindo divertidamente ao notar o ar escapar bruscamente por entre os lábios da garota, como se o estivesse prendendo até aquele momento. — Mas terá como missão de sua vida espalhar a palavra da igreja e do reino. Dirá a todos os cantos o quanto temeu Pietra Scarj por todos os pecados que testemunhou; gritará aos quatro cantos sua admiração pelos atos do governo que culminaram na morte da bruxa em uma fogueira.

Mais uma vez Sophia se limitou a acenar

PERIGOSAS ACHERON

com a cabeça, os olhos inundando com lágrimas que já não sabia serem de medo, alívio ou repulsa.

— Você pode fazer isso, criança?

— Si... Sim — esforçou-se a dizer, ouvindo os próprios dentes baterem com o tremor compulsivo que tomava seu corpo. — Sim.

— Muito bem! — o padre exclamou, retirando a mão e sorrindo satisfeito. — Volte para casa, descanse, e amanhã esteja pronta para fazer o que é esperado de você.

— Sim — repetiu, colocando toda sua energia para que um dos pés se movesse, recuando.

— Que Deus te abençoe, minha filha.

Incapaz de permanecer um único momento na presença daquele homem, e com medo de que a esperança de reencontrar as irmãs fosse tirada bruscamente de seu peito, levando seu coração

PERIGOSAS NACIONAIS

junto, colocou-se a correr.

Correu sem olhar para trás, tão ansiosa quanto alguém que se afasta da beirada de um precipício. Correu, desejando que as pernas não vacilassem. Fugiu, deixando para trás sua sentença de morte, mas sentindo de alguma forma que estava mais presa do que nunca.



Sophia não saberia dizer por quanto tempo se manteve em movimento, mas somente ousou parar quando o peito, ardendo pelo esforço, já não permitia que continuasse. Continuava tendo apenas árvores como companhia, e embora estivesse familiarizada com o ambiente, a ânsia em encontrar o colo das irmãs dificultava reconhecer em que ponto da floresta estava.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto inspirava violentamente o ar, tentando alimentar os pulmões, deixou-se apoiar em um dos largos troncos, escorregando por ele até estar sentada sobre a neve.

Você está viva, repetia para si mesma. Você só precisa continuar mais um pouco.

Da mesma forma que imaginar a dor que haveria no olhar de Walkyria e Noelle se a encontrassem morta a machucara, imaginar o alívio de vê-la viva injetava forças em suas pernas para que se encontrasse na mais importante missão de toda a sua vida: a de voltar para os braços que amava.

No entanto, foi somente então que percebeu que não tinha ideia do que acontecera às irmãs. Apesar do vazio que havia em estar presa em um cativeiro, a sensação era massacrante o suficiente para que não conseguisse pensar em nada senão em

PERIGOSAS NACIONAIS

sua própria sobrevivência. Era a primeira vez que se permitia refletir a respeito das possíveis consequências dos eventos dos últimos dias sobre sua família. Teriam permanecido no porto? Teriam percebido a armadilha de Pietra e rumado em direção ao castelo? Estariam ainda aliadas a Rollo?

Rollo.

Não passara pela sua cabeça nem por um segundo durante aqueles dias que o rapaz fora machucado por Nikolau. Não havia sequer se perguntado se o ferimento havia sido fatal. Se ele ainda estivesse vivo, certamente Noelle faria de tudo para ajudá-lo, tinha certeza. Já havia percebido o tom afetuoso com que a loira se dirigia a ele, mas mais do que isso, nenhuma delas ignoraria uma pessoa em quem confiavam em uma situação de necessidade.

Talvez estivessem todos juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com a constatação a preenchendo de ainda mais ansiedade, levantou-se rapidamente e se concentrou nas características ao seu redor. Precisava identificar onde estava a fim de saber se estava mais próxima de sua casa ou da de Rollo. Procuraria pelas irmãs primeiramente no local mais perto.

A tarefa foi mais difícil do que esperava. A ânsia em encontrar elementos que fosse capaz de reconhecer fazia todo o ambiente parecer irritantemente parecido. Confusa, andou por alguns metros, notando que a mata se tornava menos densa em uma das direções. Optou por segui-la até que pudesse definir com exatidão quais seriam seus próximos passos. Já andara por ali ao menos uma centena de vezes, bastava que aquietasse a mente e a deixasse trabalhar.

Conforme caminhava, esforçava-se para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditar em suas próprias mentiras de que não havia mais o que temer. Queria apenas se agarrar a ideia de que tão logo se reunisse às irmãs, tudo estaria bem. Sem fogo, sem bruxas, sem reis.

Desejava com tanta força ver seus rostos, que por longos minutos teve certeza de que a imagem que começava a se materializar metros adiante era somente um oásis, sua cabeça pregando peças para oferecer um mínimo de conforto. Enxergava o fim da floresta revelando o que parecia uma carroça e um cavalo. E ainda um pouco mais distante, uma choupana. Simples, silenciosa, solitária. Exatamente como a que vira Pietra visitar tantas vezes em busca do corpo de Rollo.

A casa estava ali. E a julgar pela presença do animal, estava ocupada.

Ignorando qualquer noção de cautela e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rendendo-se aos seus instintos, Sophia voltou a correr, determinada a avançar o mais rapidamente possível. Se havia uma única chance de encontrar as irmãs nos próximos minutos, não desperdiçaria nem mesmo um segundo. Correu, mais cansada do que imaginava ser possível. Correu, com uma urgente vontade de desistir. Correu até que encontrou aqueles rostos. E então finalmente se permitiu desabar.

Sophia não teve forças para chamar os nomes das irmãs. Apenas permaneceu no limiar da porta, após cair de joelhos ao abri-la com um empurrão violento, aguardando que fosse vista.

Enquanto aguardava, o tempo e o ar pareciam ter parado. Walkyria e Noelle a encaravam, boquiabertas, em uma flagrante tentativa de processarem o que enxergavam. A caçula já não sabia se os sons que escutava eram do

PERIGOSAS ACHERON

seu coração ou se vinham do peito das outras duas mulheres.

— Sophia? — a mais velha finalmente falou, correndo em sua direção, como se o feitiço que antes a prendia ao chão houvesse se desfeito. — Sophia! — repetiu, ajoelhando-se à sua frente e a envolvendo em um abraço que seria capaz de sufocá-la, mas que, naquele momento, também era a única proteção de que necessitava.

Com o rosto escondido no pescoço da irmã, a jovem sentiu quando os braços de Noelle também a envolveram. Estava com elas. Estava em casa. Incapaz de controlar a avalanche de sentimentos em seu interior, deixou escapar um soluço, usando as mãos para puxar as duas mulheres para seu corpo, como se fosse capaz de fundi-los para nunca mais se separarem.

— Você está bem? — Noelle perguntou,

colada em seu ouvido.

— Estou, estou bem. E vocês?

— Sim... O que aconteceu? Onde você estava? — Walkyria afastou-se somente o suficiente para inspecionar o rosto da morena.

Sophia abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse fazê-lo, seus olhos foram capturados pela imagem de Rollo inconsciente sobre a cama.

— Ele está bem? Vocês conseguiram falar com a Sereia?

— A Sereia foi capturada pelo caçador...

— Não, não — interrompeu bruscamente, notando que as irmãs não tinham condições de saber que fora levada no lugar de Pietra. — Eu fui capturada pelo caçador. Ela escapou.



Walkyria pensou em pedir que Sophia repetisse toda a história que havia contado, incapaz de acreditar que a ruiva seria cruel a ponto de sacrificar uma menina inocente para garantir sua fuga. Uma menina que encontrou, que clamou por sua cooperação. Não o fez, porque doía demais ouvir que a irmã estivera presa diante do rei, assim como sabia que certamente era doloroso demais para a garota reviver aqueles dias de cárcere em seu relato. Deixou que dormisse, descansasse finalmente, enquanto tentava afastar de sua mente a imagem da caçula sendo usada em uma guerra que não era sua.

A ferida de Sophia a torturava, mas também o fazia a atitude de Pietra, embora soubesse que não havia sensatez em esperar qualquer conduta

diversa. Não poderia esperar piedade de uma mulher como a Sereia do Inerno.

Enquanto observava as irmãs adormecidas, sentia as próprias pálpebras pesando. Era o cansaço de uma vida inteira de planos fracassados urgindo para extravasar. Todavia, lembrando mais uma vez os acontecimentos dos últimos dias e vendo os únicos rostos conhecidos repousando, percebeu que, pela primeira vez em sua vida, não possuía um plano. Quer dizer, não havia caminhos para cumprir o que sempre fora seu propósito.

Era o fim da linha.

A ideia de um recomeço livre das pressões que sempre lhe impactaram os ombros apareceu naquele momento como um oásis pacífico a ser perseguido. Havia um vazio em seu peito que, entretanto, pesava. Era como se a liberdade estivesse bem à sua frente, porém como se

PERIGOSAS NACIONAIS

correntes de ferro segurassem seus tornozelos e punhos.

Estava perdida. Fracassada. Ferida. Sozinha. E não havia nada que pudesse fazer. A jovem de cabelos rubros fora sua única chance, agora tão intocável quanto as ondas do mar em que desaparecera.

Enquanto se entregava a uma fraqueza nunca antes experimentada, Walkyria tinha dúvidas de que gostaria de voltar a acordar. A renúncia ao caótico passado e a um futuro sem quaisquer expectativas seria covardia? Ou seria coragem?

Antes que pudesse se decidir por uma das respostas, um estrondoso ruído a despertou de seus devaneios. Ficou em pé de um salto, e tal como a mão involuntariamente toca um ponto de dor, os dedos voaram em direção à sua adaga. No mesmo instante, viu Noelle levantando cambaleante de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sono também, nos olhos a confusão e o medo pelo barulho que a despertara.

Em poucos segundos, ouviram passos pesados se aproximando, ficando mais altos a cada instante. Quando a figura se materializou, empurrando com brutalidade a porta da frente da choupana de Rollo, os nervos das irmãs se inflamaram instantaneamente. O rosto anguloso e marcado por cicatrizes aparecia transtornado, o que o deixava com um semblante ainda mais perigoso do que o usual. Era impossível que não se assustasse diante da fúria e urgência que havia nos olhos do caçador.

Nikolau ignorou Walkyria e Noelle e avançou a passos largos rumo ao interior da casa. Antes que as mulheres pudessem reagir, viram quando ele parou diante da cama, onde Rollo jazia pálido, com ataduras molhadas de sangue sobre sua

PERIGOSAS ACHERON

barriga. Seus olhos detiveram-se, porém, no rosto pálido de Sophia. Era como se pudessem enxergar nos olhos do caçador a culpa pelo equívoco que cometera, transformando sua expressão em uma máscara de consternação.

— Não pode ser coincidência — ele murmurou pra si mesmo, finalmente se virando para as irmãs mais velhas e as notando. — Vocês estavam todos juntos desde o começo. Vocês conhecem a bruxa.

Não houve resposta. As mulheres continuaram o encarando.

— Onde ela está? — Nikolau perguntou, avançando, o que fez com que imediatamente erguessem suas armas. — Onde ela está? — gritou, explodindo.

A voz alta acordou Sophia, que também se

levantou e correu para o lado de Walkyria.

— Ela fugiu. Outra mulher queimou em seu lugar. O que mais vocês querem? — ignorando a confusão na expressão do caçador, a caçula respondeu, autoritária. A dureza existente na voz doce pareceu desarmar suas estruturas.

— Mas não era ela — balbuciou, sem grande importância. Surpreendendo todas elas, o homem impediu que uma lágrima caísse de seus olhos. — Por favor, eu imploro, me digam onde ela está.

A súplica e a vulnerabilidade de Nikolau pegaram-nas de surpresa. As três se entreolharam, confusas pelo apelo.

— Por que você precisa tanto dela? — Noelle questionou, insegura. — A Sereia partiu, sua imagem foi destruída, ela não oferece mais

perigo algum...

— O meu filho! — ele gritou, interrompendo a loira e sobressaltando-as com a agressividade de sua voz. — Meu filho está em suas mãos — confessou, andando de volta para perto de Rollo. Desprezando sua condição visivelmente fraca, pegou-o pelos ombros e o chacoalhou, tentando acordá-lo.

— Pare! — Noelle gritou. — Não basta já quase o ter matado?

Flagrantemente perturbado, o caçador soltou Rollo e começou a revirar a casa do desfalecido rapaz, em uma procura completamente eivada de desesperança. As jovens percebiam que ele nem sequer sabia o que esperava encontrar.

Viram-no encontrar embaixo das roupas somente bebidas, moedas e mais bebidas. Nenhum

PERIGOSAS NACIONAIS

resquício de Pietra ou de sua existência. Assistiram-no, estáticas, revirar tudo o que havia na casa, incluindo as roupas sujas de vinho que Rollo usara no dia em que se despedira da Sereia. Todos eles reconheciam as peças, e viram somente mais moedas e chaves caírem por entre os tecidos.

Walkyria, incapaz de continuar como plateia dos atos do caçador, colocou-se à sua frente.

— Você disse que ela tem seu filho nas mãos. O que quer dizer?

— O rei sequestrou meu filho como chantagem para que eu encontre Pietra — respondeu entredentes, parecendo desesperadamente necessitado de dizer aquelas palavras em voz alta.

O silêncio preencheu o ambiente. Walkyria abaixou os olhos, em respeito à dor do pai. Ele não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava dizer mais nada para que ela compreendesse. Estava tudo ali, em seu rosto marcado, em sua relutância e desespero para encontrar a bruxa, em seu desprezo quando se referia à sua majestade.

— Quantos anos ele tem? — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Sete — o caçador respondeu em um tom rouco, embargado pela tristeza.

— Eu sinto muito — Sophia se manifestou, em flagrante sinceridade. — Mas ela se foi — completou, com delicadeza. — Nem mesmo Rollo parece saber seu destino e... Bem, nós nem sabemos se ele voltará a acordar.

Somente o maxilar de Nikolau se moveu em resposta, duro e inflexível como era todo o seu ser.

— Eu vou recuperar Noah — disse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sombriamente, enquanto dava as costas e abandonava a choupana revirada, no mesmo rompante repentino de fúria com que havia chegado. — Nem que eu precise descer ao inferno antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau cavalgava cortando a cidade. Revivia os últimos dias dentro de sua mente, assistindo às infelizes cenas em velocidade suficiente para lhe causar vertigem.

A incômoda sensação de ter deixado que a Sereia escorresse por entre seus dedos latejava em sua cabeça e em todos os seus órgãos, embora pela primeira vez um novo lampejo de pensamento o surpreendesse: em seu íntimo, sob inúmeras camadas de derme, ossos, força e sensibilidade, estava uma leve concepção de que talvez suas mãos nunca seriam suficientes para capturar Pietra.

Pela primeira vez também ponderava que talvez o fracasso da missão não estivesse em sua incapacidade, mas sim nas impressionantes habilidades da moça. Estivera a subestimando. Porém mais do que isso, o caçador percebeu que

toda a sua raiva já não tinha a ruiva como principal alvo, mas sim o rei, o causador daquele caos. Em algum ponto daquela jornada passara a desejar, acima de tudo, que o monarca fosse punido pelo sequestro de Noah. Afinal, fora ele a ordenar que o menino fosse arrastado no meio da noite de sua cama quente.

Nikolau experimentava uma espécie de prazer doentio e novo ao pensar no tamanho do desgosto e da dor que Pietra provavelmente havia causado à Sua Majestade. Já não tinha dúvidas de que ele merecia, o que fazia com que desenvolvesse uma insólita simpatia pela mulher.

Ainda assim, por menor que fosse sua vontade de entregá-la à fogueira, tal ato estava diretamente ligado às chances de ter seu filho de volta e, por isso mesmo, estava decidido a continuar buscando evidências que o colocassem

PERIGOSAS NACIONAIS

em posição de negociar com o rei.

Saiu então da choupana de Rollo, e, determinado a impedir que mais uma de suas crises o atrasasse, colocou-se a relembrar todos os lugares em que Pietra já fora vista, em busca de qualquer pista que pudesse ter deixado passar.

Floresta.

Praça.

Cemitério.

Floresta.

Cemitério.

Cemitério.

Foi então que a epifania o atingiu como um soco em cheio no estômago.

Ao encontrar indícios de que a Sereia havia se instalado no Cemitério de Guerra, presumira que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era aquele o ponto a que se referiam os comentários populares. Ao seguir a pista de que rumava ao porto, sequer voltara a refletir sobre tais rumores. No entanto, agora a reflexão tomava novas formas.

Havia, de fato, um cemitério nas proximidades do Cemitério de Guerra, um local ermo e ainda mais frio do que o restante da cidade, onde repousavam os corpos daqueles que já haviam partido. O local que recebera Eloyse por toda a eternidade. O lugar onde ainda não havia feito sua busca. E para onde agora se dirigia.

Felizmente não estava longe e, após poucos minutos de um desesperado galope avistou as grades que cercavam a área. Nikolau desmontou de Bestian e o prendeu a uma das colunas de ferro. Empurrou o portão com sinais de ferrugem e sentiu o próprio peso afundando na neve que ainda cobria o solo.

PERIGOSAS ACHERON

Não era tão grande, já que o principal dos cemitérios se situava no centro de Evje. Ali, tão afastado, estavam enterrados somente plebeus, pessoas cujas existências eram insignificantes ao país. Estavam as mãos que haviam construído a cidade, os pés que haviam feito assentar os tijolos do chão. Não estavam, por outro lado, títulos ou sobrenomes, de modo que se tratava de uma área esquecida pelas autoridades. Ou ao menos assim fora até começarem os boatos de que a Sereia andava se esgueirando pelo local.

Nikolau ficou alguns minutos parado, observando cada um dos detalhes que preenchiam seu campo de visão. As lápides eram simples e feitas de pedra, com inscrições comuns: amado pai, amado filho, amada irmã. Alguns resquícios do que pareciam ter sido flores enfeitavam algumas delas, embora o frio intenso não permitisse que qualquer

PERIGOSAS NACIONAIS

espécie de vida prosperasse no lugar. Caminhou, chutando cada singular espaço de neve, em busca de qualquer indício da Sereia. Leu todas as lápides, em busca de alguma palavra que a vinculasse àqueles mortos. Nenhum dos nomes, entretanto, sequer soava familiar com as notícias que costumavam correr a respeito da jovem.

O caçador repreendeu-se, sentindo a irritação tapar a própria garganta. Pietra era uma bruxa, não precisava de vínculos com um cemitério... Provavelmente, apenas se sentia à vontade ali, tal qual um padre se sentia na igreja. Seu instinto, porém, de alguma forma dizia o contrário.

Frustrado uma vez mais, beirando à estafa por toda a sua energia ser canalizada em um único objetivo que figurava a cada segundo mais distante, olhou ao seu redor com atenção.

PERIGOSAS ACHERON

O que viu, então, levantou os pelos de todos os seus poros.

Galhos longos e secos, tais como garras da morte, pareciam proteger uma área de alguns metros mais adiante, ao fundo do cemitério. Tratava-se de um aparente vazio, um pedaço de solo abandonado, sem qualquer sepultura ou lápide. Apenas um solitário trecho de chão sob a guarda dos enormes e ressequidos galhos. Uma área que, mesmo sem nenhum aviso, parecia ordenar que ninguém se aproximasse, e a julgar pelo arrepio desconfortável que a mera visão lhe causou, Nikolau teve a impressão de que nenhuma alma viva se atreveria a fazê-lo.

E justamente por tal razão quase conseguia visualizar a silhueta de Pietra andando furtivamente por ali em algum momento dos últimos meses.

Determinado, avançou a passos largos em

PERIGOSAS ACHERON

direção à pequena extensão do terreno. Ao aproximar-se, sentiu um calafrio cada vez mais intenso mover-se lentamente sobre sua cútis. Se o cemitério propriamente dito já era uma área deserta, aqueles poucos metros eram ainda mais. O sentimento de abandono e mistério era imperioso sob a árvore ressecada, em uma atmosfera de completa entrega à mortificação e ao luto. O vento, sob o salgueiro quase sem vida, era mais frio e agressivo do que no restante da necrópole, de modo que Nikolau apertou o casaco contra o próprio corpo.

Levou uma mão até o tronco da árvore, sentindo a temperatura baixa fazer doer seus dedos. Procurou por alguma espécie de abertura ou marca na superfície, porém nada saltava a seus olhos.

Dedicou-se, então, a inspecionar cada centímetro do chão coberto pela neve que jazia sob

PERIGOSAS NACIONAIS

a proteção dos compridos galhos secos. Não havia nada que capturasse sua atenção, já que o solo parecia todo uniforme e ordinário. Exausto e incapaz de se lembrar a última vez que dormira, comera ou bebera razoavelmente, deixou-se cair de joelhos sobre a neve. O impacto com o solo foi mais duro do que imaginava, o que o fez notar como a camada branca estava fina. O inverno se desfazia tão rapidamente quanto sua esperança.

Côncio de que aquela era sua última e desesperada pista a ser investigada, atentou-se para o que gritavam seus instintos. Mergulhando as mãos no frio intenso do chão, começou a cavar com urgência.

As pontas dos dedos trabalharam por longos minutos, chocando-se contra o chão, atritando contra ele e causando o esfolamento da carne. Nikolau não deu atenção à dor ou sequer notou que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o sangue escorria da pele machucada, deixando rastros escarlates sobre os locais em que tocava.

Os metros existentes ao redor do tronco ressecado ganharam a aparência de um berço de morte e caos, em um pandemônio de terra, neve e sangue que revelavam a desgraça do espírito de um homem ferido.

Eram poucos os espaços ainda não tocados pelo caçador, que se perdia em um frenesi de movimentação das mãos, com a mente ocupada pelo que via e pelo rosto de Noah, que piscava insistentemente diante de seus olhos. O homem não pensava mais. Não sentia. Movia-se com fúria e determinação, como se seu último fio de vida estivesse escondido sob a brancura. A imersão completa nos próprios gestos o preenchia integralmente, não restando espaço para tormentos que, em geral, eram sua companhia constante.

PERIGOSAS ACHERON

Ignorar, mesmo que por alguns minutos, o que tanto castigava seus pensamentos assemelhava-se a uma espécie de paz. Efêmera, frágil, talvez até mesmo ardilosa, porém ainda assim um sossego das suas próprias tempestades. A intempérie de sua mente era tão dolorosa, que os impactos em seu corpo eram um alívio fugaz, tal como a água que começava a desabar do céu noturno parecia trazer alívio ao açoitar sua pele. Um desaforo de suas próprias lágrimas. Quando o desespero era tamanho, todas as salvação pareciam pequenas e, de uma maneira paradoxal, ainda assim completamente necessárias.

Entretanto, após cavar metros infindáveis com as próprias mãos, mesmo Nikolau, habituado a toda espécie de dor, começou a sentir seus limites. Seus dedos já não se moviam com a mesma agilidade ou força, e um formigamento intenso

PERIGOSAS NACIONAIS

começava a subir por todo o seu braço.

Forçando-se a continuar, experimentou a tão familiar vertigem, que, dessa vez, parecia oriunda da perda de sangue e do constante contato com o frio.

Mais uma tentativa fracassada.

Mais um passo distante de Noah.

No entanto, como se finalmente o universo se atentasse a seus lamentos e percalços, suas mãos quase mortas esbarraram em um objeto sólido, e mesmo a pouca sensibilidade que restava nos dedos do caçador foi suficiente para enviar correntes elétricas por todo o seu corpo. Ainda não conseguia enxergar com nitidez o que havia encontrado, mas sabia que aquilo que tocava definitivamente não era neve ou terra. Havia algo ali, uma peça cuidadosamente escondida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o coração ameaçando arrebentar o peito, Nikolau dedicou-se a vencer as finas camadas que restavam sobre o que quer que repousasse sob o solo fúnebre. Enquanto tentava evitar que o tremor o atrapalhasse, não conseguia ignorar a voz de seus instintos gritando que somente um segredo frágil demais seria enterrado naquele local. Ou talvez um muito perigoso.

Poucos minutos depois retirou, com dificuldade para controlar o movimento das mãos, uma pequena caixa de madeira. Não havia qualquer inscrição ou desenho em sua superfície, mas uma abertura, desproporcional ao seu tamanho, para que uma chave a abrisse. Nikolau chacoalhou a caixeta próximo ao ouvido na tentativa de ouvir qualquer som que denunciasse quais segredos estavam escondidos em seu interior, porém não escutou absolutamente nada. Moveu-a entre os dedos,

PERIGOSAS ACHERON

sujando-a com seu próprio sangue, sorvendo cada centímetro de sua descoberta.

A ansiedade para descobrir o que tudo aquilo significava era tanta que formava um grande nó em sua garganta, tornando o ato de respirar quase doloroso. O pouco oxigênio que chegava a seus pulmões, por sua vez, permitia que a mente trabalhasse da forma como mais lhe agradava: pregando peças. O rosto de Noah, que antes não saía de sua cabeça, pouco a pouco dava espaço para que o de Pietra, agressivo e impiedoso, tomasse seus pensamentos.

Seus instintos estavam certos. O que quer que aquilo fosse, pertencia à Sereia. Talvez uma indicação de onde estivesse, talvez algo que denunciasse suas fraquezas, tal como as bruxas costumavam guardar. O fato é que ela não teria escondido com tanto cuidado um objeto que não

lhe fosse precioso.

Levantou-se, ansioso por abrir a caixa e descobrir seus mistérios, mas então seus olhos foram mais uma vez capturados pela pequena abertura em sua lateral. Investigou uma vez mais o objeto com a esperança de encontrar qualquer indicação de onde estaria a chave correspondente. Sabia que poderia quebrar a caixeta, mas a ideia de arriscar o que havia em seu interior o incomodava.

Talvez ainda houvesse tempo, talvez conseguisse rodar um pouco mais em suas buscas e encontrar a peça que faltava...

Mas então, sem que o caçador houvesse permitido, uma memória despertou do fundo de sua mente e penetrou cada poro de seu corpo, preenchendo com brutidão todas as lacunas que existiam ali.

Talvez, em suas buscas, Nikolau já houvesse rodado tudo o que precisava... Talvez, em seu caminho, já houvesse cruzado com a chave. E a menos que aquela lembrança fosse mais uma peça pregada por sua mente, o caçador sabia exatamente onde precisava ir para buscá-la.



Bruxas. Veneno. Fogo. Feridas. Mais Bruxas.

Uma vida inteira marcada por elas. Rostos transfigurados pelo ódio, pela necessidade de matar. Cada uma das inúmeras feiticeiras que padeceram por suas mãos parecia gargalhar de seu fracasso, de sua incapacidade de alcançar a mais letal de todas elas. Todos os confrontos, todos os últimos suspiros e olhares que havia

presenciado, todo o sangue que havia derramado. Estava tudo ali, bem à sua frente, em uma mistura de lembranças, pesadelos e alucinações.

As pegadas, a pele quente, as plantas manipuladas e a postura de ataque. Era flagrante a ruína e o perigo na intensidade presente nos olhos de todas elas. Os gritos ao toque da prata fulminante, a penumbra em que se escondiam. Os lençóis sujos de quem se deitava com homens e mulheres também estavam ali, a seus pés, dificultando seus passos, enquanto as bruxas o amaldiçoavam e cuspiam contra a existência de um Deus em que desacreditavam.

Estava tudo ali. Tudo o que as tornava suas caças, todas as características que maculavam suas almas e as faziam merecedoras do fogo que expurgaria seus pecados.

Seu trabalho era indispensável para a

administração da justiça do reino. Sempre estivera correto. Sempre. E não havia motivos para reafirmar tal convicção.

Nikolau recobrou a consciência nos limites da floresta, a poucos metros da choupana de Rollo. Com a visão entrando em foco lentamente, notou que sua cabeça girava e que suas mãos estavam cobertas por sangue já enrijecido. Havia apagado sobre Bestian, rumando ao encontro do rapaz, e felizmente não havia caído do animal. No entanto, a fraqueza em suas pernas não podia ser ignorada, assim como também não o vazio de seu estômago.

Lembrava-se com clareza das imagens de sua inconsciência, porém não tinha qualquer vontade de refletir sobre elas. Eram memórias, fantasmas de seu passado.

Tão logo se aproximou o suficiente para ser ouvido, a jovem de cabelos curtos, de nome

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Walkyria, surgiu em seu campo de visão. Carregava armas nas mãos, e tinha o semblante duro ao encará-lo. O caçador desceu de Bestian com dificuldades, tentando esconder a debilidade de seus movimentos.

— O que você quer? — a moça perguntou, gritando contra o vento.

O homem ignorou o questionamento, e pisou firmemente em direção à entrada. Em resposta, Walkyria ergueu a adaga, apontando-a em direção ao peito do caçador.

— Por que eu deveria deixá-lo entrar?

Nikolau não conseguia enxergá-la com nitidez, em uma imagem estática, já que sua cabeça continuava presa em um desagradável redemoinho. Seus pensamentos estavam lentos e pesarosos, tal qual seus braços. Enquanto sopesava suas opções,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendeu-se ao ver surgindo, na porta da casa, um homem pálido e cambaleante.

— Espere aqui, Rollo! — Noelle apareceu atrás do rapaz, amparando-o pelo braço.

Walkyria se distraiu com as vozes por um único segundo, tempo suficiente para que o caçador conseguisse avançar. Ergueu a pequena caixa recuperada no cemitério e balançou-a frente ao rosto pálido de um Rollo com aparência doentia e moribunda.

— O que é isso? — o rapaz de olhos verdes perguntou, genuinamente surpreso com a visita. — Olha, você quase me matou, é verdade, mas vejo que está tão ruim quanto eu — completou com um típico sorriso provocativo.

Nikolau permaneceu sério.

— Onde está a chave? — questionou,

PERIGOSAS ACHERON

impaciente, mesmo diante do olhar interrogativo do moço, firmando os pés no chão para não ser embalado pelo vento frio que soprava. — A chave que a Sereia deixou para você!

Noelle, Walkyria e Sophia, que acabavam de sair da choupana, olhavam de um homem para o outro, com expressões de confusão que denunciavam ignorância e interesse pelo assunto.

— Ela não me deixou nada, seu lunático — Rollo respondeu, com a voz fraca. — Levou moedas e um cavalo, mas não tinha nada, nunca teve.

Mesmo zonzinho, o caçador conseguia perceber a sinceridade no rosto do outro.

— Você se refere à chave que caiu das roupas de Rollo, quando esteve aqui? — Noelle arriscou, recebendo, em troca, um fuzilante olhar

de Walkyria.

— Minhas roupas? — o rapaz repetiu, confuso. — Ela deixou algo em minhas roupas e eu não percebi? Será que foi por isso que ela as tirou? — resmungou, caçoando.

— E onde achou essa caixa? O que o faz pensar que é dela? — Walkyria perguntou.

Nikolau pensou por alguns instantes, refletindo sobre a quantidade de informações que deveria revelar. Ao notar que não tinha condições de um confronto, revelou.

— No cemitério. Estava enterrado.

— Você cavou com as mãos? — Sophia indagou, surpresa. — Precisa cuidar dessas feridas.

O caçador abaixou os olhos e viu os próprios dedos irreconhecíveis. As marcas deixadas pela planta amaldiçoada que tocara sequer eram

vistas mais, tão desfigurada estava sua pele.

— Venham! — Walkyria interrompeu, entrando na casa apressadamente, sob os olhares atentos de todos os presentes que a acompanharam.

Viram-na remexer as roupas sujas de Rollo, ainda desprezadas em um canto de seu quarto, e com uma careta pelo mau cheiro exalado, retirar com cuidado uma pequena e estreita chave. Nikolau deu um passo à frente, estendendo a mão para pegá-la, porém a jovem recuou, os olhos pegando fogo.

— Eu abrirei.

Nikolau cerrou o maxilar, em uma expressão impaciente, de quem acabava de ser contrariado.

— Abra logo! — exigiu ao entregar a caixa, surpreso consigo pela ausência de contestação.

Experimentava um insólito sentimento de entrega, um esgotamento que o impedia de oferecer resistência. Ademais, sabia que se recusasse, poderia muito bem ser rendido por aquelas mulheres e perder a caixa, a chave e, por que não, também a vida.

Visivelmente ansiosa para saber o que Pietra havia escondido, Nikolau assistiu Walkyria encaixar a chave na pequena caixa.

Seu coração batia em uma aceleração profunda, as mãos suavam em decorrência da aflição que machucava cada um de seus nervos. Os segundos que se passaram até o derradeiro momento em que a tampa se afastou da base do objeto, com um ruído quase inaudível, arrastaram-se como quem saía da cama em uma manhã fria.

Enquanto a jovem levava a mão para retirar o que quer que houvesse no interior do item, o

PERIGOSAS ACHERON

silêncio reinava absoluto, tal qual um autoritário governante, imperando sobre os instantes que corriam.

— O que é? — perguntou Rollo, ainda frágil, cortando o silêncio.

— Um papel — Walkyria respondeu, depositando a caixa sobre a cama e abrindo a folha cuidadosamente dobrada. — Tem a insígnia do rei — falou, admirada, com os olhos investigando cuidadosamente cada detalhe à sua frente.

As irmãs aproximaram-se, tentando enxergar.

— Do rei Durian?

— Não — a moça negou. — De seu pai, rei Agmund.

Noelle e Sophia entreolharam-se, confusas.

— Por que uma bruxa carrega um papel

PERIGOSAS ACHERON

selado pelo pacífico Rei Agmund? — a loira indagou, pensativa.

— Abra e leia o que está escrito. Por favor — Nikolau acrescentou com pressa, assustado com a possibilidade de que a qualquer momento as mulheres não permitissem que soubesse quais eram os segredos da Sereia. Tinha plena convicção de que só permitiam, naquele momento, porque de algum modo haviam se compadecido quando souberam sobre seu filho. Mas a tolerância poderia acabar a qualquer momento.

Walkyria virou o papel de todos os lados, certificando-se de que não havia qualquer outro detalhe a ser observado senão a cera gravada pelo timbre do antigo rei. Com cuidado, finalmente rompeu o selo, revelando a letra redonda e caprichosa de Agmund.

— O que diz? — insistiu Nikolau, cuja

vertigem parecia aumentar a cada instante.

A jovem não respondeu, mas ergueu uma das mãos em sinal de quem pedia que aguardasse. Seus olhos corriam por sobre toda a superfície do papel amarelado, absorvendo cada uma das letras que se revelavam em imenso poder.

O caçador possuía dificuldades para ler, ainda que o filho houvesse se esforçado para ensiná-lo, mas naquele momento percebeu que as expressões no rosto de Walkyria ele conseguia ler com facilidade. Havia medo, surpresa, excitação e seus lábios tremiam ligeiramente conforme avançava na leitura.

— Existe uma parte em outra língua que não consigo entender — falou, rompendo a tensão em milhares de migalhas.

— Mas e o restante? — foi a vez de Rollo

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntar, também ele perdendo-se na angustiante espera.

Walkyria, após o que pareceram séculos inteiros, abaixou o papel e levantou os olhos escuros, focando-os sobre o rosto de Nikolau, no qual um vinco de ansiedade se formava.

— O que foi? — ele perguntou, notando a intensidade de seu olhar sobre si.

— Haverá fogo, caçador — declarou, séria. — E antes que eu diga qualquer outra palavra, você precisa escolher seu lado. Precisa escolher antes que seja tarde demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Walkyria tinha a impressão de que a cabeça explodiria.

Mesmo sabendo que Pietra cometera tantos crimes, jamais tinha conseguido imaginá-la como uma espécie de vilã. Via na ruiva uma vítima, uma sobrevivente determinada a se afastar de tudo o que um dia lhe fizera mal. No entanto, jamais teria pensado nela nos termos que a carta apresentava. Aquelas letras atribuíam um significado completamente diferente à postura e aos últimos atos da bruxa. Reacendia a esperança que a fuga pelo navio havia apagado.

Mas existia tanto a ser pesado...

A jovem não podia simplesmente esquecer que a Sereia matara um homem no porto e fizera Sophia parecer culpada. Por sua manobra, a irmã fora capturada e levada diante do rei. Deus sabia os

PERIGOSAS NACIONAIS

perigos que a caçula correria. Se a artimanha houvesse partido de qualquer outra pessoa em qualquer outra circunstância, Walkyria se encarregaria de castigá-la por colocar sua pequenina em risco. Mas naquele contexto... Não teria ela também sacrificado um inocente se fosse esse o preço para garantir a execução de um plano completamente ousado?

Enquanto sentia o peso do olhar de Nikolau sobre si, esperando que revelasse o que acabara de ler, também se via confusa a respeito de como agir. Não tinha dúvidas de que teria plenas condições de derrotá-lo se assim desejasse, assim como não tinha dúvidas de que ele merecia. Porém o fato de estar ali, fraco, vulnerável, revelando que estava naquela missão porque o maldito rei sequestrara seu filho fazia com que uma vez mais se perguntasse se não agiria da mesma forma. Começava a perceber que

PERIGOSAS ACHERON

escrúpulos e ideais não passavam de palavras bonitas quando do outro lado da balança estava a vida de alguém amado.

Além disso, Walkyria reconhecia no olhar do caçador a mesma ira contra o rei que havia no seu. No de Pietra. No de suas irmãs. E ela mais do que ninguém sabia a força e o poder que aquela espécie de ressentimento carregava. Achava que se ele acreditasse que tinham uma chance contra Duria, talvez resolvesse ajudá-las. Seria um importante aliado na guerra que já acontecia em Litin, mesmo que se tratasse de uma ainda não declarada.

Resolvendo apostar que o amor que Nikolau nutria por sua criança era mais poderoso do que algum tipo de desprezo que pudesse ter por bruxas, decidiu que lhe daria a oportunidade de escolher seu lado. No minuto, porém, que exigiu que fizesse

PERIGOSAS NACIONAIS

sua escolha, notou os olhos do caçador ameaçando se fecharem. Deu um passo à frente, mas só teve tempo de assisti-lo desabando sobre o chão, aparentemente incapaz de suportar mais um único minuto de tudo que vinha acontecendo.

— Maldição, me ajudem — pediu às irmãs, agarrando os braços do homem com esforço.

Rollo tentou ajudá-las a arrastar o caçador em direção à cama, mas imediatamente levou a mão ao abdômen, incapaz de se curvar. Walkyria revirou os olhos, impaciente, mas com o auxílio de Noelle e Sophia, conseguiu colocá-lo sobre o colchão onde antes o rapaz jazia moribundo.

— O que aconteceu com ele? — a caçula perguntou, a preocupação pesando sobre seu rosto suave.

— Não sei. Cansaço, perdeu muito sangue,

PERIGOSAS ACHERON

tudo isso... — respondeu rapidamente, apontando para as mãos do homem.

Nikolau mexia-se incessantemente, murmurando súplicas para que seu filho fosse entregue. Em alguns momentos, mesmo com os olhos cerrados, sua expressão se mostrava tão pesada quanto nuvens que precediam uma tempestade, fazendo com que as irmãs e Rollo acreditassem que começaria a chorar.

Nenhum dos quatro conseguia desprezar o rosto marcado, não somente pelas cicatrizes, mas principalmente pela flagrante dor que carregava. Cada vez que a boca de Nikolau se abria para clamar em seus devaneios, e o nome do menino soava, era como se todo o seu desespero atingisse diretamente também os corações dos ali presentes. Era triste e lancinante a cena do enorme homem, cujas feições costumavam ser tão ameaçadoras,

desolado, incapaz de resgatar a criança que gerara.

Quando, porém, seus lábios pronunciaram o nome de Pietra, as irmãs se entreolharam, surpresas com seus delírios. Surpreenderam-se ainda mais quando ouviram um pedido de perdão escapar, em meio a mais uma dolorosa sequência de súplicas pelo menino.

O grupo caiu em um silêncio pesado. Havia tanto a ser dito, e ainda assim não parecia haver palavras suficientes. Não precisavam falar para saberem que todos pensavam exatamente a mesma coisa.

Como se poderia explicar o caos de tantas vidas reunidas? Como se poderia explicar que os caminhos de uma bruxa, herege, impudica e obscena, ou assim considerada, pudessem ter se cruzado com os de um rei notável e celebrado por sua bondade, carisma e justiça? Quais teriam sido

PERIGOSAS NACIONAIS

os acontecimentos a fazerem coincidir, em um mesmo plano, realidades tão distintas quanto o eram a água e o vinho? A paz e a guerra? Os santos e os demônios? Talvez, e somente talvez, a discrepância que as pessoas tendiam a acentuar, a dicotomia, falaciosa e frágil, não passasse de meros instrumentos de segregação. Haveria uma chance de a água e o vinho, em suas diferenças, saciarem a mesma sede? A paz e a guerra terem o mesmo objetivo? Os santos e demônios possuírem em sua misticidade as duas facetas de uma mesma fé?

— É... — Rollo abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la, incapaz de se manifestar.

Sophia levantou-se e, remexendo nas coisas do rapaz, separou uma bacia com água, roupas limpas e começou a improvisar curativos nas mãos do caçador. As duas irmãs a observaram, atentas, mas não disseram nada.

PERIGOSAS ACHERON

Quando terminou, sentou-se com os demais na cozinha, a própria roupa manchada pelo sangue de Nikolau.

— O que vamos fazer? — Noelle perguntou, quase uma hora depois, finalmente rompendo o silêncio e gerando uma espécie de alívio ao seu redor.

Walkyria suspirou, cansada.

— Precisamos estar lá quando acontecer — declarou, dando de ombros, embora seu rosto não ocultasse o nervosismo que a iminência do confronto lhe causava.

— Concordo — Rollo disse, gemendo em seguida, e colocando a mão sobre os curativos em sua barriga.

— Você não vai conosco — Noelle interveio. — Não tem condição alguma. Precisa se

recuperar.

— Claro que vou — o rapaz rebateu. — É de Pietra que estamos falando.

A loira levantou-se, exasperada, e começou a caminhar ao redor da mesa, em torno da qual se sentavam.

— Noelle tem razão — Walkyria defendeu. — Você iria nos atrasar, nos distrair. Já será difícil o bastante.

— O que será difícil o bastante? — A voz rouca e grave de Nikolau causou um intenso mal-estar no cômodo. Viraram-se um a um para ver o homem, cujas mãos estavam envoltas em imensos curativos, e cujo suor escorria por todo o rosto.

A mais velha sabia o que precisava ser feito. Era hora de tentar domar o caçador, colocá-lo em um novo rastro, fazê-lo enxergar uma nova presa.

— O que dizia a carta? — insistiu, diante da ausência de respostas.

Walkyria retomou o papel, ainda aberto sobre a mesa, e estendeu-o para o homem à sua frente, que pareceu desconfortável com o gesto.

— Estou zozinho. Leia você — pediu, com uma aspereza que a irritou.

Após encará-lo por alguns segundos, a mulher voltou os olhos para a folha em suas mãos.

— É uma carta do Rei Agmund endereçada à Rainha Mikaela — começou, vacilante.

— Rainha Mikaela? — Nikolau interrompeu. — A Rainha de Slevik?

— Sim. A Rainha Mikaela casou-se com o Rei Storr Abels Gulbrandsen, já falecido, mas é irmã do também falecido Rei Agmund. Ela é, portanto, tia de Durian.

O caçador assentiu, mostrando que havia compreendido e que podia continuar.

— De que lado você está, Nikolau? Se quiser continuar caçando a Sereia, fique à vontade para sair por essa porta, não vou impedi-lo. Mas se quiser ter a oportunidade de ir atrás do rei, prove sua lealdade e fique conosco.

— O que a carta diz? — perguntou uma vez mais.

— Escolha seu lado primeiro — Walkyria respondeu, resoluta.

O homem suspirou, trincando os dentes enquanto parecia pensar. Walkyria notou seus olhos percorrendo o rosto de cada um deles, um a um, enquanto claramente avaliava todas as possibilidades à sua frente.

— Você foi seguida — finalmente falou,

dirigindo-se a Sophia. — Há dois homens do rei observando esta casa desde Deus sabe que horas. Provavelmente desde que voltou. Ou achou que te soltaram por bondade?

A mais velha sentiu todos os músculos tornando-se tensos. Abriu a boca para falar, mas o caçador continuou.

— Conte-me sobre a carta e lidaremos com eles juntos. Se simplesmente os matar, o rei saberá que tinha algo a esconder.

— Isso significa que seguirá conosco? — questionou, com o coração disparado.

— Não tenho outro caminho. Preciso recuperar Noah.

Walkyria expirou, nervosa, o coração querendo arrebentar seu peito. Encarou as irmãs, que anuíram discretamente, apoiando-a em sua

decisão. Então começou a pronunciar as palavras desenhadas sobre o papel que, mesmo já conhecidas, novamente fizeram com que arrepiasse.

“Se chegou a esta parte de meu último ato de vontade, minha irmã, significa que a paz com que tanto sonhamos enquanto crescíamos, e que construímos juntos sacrificando nossas juventudes e amores, rompeu-se, ou esteve prestes a fazê-lo. Não pode imaginar como meu envelhecido coração sofre por saber que o culpado pela morte dessa paz que nos é tão cara, apesar de frágil, é meu primogênito.

Sou um rei, mas antes disso sou também um pai, sou um homem, minha bela Mikaela, e sofro por saber que as futuras dores de meu povo decorrem também dos meus atos. Fiz-me cego, e agora é tarde demais.

Espero que a jovem de olhos coloridos

PERIGOSAS NACIONAIS

tenha chegado até você, querida irmã, e que você tenha retornado para suas velhas terras após tantos anos. Sinto muitíssimo a respeito das circunstâncias, mas não vejo outra saída, a não ser recorrer ao seu exército, felizmente mais poderoso do que o de Litin.

Julgue-o, minha Mikaela, julgue-o e mate-o se preciso for. Meu coração sangra ao escrever essas palavras, mas não posso ignorar, nestes últimos momentos que me restam como rei, o maior dos desafios que já se colocou à minha frente. Ser rei é sacrificar, você bem sabe, e este será o penúltimo sacrifício que farei.

Continue ajudando a garota de olhos coloridos, traga a paz e a justiça de volta ao nosso lar. E, como meu último ato e vontade, divulgue as palavras que deixo abaixo.

Com amor,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agmund, seu eterno irmão, rei de Litin, o primeiro de seu nome, protetor das terras dos nossos pais”.

— Há algumas linhas em outra língua ao final, mas nenhum de nós é capaz de entender, e não podemos mostrar a ninguém — finalizou Walkyria, buscando no rosto de Nikolau, com ansiedade, qualquer sinal sobre suas conclusões. O caçador, por sua vez, parecia ainda concentrado, com um vinco em meio às sobrancelhas denunciando a mente que trabalhava.

Quando ergueu o olhar em direção às irmãs, parecia desarmado pela primeira vez. Seus olhos tinham uma sombra diferente, uma dúvida latente.

— Eu contei porque estou atrás da Sereia. O que vocês sabem sobre tudo isso?

— Vocês me devem essa resposta também

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Rollo concordou com o caçador, surpreendendo-o. — Vamos, Walkyria — pediu. — As coisas mudaram. Precisamos de todas as cartas na mesa.

— O caçador não pode contra nós todas, irmã — Sophia falou baixo, a incentivando.

A mais velha levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos em um gesto de cansaço e impaciência. Nunca imaginara aquela sorte de eventos, jamais imaginara precisar tomar as decisões que, de repente, se colocavam à sua frente.

— Nós buscamos vingança — finalmente falou, fazendo com que Noelle e Sophia prendessem a respiração com a verdade sobre suas vidas. — Vingança pela tortura e morte de nossa mãe.

— Vingança contra a bruxa? — Nikolau questionou, atento.

PERIGOSAS ACHERON

Em resposta, um riso de escárnio, sem graça e lamentoso, escapou dos lábios da mais velha.

— Precisamos da ajuda da bruxa para nos vingar. Ela sabe de tudo — Noelle interveio, explicando.

— De quem querem se vingar? — insistiu o caçador, dando um passo à frente e apoiando-se na parede a seu lado.

— De um sádico — Walkyria limitou-se a responder, desviando o olhar, enojada.

Nikolau buscou mais informações no rosto das três irmãs, mas viu que o assunto as abalava em demasia. Havia dor e más lembranças no tom em que falavam.

Rollo, também notando, levantou-se com dificuldade e caminhou frente a Noelle, erguendo seu rosto delicadamente pelo queixo. Encarou-a por

alguns instantes, tentando compartilhar a tristeza que neles havia, e então arriscou, em um tom de voz doce e gentil.

— Quem é o sádico, Noelle? Quem é este homem que fez tanto mal à sua família?

A loira inspirou longamente, em um esforço para manter a lágrima que ameaçava cair.

— O rei Durian — falou calmamente. — O rei Durian é o sádico. E aparentemente o Rei Agmund já sabia — completou.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Pietra mantinha os olhos fechados enquanto inspirava profundamente ao firmar os pés sobre a terra. Tentava organizar os pensamentos, o coração e alma. Não era muito fácil, porém, especialmente quando se dava conta de que estava fora de Litin, e a constatação de que realmente conseguira escapar dos domínios de Durian a preenchia de um misto de alívio e excitação.

Chegara longe demais. Longe o suficiente para que cogitasse nunca mais voltar.

Apesar das poucas horas em território Slevikano, já conseguia sentir diretamente em seu corpo as diferenças de uma capital para outra. O ar ali, muito mais cálido do que em seu país, ajudava seu estômago a se acalmar, após sofrer os efeitos dos movimentos do mar em uma viagem solitária e discreta. A paisagem tão mais arborizada e

PERIGOSAS NACIONAIS

silenciosa que a existente em Litin fazia Pietra imaginar como a cidade ficaria florida na primavera. Inundava-lhe de memórias de uma vida passada, que somente por um único instante se permitiu lembrar com um saudosismo perigoso.

Enquanto caminhava para longe de onde desembarcara, pensava no assassinato e na confusão que havia cometido no porto para sair de Litin. Havia um resquício de culpa em seu interior por utilizar uma garota como distração para escapar, porém não o suficiente para que desejasse alterar o curso dos eventos. Fizera o necessário para sobreviver, como a vida havia lhe ensinado muitos anos antes.

No entanto, em alto mar, presa no vai e vem das ondas e incapaz de retornar, era mais fácil se convencer das razões que motivavam suas atitudes e se convencer da importância do que estava

PERIGOSAS ACHERON

prestes a fazer. Porém ali, em terra firme, longe das mãos do rei e com o mundo todo se abrindo a seu redor, não pôde evitar a hesitação. Talvez não devesse arriscar sua vida, a única coisa que lhe restava, naquela missão suicida. Afinal, já não havia sacrificado o bastante? Talvez pudesse ignorar tudo o que sabia e conviver sozinha com a dor que a habitava.

Ninguém saberia onde encontrá-la.

No entanto, tão logo a ideia surgiu, uma sequência de memórias a inundou, inflamando-a de um ódio que não cabia apenas em seu peito. Precisava ser manipulado, transformado em fogo, aplicado como veneno. Pietra não tinha qualquer razão para viver, mas certamente possuía algumas para morrer e matar.

Lembrando a si mesma de que não havia lugar no mundo onde poderia encontrar paz,

PERIGOSAS ACHERON

decidiu-se pela guerra. Deixou-se então preencher por toda a força que habitava em seu âmago. Precisaria, como nunca, de tudo de si, de toda a energia que corria por suas veias e que a faziam ser quem era.

Ao notar a rigidez de suas fibras, o vigor que ainda possuía, surpreendeu-se consigo. Quantas vezes pensou que sucumbiria diante de todas as dores que lhe haviam sido infligidas? Quantas vezes havia se irritado com a própria resistência que insistia em fazer com que continuasse, mesmo quando seguir era o que menos queria? Quantas vezes reviu aqueles pequenos olhos fechados e a mera lembrança dilacerou seu peito?

Agarrando-se a esta dor para que não voltasse a vacilar, afastou as madeixas do rosto, notando-as novamente rubras, e deixou que seus olhos coloridos ficassem à mostra. Os olhos que

PERIGOSAS NACIONAIS

havam se mostrado sua maior arma e seu maior escudo, e cujo poder e influência somente ela de fato conhecia.

Ao imaginar seus próprios olhos, lembrou-se de Fenrir, de sua companhia silenciosa, protetora e forte. Tinha com frequência a impressão de que o lobo sobreviveria aos dias que estavam próximos, que sobreviveria a todo o fogo, à morte e ao próprio tempo. Parecia invencível em sua majestade. Ainda assim, não podia evitar se perguntar se o veria novamente. Não havia dúvidas de que queria e de que, se por um acaso seus órgãos insistissem em continuar funcionando, gostaria de continuar em sua companhia tanto quanto possível.

Era incrivelmente mais seguro estar ao lado de um animal do que estar ao lado de um ser humano. Não havia selvageria maior que a existente neste último.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Irritando-se, porém, pela dor que latejava tão insistentemente após a caminhada de dias, seguida da viagem de mais tantos outros, Pietra tirou os sapatos e deixou que os pés descansassem sobre o gramado. Ficavam ocultos sob o vestido negro e longo, porém, mesmo que aparecessem, não se importaria. Não se importava mais em ser diferente... Era essa a sua maldição, e havia aprendido a fazer dela também a salvação de todos os seus dias.

Sabendo que agora já não faltava muito para o seu destino, caminhou, resoluto, em direção ao castelo, atraindo os olhares e comentários de quem quer que a via andando, abatida e descalça e, ainda assim, reluzente em sua magia. Notava alguns murmúrios em que se destoava a palavra “bruxa”, mas não deu atenção. A fase de se esconder estava finda e não havia mais razão para que continuasse

PERIGOSAS ACHERON

ocultando quem era.

Percebeu também alguns guardas se moverem conforme passava, indecisos quanto à atitude que deveriam tomar. Era flagrante o incômodo que causava nas pessoas, cujas posturas tradicionais pareciam fragilizar-se com a indigestão que ela causava. Continuou, ignorando tudo e todos, porém não sem antes torcer para que se desfizessem do veneno que carregavam nas expressões de desgosto e desprezo.

Contudo, foi nas redondezas do castelo real que notou que os julgamentos pareciam mais intensos. Uma bruxa ameaçando o povo era grave, mas inadmissível seria se colocasse os nobres em risco. Isto não se poderia admitir.

Cansada e com os nervos da perna fisgando, fadigados, diminuiu o ritmo de sua caminhada quando viu alguns guardas finalmente começarem a

PERIGOSAS ACHERON

se movimentar em sua direção, incapazes de continuarem se eximindo de lidar com a estranha criatura de cabelos de fogo. Ergueu ligeiramente o queixo e esperou que a alcançassem.

— A senhora não pode estar aqui. Há um cortiço naquela direção. — Um homem indicou. — Podem te servir uma refeição e uma cama.

A Sereia sustentou seu olhar, e não pôde deixar de sorrir quando sua expressão mudou ao estranhar seus olhos.

— Preciso falar com a Rainha Mikaela — respondeu calmamente, com a mesma naturalidade com que pediria um copo de água.

O homem pareceu cansado com a resposta.

— Ruiva, não me dê trabalho. Desapareça daqui.

Pietra notou que, apesar das palavras sérias

PERIGOSAS NACIONAIS

e faladas com dureza, havia hesitação no rosto do guarda. Talvez curiosidade, insegurança ou... talvez, medo.

— Não darei trabalho. Você me levará para uma audiência com a rainha, pois trago um alerta de guerra — disse, com a voz baixa.

Ele franziu a testa.

— Você vê o futuro?

A jovem riu discretamente.

— Não. Mas trago o recado de alguém que conhece. Rei Agmund, irmão da Rainha.

— Ele está morto! — rebateu o guarda.

Pietra mostrou um papel com a marca carimbada do falecido rei.

— A morte é um tanto relativa. Um véu fino, translúcido, uma barreira transponível —

PERIGOSAS ACHERON

disse, sustentando o olhar do homem. — Leve-me até a rainha se não quiser ultrapassá-lo — completou.

Divertindo-se como não se lembrava de ter feito em muitos anos, a Sereia observou o guarda tomar a carta em suas mãos, analisar a insígnia e então gesticular chamando um de seus companheiros. Ainda tendo dificuldades para esconder o pavor que a figura à sua frente causava, sussurrou algo, mantendo uma das mãos firme em sua espada. Pietra sorria, saboreando o efeito que exalava.

— Vamos! — ele disse finalmente, sem voltar a olhá-la.



O luxo e exagero na decoração da sala de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

audiências do castelo não surtiu qualquer efeito sobre a Sereia. A jovem ignorava o imenso lustre formado por minúsculas peças brilhantes e reluzentes, assim como desprezava as inúmeras pinturas e tapetes que cobriam cada centímetro das altas paredes.

Seus olhos repousaram tão somente no opulento trono. Nele se sentava uma deslumbrante mulher, cujas feições, apesar de denunciarem sua idade já avançada, preservavam a fibra e a vitalidade que a sustentavam. Pietra, embora nunca a tivesse visto, reconheceu de imediato a Rainha Mikaela, uma vez serem seus olhos idênticos aos do falecido Rei Agmund. Ela também possuía aquele ar de força envolto em uma estranha serenidade, uma combinação insólita que só vira antes em seu irmão real. Era inegável que as duas autoridades fossem feitas do mesmo material, da

PERIGOSAS ACHERON

exata mesma partícula do universo.

— Não irá me reverenciar? — a rainha questionou, com os olhos atentos investigando seu rosto.

— Posso fazê-lo, se quiser — Pietra respondeu de pronto, sem mover um único músculo. Para sua surpresa, a mulher sorriu.

— Você apavorou meus guardas a ponto de não precisar insistir em uma audiência comigo. Disseram-me que você é uma bruxa. É verdade?

— Também posso responder o que quiser — a ruiva voltou a falar, sem emoção. — Tenho certeza de que a sua decisão a meu respeito já está formada, que já tem a sua verdade. De nada adiantará falar sobre a minha.

— Tem razão — a Rainha Mikaela sorriu ainda mais, levantando-se em seguida para estender

o volumoso vestido azul escuro. — Os conceitos previamente formados são curiosamente os mais sólidos e os mais difíceis de serem rebatidos. Estranho, não? — perguntou de maneira retórica, aproximando-se da jovem.

— Por aqueles que são intolerantes, sim. Embora eu ainda não tenha conhecido um único humano que não utilizasse o caminho do preconceito, que é o mais curto entre todos os caminhos — Pietra respondeu, séria. — Felizmente tenho contato com outras espécies, vivas ou não — concluiu, irônica, sentindo os olhos arderem.

— Talvez isso explique como possui uma carta de meu falecido irmão — a rainha retrucou no mesmo tom, não se abalando com qualquer das palavras, com o tom ou desafios da Sereia.

Notando a postura serena e imperturbável da autoridade, a jovem percebeu que, pela primeira

PERIGOSAS ACHERON

vez em sua nova vida, experimentava aquela espécie de segurança. Não havia em seu interior o ímpeto de se defender, de matar. De uma insólita maneira, quase conseguia simpatizar com a figura real a sua frente. Permitiu-se suavizar o olhar, cujo efeito em estranhos já conhecia.

Em silêncio, estendeu a carta para a governante, que a encarou por um segundo antes de começar a ler.

— Não sei todos os detalhes do que seu irmão pretendia, mas há mais nas terras de Litin — explicou. — Escondi uma carta também dirigida à senhora.

— O que ela diz? — indagou a Rainha, atenta à leitura.

— Não sei. O rei pediu que somente fosse aberta quando todo o restante estivesse resolvido, e

PERIGOSAS NACIONAIS

que não arriscasse carregá-la comigo. Disse que nesta carta as pendências reais estariam resolvidas.

— O que isso quer dizer? — insistiu a autoridade.

— O rei acreditava que a senhora entenderia quando fosse a hora.

A Rainha Mikaela assentiu e calou-se durante todo o restante da leitura. Quando seus olhos azuis finalmente desgrudaram do papel, sua expressão havia se tornado indecifrável. Elevou uma das mãos finas até a boca entreaberta, e assim ficou por infindáveis minutos. Pietra aguardou, já que mesmo não conhecendo as palavras exatas gravadas na carta, conhecia o cerne de suas revelações.

— É verdade? — perguntou, o olhar imerso em uma angústia desesperadora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — a bruxa confirmou, fria como era de costume. — Somente a senhora pode colocar um fim em toda esta maldição.

— Agmund enfrentou o mundo e seus próprios nobres a vida inteira. Fez mais inimigos do que pessoas com quem podia contar. Eu e ele sacrificamos o amor para nos casarmos com herdeiros dos países com que sempre estivemos em guerra e selar a paz. Tudo como termos de uma negociação. Dedicamos nossas vidas inteiras para colocar fim ao comércio de pessoas e agora seu filho, um menino mimado, insolente e que mal saiu das fraldas, pretende novamente legalizar tão odiosa prática? — conforme falava, a rainha parecia inflar com a cólera. — Como pode pretender carregar a Coroa se a suja com seus atos? — gritou, em repulsa.

Pietra permanecia impassível, observando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

explosão. Alimentava-se da ojeriza e raiva que emanavam da senhora.

— Leve seu nome, seu fogo e suas armas até Litin. Tire-o do poder — a Sereia falou calmamente, embora seu tom de voz não ocultasse o ódio que o tingia. — Ajude-me a levá-lo ao inferno, tal qual ele merece.

A rainha encarou-a, cada poro de seu experiente corpo ardendo.

— Jamais imaginei concordar com uma bruxa — declarou em meio a um suspiro.

Pietra sorriu com o comentário.

— Justo — respondeu, semicerrando os olhos enquanto falava. — Tenho certeza de que uma bruxa jamais imaginou concordar com uma rainha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nikolau nunca fora instruído em letras ou números, mas ainda assim era capaz de somar dois acontecimentos aparentemente isolados. Talvez quem visse dois capangas reais nas proximidades da choupana de Rollo pudesse pensar que se tratava de uma ronda habitual, mas o caçador sabia que estavam lá porque a garota que fora tomada por Pietra também estava.

Ele não precisava de fórmulas matemáticas para compreender o tamanho do risco que a menina oferecia.

Era óbvio que o rei não a soltaria simplesmente por ter sido capturada em decorrência de um equívoco. Tampouco o faria apenas para confirmar os rumores a respeito dos perigos que a Sereia representava, ou para bendizer os atos do governo, como o padre fora instruído a

PERIGOSAS ACHERON

explicar à menina. Talvez realmente desejasse que tais palavras saíssem da boca da jovem, mas se este fosse seu único objetivo, poderia fazer com que qualquer um do povo assim o dissesse. Não, Nikolau compreendia a intenção do monarca, enxergava em sua postura os passos sutis e atentos de um caçador no encalço de sua presa. Sabia que Durian queria conhecer o rastro que Sophia deixara atrás de si, verificar se de fato não havia nada em seu caminho que a ligasse à bruxa. Não havia razão para se contentar com uma gota de água quando ela poderia correr em direção a um oceano inteiro se lhe fosse dado tempo.

A constatação o enchia de um misto de alívio e ira. Isso porque o irritava saber que o rei continuava se utilizando de crianças como se fossem suas moedas, como se não passassem de meros instrumentos na guerra que pretendia travar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não dedicava a Noah ou a Sophia maior preocupação do que teria com um mapa. Por outro lado, ter a certeza de que a garota continuava viva retirava parte do peso quase insustentável de culpa que havia em seus ombros. Sabia que ao permitir que Sir Velory a levasse para o castelo, mesmo após perceber o equívoco, não o fazia melhor do que o rei. Era tão vil quanto Durian, possivelmente tendo como diferença apenas o fato de ser corroído vivo pelo remorso, mas Nikolau sabia que seu arrependimento não valia o feno que seus cavalos mastigavam. Afinal, o que mudava no sofrimento que causara àquelas mulheres?

Ademais, sabia que a presença dos guardas reais as observando significava que também seria visto ao lado da caça, o que, em última análise, significava dizer que precisaria fazer uma escolha.

As três irmãs esperavam sua decisão do

PERIGOSAS ACHERON

lado de dentro da choupana. Os homens do rei também o faziam do lado de fora.

E exatamente no centro do fogo cruzado estava o pequeno Noah, aguardando que não errasse em sua opção.



Conforme cavalgava sobre Bestian em direção ao castelo, Nikolau se via tentado a rever seu plano uma vez mais, embora estivesse zonzinho de ruminar os mesmos termos por horas e horas. Se ao notar que Sophia e as irmãs estavam sendo vigiadas percebera que precisaria fazer uma escolha, ao ouvir o que elas tinham a dizer tivera certeza de que não havia mais como evitar.

Então, mais do que nunca, as descobertas dos últimos dias fizeram com que duvidasse de seu

PERIGOSAS NACIONAIS

próprio passado, atribuindo novas faces aos demônios que há tanto o atormentavam. Os rostos que apareciam em seus pesadelos e em suas alucinações, impossibilitando-o de descansar, por alguma razão começavam a parecer familiares demais, quase como se estivesse encarando o próprio reflexo em um lago de águas cristalinas. O caçador não sabia o que significava ver a si mesmo como o monstro de que fugira durante uma vida inteira, mas a ideia o assustava mais do que qualquer outra visão já fora capaz. Talvez por achar que estava ficando irreparavelmente louco, ou talvez por saber que inexistiria esconderijo se o que mais temia estivesse em sua própria mente, em suas próprias mãos.

Com a sensação de que a cada segundo a cabeça avançava ainda mais em um beco escuro, sem estrelas, Nikolau sabia que a qualquer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento deixaria de encontrar seu caminho de volta, e que se perderia em um grande vazio assombrado. Porém também sabia que sua única esperança de retornar era encontrando Noah, tal qual um andarilho refazia seu caminho ao notar o brilho da lua na direção certa. Por isso, enquanto cavalgava novamente em direção ao rei Durian, evitava dar atenção aos medos que o corroíam por dentro como vermes famintos, em uma tentativa de manter-se são. Agora sabia que o caminho seria muito mais longo e doloroso do que poderia esperar, já que o menino, doce e inocente, estaria no centro de um inevitável conflito. E a verdade era que não poderia tirá-lo de lá, não importava qual decisão tomasse. Podia apenas torcer para que as paredes grossas que o mantinham refém pudessem se tornar proteção quando a hora chegasse.

E Nikolau sabia que o momento se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximava rapidamente. Ele faria o primeiro movimento, e então todos os outros também seriam obrigados a fazê-lo, como em uma dança que era construída a cada novo segundo, a cada novo bradar de espadas. O caçador, por óbvio, não ignorava quão arriscado era o passo que escolhera dar, porém não conseguia enxergar qualquer outro caminho. Aquela era a única opção que conhecia para garantir não somente o presente de Noah, mas também o futuro que ousara desejar para o garoto.

O homem, que jamais acreditou em qualquer divindade ou promessas do céu, agarrou-se então à fé de salvar e ser salvo que existia em sua própria força, em sua própria luta, e seguiu uma vez mais para os aposentos de um rei que repudiava. Odiando refazer aquele trajeto, repetia para si mesmo que não havia salvação isenta de sacrifícios, embora não encontrasse qualquer

PERIGOSAS ACHERON

conforto em seu mantra. Não encontrava conforto em lugar nenhum.

Enquanto esperava que as portas dos aposentos reais de Durian fossem abertas, Nikolau empurrava, para o mais fundo que conseguia, todos os sentimentos que nutria pelo monarca. A lembrança da carta entregue por ele, autorizando que escolhesse qualquer criança do povo, fazia correr por suas veias uma mistura fervente de ódio, repulsa, asco e violência, tão poderosa que embaçava até mesmo sua visão. Seria difícil enxergar o rosto delicado do rei sob tantas camadas de ira.

Mas o caçador sabia que precisava manter toda a ebulição em seu interior, deixar-se queimar por dentro se não quisesse que o filho queimasse em seu lugar.

— Seu rei irá atendê-lo agora — um dos

oficiais anunciou, empurrando as pesadas portas de carvalho.

Nikolau deu dois passos à frente, mas não passou do limiar que separava o hall do quarto. Notou quão difícil era ingressar no cômodo cuja atmosfera parecia impregnada com o cheiro do monarca, então parou, rígido, enquanto o enxergava ao lado das amplas janelas.

Sua silhueta, coberta por apenas um chambre e sem coroa, era tão frágil que mais parecia um convite para que o caçador lhe apunhalasse, embora o homem soubesse que não poderia fazê-lo. Nikolau não tinha qualquer resistência em matá-lo quando estava de costas, retirando-lhe a oportunidade de se defender. Não, não conservava nobreza alguma no ódio que nutria por Durian, mas compreendia que certamente havia mais guardas ali do que podia enxergar. Noah

estaria morto antes que o corpo do rei tocasse o chão.

— Ora, ora, sabia que não me desapontaria — o monarca disse, finalmente se virando para encarar Nikolau.

O caçador inspirou ruidosamente quando o viu começar a se aproximar a passos lentos, o sorriso enfeitando o rosto. O rei parecia não ter pressa alguma, quase como se apreciasse a agonia que causava no outro ao olhá-lo daquela forma. Torturava-o sem usar instrumentos ou palavras, valendo-se tão somente de sua presença, de sua expressão de escárnio que revelava tudo o que queria dizer.

Ambos tinham a mesma memória em mente, e sabiam disso. Pensavam na carta, na maldita carta, e em tudo o que significava. Refletiam sobre o fato de Durian ser inatingível em

PERIGOSAS ACHERON

seus atos, protegido de todo o mal e legitimado para causá-lo por conta de um título. O monarca regozijava-se por tal fato, conforme seu sorriso gritava; o caçador amargurava pela mesma razão, tal qual seu maxilar trincado demonstrava.

— Não faço isso pelo senhor — Nikolau conseguiu sussurrar, forçando a boca a mover-se quando eram os punhos que desejavam responder. — Faço isso pelo...

— Pelo seu filho — o rei interrompeu, exasperado. — Quantas vezes repetirá isso, senhor Nikolau? Diga logo o que veio dizer — ordenou, subitamente soando muito mais impaciente do que seu sorriso de segundos antes aparentava. — O que descobriu?

O homem sentiu o coração dar um solavanco no peito enquanto encarava os olhos azuis intensos à sua frente. Apertou com ainda mais

PERIGOSAS NACIONAIS

força os dedos contra a palma da mão, sentindo os machucados sangrarem sob os curativos. A sensação do sangue escorrendo sob as faixas brancas fez com que se lembrasse das três irmãs, e do fato de ter sido tratado por elas ainda que não merecesse qualquer misericórdia. A memória latejou tão fundo quanto os ferimentos ainda recentes.

— Pietra se prepara para voltar — ouviu a própria voz dizer, experimentando uma sensação de desprendimento do próprio corpo. Havia acabado de pronunciar as palavras que tanto temia, e, se o efeito delas era de choque em seu corpo, imaginava o impacto que causariam no monarca.

— Como sabe? O que ela pretende? — o rei disparou, caminhando em sua direção e, apesar de mais baixo, encarando-o com autoridade e comando.

PERIGOSAS ACHERON

— Vossa Majestade devolverá Noah? — o caçador questionou de maneira calma, porém em um tom que demonstrava a determinação existente em seu âmago. A escolha lhe custara muito, era hora de definir os resultados. Tudo ou nada.

O rei cerrou os dentes, irritado.

— No minuto em que eu a tiver em minhas mãos, sim. E não tente exigir nada! — gritou, descontrolando-se e cuspiendo no rosto de Nikolau, tão próximo ao seu.

O desespero e a urgência tão evidentes no rei encheram o caçador de um terror que não estava acostumado a sentir. Mesmo ele, antes tão acostumado a desbravar os mistérios da noite, do fogo e da feitiçaria, familiarizado com a morte e habituado ao sangue, sentia-se ferido, impotente e ensandecido de raiva pelo herdeiro do trono. O poder inerente à coroa, as verdades da igreja a seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lado e os preconceitos facilmente incutidos ao povo eram vertentes de uma tríade certamente adorada pelo diabo. Talvez por isso mesmo o rei o assustasse ainda mais que a própria figura satânica.

Mas Nikolau já não podia mudar de ideia. Fazia o que fazia porque era necessário.

Então, ainda agarrado à sua própria fé, sentiu que estava pronto para queimar.

Abraçou o seu plano e contou tudo o que sabia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau sentia os olhos do lobo pregados às suas costas, conforme avançava em direção à choupana de Rollo. Caminhava para encontrar o rapaz e as irmãs, recém-aliadas em seu plano de confrontar o rei.

Mentir para o monarca havia sido mais fácil do que esperava. A ideia de vê-lo humilhado, entregue aos seus próprios erros e escolhas cruéis, facilitava o caminho árduo que o caçador tinha pela frente. No início, tivera medo de que seus olhos o denunciassem ou que sua voz fraquejasse, mas ao começar a falar, percebera que não poderia estar mais confortável. O desespero da autoridade por um único objetivo e sua ânsia por colocar em prática a selvageria que lhe habitava o haviam tornado cego. Nikolau tinha a impressão de que qualquer pista a respeito do paradeiro da Sereia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seria seguida até o inferno, independentemente da plausibilidade que guardasse. Se dissessem que a bruxa estava sob a pele do animal que com ela andava, certamente ordenaria que o esfolassem e a encontrassem para ser queimada.

O caçador se perguntava se o rei perdia todo o senso de realidade por conta de sua obsessão ou se, na verdade, ele jamais a tivera.

O que mais surpreendia Nikolau, porém, era que, apesar de não ter escutado de fato a conversa que se passara dentro das paredes do palácio, Fenrir parecia ciente de que havia mudado de lado, e de que agora agia apoiando o plano secreto da Sereia, sua companheira das noites sombrias. A princípio, chegara a pensar que estava sendo vigiado pelo lobo, que a qualquer momento seria atacado pela fera e que precisaria matá-lo para não ser morto. Contudo, conforme as horas e dias avançavam e ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escutava as histórias das irmãs, tornava-se mais fácil compreender os passos de todos os envolvidos naquela história, ao mesmo tempo em que se tornava quase óbvio que experimentasse a companhia distante do animal sob outra perspectiva.

Não parecia mais oferecer risco. Assemelhava-se, na verdade, à proteção.

Nikolau não pôde evitar se questionar se estivera errado durante toda a vida e envergonhar-se com a possibilidade de que uma fera, selvagem e incontrolável, pudesse ter compreendido tanto o que ele mesmo havia ignorado.

Seriam os animais mais atentos aos detalhes? Teriam eles mais percepção em relação às nuances humanas?

Tais pensamentos invadiram-no com uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

força avassaladora, trazendo à tona, novamente, as imagens que estavam sempre presentes em seus mais recentes momentos de torpor.

Se antes alucinava com a face de sua esposa abraçando a morte, agora não podia afastar o retrato de Eloyse observando, decepcionada, o confronto entre o marido e as inúmeras bruxas que o rodeavam, murmurando maldições e repelindo-o com gestos obscenos. Os delírios colocavam perguntas em sua cabeça, marcando seus pensamentos como se fossem brasa. Por que seus olhos pareciam tão tristes com a iminência da morte de todas aquelas hereges maliciosas? Por que ela mesmo parecia cada vez mais distante ao observar a cena?

Nikolau notava estar se perdendo em meio à mente confusa e em agonia, como se avançasse, com cada vez mais profundidade, em um labirinto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cujas rotas pareciam sempre inovar, em uma mudança constante de posições. Jamais se acostumaria com o fato de que era ainda mais fácil se desorientar dentro de sua própria cabeça do que em uma floresta, escura e de solo desconhecido.

Ansiando pelo frio, o gélido toque que o traria de volta à realidade, desceu com dificuldades de Bestian e mergulhou as mãos na neve que cobria o chão, em uma camada já bastante fina.

Desde que perdera a mulher e começara a sofrer com as imagens sangrentas que o atormentavam, aquela se tornara a única forma de vencer a luta contra a própria insanidade. Precisava da ausência de temperatura, da dor que o frio causava ao percorrer sua pele e contaminar seus nervos. Lembrou-se então do filho e das noites em que o menino havia corrido para o seu quarto, levando um pedaço de metal, em qualquer que

PERIGOSAS ACHERON

fosse o formato, para encostar na testa do pai e trazê-lo de volta de seus pesadelos aterrorizantes. De joelho sobre a neve, sentido o torpor abandonar o corpo e as lembranças doces da criança lhe inundarem, Nikolau reconheceu a tempestade que embaçava sua visão: lágrimas de uma saudade dolorosa e extraordinária escorrendo por seu rosto marcado por cicatrizes.

Não tinha outras ideias, não tinha novas armas. Via-se em um ponto aterrorizante, lutando contra um inimigo que jamais teria provocado sob diferentes circunstâncias. Ainda assim, não conseguia se imaginar tendo-o como aliado.

Como poderia agir em favor de um homem sádico, que possuía escravos em suas masmorras? Não criminosos ou quaisquer outros prisioneiros em busca de redenção ou à espera de julgamento, mas presas disponíveis para o que quer que bem

entendesse? Para que pudesse extravasar sua violência?

A ideia de que o filho estivesse tão próximo de inúmeros corpos ainda em pé apenas para satisfazer os anseios de um rei cruel lhe causava arrepios e enjoos quase incontrolláveis. Se não chegasse a tempo de salvar Noah, o garoto se tornaria uma dessas vítimas? Sobreviveria às maldades do monarca?

Com a pressa inquietando-o, voltou a montar Bestian e a galopar os metros que o separavam da choupana que, vizinha de sua casa, havia se tornado um quartel. Reconheceu, de longe, Walkyria sentada à frente do local, afiando uma de suas armas. Apesar de forte, assim como as demais irmãs, Nikolau havia sentido vontade de ampará-las enquanto ouvia os relatos a respeito de sua origem. Sabia que não precisavam de proteção, e jamais a

PERIGOSAS NACIONAIS

ofereceria, mas era nauseante saber que as vidas de três jovens haviam sido decididas no dia em que sua mãe fora capturada pelo então príncipe Durian.

Walkyria cuidou das demais, dia após dia, sem nunca desistir de encontrar a mulher que desapareceu quando Sophia ainda era uma criança. Fez o que pôde para alimentar as garotas, para aprender a lutar e também para as ensinar a não dependerem de quem quer que fosse. Elas bastavam.

O propósito de sua vida era fazer com que as irmãs crescessem fortes e saudáveis enquanto procuravam pela mãe. E a busca encontrou seu fim quando acharam seu corpo jogado no limiar da floresta, próximo ao lugar onde estavam naquele momento. Ao contrário do que seus raptos pensaram, porém, a mulher ainda estava viva e conseguiu estar, ainda que por poucos minutos, na

PERIGOSAS ACHERON

companhia das filhas.

Margareth estava irreconhecível: tão magra que era possível desenhar seus ossos sob a pele, tão envelhecida que parecia ter vivido décadas em seu cárcere. Conseguiu, com esforço, elevar a mão frágil até o rosto de Walkyria, em um acalento de mãe, que apesar de sofrida, ainda foi capaz de oferecer à filha a salvação que buscava.

Quando a moça narrou essa parte do evento, Nikolau notou sua voz embargada e seus braços trêmulos, em um evidente esforço descomunal para controlar o ímpeto de soluçar. Foi Sophia quem continuou contando que a mãe então balbuciara algumas palavras, revelando ter sido vítima dos horrores praticados pelo príncipe Durian em seu castelo. Ao final, incapaz de manter-se viva por muito mais tempo, em meio a um suspiro, revelou o nome de Pietra, a “fortaleza de olhos coloridos”

que conseguira escapar. Pediu que oferecessem ajuda, mas que também pedissem por ela.

E assim começou a segunda etapa do suplício das irmãs, determinadas a encontrarem a dona do nome que, por muito tempo, permaneceu envolto em mistério. Após meses procurando sem nada de concreto ao alcance de suas mãos, seus caminhos começaram a se cruzar com o de uma jovem ruiva, que parecia ser vista somente à noite, e sempre caminhando com a cabeça baixa.

Algumas vezes, as irmãs a viram acompanhada por um lobo, como se fossem amigos de longa data. Sem sequer notarem o que estavam fazendo, passaram a observar seus passos, tomadas pela curiosidade e pelo ímpeto, cuja definição ainda não haviam identificado como instinto.

Foi com horror que notaram que de tempos em tempos surgia um homem, trajado de vestes

PERIGOSAS NACIONAIS

reais, em seu encalço, parecendo sempre surpreso por finalmente vê-la. Um após o outro, a ruiva os notava com antecedência, matando-os sempre que se atreviam a se aproximar.

E então os pedaços começaram a se encaixar, formando um inteiro cheio de significado. Por que aquela mulher era tão procurada pelo reino, sempre, no entanto, sem alarde? Por que os guardam eram furtivos nos pretensos ataques?

Seria ela a carregar o nome que escapara dos lábios da falecida mãe?

Encontraram a certeza que procuravam quando a viram em uma manhã clara, saindo da choupana do famoso ébrio atraente que morava nas proximidades da floresta. Viram seus olhos, um de cada dor, e sentiram todos os poros arrepiarem.

Era ela. O caminho. O fim. A luta e a

PERIGOSAS ACHERON

vitória. Precisavam contatá-la.

Côncias, porém, de que Pietra não gostava de aproximações e não reagia bem a elas, esperaram a oportunidade ideal para avançar. Neste ínterim, contudo, começaram a ouvir os rumores de que a ruiva que era vista nas noites mais escuras, sempre acompanhada por um lobo, era uma bruxa impiedosa e precisava ser caçada. Os boatos eram alimentados pelos guardas, que alertavam o povo das ameaças que a mulher representava, bem como pelos padres nos encontros religiosos semanais. Em tons sussurrados, não havia assunto que se fizesse ouvir com maior sonoridade.

As irmãs entenderam então, de imediato, as consequências do que estava por vir. A Sereia, como a ruiva passou a ser chamada, começou a se esconder com ainda mais afínco, sendo vista somente quando queria. Em tais ocasiões,

PERIGOSAS NACIONAIS

costumava estar suja de sangue, carregando carcaças de animais mortos ou pedaços de ossos. A sua nova imagem, muito mais agressiva e taciturna, cumpria o papel que as irmãs sabiam pretender: mantinha as pessoas comuns afastadas, quietas e amedrontadas.

Finalmente, tal qual uma coroação ao final de um baile real, houve o último dos acontecimentos. Ou talvez fosse o primeiro de uma nova fase. O julgamento e morte pela fogueira de uma mulher que supostamente teria denunciado Pietra Scarj. As irmãs viram Rei Durian decretar, oficialmente, com o apoio da Igreja e aplausos do povo, o reinício de uma prática que já há tempos vinha perdendo força: a caça às bruxas.

As irmãs perderam então sua melhor oportunidade de se aproximarem de Pietra, que logo se colocou a fugir ou, pelo menos, era o que

PERIGOSAS ACHERON

elas pensavam que fazia.

Perseguiram-na até o porto, incapazes de ver partir seu único elo com um passado sombrio, que remontava à última e mais importante memória que tinham em relação à mãe. A armadilha que a Sereia armou contra Sophia, no entanto, fez com que fraquejassem, e, pela primeira vez, a confiança inabalável em uma mulher que sequer conheciam fragilizou-se. Resgataram Rollo, ajudaram-no a convalescer, e então o caçador descobriu a carta.

Neste ponto notaram que jamais deixariam de se surpreender com a bruxa, que além de vítima das crueldades de um rei também se revelava em missão para outro; e, apesar de tudo, as irmãs voltaram a depositar em seu plano as chances de vingar os anos torturados da mãe.

Nikolau relembrou toda a conversa nos segundos que levou para se colocar frente a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Walkyria, cujas feições estavam endurecidas e determinadas. Sem saber de onde vinham aquelas novas sensações, experimentou uma urgência em ajudá-la, em resgatar ao mesmo tempo seu próprio filho e também qualquer espécie de futuro isento de fantasmas para as três jovens irmãs.

Apesar da honestidade de suas intenções, havia também uma impressão velada de que, na realidade, seriam elas a ajudar que se livrasse de seus próprios demônios.

E se tinha alguma dúvida, esta dissipou-se no instante em que Walkyria ficou em pé à sua frente, os olhos na mesma altura dos seus.

— Está pronto, caçador? — perguntou, a voz soando como metal sobre pedra. — Porque nós estamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Rainha Mikaela dirigiu-se, transtornada, para os aposentos reais, onde esperava encontrar o silêncio de que necessitava. Os passos que a levaram até o cômodo foram pesados e resistentes, o som sendo abafado apenas pelo excessivo volume de seus próprios pensamentos.

A soberana não ignorava o fato de que a relação com o país em que nascera, governado tão justa e pacificamente durante anos pelo irmão mais velho, vinha fragilizada desde a sua morte, quando o filho assumiu. Desde o primeiro instante havia se tornado claro que a postura de Durian era destoante de todas as lutas, acordos e negociações que haviam sido travados para que se alcançasse a prosperidade dos reinos aliados. O garoto, como pensava nele, havia recusado os legumes que costumavam importar, sob o argumento de que o

PERIGOSAS NACIONAIS

povo não necessitava de mais mato e sim de carne. Em seguida, cessara os envios de madeira, alegando que se não recebia o que queria, também não haveria razões para fazer quaisquer favores. No entanto, ainda não havia declarado oficialmente quais eram suas novas exigências, embora houvesse os alertado de que algumas cláusulas da famosa negociata de paz do falecido pai não eram de seu interesse.

Mikaela jamais teria imaginado, porém, que suas pretensões fossem tão repulsivas. E descobri-las através do esforço de uma mulher como Pietra Scarj causava-lhe transtorno suficiente para que odiasse a si mesma, quase na mesma medida que odiava Durian. Saber o que se passava em outro país e conhecer as intenções de um rei com quem mantinha relacionamento político eram parte de sua obrigação como líder de um povo, e não de uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jovem ferida, o que significava que falhara em sua função. Havia ignorado os primeiros sinais de um rei cruel e desequilibrado em nome de uma conveniente confiança cega, que decorria do sangue que corria em suas veias. Sua omissão os havia levado até o ponto de executar a pior e mais violenta das cláusulas de um acordo que deveria proteger a paz.

As letras nos papéis não deixavam dúvidas de que diante de um descumprimento, como o praticado por Durian, justificava-se uma intervenção, uma ação rápida e eficiente que exigisse mudança na política vizinha, sob pena de confronto armado.

Mikaela havia garantido que todas as demais cláusulas fossem observadas ao longo dos danos. Com aquela não seria diferente.

Convenceria o conselho a partirem para

PERIGOSAS ACHERON

exigir de Durian o que dele era esperado. E, caso se recusasse, estariam preparados para mais do que uma conversa diplomática.

Isto porque Durian não merecia perdão.

Ofereceria-lhe exatamente o contrário.



Pietra aceitou o banho que lhe foi ofertado enquanto aguardava os preparativos para a partida da Rainha Mikaela e dos homens sob seu comando. Enquanto a água beijava sua pele, limpando-a dos resquícios de terra, sangue e morte que a sujavam, pegou-se pensando a respeito de quando sentiria o mesmo alívio na alma, ou mesmo se teria tal oportunidade.

Há muito havia desistido de encontrar a paz ou alegria que um dia experimentara, porém ali, PERIGOSAS ACHERON

diante da grandiosidade do que estava prestes a acontecer, achou que talvez fosse sua única chance.

Desde que escapara das garras de Durian, até então príncipe, e fora socorrida por seu pai, Agmund, movia-se impulsionada pelo ódio e pelo desejo de vingança que nutria. De uma estranha maneira, porém, quando finalmente se via mais próxima do que nunca de cumprir o que o falecido rei suplicara, sentia-se apática. Vazia. Com saudades. Pela primeira vez desde que readquirira o controle de sua vida, não se sentia no comando. Estava sendo levada pelas circunstâncias, pela dança do destino e do futuro, das imagens que via em seus sonhos e que finalmente se tornavam reais.

Ao imaginar voltar a Litin, acompanhada pelo exército da Rainha Mikaela, de seu poderio e de sua soberania, conseguia vislumbrar com

bastante nitidez a quantidade de inocentes que queimariam. Na fogueira ou fora dela, em um ato justificado pelo nome de Deus ou do Estado, a prática jamais seria questionada.

Rei Durian cairia, ou talvez não. Talvez derrotasse o exército inimigo e adquirisse inúmeros novos escravos para sua excêntrica e cruel coleção particular. Talvez descobrissem um bastardo de Rei Agmund e o trono fosse imediatamente reocupado. Talvez não houvesse um novo herdeiro, e o país se tornasse cenário de disputas infundáveis pela coroa, como certamente ocorreria quando Rainha Mikaela também falecesse sem herdeiros.

Talvez ela, a Sereia do Inferno, sobrevivesse a tudo e a todos. Ou talvez finalmente sucumbisse, sem existir uma única pessoa que pudesse contar sua história.

As possibilidades eram tantas, tão distintas,

PERIGOSAS NACIONAIS

tão impactantes e ainda assim tão banais. E Pietra não dava a mínima para qualquer delas. Queria que o mundo explodisse, com todo o seu futuro de chances, sempre segregacionistas, violentas e degradantes, e todos que nele existiam. A única vida que um dia lhe tivera valor, por quem renunciaria a vontade e confiança que somente encontrava na morte, já havia sido por ela levada.

Não importava qual fim tivesse aquela história. Somente continuava pela remota chance de ser ela a destruir todos os ossos do corpo de Durian, de ser a responsável por fazê-lo fechar os olhos pela eternidade. Imaginaria com um certo prazer, se ainda fosse capaz de senti-lo, como seria a recepção do rei no inferno, no antro sobre o qual ele tanto falava, na sede de onde fizera o povo acreditar ser a morada dela, Pietra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, no fundo, a Sereia não acreditava em inferno ou paraíso, cônica de que ambas as extremidades se encontravam ali mesmo, disponíveis para grupos distintos de pessoas. Algumas nasciam fadadas a experimentar nada além das chamas ardentes do tormento, iludidas com a promessa de um céu que jamais conheceriam. Este era reservado a quem nascesse com mais do que uma alma... a quem nascesse com um título.

Havia abraçado seu destino em terra, e após os inúmeros sofrimentos suportados, abraçaria também o ceifador com um prazer talvez ainda maior do que o encontrado na cama de Rollo.

Ao pensar no amante, um arrepio percorreu todo o seu corpo, sintonizando-o em uma intensidade específica. Não era tesão ou mesmo saudade. Era dúvida, dolorosa e insistente.

PERIGOSAS ACHERON

Encontraria ele a chave que deixara em meio as suas roupas? Encontraria ele a carta deixada pelo Rei Agmund? Haveria tempo para desvendar os mistérios nela existentes?

Os impiedosos questionamentos cessaram somente quando ouviu batidas em sua porta. Saiu da água lentamente, desfilando o corpo nu na presença das criadas que entravam para deixar roupas no aposento. Notou, embora sem atribuir grande valor, as expressões das três moças ao investigarem com rapidez e discrição as marcas sobre sua pele. Sabia que as cicatrizes, grossas e flagrantes, chocavam-nas, mas não podia se importar menos com o impacto causado.

Era irônico que tivessem medo de sua aparência. Quão pior seria se conhecem o que habitava em seu interior?

Deixando que os longos cabelos ruivos

PERIGOSAS NACIONAIS

pingassem por todo o aposento escuro, caminhou até as peças de roupa e começou a vesti-las. Inteiramente de preto, inspirou profundamente enquanto refletia por um último minuto antes de partir para o que sabia ser a última de suas batalhas.

Fechou os olhos, imaginando o que teria que enfrentar, e concluiu que o povo, como de costume, estava errado.

Isto porque de repente lhe parecia óbvio que, ao final da vida, não era luz que se enxergava.

Era a escuridão. E todo o seu vazio ao ser engolida por ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A multidão reunia-se espremida no interior da Igreja Central, a fim de receber a benção prometida pelo primeiro sacerdote de Litin, assim como vinha acontecendo em todas as últimas noites. Em seus rostos, a flagrante expressão de pavor e angústia entregava a ignorância sobre o que de fato aguardavam que acontecesse, assim como toda a sua expressão corporal denunciava terem depositado a integralidade de suas esperanças nas mãos do rei e da fé.

Ao longo dos últimos dias, a movimentação dos homens da Coroa protegendo todas as entradas da capital e o soar das trombetas reportando a situação de emergência colocavam todos em seus caminhos para casa. No entanto, bastava que o padre fizesse soar os sinos da igreja, convidando o povo para receber a benção que os protegeria do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ataque iminente para que se dirigissem com urgência para o templo sagrado.

As poucas informações recebidas aumentavam gradativamente ao se unirem com os rumores que, fruto da curiosidade e ignorância, inflavam as notícias. Chegavam ao ponto de fazer com que mesmo os guardas reais se encontrassem em dúvida sobre o que era verdade e o que não era.

Inicialmente fora dito que um país vizinho, violento, e em seu caminho para abandonar o cristianismo, estava prestes a atacar Litin e roubar-lhe os bens e recursos naturais, além de objetivarem libertar as bruxas presas durante a caçada a Pietra. Em seguida, a força do nome da Sereia provou continuar mexendo com a mente de todos aqueles que a temiam. Sem qualquer previsão, o ataque passou a ser comentado como sendo uma medida sua, desesperada após a morte, para vingar-se do rei

PERIGOSAS ACHERON

e do povo. Poucas horas após o aviso de Nikolau, já era dito que seria ela a marchar sobre Litin, comandando um exército de bruxas, vivas ou não.

O desespero e o medo provocado por aquela versão da história fizeram lotar ainda mais a catedral da cidade todas as noites, já que a confiança nas espadas da coroa diminuía rapidamente. Somente a fé parecia ter chance de vencer tão satânico inimigo.

Especialmente naquela noite. Pelos cálculos do caçador, todos sabiam que ela estava chegando.

— Meu povo amado... — o sacerdote disse, gesticulando expansivamente nos momentos finais da cerimônia. — É certo que não podemos prever o destino ou mesmo controlá-lo. Mas saibam, no entanto, que essa noite amaldiçoada existe por uma única razão, e que poderia ter sido evitada. — As pessoas aguardavam, em silêncio, tensas em sua

obediência servil. — Não haveria que se falar em fogo, em luta ou em morte se não houvesse quem desafiasse o reino e as leis de nosso poderoso Pai.

As cabeças moveram-se com urgência em sinal de concordância, embora o medo continuasse estampado em suas feições.

— Cada um dos falecimentos que ocorrer hoje estará nas mãos sujas de Pietra Scarj, na de todas as bruxas que insistem em se negar a servir quem as pode proteger, nas mãos daqueles que questionam, falam e jamais escutam — continuou, sério, os olhos em brasas e a eloquência cada vez mais intensa. — Quem quer que a tenha ajudado ou torcido por sua causa também tem culpa na morte de nossos irmãos.

Algumas pessoas choravam, com a cabeça baixa, os braços agarrados nos familiares ou em torno de seus próprios corpos. Pareciam

PERIGOSAS NACIONAIS

intimamente conectadas com o sacerdote, acatando cada uma de suas sílabas, vinculando-se de uma maneira irremediável.

A caçada a uma bruxa, iniciada pelo mais alto plano do governo, a luta que preparavam naquela noite, a proibição de que os homens em idade de batalhar voltassem para casa, todos os elementos organizados pelo rei e pela igreja serviam para aproximar o povo, ao mesmo tempo em que perseguiam seus objetivos particulares. Por não terem dúvida de que sairiam vitoriosos naquela noite, o preço de algumas pessoas mortas parecia demasiadamente pequeno.

— Sigam em paz agora, meus filhos — o padre falou em um tom de voz muito alto. — Mulheres e crianças, orem enquanto seus maridos e pais não voltam. Homens, lutem enquanto suas esposas e mães os aguardam. Limparemos nosso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

país do que macula nossa pureza e santidade e, em breve, tudo isso terminará e poderemos iniciar um tempo de paz e absoluta devoção a Deus e ao nosso reino.

A população assentiu, totalmente conquistada pelas palavras proferidas com paixão e certeza pelo padre. Estava sendo prometido, naquele momento, segurança, paz e proteção por um pequeno preço, já que as diferenças que ofendiam a coroa realmente lhes causavam nada além de danos e prejuízos.

— Em nome do Pai, do Filho... — o padre iniciou a benção final enquanto todas as cabeças permaneciam abaixadas. — A vitória será nossa! Sigam em paz, meus filhos, e estejam prontos para pagar o preço que é a guerra!

Havia brilho nos olhos de todos os presentes, uma fulgência de medo travestido de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esperança e fé. O mesmo brilho tornou-se opaco no instante seguinte, quando mais uma vez, naquela noite, os sinos tocaram anunciando a hora de partirem.

Dessa vez sem sequer saberem se voltariam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Com exceção do número de guardas a postos, muito maior do que o normal, o porto parecia perturbadoramente tranquilo. O cheiro de peixe continuava impregnado no ar, como um lembrete do quão ordinária era a vida de todas as pessoas que trabalhavam na área. As águas reluziam o brilho da lua e das estrelas cintilantes no céu, movendo-se com a calmaria existente apenas naqueles que também conhecem o poder de sua fúria. Os trabalhadores noturnos observavam atentos o mar e os homens do rei, realizando suas tarefas com cuidado e silêncio quase obsessivos.

Tudo parecia em seu devido lugar, e embora ninguém entendesse ao certo o porquê, a sensação era justamente o contrário.

Inspirando o ar pesado de dúvida e expectativa, sorvendo cada detalhe da visão, em

PERIGOSAS NACIONAIS

busca de sinais que oferecessem respostas às inúmeras perguntas que fechavam suas gargantas, Rollo e Nikolau aguardavam, estáticos, ao lado das três irmãs.

Somente eles, em todo o mundo, em todo o céu e inferno, conheciam um pouco do que as próximas horas guardavam.

Ainda assim, não sabiam de tudo.

E mal podiam esperar para descobrir.



O castelo possuía absolutamente tudo o que uma pessoa poderia desejar em seus mais ousados sonhos. Havia comida em abundância; distrações das mais diversas espécies e para os mais diversos gostos; segurança quase intransponível; havia bálsamo para o corpo, para a mente e para a alma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O castelo continuava tão grande, sólido e poderoso quanto sempre fora. Ali dentro, era como se existisse um mundo suficiente em si mesmo.

Ainda assim, para Durian, sentado em seu trono de ouro, era como se de repente faltasse o mais óbvio dos elementos. Faltava que o tempo se movesse. Faltava que o relógio fizesse seu trabalho e o levasse para o momento em que colocaria um fim àquela história.

Tique-taque.

Os ponteiros continuavam avançando, mas não traziam conforto nenhum. Causavam um ruído irritante, insistente, completamente inútil.

Tique-taque.

O rei olhava pelas janelas, ansioso por qualquer mudança no ambiente.

Tique-taque.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A morte estava próxima.

E ele não via a hora de mostrar-se também o rei dela.



Havia algo misterioso, uma paz quase mística nos minutos que antecediavam o derramar de sangue. Não era a primeira vez que Pietra tinha aquela sensação, mas enquanto se aproximava de terras Litinianas, era a primeira vez que não tentava compreendê-la. Já sabia se tratar de uma espécie de conformismo, uma aceitação tácita do inevitável. Era como aquele banho de luz que iluminava a noite, embora também antecedesse o ressoar de um trovão. Era como a constatação óbvia sobre a iminência de ser atingida, e o estranho conforto de não tentar fugir por ser impossível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E quanto mais os navios da frota de Slevik se aproximavam de seu destino, mais a Sereia sentia como se estivesse bem embaixo do clarão de um raio prestes a cair. Em pé sobre a proa da maior das embarcações, sentia-se exatamente como era: o alvo fácil, a presa natural. Sabia que já haviam sido notados, e que possivelmente estivessem sendo esperados no porto.

De onde estava, começava a enxergar as luzes muitos metros à frente tornando-se distinguíveis, como migalhas que a levariam diretamente para uma armadilha. E apesar de Pietra não ter dúvidas de que rumava para o centro de uma artimanha que a machucaria, a certeza de que não havia mais volta sobrepunha todos os outros sentimentos.

O começo e o meio estavam escritos. Restava-lhe apenas o fim. Restava somente deixar

PERIGOSAS ACHERON

que a determinação que um dia preencheria suas veias voltasse a lhe incendiar o vigor que vinha adormecido.

Unindo as mãos diante do corpo, fechou os olhos e entregou-se à força que lhe habitava, e que lhe conferia o poder e a fama que a precediam.

Movendo os lábios rapidamente em uma pronúncia silenciosa e familiar, imaginou, concentrando toda a sua vontade, a cidade em chamas.

E então ouviu o crepitar das labaredas.



Era a primeira vez que aquela jovem de cabelos loiros tinha permissão para acompanhar seu velho pai pescador em uma noite de trabalho. Insistira por semanas até que ele finalmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resolvera lhe dar a chance de provar que tinha a mesma força e valor que seu irmão. Não que seu pai achasse que fosse conseguir carregar os cestos ou preparar as caixas com a mesma agilidade que o garoto, mas o homem tinha a esperança de que quando ela fracassasse, estaria livre de seus incansáveis pedidos.

Por ser sua primeira madrugada no porto, a jovem pescadora não sabia o que era comum e o que não era. Não sabia o que era digno de atenção e o que não passava de acontecimento corriqueiro naquela área. Talvez por isso tenha tido tanta dificuldade para distinguir o que invadia seu campo de visão quando avistou as grandes figuras tomando as águas de Litin. A impressão que tinha era de que o mar parecia avançar lenta e gradativamente sobre a cidade, agigantando-se sobre ela a cada segundo. No entanto, mesmo sem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compreender, sentiu o coração disparar. Assustada, varreu o porto com os olhos à procura do pai e do irmão, e apenas encontrou uma quantidade significativa de guardas se atentando para o que ela via no horizonte.

Já tinha ouvido falar sobre um suposto ataque para o qual Litin vinha preparando defesa. Mas, segundo se comentava, esperava que viesse por terra. Por isso os trabalhos no porto continuavam.

Confusa, a jovem observou as águas durante alguns instantes, embora tudo o que ouvisse fosse o som do silêncio.

E então ele se quebrou em milhares de frações, irremediáveis entre si.

Os gritos e ordens dos guardas rasgaram os ouvidos da moça que, aturdida, não fez nada além

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de continuar encarando a cena que finalmente parecia ganhar sentido diante de seus olhos. Os homens tentavam organizar-se em posição de defesa, enquanto alguns deles eram enviados, com urgência e pressa, em direção ao centro para buscar ajuda.

Havia uma enorme quantidade de guardas ali, embora não houvesse sequer metade do quantum destinado às entradas terrestres para a capital.

— Tememos tanto a Sereia — o pai da jovem pescadora sussurrou, agarrando-lhe o braço. — E esquecemos que ela ataca pela água.

Em seguida, contrariando as leis da física, água e fogo se misturaram, iluminando a noite sombria. O inverno tornou-se quente e a paz tornou-se guerra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E então não havia mais nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A imagem era ao mesmo tempo inebriante e assustadora.

Ver Pietra, ainda que de uma certa distância, definitivamente causava impacto maior do que qualquer descrição poderia gerar. Sua figura era fiel aos relatos, embora paradoxalmente se distinguisse em toda a intensidade.

Enquanto o gigantesco navio se aproximava, trazendo sobre sua proa a bruxa responsável por arrastá-lo de volta ao inferno, para Nikolau a Sereia parecia o próprio diabo travestido de mulher. Os cabelos esvoaçantes, vermelhos como o fogo, completavam sua figura, como se fossem uma áurea de veneno e maldade existente apenas ao redor de um demônio. Esguia, trajada de preto, distinguindo-se tão somente pelas madeixas longas e rubras, era a personificação do terror e do

medo.

O caçador não conseguia desgrudar os olhos. Havia torpor em todo o seu ser, um formigamento que confundia seus sentidos e impedia seus movimentos. Não existia palavra, gesto ou pensamento no mundo que não parecesse supérfluo diante da grandiosidade que se revelava diante de seus olhos. Era do tamanho de uma mulher, mas reluzia a força de um gigante.

Atrás da navegação em que a Sereia se aproximava, Nikolau enxergava também dezenas de outras embarcações menores se fazendo visíveis, todas rumando para o mesmo destino. O mar parecia a cada instante mais tomado pelas naus combatentes, como uma praça que, aos poucos, era preenchida pelo povo faminto. Ainda assim, nada disso conquistava sua atenção.

Era como se tudo ao seu redor se

PERIGOSAS NACIONAIS

desenvolvesse de maneira lenta, apesar do caos e histeria que explodia de todos os cantos, com as dezenas de guardas presentes tentando tornarem-se mil. O caçador suspeitava que talvez a velocidade reduzida estivesse em sua mente, sôfrega para acompanhar os fatos, uma vez que Walkyria e as irmãs já começavam a sacudi-lo, ordenando que agisse conforme o planejado. Ainda assim, não havia como obedecê-las, quando tudo o que queria era ser um eterno expectador da presença de Pietra.

Aos poucos, no entanto, com a mesma lentidão em que o ambiente se movia, novas cenas começaram a inundar sua mente. As bruxas, as inúmeras mulheres que havia capturado, pareceram preencher não somente o navio, mas todo o mar atrás da Sereia. Eram seu exército. Suas armas. Sua cruz.

Os rostos, apesar de distantes, tornaram-se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

visíveis. E, para o choque do caçador, eram todos semelhantes, possuidores de olhos coloridos, como os presentes no rosto da mulher que as comandava. Os lábios, porém, eram finos e delicados, familiares à sua memória. Familiares a seu toque. Familiares por seu sabor... Eram os lábios de Eloyse. Os fios enrolados que caíam sobre a tez também o eram. Os corações que batiam em uníssono, ressoando como tambores de guerra, não deixavam dúvidas. Nikolau conhecia o som que o peito da falecida esposa guardava.

Todos os fantasmas que o perseguiram eram ela, feitas de sua carne e de sua essência. A essência da mulher que confrontara os pais para se casar com um caçador taciturno, marcado e feroz; que se negava a ir à igreja aos domingos por descrer que os pais, tão obedientes, não podiam aceitar a gentileza e o amor puro que o homem lhe

PERIGOSAS ACHERON

dedicava, fiel em sua promessa de fazê-la feliz e entendê-la em seus desejos e limitações.

Eloyse... Amada Eloyse... A esposa querida, a responsável por apresentá-lo a um possível céu de prazer e felicidade. A única entrada para o paraíso, a porta que se fechara ao ser levada de um mundo que não a merecia.

Por que então sua imagem se misturava à da Sereia, que em nada se assemelhava com a da dona de seu coração? Por que novamente suas alucinações seguiam para um caminho que não podia compreender?

Porém, apesar de todas as angustiantes dúvidas, pela primeira vez o homem experimentava o estranho sentimento que existia quando se estava prestes a montar todas as peças de um quebra-cabeça, mas ainda não o havia feito por faltar uma. Apenas uma. Em alguns momentos parecia que era

sua própria mente que o impedia de entender. Em outros, ela se esforçava para tanto.

Enquanto as cenas ao seu redor adquiriam um ar nebuloso, distante, como se fizessem parte de um sonho, as bruxas com o rosto de Eloyse tornaram-se concretas, vivas, palpáveis. Eram sua nova realidade.

Nikolau abandonou o porto tomado por soldados, o toque insistente das três irmãs e de Rollo, e finalmente abraçou a verdade de sua mente. Desistiu de controlar os ímpetos que há tanto tempo repelia, e a eles se entregou, completa e profundamente.

Diante de seus olhos castanhos, viu os navios atracando, e libertando, para as terras de Litin, as milhares de pessoas que neles estavam presentes. Os homens que desciam lutavam com os soldados que em vão tentavam conter o avanço da

tropa inimiga, o som de suas espadas se chocando impactando os ouvidos do caçador.

Enquanto diversos pares de duelos se enfrentavam, o caçador notou a jovem de cabelos vermelhos surgindo sozinha e do centro de todo o caos. As madeixas sopradas pelo vento revelavam o rosto de traços fortes e delicados, bem como os lábios carnudos, cerrados com força e desprezo.

Não havia um único homem utilizando as vestes da armada de seu país tentando impedi-la. Pareciam paralisados e obedientes às mãos que ela erguia enquanto caminhava, incapazes de se libertarem do feitiço que parecia emanar de seu ser. Era imparável.

Nikolau, ainda em pé e inerte, notou, sem qualquer emoção, que era o único a permanecer no caminho da bruxa, que de repente deixara de ter os sinais de sua falecida esposa. Estava claro que

PERIGOSAS NACIONAIS

Pietra o via e que logo estaria sobre ele, fazendo-o vítima de sua magia.

Refém de suas próprias dúvidas, aprisionado em sua própria mente, o caçador começou a enxergar com nitidez os elementos que formavam a Sereia do Inferno, já a poucos metros de onde estava. Ao contrário do que antes aparecia em seus devaneios, ou mesmo de sua figura sobre a proa do navio há alguns minutos, o semblante de fortaleza e perigo já não estavam visíveis como esperava. Para sua surpresa, seus traços eram delicados, finos, suaves. Não se assemelhava a uma predadora, mas sim a uma presa.

Seu corpo, coberto por uma roupa justa e negra, era pequeno, magro, fraco. A única característica integralmente fiel aos relatos eram os olhos. Azul e marrom. Grandes e arrebatadores. O caçador já se via refletido naqueles olhos, sendo

PERIGOSAS ACHERON

investigado pela bruxa. Em um deles, tão claro quanto o céu, Nikolau pensou ter visto hesitação, medo, cansaço. No outro, ameaça, fúria, desejo...

Já não sabia, porém, se alucinava ou se voltava à realidade. Estava, finalmente, diante da famosa Pietra Scarj, sendo arrastado para todos os recônditos de sua existência, afastando-se de toda espécie de senso ou de ordem. Não sabia como lidar com a aparência paradoxal da bruxa: era garoa e temporal ao mesmo tempo.

Na bagunça que eram seus pensamentos, achou que ela talvez também o reconhecesse, pois enquanto sangue era derramado a seu redor, permanecia parada e apática, olhando fixamente para as cicatrizes que cobriam seu rosto e pescoço. Então, sentindo-se diminuído e confuso, forçou os próprios olhos a encararem o olhar fixo da mulher à sua frente. Quando o fez, o rosto desfocou-se

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente, sendo substituído, por apenas alguns poucos segundos, pelo de Eloyse uma vez mais.

Assustado, Nikolau levou involuntariamente as mãos em direção à cabeça, pressionando as têmporas com força. De novo, os olhos coloridos se fizeram visíveis para, logo em seguida, serem novamente substituídos pelos negros da esposa.

O que estava acontecendo? Por que tão próximo da ameaça que a bruxa era, não conseguia se focar em uma única imagem? Por que Eloyse estava presente na Sereia? Por que suas histórias se confundiam em erros que não pareciam pecados?

Por que, tendo desejado tão ardentemente capturá-la para recuperar o filho, já não sentia qualquer impulso em feri-la?

Com a cabeça prestes a explodir, não

PERIGOSAS ACHERON

somente de dor, mas também como barreiras que não podiam mais suportar a pressão e força das águas, Nikolau deixou-se cair de joelhos, buscando desesperadamente o frio da neve que o traria de volta.

— Por você eu perdi meu filho! — gritou, sem saber ao certo a razão ou o destinatário de seu desabafo. — Quebrei minha promessa, retornei ao inferno! — Tão perigoso quanto um animal desorientado, Nikolau tentou se levantar, agarrando um dos braços da jovem bruxa.

Para sua surpresa, porém, o contato das peles o chocou.

A frieza presente na cútis de Pietra percorreu cada centímetro de seu corpo, como uma corrente de vida e morte que, enlaçadas, dançavam sobre seus nervos. Surpreso, Nikolau agarrou com mais força as mãos dela, sentindo a mente clarear

tal qual um dia que se inicia.

— Você é fria — falou com a voz rouca, antes de senti-la arrancando o próprio braço de suas mãos. — Como você pode ser tão fria?

Pietra permaneceu impassível, encarando-o com os olhos diferentes.

— Você deveria queimar! — Naquele momento, nem mesmo o caçador sabia ao que se referia... A uma fogueira onde deveria padecer ou ao efeito que esperava que sua pele causasse.

— Talvez isso ainda aconteça se permanecer em meu caminho — a Sereia respondeu, aumentando ainda mais a ambiguidade do diálogo.

Desfazendo-se como uma cortina de fumaça, o fantasma de Eloyse finalmente dissipou-se por completo, afastado pelo frio que advinha do

PERIGOSAS NACIONAIS

contato com Pietra.

— Por que você não me deixa? — questionou, transtornado, com uma das mãos batendo com força na própria cabeça.

A jovem passou alguns segundos em silêncio, observando-o antes de responder.

— Achei que era você que estivesse me caçando.

— Não era atrás de você que estava. Era atrás do meu filho — Nikolau retrucou, levantando-se e sentindo as pernas ficarem mais firmes. — Você era apenas o caminho.

O caçador pensou ter visto uma sombra cruzar o olhar da mulher quando respondeu.

— Não estou com seu filho. Rumarei daqui até o castelo e queimarei o rei e quem tentar me impedir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um pensamento desesperado inundou a mente de Nikolau, forçando-o a pronunciá-lo em voz alta.

— Não me importa mais quais são os seus pecados. Ajude-me a recuperar Noah, e te ajudarei a matar Durian — prometeu, olhando para os lados. Assistindo com nitidez as lutas que eram travadas, viu Walkyria degolar um soldado que seguia em direção a Noelle. — Outras pessoas também te ajudarão.

— Você, caçador, por um acaso esquece quem eu sou? — Pietra provocou, recomeçando a caminhar, enquanto puxava o capuz para seu rosto.

— Dizem que é uma bruxa. A mais perigosa dentre todas elas. — Diante da resposta, a jovem parou onde estava. Permaneceu em silêncio, de costas para o homem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dizem... — repetiu ela. — E você duvida?

Nikolau hesitou antes de responder.

— Você é fria. E usa prata — observou, analisando as costas eretas e tensas da feiticeira.

— E não eram assim todas as outras bruxas que castigou?

— Não. Eram... Acredito... — O caçador vacilou ao responder, notando a fragilidade de suas próprias certezas. — Você é ou não uma bruxa? — insistiu, impaciente.

— Sou igual a todas as mulheres que você não compreende — Pietra respondeu antes de dar um passo e desaparecer entre o caos da fatídica noite. — Está aí a sua resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Todo o peso daquela noite parecia residir no peito aflito do sacerdote Nigak. Não era como se tivesse medo da jovem bruxa, do exército que supostamente traria ou mesmo do céu que observava suas ações, afinal agia pautado pelo bem do povo. No entanto, observar Durian pela primeira vez em sua vida cedendo aos seus ímpetos violentos sem procurar velá-los mostrava-lhe que a noite estava somente começando. E receava que ela não acabasse quando o sol nascesse novamente.

Isto porque aquela caçada havia tomado rumos tão imprevisíveis que parecia pouco crível que a morte de Pietra pudesse restabelecer a ordem de tudo, como haviam esperado no início. Uma única fogueira deveria ter sido suficiente, porém de algum modo, de repente a cidade toda estava prestes a queimar em chamas. Quanto tempo levariam, portanto, para sumir com toda aquela

PERIGOSAS ACHERON

cinza? Aliás, teria o rei interesse em limpá-la, ou construiria um novo castelo sobre o borralho?

Naquele momento, o clérigo somente conseguia imaginá-lo como uma substância inflamável, uma explosão prestes a consumir tudo a seu redor.

Durian caminhava incessantemente de um lado para o outro dentro de seus aposentos, por vezes sussurrando palavras inaudíveis; por vezes mordendo a própria mão. Sua face pálida estava ruborizada, o pescoço se tornando gradativamente purpúreo pela espera inquietante.

— Por que diabos ela está demorando tanto? — O sacerdote o escutou berrar, encolerizado. — Por que não aparece logo? Por que não morre de uma vez por todas?

Cinzas. Tudo já era cinzas para o rei, concluiu, ao ter a impressão de que conseguia

PERIGOSAS NACIONAIS

enxergar ódio emanando de todos os poros do corpo do monarca. Assisti-lo gritar com o olhar fixo, endurecido, quase insano, fazia o sacerdote imaginar que todo o seu reino, seu povo e seus aliados não passavam de pó sobre o qual caminhava, afundando seus pés enquanto objetivava uma única mulher.

E refletir sobre aquilo fazia o padre ter a certeza de que jamais poderia estar em seu caminho. E não se referia apenas ao fato de se tratar de uma autoridade, de um monarca com poder e legitimidade suficientes para dispor de sua vida se assim julgasse necessário. Não... temia o jovem homem sob a coroa, o humano que carregava tanta fúria quanto uma besta.

Toda a sua ira parecia à flor da pele. O rei já havia praticado todos os seus hábitos, dos mais comuns aos mais exóticos durante a fatídica noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bebera mais vinho do que o padre acharia aconselhável, embora não tivesse sequer passado por sua cabeça sugerir qualquer limite; descontara um pouco de sua ira e ansiedade através da violência praticada em um rapaz de cabelos escuros e olhos tão inchados, cuja cor já não podia mais ser vista; gritara com Sir Velory e o estapeara na face, recebendo nada além do que obediência em retorno.

Chegara a ordenar que o sacerdote deixasse os aposentos, mas mudara de ideia apenas poucos minutos depois para exigir a sua companhia. Queria se certificar de que Deus estaria ao seu lado na batalha que definiria uma era, no evento a partir do qual teria início, de fato, o seu reinado.

— Já faz horas, Vossa Majestade. Não deve demorar muito ma...

— Calado! — Rei Durian o interrompeu,

PERIGOSAS ACHERON

fazendo-o se sobressaltar. — Eu não aguento mais o som de sua voz, assim como não aguento mais este silêncio sepulcral! — rosnou, denunciando seu estado de completo transtorno. — O único som que quero ouvir é o que escapará dos doces lábios da Sereia quando eu a transpassar com uma lâmina.

— Quando o sol nascer — o padre começou, inseguro —, o corpo de Pietra Scarj estará sem vida. Nós a queimaremos, tal qual bruxas merecem, e jogaremos seus restos no mar, assim como sereias merecem.

Novamente surpreendendo o sacerdote por sua absoluta inconstância, o rei sorriu.

— E amanhã terá início a época do maior, mais forte e mais santo rei que esse país já teve — concordou, aproximando-se da imensa janela e passando as mãos pelos cabelos loiros e sedosos.

— Sim, Vossa Majestade. O mal está

prestes a sucumbir diante de nossa fogueira santa.

— E todas as lembranças do desastroso governo de meu pai queimarão junto — o monarca ampliou ainda mais seu sorriso, embora uma sombra tenha coberto seus olhos azuis por não mais do que um segundo.

O padre notou a reação do outro, porém se manteve em silêncio. Aprendera, há muito, que não deveria fazer qualquer menção à benevolência e à amada fama do falecido rei, já que Durian parecia uma das poucas pessoas enraivecidas pela política diplomática e pacificadora do governante, seu genitor. Foi poupado, porém, de encontrar uma maneira de escapar do assunto que tanto irritava o monarca, porque foram despertos de seus devaneios e reflexões por uma estrondosa e impaciente batida na porta do quarto real.

Com os olhos crescendo diante da possível

chegada de notícias, o rei fez um gesto com a mão para o padre, indicando que abrisse os aposentos. Tão logo o fez, Sir Velory caminhou a passos largos para dentro, os lábios cerrados em uma expressão dura.

— E então? Os batedores de Nicolau estavam certos? Ela finalmente chegou? — o rei perguntou, a voz saindo aguda pela ansiedade.

O soldado pareceu hesitar em sua resposta. Olhou discretamente para o clérigo, porém diante do mesmo olhar inquisidor, inspirou profundamente e pronunciou as palavras através de não mais do que um sussurro.

— Ela chegou. Vem acompanhada da Rainha Mikaela, sua tia, e de seu exército — contou, a voz fraca.

— Ótimo. Quero atualizações sobre a batalha a cada hora. E quero a Sereia. Não precisa

PERIGOSAS NACIONAIS

estar inteira, apenas... Consciente.

— Não há uma batalha como o senhor esperava — Sir Velory disse, receoso, claramente temendo a reação da autoridade a sua frente quando terminasse de falar.

— Como não? — o rei indagou, aproximando-se.

— Vossa Maj...

— Como não? — Durian repetiu aos berros, a mão agarrando um dos braços do guarda.

— Recebemos relatos, Vossa Majestade. A Sereia e seus aliados vieram pelas águas. E não por terra.

Foi como se o rosto de Durian se aproximasse de uma explosão. Sua pele foi novamente tomada por uma intensa vermelhidão, a respiração irregular saindo com dificuldade por entre os dentes cerrados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O caçador mentiu? — perguntou baixinho, o som arranhando a garganta.

— Sim — Sir Velory limitou-se a responder diante do rosto impassível de sua majestade.

— Para o inferno com esse caçador! Para o inferno com essa maldita bruxa! Para o inferno com vocês dois! — berrou, ensandecido.

— Dividi os nossos homens para que fossem em direção ao porto e protegessem o castelo. Ela não chegará até o senhor — Sir Velory explicou apressadamente.

— Eu quero que ela chegue! Eu quero que ela venha! — o rei continuava gritando, em uma manifestação que evidenciava sua absoluta ausência de controle.

— Vossa Majestade — o sacerdote chamou sutilmente —, mesmo com essa mentira, poderemos pegá-la, tenha certeza disso —

PERIGOSAS ACHERON

assegurou, embora sua voz não transmitisse nem metade da segurança vendida ao rei.

O monarca ainda inspirava pesadamente, as costas ligeiramente arqueadas para frente, como se protegesse seu corpo através de si mesmo.

— Certifique-se de que o caçador também seja capturado. Quero ele vivo. Vai assistir ao seu filho sendo morto diante de seus olhos — ordenou, a voz tão fria quanto uma lápide esquecida no inverno. — Eu o quero tão morto quanto Pietra. Quero que ele sinta mais sofrimento do que acredita ser possível.

— Sim, Vossa Majestade — Sir Velory concordou, a expressão se suavizando. — Traremos ambos à sua presença.

O rei encarou o chefe de sua guarda particular por alguns instantes, os olhos inflamados pela cólera. Eram como lavas de um vulcão prestes

a entrar em erupção e a consumir o que quer que houvesse a sua frente.

— Sir Velory, o senhor errou tanto nos últimos tempos que me parece difícil acreditar que tenha sido somente incompetência — o padre notou, em silêncio, que as palavras do rei quando ditas com tamanha suavidade causavam o mesmo efeito de um carrasco que aguardava para fazer baixar a guilhotina. Era uma espera angustiante. Uma ameaça sutil e declarada.

— Majestade — o homem começou, engolindo em seco —, eu jamais confiei no caçador, eu...

— Basta! — Durian gritou, sua saliva manchando o rosto do capitão. — Eu não quero justificativas, eu quero resultados! — Com o nariz quase encostando ao do outro, continuou gritando, o rosto ruborizado. — O senhor teve um outono

inteiro, um inverno completo, para encontrar uma mulher! Uma única mulher! Como pôde ser tão inútil?

— Meu rei — o padre decidiu intervir, logo notando que cometia o erro de atrair para si a fúria do monarca.

— E o senhor, homem de Deus? — o rei sussurrou, um sorriso doentio no rosto. — Foi sua a ideia de confiarmos neste maldito caçador, e agora tenho o exército de minha herege tia dentro do meu país! Inúteis, inúteis todos vocês! — berrou, a mão agarrando os próprios cabelos loiros em um gesto de impaciente descontrole.

— Vossa Majestade, há tempo! E o gesto de sua tia invadir Litin é quebra do tratado de paz. Haverá consequências para ela! — explicou o sacerdote, mantendo a habitual calma.

— Evidente que haverá — o monarca

concordou, respirando pesadamente. — Ela se ajoelhará diante de mim. Com ou sem sua cabeça sobre o pescoço — afirmou entre inspirações apressadas, a ideia parecendo acalmá-lo pouco a pouco.

— Sim, meu bom rei — o padre assentiu, sorrindo cautelosamente. — Todos os traidores servirão de exemplo.

— Sim. E depois da noite de hoje — falou, voltando-se para a janela e observando o céu escuro — as mulheres desse país e de outros aprenderão seus lugares. As fogueiras e as espadas se encarregarão de contar a história do que acontece quando pensam ser mais do que são — sua voz era novamente contida, seu tom completamente alheio às explosões de instantes antes. — Mas agora saiam — o rei interrompeu de súbito, ainda de costas para os outros homens. — Busquem minha armadura e

minha espada. Quero estar pronto.

— Como desejar, Majestade — Sir Velory assentiu, dirigindo-se de imediato para a porta.

— E, meu rei — o sacerdote falou antes de sair dos aposentos reais —, não há como perdermos essa batalha. Não quando lutamos em nome de nosso Santo Pai e de nosso Estado.

— Eu sei. Os céus observam nossos atos — Durian concordou, sorrindo. — E o inferno aguarda quem os desafia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Pietra avançava noite a dentro, refazendo o caminho que a havia levado para longe das terras de Litin. No entanto, desta vez o intuito era justamente o oposto, já que seus passos tinham como objetivo o coração da cidade, onde o rei fazia pulsar os interesses do reino. Assim, sabia que marchava em direção à morte, mas ao menos havia se assegurado de que não seria a única a ser abraçada pelos braços do ceifador. Rei Durian iria junto e, pensando cuidadosamente, não havia nada mais justo. Se o monarca queria que ela fosse ao inferno, que se encarregasse de fazer a entrega pessoalmente.

Deixando-se levar a fim de cumprir o propósito de sua vida, não pôde evitar pensar no caçador que acabara de confrontar. Havia sido o único a questionar sua fama de feiticeira, a colocar

em dúvida um fato incontroverso ao povo, quando nem mesmo Rollo o havia feito. Perguntava-se por que o homem teria refletido profundamente a esse respeito, especialmente em se tratando de um caçador, cuja vida fora inteiramente dedicada a capturar mulheres de sua estirpe. Afinal, se era esse o seu trabalho, não fazia sentido que fizesse ponderações. Era a espécie de serviços prestados ao governo que dispensava qualquer criticidade.

De qualquer forma, também a surpreendia o fato de que ele já não parecia mais disposto a matá-la. Toda a sua experiência, fúria e violência estavam voltadas para o rei e, pelo que entendera, tratava-se de vingança por algum ato relacionado ao filho do caçador. E Pietra bem sabia o quanto o governante poderia ser cruel quanto a isso.

Ponderando sobre os rumos inóspitos que as trajetórias dos envolvidos naquele plano estavam

tomando, pensou no único que estivera ao seu lado desde o início e sentiu verdadeiramente a sua ausência.

Parou no lugar por alguns instantes e observou o breu profundo que a circundava no meio da mata, vez ou outra cortado apenas pelos intensos sons da batalha que já chegava ao fim no porto. Fechou os olhos e concentrou-se na única imagem que lhe fazia falta, forçando sua alma a ir de encontro à do amigo. Desprezou toda a realidade e concretude que havia a seu redor, e tentou tocar o abstrato das lembranças, do chamamento e da entrega.

E então só havia ela e a escuridão, da forma como deveria ser, da forma como se sentia confortável. Leve, abandonada na solidão de si mesma.

Não tinha ideia de quanto tempo havia se

PERIGOSAS ACHERON

passado, mas despertou da submersão apenas quando ouviu o uivo frio, profundo, gutural.

Abriu os olhos, sorrindo ligeiramente, e reconheceu o lobo que era seu reflexo de outra vida. Os olhos coloridos brilhavam intensamente, como dois faróis que lutavam contra a escuridão. O que chamou sua atenção, no entanto, foram os pelos cinzentos de sua nuca, arrepiados em sinal de alerta. Foi somente então que notou que o olhar do animal não se dirigia a ela, mas estava fixo em algum ponto atrás de si. Pietra virou-se lentamente e, exasperada, encontrou uma linha formada por cinco pessoas. O pulsar de seu coração vacilou conforme estudava cada um dos rostos, emoldurando a cena dos corpos estáticos, lado a lado, a encarando.

Rollo. Noelle. Walkyria. Sophia. Nikolau.

Sentiu Fenrir se aproximando, os passos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lentos e comedidos parando bem ao seu lado. Os dentes à mostra silenciosamente, aguardando que a Sereia se manifestasse sobre as pessoas que os encaravam.

Foi a mulher de cabelos curtos — a que estava no centro da linha — que avançou.

— Nós sabemos de tudo. Nós queremos a mesma coisa.

Pietra aguardou em silêncio, surpreendendo-se com a insistência de todos eles. Quando havia recrutado companhias que não lhe interessavam?

Foi Rollo que então se adiantou, caminhando em sua direção, mas parando diante do passo de Fenrir.

— Sereia, deixe-nos ir com você — suplicou, com os olhos verdes em brasas devorando

PERIGOSAS ACHERON

cada centímetro de seu rosto.

— Já disse que não preciso da ajuda de ninguém — respondeu, irritada.

— Mas nós precisamos da sua — o caçador cuspiu as palavras, como se fossem chamas queimando seu peito. Ao mesmo tempo, estendeu uma das mãos em direção a Pietra, segurando um papel.

A jovem reconheceu a insígnia marcada, e avançou rapidamente para tomar o pergaminho do poder de Nikolau.

— Vocês encontraram a carta do Rei Agmund — sussurrou com um tom de voz ameaçador e insatisfeito, enquanto refletia sobre a situação.

— Você deixou a chave em minhas roupas. Esperava que eu encontrasse — Rollo rebateu

docemente. — Nós...

— Guarde — Pietra interrompeu bruscamente, devolvendo o papel para Nikolau e virando-se para o lobo. — Fenrir...

Apenas Nicolas compreendeu de imediato os gestos da ruiva. Antecedendo-se ao que viria, desembainhou com agilidade a espada, sentindo-a pesar entre as mãos feridas. As irmãs imitaram o gesto, armando-se, e Walkyria arremessou uma de suas facas para Rollo, que, ainda bastante lesionado, a deixou cair sobre o chão escuro da floresta.

Uma dezena de homens vestidos com as roupas reais, provavelmente fugindo do caos do porto, ingressou com violência na clareira onde Pietra e os outros estavam. Não os reconhecendo como aliados, avançaram bruscamente sobre o grupo, erguendo as espadas diante do corpo. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sereia rapidamente puxou o capuz sobre a cabeça, o preto completo de seus trajes tornando-a invisível na escuridão da noite.

Afastando-se somente o suficiente para não ser atingida no choque que em segundos inevitavelmente aconteceria entre os dois lados, inspirou e deixou que toda a sua força se concentrasse na garganta. Gritou, alto, sonora e assustadoramente, distraindo os soldados do reino por apenas alguns segundos. O suficiente, no entanto, para que Walkyria avançasse e transpassasse o mais próximo com sua espada. Sophia e Noelle também dispararam suas flechas, acertando seus alvos, porém sem os matar.

A Sereia saltou sobre as costas de um deles, agarrando-lhe o peito com um dos braços e rasgando sua garganta com a outra. A queda do homem fez com que se desequilibrasse e fosse

PERIGOSAS ACHERON

atingida na nuca por um guarda que estava atrás de si. Por um instante, pensou que perderia a consciência, mas conseguiu trazê-la de volta, como quem segurava por um fio.

O homem avançou sobre a jovem urrando de ódio e determinação, fazendo com que ela, ainda sofrendo a vertigem da pancada, recuasse alguns metros. Pietra sentiu as costas tocarem um largo tronco de árvore, o que limitava seus movimentos. Com poucas opções enquanto a visão não retornava integralmente, aguardou, controlando a respiração, até que o homem se aproximasse o suficiente. Dotada de uma frieza única, somente quando a ponta da espada estava prestes a tocar seu peito, girou para o lado esquerdo, escapando da mira do soldado. A força que ele empunhava fez sua arma fincar no tronco onde ela antes encostava. No segundo necessário para que a força do guarda

PERIGOSAS NACIONAIS

recuperasse a espada, Pietra, valendo-se de sua leveza e agilidade, adiantou-se em direção ao pescoço exposto e fincou uma adaga na área.

Enquanto o sangue jorrava, olhou ao seu redor. Não podia perder tempo observando sua vítima que já sucumbia, quando ainda existiam vários outros a serem confrontados. Com a respiração pesada, enxergou Fenrir balançando freneticamente o braço de um guarda caído ao chão, que, embora ainda vivo, parecia incapaz de reagir. Enxergou também Rollo, que lutava com dificuldade contra um dos homens, mal conseguindo segurar o seu avanço. Era claro em seu rosto que a batalha exigia mais do que seu corpo podia aguentar.

Sentindo o ímpeto de ajudá-lo contrariar seus desejos mais primitivos, Pietra notou dois homens dirigindo-se se para o antigo amigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Haviam notado que ele era presa fácil. Ainda levemente zonza, agarrou com firmeza uma das espadas caídas sobre o chão negro da floresta e avançou com os olhos fixos nas costas do que estava mais próximo de si. Pretendia derrubá-lo, utilizando-se do elemento surpresa, mas sabia que não chegaria a tempo para evitar que o outro atingisse Rollo.

PERIGOSAS ACHERON

Então, com a visão periférica, enxergou o que precisava: Fenrir acabava de dilacerar o estômago de um guarda, colocando a batalha em uma posição mais equilibrada.

— Fenrir — foi tudo o que conseguiu gritar antes de saltar para cravar a arma ente as vértebras do adversário.

A fera, atenta, levantou os olhos coloridos em direção a onde estava a bruxa, mas vendo que não necessitava de auxílio, seguiu o olhar da jovem. Encontrou então Rollo já caído, segurando sofregamente o pulso do guarda que, a cada segundo, descia um novo centímetro em direção a seu rosto.

— Fenrir, agora! — Pietra gritou, desabando ao chão com o homem sob seus braços.

O animal, no instante seguinte, voava em

PERIGOSAS ACHERON

direção à garganta do outro, fazendo jorrar sangue sobre os olhos e boca de Rollo.

Pietra não teve tempo de observar o restante da cena, pois sem que percebesse a aproximação, uma dor dilacerante atingiu-a em cheio. Sem conseguir sequer respirar, fracassou ao tentar identificar o local do ferimento. O enjoo causado pelo impacto percorria cada centímetro de seu corpo, irradiando-se dos pés à cabeça. Desorientada, tornou-se alvo fácil: sentiu, tal qual ocorrera no cemitério, no início daquela corrida, os cabelos sendo puxados com uma força avassaladora para trás. Pensou, em um lampejo de insanidade, que o couro cabeludo houvesse deixado de fazer parte de seu corpo, tamanha a intensidade da dor que atingiu sua cabeça.

Perdendo o equilíbrio e sentindo o corpo prestes a desabar para trás, forçou o braço na

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma direção. Aproveitando-se do último movimento que lhe restava antes de encontrar o solo, concentrou-se em passar com firmeza a lâmina que segurava rente à nuca. Instantaneamente, a pressão depositada através de seus fios cessou, e a força que fazia para manter-se ereta fez com que se curvasse para a frente, tropeçando nos próprios pés. Com parte das madeixas cortadas caindo sobre o rosto, Pietra finalmente respirou, recebendo o oxigênio em seus pulmões com uma mistura de dor e alívio.

Ajoelhada sobre o chão, sentindo o corpo reclamar seus limites, observou as três irmãs lutando juntas contra os dois últimos guardas que insistiam na batalha. Dois deles fugiam, assustados com a quantidade de corpos reais que se acumulavam naquela noite, testemunhas da violência e da determinação mórbida com que o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pequeno grupo lutava. Receando perder a consciência, a Sereia retirou de dentro da própria roupa algumas folhas amarelas, secas e quebradiças, e elevou-as diante dos olhos.

Ignorou o cheiro de sangue que contaminava a noite, o uivo de Fenrir que de repente enchia a noite anunciando o prenúncio do fim, e ignorou também a aproximação de Nikolau, Rollo, Walkyria e das outras.

Naquele momento, tudo o que existia era o pouco de sua força restante. A força que era o seu maior escudo, sua prece e sua devoção.

— Cura-me — sussurrou para si mesma, alheia aos olhares vigilantes de curiosidade e medo. Pareciam temê-la mais do que aos soldados que os haviam atacado minutos atrás.

Antes de ser abraçada pela escuridão,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

engoliu o vegetal, pronta para entregar-se ao que quer que viesse a seguir.

O mistério era seu aliado. A noite seu manto. E a morte, sua mais fiel companhia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Pietra abriu os olhos lentamente, deixando que a consciência encontrasse seu caminho de volta. Tão logo retornou, os músculos se manifestaram insatisfeitos e fadigados, despertando-a para a realidade de seu corpo exausto. Suas feridas, porém, não doíam como antes, embora seus pensamentos parecessem instáveis dentro de sua cabeça.

Apesar de sua costumeira reação ágil, o efeito da planta que ingerira deixava-a um tanto letárgica, de modo que demorou alguns segundos antes de notar que a instabilidade que sentia em sua mente decorria do fato de que toda ela estava em movimento. A massa entre suas pernas avançava tropegamente, agitando-a dentro de firmes enlaces.

Poucas coisas irritavam-na tanto quanto terem controle de seu corpo. Odiava ser presa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Odiava ser amarrada. Sua liberdade era a única coisa que ainda não havia sido totalmente tirada de si, a única companhia que possuía.

Gritando, bateu as pernas no cavalo sobre o qual estava e movimentou-se intensamente, fazendo com que o animal relinchasse e aumentasse a velocidade. Sentiu as costas contra as suas retesando-se, e imaginou que o cavaleiro se esforçava para controlar novamente o cavalo.

— Pietra, Pietra, pare! — Ouviu uma voz gritar ainda mais alto do que a sua.

No mesmo instante, o animal parou bruscamente. Ligeiramente enjoada, olhou ao seu redor e notou outro cavalo a cada lado seu. Em um deles, Noelle e Rollo montavam. No outro, Walkyria e Sophia. Percebeu que provavelmente estava amarrada a Nikolau, que guiava o cavalo por entre a floresta escura.

PERIGOSAS ACHERON

Walkyria desmontou e caminhou em sua direção, uma pequena adaga firme em sua mão direita. Dirigiu um breve olhar a Pietra, que a ignorou, saltando do dorso do animal tão logo suas amarras foram cortadas.

— Quem ousou me prender? — perguntou, a voz sussurrada, enquanto o olhar penetrante percorria cada um dos outros rostos.

— Tivemos que prendê-la para tirá-la daquele ponto da floresta — Sophia explicou gentilmente. — Você demorou para acordar.

— Nunca. Mais. Encostem. Em. Mim — ordenou, as palavras saindo entre a respiração entrecortada.

— Eu avisei... Ela não me deixa amarrá-la nem na cama — Rollo comentou, dando de ombros, um sorriso divertido nos lábios. Pareceu,

porém, arrepender-se de sua fala quando a Sereia o encarou, os olhos coloridos refletindo no escuro.

— Imbecil — Noelle o repreendeu, ainda com os braços o envolvendo sobre o cavalo.

— Nós poderíamos tê-la deixado na clareira enquanto seu feitiço fazia efeito. Mas então não seria de grande valia se algum guarda real a encontrasse — Nikolau interrompeu secamente, desmontando do cavalo e olhando para Pietra pela primeira vez desde que despertara. — Seu feitiço realmente funcionou. Parece bem. Só não fez seu cabelo crescer.

Com a fala, a ruiva instintivamente levou as mãos à cabeça. Foi somente quando os sentiu curtos em seus dedos que se lembrou de tê-los cortado para se libertar do homem que a agarrava pelas madeixas.

— Você ficou ainda mais fascinante assim — Rollo comentou, o sorriso denunciando a verdade em suas palavras.

Em resposta, Pietra puxou o capuz para cobrir o máximo que podia do rosto e começou a caminhar.

— Sereia, nós a trouxemos até aqui, cuidamos de você — o rapaz gritou, correndo com dificuldade em seu encalço.

— Só eu cuido de mim — ela interrompeu, sem se virar para trás. — Vocês não passam de parasitas tentando se agarrar no que acreditam que lhes garantirá uma chance de sucesso em sua empreitada suicida.

— Pietra. Pietra — o rapaz insistiu, agarrando o braço da bruxa e fazendo-a virar bruscamente para o encarar. — Pare por somente

um minuto — a jovem tentou desviar o olhar, sua respiração sutilmente irregular. — Olhe para mim — ele suplicou sussurrando, puxando delicadamente o queixo fino.

A Sereia moveu os lábios, ensaiando algumas palavras, mas tornou a fechar a boca. Rollo, por sua vez, pareceu pela primeira vez desde que a conhecera enxergar mais do que a armadura de mistério e força. Viu nos olhos coloridos cansaço e um familiar brilho de desejo. Mas naquele momento teve dúvidas se Pietra desejava entregar seu corpo ou sua alma.

— Eu jamais a machucaria. Jamais pediria nada que não possa me oferecer — diante do silêncio da bruxa, continuou: — E só Deus sabe o quanto eu gostaria de pedir que você ficasse, que você jamais precisasse lutar ou fugir, ou temer. Eu ofereceria minha cama, minha casa e meus braços,

torcendo para que você aceitasse e comigo permanecesse. Mas eu nunca te pedi isso.

— Rollo — Pietra começou, a voz baixa.

— Espera, me deixa continuar — ele pediu, cerrando os olhos por um instante. — Se eu nunca te pedi o meu maior desejo que era...

— Não sou de ninguém, Rollo — interrompeu.

— Não, você não é, e eu amo isso em você. Meu maior desejo não é que você seja minha, é que você esteja sempre ao meu lado — o rapaz notou a presença de Nikolau e das irmãs, observando-os silenciosamente de longe. — Porém eu entendo que não seja possível. Então eu quero estar ao seu lado no que você precisa fazer.

— Você não entende...

— Eu entendo que ele te machucou —

PERIGOSAS NACIONAIS

Rollo não precisou dizer o nome em voz alta para que ambos soubessem a quem se referia. — E entendo o suficiente para saber que machucou muitas pessoas e que precisa ser impedido de continuar. — Pietra permaneceu em silêncio, o olhar duro o encarando impiedosamente. — Ele machucou a mãe de Walkyria, Noelle e Sophia, Sereia. Pegou o filho do caçador.

— Não confio em ninguém — disparou ríspidamente.

— É tarde demais para alianças ou confianças. Vá e faça o que tem que fazer — Rollo pressionava o próprio ferimento enquanto falava. — Só não tente impedir que eles também o façam.

Em resposta, Pietra limitou-se a fechar os olhos.

— Fenrir — chamou. Alguns segundos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

depois o lobo surgiu por entre as árvores, as presas de fora enquanto olhava em direção ao caçador. — Fenrir, proteja-os enquanto estiverem comigo. Mate-os se nos traírem — determinou em voz alta, fazendo-se ouvir por todo o grupo que aguardava em silêncio por sua resolução.

O lobo permaneceu estático; o olhar, no entanto, relaxando.

— Agora vamos ao rei — Pietra falou, afastando-se do corpo de Rollo. — Veremos quem de nós terá a sorte de matá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Já fazia dois anos desde que tudo havia acontecido, mas Mina ainda tinha dificuldades para processar todas aquelas informações. É verdade que havia aprendido a amar o menino e a ver nele mais do que significava, mas mesmo nos momentos em que brincava como qualquer outra criança, não podia ignorar aqueles olhos. Talvez se não fossem diferentes, tivesse mais facilidade em esquecer o passado da criança e os motivos que o haviam levado até ela. Porém encarando diariamente as cores distintas no pequenino rosto, tornava-se simplesmente impossível ignorar o peso que o menino carregava em seu sangue.

No entanto, conforme o tempo passava, parecia aumentar sua esperança de que o segredo pudesse morrer com ela, sem que o garoto precisasse saber. Não sabia se era uma intenção

PERIGOSAS NACIONAIS

egoísta, mas não conseguia evitar que seu desejo fosse que a criança crescesse e se tornasse um rapaz gentil e honesto, que encontrasse uma mulher no futuro que o amasse e lhe desse bonitos filhos. Talvez de olhos azuis. Talvez de olhos negros. Longe de toda intriga política. Durante algum tempo, Mina acreditou que houvesse uma chance de seu sonho para o menino se realizar, afinal nunca houve qualquer rumor, busca ou indício do mundo externo à vila a respeito de sua existência. Sabia, porém, que era uma tola por acreditar realmente nisso. Ingênua. Esperançosa. Estúpida.

E naquela noite, mais do que nunca, teve certeza de que estava enganada. Não que houvesse acontecido qualquer mudança na rotina que levavam, mas seus sentidos gritavam que estava chegando a hora. Sentia nos recônditos de sua alma que algo aconteceria muito em breve. A

PERIGOSAS ACHERON

constatação vinha acompanhada de um calafrio que percorria cada centímetro de sua pele, bem como de um aperto em seu coração que, sabia, era medo. Não, medo não. Era mais como um terror absoluto, um pânico das consequências que a revelação da verdade causaria.

Obviamente havia sido advertida sobre os riscos. A carta que acompanhava o cesto de vime em que o menino havia chegado quase dois anos antes não deixava dúvidas quanto a tudo o que poderia ocorrer. Ainda assim, o coração simplesmente tinha suas próprias razões. E no caso de Mina, suas razões pareciam desafiar a lógica.

Enquanto sentia o estômago revirar por aquele sentimento que havia chegado de repente, apavorando-a, cogitou mil cenários. Talvez houvesse tempo para fugir. Ou talvez jamais sequer os encontrassem ali. Não era como se estivessem

PERIGOSAS NACIONAIS

em um local muito movimentado. Uma vez mais, no entanto, sentia dentro de si, sem saber o porquê, que seriam encontrados. De uma forma ou de outra. Assim, torcia apenas para que quem os encontrasse fosse alguém que não os machucaria, já que diante das circunstâncias, era tudo o que podia pedir.

Levantou-se, sentindo as pernas tremerem e caminhou até onde ele dormia. Tão sereno. E ao mesmo tempo tão forte.

Como uma criança de apenas dois anos podia emanar tamanha virtude? Tamanha força?

Certificou-se de que estava aquecido sob as pesadas mantas e sorriu, um sorriso que revelava mais tristeza do que quaisquer lágrimas poderiam fazê-lo. É verdade que havia relutado a aceitá-lo quando o destino o colocou em seu caminho. Mas naquele momento, tanto tempo depois, relutava em aceitar que esse mesmo destino pudesse levá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seria egoísmo desejá-lo para todo o sempre somente para si?

Com o peito doendo por um pressentimento que não lhe permitia relaxar, voltou a deitar-se, abraçando-o, como se ele fosse somente uma criança, a sua criança, sentindo que tinha o mundo todo em seus braços.

E tentando ignorar o fato de que nos dele, tão pequeninos, havia de fato um país.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Rainha Mikaela avançava cercada pelos melhores homens de seu país. Ainda podia se lembrar dos protestos autoritários do restante do conselho para que se mantivesse ali, a distância, no forte construído em área de segurança. No entanto, embora a monarca reconhecesse a genuína preocupação no rosto dos colegas, também enxergava em seus olhos que todos eles sabiam se tratar de um desafio já perdido. Depois de todos aqueles anos, eles a conheciam.

A jovem Mikaela havia se casado não porque amava o então príncipe Storr ou porque era extremamente obediente aos negócios matrimoniais, todos bem sabiam, mas por um propósito maior: estabelecer a paz com que ela e seu irmão tanto sonhavam. Litin e Slevik haviam se enfrentado inúmeras vezes, feito padecer

incontáveis homens e mulheres inocentes em guerras que não lhes diziam respeito. Os dois irmãos, ao contrário de tantos membros da realeza, haviam sido criados com a consciência de que a coroa era um dever, muito acima do que qualquer direito, de modo que não suportavam os confrontos infundáveis, os atritos e as transações que não se concretizavam e apenas geravam prejuízos ao povo.

Seu irmão, já rei à época, havia tentado negociatas de paz, sem qualquer sucesso, não imaginando que bastaria que o príncipe de Slevik repousasse seus olhos sobre ela para que todos os esforços fossem validados em uma única troca de alianças.

Mikaela, apesar da obediência costumeira de sua criação, não teria se casado se sua família houvesse simplesmente tentado obrigá-la. Foi, na verdade, o silêncio compreensivo de seu irmão que

PERIGOSAS NACIONAIS

a fez compreender que o matrimônio poderia alcançar tudo o que desejavam há tanto tempo, tudo aquilo pelo que vinham trabalhando incessantemente. Desta feita, embora Rei Agmund jamais tenha pedido que sacrificasse sua liberdade pelo país, ela o fez.

Felizmente, aprendeu a amar seu novo marido. Não como um amor presente em jovens românticos ou em histórias entoadas nas belas canções, mas através de uma espécie de admiração profunda pelo homem justo e doce que era, tal qual seu adorado irmão, e também em razão dos resultados que o casamento havia gerado.

Não havia mais guerra. Não havia mais comércio de escravos entre os dois países. Finalmente havia paz.

Todas as noites, quando Rainha Mikaela sentia saudades de sua Litin e de seu inverso

PERIGOSAS ACHERON

rigoroso, fechava os olhos, pensava nas crianças que podiam dormir tranquilas e seguras por conta de seu gesto, e conseguia adormecer, sentindo a paz firmada entre os dois países ainda mais profunda dentro de seu peito.

E assim três décadas se passaram. Até que seu marido falecesse e precisasse governar sozinha. Até que também seu irmão falecesse e, alguns meses depois, uma suposta bruxa batesse em sua porta.

Mikaela sabia que nenhuma rainha ou rei daria ouvidos a uma mulher como era a ruiva, tão marcada em seu corpo e sua alma, porém não podia ignorar o fato de que a jovem levava consigo uma carta de Agmund. O homem por quem ela daria sua própria vida. O homem com quem sonhara junto e com quem construía uma nova realidade.

E a rainha sabia, em sua alma, que o papel

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia sido escrito por ele, pois reconheceria aquela caligrafia mesmo que sua visão já não funcionasse perfeitamente. Era como se sentisse o coração do rei pulsar no pergaminho, como se ouvisse sua voz sussurrando em seu ouvido para que desse atenção àquela mulher, de um jeito que ninguém mais faria. Assim, apesar de beirar o absurdo a atipicidade do gesto, Mikaela não poderia ter visualizado as ações de seu irmão de uma maneira mais clara. Somente ele, em toda a sua sabedoria, se faria ouvir através de uma bruxa. Somente ele enviaria uma mulher invisível aos olhos do governo e, ao mesmo tempo caçada pelo povo, com uma mensagem sua.

E, acima de tudo, somente seu irmão denunciaria seu próprio filho, seu único herdeiro, por seus atos cruéis e atentatórios à paz conquistada após esforços de décadas inteiras.

Pensar em tudo isso e especialmente pensar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em como, mesmo depois de morto, Agmund permanecia admirável, fazia com que lágrimas inundassem seus olhos. Lágrimas que não a visitavam desde que havia recebido a notícia de seu falecimento dois anos antes.

Contudo, quanto mais se aproximava do castelo, avançando em direção ao seu sobrinho, o rei Durian, mais a saudade do irmão começava a dar espaço a outros sentimentos.

Tristeza. Confusão. Raiva.

Como Agmund podia ter um filho tão diferente? Como podia ter gerado a escória da família?

Mikaela lembrava-se da criança que Durian havia sido: genioso, autoritário, manipulador. Desde cedo tais características haviam estado em evidência em seu ser, mas seu irmão se esforçava

PERIGOSAS ACHERON

para, depois da morte de sua rainha, ensiná-lo sozinho sobre os deveres e obrigações do rei que viria a ser.

Ela, mesmo de longe, havia acompanhado através de cartas e algumas visitas o esforço desmedido de Agmund para incutir no garoto senso de justiça e responsabilidade, em um objetivo evidentemente não alcançado. Lembrava-se que em sua adolescência, Durian havia começado também a demonstrar certos ímpetos violentos, embora nenhum deles jamais pudesse imaginar a gravidade de sua atuação enquanto monarca do país.

Mesmo ela e seu conselho, que vinham lidando diretamente com a inflexibilidade e suposto fanatismo religioso do sobrinho no trato das negociações entre Litin Slevik, não tinham qualquer palpite a respeito de quais eram suas reais

intenções.

Sabiam, é claro, que já não estava mais satisfeito com os termos do comércio existente entre os dois países, assim como não ignoravam que o rapaz não demonstrava qualquer vontade em manter a estabilidade e a relação pacífica entre as nações. Quando manifestou seu interesse pelo retorno do comércio de escravos, havia recebido uma negativa incisiva dela em nome de Slevik, após o que havia simplesmente cessado o envio de suas especiarias, tal qual a criança mimada que continuava sendo em seu íntimo.

E qual o perigo maior do que o existente em um governo que sentia que todos a seu redor não passavam de brinquedos a sua mercê?

Ainda assim, mesmo com tantos sinais de intransigência e o rápido abalo da paz conquistada através de seu sacrifício matrimonial, Mikaela não

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia ter imaginado até que ponto o sobrinho chegaria. Mesmo ali, avançando em sua direção, seu exército a seu redor, ainda não conseguia. Não era possível que o sangue de seu irmão, o ser humano criado e amado por Agmund, houvesse se tornado uma criatura tão abominável.

Talvez uma parte de si pudesse ter tido receios quanto a posicionar seu exército contra alguém com quem compartilhava o sangue, mas qualquer apreensão que pudesse existir havia se dissipado no instante em que leu o apelo de seu falecido irmão. Era ele quem pedia que fizesse o que quer que fosse necessário para tirá-lo do trono. Era ele quem relatava suas últimas descobertas, quem afirmava, com todas as letras delicadas e bem-feitas, que o filho era um sádico inescrupuloso.

E o pior: um sádico com um país inteiro

PERIGOSAS ACHERON

obediente a suas vontades e caprichos.

Mikaela tinha medo do que encontraria nas masmorras a que a jovem de cabelos vermelhos fizera menção, mas tinha ainda mais medo de se abster e contribuir para a manutenção de situações absolutamente cruéis.

Assim, não tinha dúvidas do que precisava ser feito.

Marcharia até Durian e tiraria dele absolutamente tudo. As masmorras. O trono. A coroa. E, se necessário fosse, também a sua vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pietra cavalgava à frente, sentindo um alívio descomunal por ter encontrado um animal perdido na floresta e não precisar dividir o espaço de um com Nikolau. Até ali, seu estômago havia revirado cada vez que se encostavam, por mais sutil que o contato fosse. Assim, estava satisfeita por agora somente o vento precisar lhe tocar a pele.

Ouvia o trote dos outros cavalos atrás de si, mas também ouvia o silêncio pesado que vinha do caçador e dos outros. O silêncio de quem sabia que marchava para a morte. Para ela, no entanto, isso não era um problema. Muito antes de seus recém-aliados, a Sereia já havia constatado que a morte que tanto assustava por vezes era alívio. Assim como o inferno que tanto temiam por vezes era paraíso comparado as intempéries causadas pelos homens na terra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por tais razões, não tinha medo. Avançava sem qualquer dúvida, receio ou questionamento, agindo com a certeza de que toda a sua vida havia lapidado o caminho para que chegasse até aquele derradeiro momento. Ademais, sabia que só quem temia era aquele que possuía o que perder; que só hesitava quem se assustava diante da ideia de sentir dor. Ela, no entanto, já havia perdido tudo o que tinha. Seu coração. Sua liberdade. Sua alma. Da mesma forma, não havia dor que desconhecesse. Havia sofrido e causado mais aflição do que a nobreza e o clérigo, que tanto lhe ameaçavam, poderiam supor.

Por isso estava entregue à sua missão e ao fogo que a qualquer momento a receberia para o ardor eterno.

Antes, contudo, precisava se encarregar de levar Durian consigo.

PERIGOSAS ACHERON

Conforme se aproximavam da área urbana de Evje, Pietra notava a movimentação mais intensa. Ouvia os gritos, enxergava as chamas, via as fugas. Estava cônica de que quando chegassem nos arredores do castelo haveria uma fortaleza o protegendo, a fim de que o rei pudesse se certificar de que em hipótese alguma ela se aproximaria desapercebida. Seria morta assim que vista ou, o que seria pior, levada viva à presença do monarca.

Talvez ele não a temesse como deveria quando estava cercado por centenas de capangas reais, todos eles dispostos a morrer por verdades e títulos que lhes eram enfiados goela abaixo desde o nascimento, mas Pietra sabia qual era o temor do rei. E não precisava de muito para que tivesse tal certeza. O medo estava diretamente relacionado àquilo pelo que mais se tinha apreço. E, por ora, rei Durian não amava nada mais do que o seu poder, a

sua imagem e a submissão do povo. Portanto, era tais elementos que deveria ameaçar.

Com a certeza do que deveria ser feito, puxou as rédeas do cavalo, fazendo-o virar bruscamente para a direita e desviando-se do trajeto rumo ao castelo.

— Sereia, o que está fazendo? — Ouviu a voz de Rollo gritar sobre o som de cavalos relinchando. Não havia dúvidas de que tinham sido pegos de surpresa com a mudança no caminho.

Não respondeu.

— Ela não está indo para o castelo. — Ouviu Nikolau responder secamente.

— Isso eu notei, caçador — o rapaz replicou, a voz mal se fazendo ouvir. — Mas então para onde ela está indo?

Pietra inspirou profundamente antes de

PERIGOSAS ACHERON

diminuir a velocidade do cavalo.

— Se não querem se expor, se não querem que o rei e o povo conheçam seu rosto, essa é a última oportunidade que possuem. Depois daqui não haverá mais volta — disse, a voz tão dura quanto a expressão que tinha em seu rosto.

— Já dissemos que iremos até o fim — Walkyria falou, fazendo seu cavalo alinhar-se com o de Pietra a fim de encarar seus olhos.

— É só que pensamos que iríamos até o rei — Sophia interveio, os braços envoltos na cintura da irmã mais velha sentada à sua frente.

— Não conseguiríamos chegar até ele — explicou, os olhos novamente fixos no caminho. — Mas podemos fazê-lo vir até nós.

— Como? — Noelle questionou, cética.

— Ele não é o santo enviado para proteger o

povo? — a Sereia perguntou em retórica. — Então está na hora de fazê-lo enfrentar o diabo.



Rollo tinha a sensação de que jamais havia estado tão tenso em toda a sua vida adulta. Não havia estado tão tenso nem mesmo quando maridos de suas amantes surgiam agressivos em sua porta, berrando ameaças e exigindo respostas. E o mais curioso era que naquele momento não eram gritos ou promessas de morte entoadas em alto e bom som que o assustavam. Era o silêncio. Era a postura firme. A serenidade na expressão do animal que só atacaria se tivesse certeza sobre sua presa.

Fenrir estava sentado sobre as patas traseiras, tão rígido quanto uma imagem esculpida em gelo estaria. Aguardava atentamente a seu lado,

observando a cena que se formava muitos metros adiante.

Rollo sabia que jamais poderia trair Pietra, mas se em algum momento dos últimos dias pudesse ter tido qualquer resquício de vontade em tal sentido, tudo se dissipava ali. O lobo não precisava mostrar suas presas para que o rapaz soubesse que estavam prontas para rasgar a carne de quem quer que oferecesse perigos à Sereia.

O jovem desejava conhecer várias nuances da bruxa com maior profundidade, e essa era uma delas. Como havia se unido àquela fera? Como o destino havia unido tão diferentes criaturas?

Talvez, quando tudo aquilo acabasse, pudesse obter tal resposta, embora não achasse nem um pouco provável. Ainda que tudo desse certo, e Rollo sequer sabia o que isso significaria, tinha o irritante e insistente pressentimento de que não

voltaria a ver Pietra. Tinha a impressão de que ela não gostaria de ser encontrada. De toda forma, faria tudo o que estivesse a seu alcance para que essa decisão fosse dela e de mais ninguém.

Com o coração acelerado e o nervosismo o inebriando, o rapaz viu, protegido pelas sombras de duas construções, as três irmãs se posicionarem nas extremidades da praça principal, onde de dia toda espécie de comércio tomava forma e onde, nos últimos tempos, tantas bruxas haviam sido queimadas. Ele não conseguia enxergar o rosto de suas aliadas, mas reconhecia as posições indicadas pela Sereia alguns minutos antes.

Nikolau não estava visível, mas Rollo nem esperava que estivesse. Sabia que seu papel no plano dela era outro. Por isso seus olhos se limitavam a buscar incessantemente por Pietra. Suas entranhas todas presas em um nó que a

ansiedade por vê-la não deixava ser desfeito.

Havia poucos guardas ali, e ainda menos civis. A batalha ainda não havia chegado naquele local, mas todos sabiam que estava próxima. Uma parte do exército de Mikaela devia alcançar o centro de Evje a qualquer segundo. Além disso, mais soldados de Durian deveriam estar chegando. Àquela altura, a notícia de que Pietra havia chegado através do mar certamente já teria se espalhado, e, obviamente, também já teriam sido enviadas ordens para que os homens posicionados na fronteira voltassem para o coração da cidade.

E saber disso fazia com que respirar se tornasse doloroso. Era como se o ar denunciasse a proximidade do confronto ao tornar-se mais denso a cada instante.

A sensação era sufocante.

Passaram-se o que pareceram anos inteiros até que Rollo finalmente ouvisse o som de cavalos. Em um minuto havia silêncio absoluto. No outro, ele estava estilhaçado em inúmeros pedaços, os gritos chegando aos ouvidos do rapaz na mesma velocidade em que os animais avançavam.

A imagem à sua frente tornou-se, de um minuto para o outro, completamente diferente. A escuridão da noite foi iluminada por tochas flamejantes, ao mesmo tempo em que era banhada por uma grande quantidade de líquido denso e vermelho, que ele bem desejava pudesse ser vinho.

Mas não era.

Sangue era esparramado com a mesma banalidade que ele derramava bebida em suas noites boêmias. O cenário, antes negro e cinzento, tornou-se rubro. O cheiro levou alguns instantes a mais para alcançá-lo, mas Rollo notou que Fenrir já

PERIGOSAS NACIONAIS

o sentia. A fera movia levemente a cabeça, estendendo o pescoço enquanto farejava o vento, o olho claro parecendo ser coberto por uma sombra. O escuro continuava indecifrável, o mesmo brilho enigmático cintilando.

A hora estava chegando, o rapaz pensava enquanto assistia ao exército de Litin batalhando contra o da Rainha Mikaela, este todo vestido de negro e vermelho. Homens se digladiavam como meros sacos de carne, alheios à quantidade de famílias que despedaçavam.

A morte tinha sentido para eles. A vida não.

O coração de Rollo batia tão forte que durante aqueles minutos ele se esqueceu da ferida que ainda latejava em seu abdômen. Não havia mais espaço para nada.

O fogo e as espadas, aliadas em guerra,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

consumiam tudo o que encontravam pela frente. E isso incluía qualquer resquício de pureza ou ingenuidade. Ninguém conseguia escapar completamente imune de uma guerra, concluiu. Se não lhes resultassem marcas sobre a pele, certamente haveria marcas no espírito. E, observando a violenta cena, não pôde evitar perguntar-se se o povo finalmente percebia que tudo aquilo não poderia simplesmente se tratar de uma caça a uma única maldita bruxa.

Ele percebia com clareza, agora. Não era sobre isso. Nunca havia sido.

Enquanto refletia, porém, percebeu que Fenrir notava o que acontecia muito antes do que ele. Ainda assim, a respiração do rapaz quase cessou quando viu o lobo se levantando. Seus movimentos eram comedidos e meticulosos, como se não houvesse pressa no ataque. Como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apreciasse o momento que o antecedia.

Rollo seguiu a direção do olhar colorido do lobo e viu, quase invisível aos olhos de quem lutava, uma silhueta coberta por um manto negro esgueirando-se por entre os pontos de batalha até o centro da praça. O jovem não precisava ver os fios vermelhos ou os olhos diferentes para reconhecer a Sereia. Sua postura era inconfundível, tão discreta e poderosa quanto somente o veneno conseguia ser.

Uma das patas de Fenrir estava colocada à frente do restante de seu corpo, que se abaixava ligeiramente em uma posição que lhe permitiria saltar quando assim o desejasse.

E Rollo sabia quando ocorreria. Até lá, bastaria esperar.



PERIGOSAS ACHERON

Walkyria sabia o que estava prestes a acontecer, mas isso não evitou que cada poro de seu corpo se arrepiasse, e que um calafrio percorresse todos os centímetros de sua pele. Era como se o próprio demônio a tocasse com suas mãos frias, causando um frenesi de medo e excitação.

A jovem sempre havia achado que o apelido de Pietra lhe caía bem pela profundidade, fascínio e mistério que havia em seus olhos de cores distintas, mas naquele momento, teve certeza de que havia outra razão.

Sua voz, revelada através de seu grito, demonstrava o seu canto. Revelava a Sereia do Inferno que era.

Era impossível ficar imune àquela manifestação, não sentir o arrepio de medo que injetava nos ossos. A vantagem, Walkyria notou, PERIGOSAS ACHERON

era que todos os guardas também sentiam o impacto. Homens de dourado, assim como homens de preto e vermelho, pararam em seus lugares, esquecendo-se de suas lutas por um momento. Parecia haver ameaça maior do que as espadas a serem cravadas em seu peito.

Os segundos em que permaneceram parados, encarando o centro da praça, eram quase tangíveis. Demoravam-se a passar, pesados e densos como eram. Walkyria, assistindo das sombras, tinha a impressão de que a cena havia sido congelada em um instante único e eterno.

Os soldados não respiravam. Pietra, do centro da praça, continuava gritando.

Foi, porém, somente quando seus sons cessaram que Walkyria notou o rosto da bruxa, mesmo à distância. Havia marcas escuras contornando seus olhos, oferecendo-lhe uma

PERIGOSAS NACIONAIS

aparência mórbida e assustadora. A jovem não conseguia distinguir as exatas formas sobre sua face, ou mesmo do que se tratavam, mas o que via tinha bastado para que uma vez mais sentisse um arrepio percorrer suas entranhas.

Imaginou o que os soldados que estavam mais próximos sentiriam.

O silêncio tornou-se então ainda mais sólido na hesitação e expectativa do que aconteceria a seguir.

Os soldados começavam a mover os olhos lentamente, buscando nos rostos dos seus companheiros a confirmação de que aquela figura era quem eles pensavam. E a resposta era afirmativa. A Sereia do Inferno se apresentava em todo o seu poder e glória, tão fascinante como somente uma maldição conseguiria ser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As unhas de Walkyria já penetravam a palma de sua mão, em um gesto paradoxo de coragem e de medo. Ela não sabia todos os detalhes do plano de Pietra, mas certamente não contava que fosse se revelar daquela forma. Mesmo ela, depois de ter seguido a ruiva por meses, jamais a tinha visto como pregavam que era. Chegara a ter absoluta certeza de que os boatos estavam equivocados, mas agora... Agora tinha dúvidas.

A sensação de estar em sua presença era inebriante. Tão fascinante quanto estar frente a uma sereia. Tão assustador quanto estar diante de uma bruxa.

— É a alma de Pietra! — Walkyria reconheceu a voz aguda que gritava, embora não conseguisse ver de onde vinha. — Ela voltou para nos castigar! — Escutou Noelle dizer, cumprindo a primeira parte que lhe cabia naquela noite.

PERIGOSAS ACHERON

Com a mensagem impregnando a voz que gritava de completo terror, os soldados deram um passo à frente em direção à Sereia, mas vacilaram ao fazê-lo. Era possível notar que o dever os impulsionava. O instinto de sobrevivência, por outro lado, fazia-os querer recuar. Como resultado, dezenas de homens estavam inertes, como se seus pés fossem mais fixos ao chão do que as raízes de árvores.

— Ao meu redor! — Walkyria ouviu Pietra gritar, a voz soando mais gutural do que antes.

Imediatamente, os soldados do exército da Rainha Mikaela obedeceram a seu comando, e formaram um círculo de proteção em torno da jovem feiticeira.

Walkyria não pôde evitar sorrir com a provocação de Pietra. Ela era esperta. Como fundamento de seu plano, valia-se da fraude do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

governo, da manobra do rei em demonstrar que havia obtido êxito em sua aterradora caçada através da morte de uma mulher ruiva em seu lugar. Ora, se havia padecido diante do povo, que fosse diante do povo que seu fantasma ressurgisse.

Alguns segundos após a fala da Sereia, Walkyria escutou o som de inúmeros passos se aproximando. Em contrapartida, o silêncio tornou-se mais pesado. Movendo-se dentro dos limites da penumbra que as árvores garantiam, esticou-se para enxergar a origem dos sons. Sentindo como se seu coração despencasse em queda livre, enxergou diversos rostos aproximando-se da praça, vindo da parte de trás dela. De onde estava, conseguia enxergar as mãos de muitos deles cruzadas sobre o peito, em um gesto de oração e súplica; outros vinham abraçados.

Eram os civis. Nikolau estava cumprindo a

PERIGOSAS ACHERON

sua parte do plano.

— O seu rei me perseguiu, me torturou e me queimou viva, bem aqui, no centro desta praça — Pietra falava friamente. — Ele destruiu meu corpo, mas não minha alma. E por isso vim buscar a dele.

Quanto mais ela falava, mais denso o silêncio se tornava em resposta. Os soldados tentavam manter uma postura de autoridade, mas falhavam miseravelmente. Havia tanto medo neles quanto nos civis, embora a tentativa de esconder o que sentiam os tornassem quase caricatos.

— Ele deve vir até mim, enfrentar a sua dívida caso queira que seu povo sobreviva — continuou. — E eu tenho toda a eternidade para aguardar, afinal... — A Sereia pausou o que dizia para sorrir. — Já morri, não é mesmo? Agora vocês têm apenas até os primeiros raios de sol antes de se

PERIGOSAS NACIONAIS

juntarem a mim no inferno. A cada pontinho de luz que surgir no céu, alguns se curvarão diante de mim. — Alguns gritos sufocados se fizeram ouvir. — E se a lua voltar a surgir no céu antes que o rei venha me ver, não haverá mais ninguém para admirá-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor, nosso rei! — uma voz suplicante rompeu o silêncio. — Por favor! — O choro compulsivo impediu que a mulher continuasse.

Walkyria não conseguia enxergar com nitidez quem falava, mas notou que a máscara no rosto de Pietra pareceu vacilar. Uma sombra lhe perpassou.

— Ele não virá até aqui! Nosso rei não precisa se submeter a essa bruxa! — um homem gritou.

A irmã mais velha percebeu o rosto da Sereia se dirigindo para a origem do som. No instante seguinte, escutou o que sabia ser o som de uma flecha cortando o ar, sibilando enquanto o fazia. No instante seguinte, um homem caía de joelhos no meio da multidão, as pessoas a seu redor gritando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela amaldiçoará todos nós! — uma terceira voz gritou desesperada.

— Não se pode matar quem já está morto — Pietra disse ameaçadoramente. — Então vocês não podem me ferir de novo. Mas eu posso. Eu posso matar todos vocês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O rei continuava inquieto em seus aposentos, seus olhos fixos nas imensas janelas que davam para o jardim. Um pressentimento incômodo percorria seus nervos, uma sensação com a qual não estava familiarizado. Como consequência, seus ímpetos violentos pareciam aflorados, uma vontade aterradora de destruição. Uma vontade, aliás, jamais plenamente saciada. A monotonia da espera o desesperava, causando-lhe horrorosas dores de cabeça. E as dores em sua cabeça o impulsionavam a causar outras agonias em terceiros.

Levantava-se, irritado, para se dirigir às masmorras, quando escutou passos apressados. Um calafrio subiu por sua espinha conforme o som crescia. A porta foi esmurrada poucos segundos depois, sendo aberta antes mesmo que pudesse autorizar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em outras circunstâncias teria punido Sir Velory por tal conduta, mas ao notar a expressão tensa do homem, apenas aguardou que falasse.

— Vossa Majestade, desculpe por entrar assim — começou ele, esbaforido.

— Fale logo.

— Encontramos a Sereia — contou, a voz revelando uma preocupação que não combinava com as boas notícias que dava.

— Onde ela está? — o rei questionou com urgência.

— Na praça.

Antes que o rei pudesse fazer novas perguntas, o padre entrou no quarto a passos largos.

— É verdade? É verdade o que estão dizendo? A bruxa está no centro da praça?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sir Velory hesitou, olhando para Durian antes de continuar.

— Sim — disse, parecendo ainda buscar as palavras para o que restava relatar. — E ela exige sua presença para não matar pessoas do povo.

— Quem ela pensa que é para exigir a minha presença? Por que vocês não a prenderam? — o rei perguntou aos berros, a paciência se esvaindo.

Seus olhos azuis faiscavam.

— Majestade — o padre continuou, notando sua reação. — Nós fizemos o povo crer que a Sereia era tão poderosa que somente um rei justo e iluminado por Deus poderia vencê-la. Conquistamos a confiança do povo na mesma medida do medo que lhes incutimos. Pietra Scarj não fez nada além de reforçar tal ideia. Utilizou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossas cartas para jogar contra nós. Se o senhor não fizer tudo o que está a seu alcance para que pensem que o senhor se importa, jamais confiarão de novo... — O sacerdote fez um a pausa de poucos segundos antes de continuar. — Meu amado rei, um governo pode sobreviver a uma guerra, a uma bruxa ou a uma tormenta. Mas nunca a um povo que o entenda indigno.

Durian mais uma vez passou as mãos pelos cabelos, dessa vez parecendo que ia arrancá-los, fio a fio.

— Se eu for até lá — ele inspirou profundamente, como se dizer as palavras houvesse lhe exaurido toda a força —, podem garantir que ela será capturada? Quero dizer, se eu mesmo a pegar, então o povo confiará ainda mais em mim, certo? Eles me temerão. Jamais arriscarão uma revolta, já que serei o rei que queimou duas vezes a

PERIGOSAS ACHERON

mesma bruxa. Em corpo e em espírito — terminou sorrindo, como se todo o nervosismo de instantes antes jamais tivesse sido vivenciado.

Sir Velory abriu a boca para falar, mas diante da excitação crescente que o monarca exalava, tornou a fechá-la, os ombros mais tensos do que de costume.

— Reúna os melhores homens e os prepare, Sir Velory — ordenou, agitado, estendendo os braços para que o padre retirasse o roupão que usava. — O senhor, padre, permanecerá aqui, assegurando-se de que não haja absolutamente nada fora do lugar até o meu retorno.

O sacerdote pareceu hesitar por um instante, mas respondeu com firmeza:

— Claro, Vossa Majestade.

— Quero também que tragam o menino —

disse, sua voz saindo apressada dos lábios. — O caçador nos traiu. Ele assistirá ao sofrimento do filho antes que ele mesmo tenha o privilégio de morrer.

— Sim, meu rei — Sir Velory concordou, inclinando-se ligeiramente antes de sair.

— É chegada a hora, padre — Durian disse, enquanto estendia novamente os braços para que o outro o vestisse. — O derradeiro momento em que encontraremos a morte e lhe entregaremos um presente. O momento em que enterrarei o último ato de fraqueza do meu pai.

— Não esqueça que o exército de sua tia está por toda Evje — o outro lembrou, prendendo-lhe a bainha com a espada na cintura.

— Todas as peças fizeram seus movimentos, padre, estão onde escolheram estar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com apenas um xeque mate, acabarei com dois de nossos obstáculos: a bruxa e o tratado de paz. Em breve, Litin renascerá mais forte, mais viva e mais imponente do que jamais foi sob o comando de meu pai. Homens amarão nosso país mais do que a si mesmo. Mulheres obedecerão a seus homens como vem deixando de fazer. Finalmente alcançaremos um tempo de ordem. Um tempo de pureza, fé e obediência.

— Assim seja, Vossa Majestade — o padre assentiu, cobrindo-se com o sinal da cruz.

— Assim será, padre. Assim faremos que seja.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau estava tão aterrorizado quanto confuso. Pietra não havia explicado qual era seu plano com detalhes, limitando-se a falar com cada um deles separadamente. A ele, havia dito apenas que fizesse a igreja se tornar um local tão inóspito que ninguém mais se sentisse seguro em seu interior. Isso porque a Sereia queria todo o povo no centro de Evje, presenciando o que quer que tivesse planejado. Ela, que por tanto tempo havia se escondido, dedicando-se a se manter invisível aos olhos de todos, naquela noite estava determinada a exigir para si toda a atenção.

Quando o caçador questionou a razão de querer que civis se envolvessem em uma batalha que não faria nada além de os ferir, Pietra não explicou, sussurrando apenas que era a única forma de fazer com que o rei deixasse o castelo. Afirmou

que era a única maneira de fazer com que Noah estivesse ao alcance de suas mãos.

E assim, como se fosse um de seus feitiços, ela havia o convencido. Talvez alguns pudessem pensar que o caçador não passava de um completo egoísta, mas ele não se importaria este fosse o caso. Somente um homem que não tivesse um filho não conseguiria entender suas ações.

Então suas escolhas o haviam levado até ali.

Apenas havia precisado bater nas portas da igreja, colocar fogo em alguns de seus pontos e gritar que era a Sereia chegando para os queimar dentro do templo sagrado para que as pessoas se agrupassem e saíssem correndo, sem sequer avaliar o local para onde iam. No entanto, a facilidade com que os havia assustado incomodava Nikolau. Não conseguia definir as razões, mas era como se provocasse lembranças que tentava ignorar, como

se chamasse memórias que há muito estavam escondidas nos recônditos de sua mente confusa.

Todos eles eram tão fracos. Tão vulneráveis. Tão inocentes.

Uma vez mais a imagem das inúmeras bruxas que um dia havia capturado para o reino voltaram a aparecer diante de seus olhos, sempre com rostos tão amedrontados... Nikolau segurou com firmeza a espada que trazia presa à cintura, buscando no frio do metal o contato com a realidade. Noah estava mais perto do que nunca. Era a única imagem que precisava ter em mente.

Observou, inquieto, Pietra gritando aos homens, exigindo que o rei fosse até ela. Achou, por um longo momento, que ela estava completamente fora de si em formular tais demandas. Um soberano jamais se prestaria a obedecer a exigências de uma mulher,

especialmente uma considerada bruxa. No entanto, conforme os minutos corriam, seu ceticismo se dissipava.

A figura da Sereia parecia gradativamente mais intensa, como se a noite e o medo a inflamassem de poder. Paralelamente, os murmúrios que ouvia saírem da boca de todas aquelas pessoas pareciam unânimes em pedir pela misericórdia e bondade do rei, para que ele os salvasse daquela maldição.

Ainda assim Nikolau somente compreendeu a dimensão das ações de Pietra quando ouviu uma mãe abraçar o filho que chorava, e sussurrar em seu ouvido que ficasse calmo. Logo o santo monarca, enviado por Deus para guiar o povo, os salvaria.

Foi então que constatou que a Sereia havia jogado com as peças que o próprio rei havia fornecido. Sua arma mais poderosa havia passado a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser o feitiço que há tanto a vinha perseguindo: a força do rei. E estranhamente o caçador sentia uma parte de si vibrando com tal constatação. Ele desconhecia o limite e as habilidades dos poderes de uma bruxa como Pietra, mas isso não o fazia temer. Esperava apenas que fossem suficientes para obrigar o rei a devolver Noah. Todo o resto... Bom, todo o resto já havia morrido junto a Eloyse.

Nikolau viu quando alguém, em meio ao grupo que havia feito sair da igreja, gritou, e a Sereia pronunciou palavras ininteligíveis. No segundo seguinte o homem caía sobre um dos joelhos, o rosto transfigurado pelo pavor. O caçador não tinha como precisar o que havia acabado de acontecer, mas sabia muito bem o que parecia. As palavras da ruiva pareciam ter surtido o efeito que seus argumentos ainda não haviam conseguido.

A cena se repetiu uma vez mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi a vez de uma jovem moça gritar que a bruxa deveria queimar no inferno para que novamente Pietra pronunciasse suas palavras enfeitiçadas, e a mulher caísse.

A partir de então, o silêncio se fez absoluto.

Nikolau quase conseguia enxergar o medo como amarras que os prendiam em seus lugares. Talvez este mesmo medo fosse mais eficiente que qualquer corda, embora fosse invisível em sua força. Isso porque, naquele momento, parecia não ser possível livrar-se dele ou tampouco se mover na imperiosa inércia que as amarras impunham.

Porém, a constatação de que uma vez mais estava em suas mãos o castigava.

Antes dependia que Pietra sucumbisse em uma caçada. Agora precisava que ela a vencesse. Assim, em todos os cenários, ele, o pai, quem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deveria sacrificar a própria vida e o que mais houvesse para salvar seu filho, era quem precisava esperar.

E a espera o flagelava.

Prometeu, portanto, em silêncio, que, se houvesse qualquer oportunidade, agiria tal qual deveria ser feito.

Sem feitiços. Sem manobras.

Mas como o caçador que fora criado para ser. Tinha em si toda a determinação de que precisava, a motivação que o fazia enfrentar bruxas e reis se necessário fosse.

Ele, que não era dado a reflexões e demagogias, não pôde evitar pensar que talvez tal espécie de motivação faltasse àqueles soldados estáticos. A ordem de um rei para que simplesmente matassem uma mulher não parecia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser suficiente para os impulsionar. Com um humor cruel, quase riu ao perceber que aqueles homens tinham mais medo da Sereia do que do monarca. Talvez mais medo até do que tinham das punições advindas do santo céu. Naquele instante, concluiu que toda aquela noite resultava dos atos do próprio Durian. Isto porque se o rei agia acreditando que o medo era mais importante do que o respeito e o amor de seu povo, submetia-se ao risco de que alguém ainda mais ameaçador surgisse e os fizessem desobedientes.

Estava os perdendo para o medo. Teria que reconquistá-los pela salvação.

Longos minutos se passaram até que o caçador reconhecesse o som de passos se aproximando. Era o barulho resultante do impacto das patas de dezenas de cavalos sobre o chão. Ignorando as feridas que ainda castigavam suas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos, apertou a espada com tamanha firmeza que ferro e pele poderiam fundir-se em uma única arma.

Enquanto membros da guarda real invadiam a praça com suas vestimentas douradas e elmos de mesma cor, Nikolau sorrateiramente recuou, escondendo-se nas sombras de algumas árvores que enfeitavam o caminho até a igreja. Encostou-se no largo tronco, evitando que a respiração saísse mais alta do que o necessário. Os olhos estavam semicerrados, a mente aflita em superar os limites que o próprio corpo impunha. Queria enxergar mais longe do que os olhos viam. Queria ouvir mais do que os sons que chegavam a seus ouvidos revelavam.

Queria lutar com mais força do que os músculos tinham.

Sentiu o peito inflamar de raiva quando reconheceu o rosto de Sir Velory surgindo sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um grande cavalo marrom, a expressão dura como já vira outras vezes. Ainda assim, o caçador pensou ter visto uma sombra de hesitação.

Talvez estivesse vivendo mais uma de suas alucinações.

A carruagem real vinha logo atrás cercada por dezenas de homens. O coração de Nikolau disparou, diante da imediata consciência de que talvez o filho estivesse ali também. Ou talvez estivesse no castelo, sem grandes proteções.

E embora não pudesse ver, Nikolau sabia que o coração que batia no peito de todas aquelas pessoas também tinha seu ritmo alterado. Era nítido em suas expressões. O brilho nos olhos ressurgia tão intenso quanto o sol em uma manhã de verão, anunciando a esperança que de repente os inundava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pobres coitados, o caçador pensou.

Instintivamente, também buscou a expressão presente em Pietra, mas não havia nada lá. Nenhuma mudança, nenhuma reação.

Os soldados do reino, por outro lado, inflaram-se de coragem, ou talvez da consciência de que não estavam cumprindo o dever que lhes era imposto. Deram passos à frente, alguns deles sendo de súbito transpassados pelas espadas do exército inimigo que protegiam a Sereia.

Pietra moveu-se sutilmente, os ombros tensionando-se. Nikolau sabia que a comoção era perigosa e que, portanto, ela não deixaria que seus adversários fossem contaminados por ela.

— Quero ver o rei — disse, fazendo o silêncio novamente reinar. Até mesmo o céu parecia disposto a prestar atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O rei veio para proteger seu povo — Sir Velory respondeu, apontando para a carruagem. — Mas não deve ceder a chantagens de uma bruxa.

— Não deve ceder a chantagens de uma bruxa ou tem medo de enfrentá-la por seu povo?

O silêncio pressionava-os contra o chão. Não parecia haver espaço em uma mesma noite para que uma bruxa, um rei e um caçador se reunissem. Nikolau se perguntava qual deles precisaria sucumbir.

— Um homem de Deus não há de temer uma mulher. Tampouco uma mulher cuja devoção pertence ao diabo — Sir Velory falou, as palavras saindo forçosamente ensaiadas.

Pietra sorriu quase imperceptivelmente.

— Como é que eu e o povo saberemos que o rei realmente está nessa carruagem? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

questionou, sem qualquer hesitação na voz. Parecia completamente à vontade ali, exposta aos seus maiores inimigos.

Em resposta, o chefe da guarda particular olhou para trás e meneou a cabeça em um sinal autorizador. No instante seguinte, um dos soldados desmontava o cavalo e se dirigia à porta do transporte.

A expectativa tornou-se ainda maior. Respirar era difícil. A esperança pesava tanto quanto o medo.

No entanto, um sentimento excruciante atingiu Nikolau quando a porta se abriu, revelando quem estava em seu interior. O caçador sentiu os olhos de Pietra pesarem sobre ele antes mesmo de digerir a visão que tinha.

Noah saiu tropeçando da carruagem, as

PERIGOSAS ACHERON

mãos e pernas presas com largas correntes, que pareciam mais pesadas do que o próprio corpo da criança.

O homem saiu das sombras, a respiração entrecortada com a pressa de lançar-se sobre o filho. Seu lado racional gritava para que prestasse atenção ao cenário, para que checasse quantos homens teria que enfrentar para retomar o pequeno, mas seu lado paternal era mais forte. Não conseguia desgrudar os olhos do rosto frágil à sua frente, das feridas e marcas que o maculavam. Cada sinal era como uma perfuração em sua própria pele.

— Noah! — gritou, descontrolando-se e atraindo para si toda atenção. — Noah!

O garoto, parecendo despertar de um transe apático, virou a cabeça em um movimento letárgico em direção ao som. Quando avistou o homem correndo em sua direção, o rosto transfigurado pelo

desespero, arregalou os próprios olhos e tentou se mover.

— Papai!

No entanto, seus movimentos foram limitados pelas correntes que o mantinham preso no lugar.

Todo o povo parecia confuso, assistindo à cena com atenção receosa.

— Protejam esse homem! — Sir Velory ordenou, apontando para Nikolau.

O caçador foi bruscamente abordado por quatro soldados que lhe agarraram os braços e o fizeram se ajoelhar.

— Me soltem! — gritou, lutando contra seus adversários com a mesma agressividade de uma fera. — Me soltem!

O caçador debatia-se com tamanha fúria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que conseguiu derrubar dois dos homens. Ainda assim, não foi o suficiente para que se libertasse.

— Estamos fazendo isso para seu bem, caçador — Sir Velory falou, as palavras desnorteando-o. — Este que vê já não é mais seu filho. A bruxa o contaminou, está agora a serviço do inferno.

O povo reagiu assustado, exclamações de surpresa e horror preenchendo a noite.

— Sou eu, papai! — Noah respondeu, a expressão confusa destruindo cada pedaço do interior de Nikolau.

— Noah! — continuou chamando, em um gesto desesperado.

— Homens e mulheres, este menino é uma das provas do poder dessa bruxa! — o guarda gritou, apontando para Noah. — Seu mal é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tamanho que até mesmo uma criança foi contaminada, tendo lutado contra dezenas de guardas, com uma força descomunal!

O grito seguinte de Nikolau ficou preso em sua garganta. *Que diabos o guarda estava dizendo?* Um calafrio percorreu sua espinha com a constatação de que qualquer que fosse o plano do rei, colocava seu filho em perigo.

— Este pobre homem ajoelhado é o caçador que capturou a Sereia, e ela, em vingança após sua morte, fez com que o garoto fosse possuído por espíritos do inferno.

— É mentira, pai! — Noah gritou em resposta, a voz falhando com a vontade de chorar.

O caçador sentiu o peito sendo rasgado por dentro, cada centímetro dele sendo ferido por milhares de facas. Estavam fazendo mais do que

PERIGOSAS ACHERON

ferir o corpo do menino. Estavam expondo ele, transformando-o em uma das iscas do reino. O pavor e a vulnerabilidade presentes na imagem da criança, em seus olhos que se esforçavam para se manterem secos, ao mesmo tempo que impulsionavam Nikolau, derrubavam-no. Que tipo de governo era aquele que sacrificava crianças em nome de seus interesses?

— É mentira! — foi o que conseguiu berrar em resposta. — Soltem-no! Ele não tem culpa! Por favor, eu imploro! — gritou, a voz embargada pelo choro compulsivo que ameaçava transbordar de seu peito agoniado.

— Somente a bruxa pode desfazer o que fez com seu filho, senhor Nikolau — Sir Velory disse, ainda fria e articuladamente. — O senhor, como caçador, deve trazê-la até aqui — explicou, apontando para a carruagem. — Para que confronto

PERIGOSAS NACIONAIS

o rei e liberte seu filho de seus feitiços.

Como se o sol nascesse, iluminando a noite e afastando todas as trevas para que pudesse voltar a enxergar, Nikolau compreendeu.

Novamente, o rei se escondia atrás de sua figura, usando-o como instrumento de seus planos. Acreditava que os soldados do exército inimigo não o feririam, e por isso o faziam atravessar a barreira de homens que cercava Pietra. Estavam reconquistando-o para seu lado. Ou talvez somente o provocando, fazendo-o notar o quanto suas ações haviam comprometido a vida de Noah.

Ele mesmo não sabia se o machucariam ou não. Não confiava no rei, assim como também não confiava na bruxa.

No entanto, ao instintivamente olhar para ela, teve a impressão de notar que sua expressão

PERIGOSAS ACHERON

finalmente mudava. Talvez houvesse compadecimento ali. Talvez compaixão. Talvez piedade. De toda forma, a máscara de sentimentos durou apenas um segundo. No seguinte, Pietra levantava os braços, despertando para si toda a atenção.

— O rei está aqui — afirmou, fechando os olhos. — O fogo queimará todos aqueles que estiverem a seu lado — novamente os abrindo, gritou: — Agora saiam! Saiam!

Alguns instantes se passaram até que o povo despertasse de seu transe amedrontado. Quando o fizeram, uma intensa agitação teve início por toda a praça.

A balbúrdia tomou conta de todo o ambiente. As dezenas de pessoas, antes petrificadas de medo em seus lugares, pareciam ainda mais aterrorizadas com a iminência de precisarem se

PERIGOSAS NACIONAIS

mover. Tão confusas estavam, que se tornou impossível avançarem. Estavam todos se movimentando inutilmente, sem qualquer avanço. Os soldados, por outro lado, estavam finalmente despertados do aparente feitiço que antes os imobilizavam. Homens dos dois exércitos se atracaram, fazendo soar o atrito de metal das espadas que se enfrentavam.

Nikolau assistiu à repentina mudança no cenário com uma atenção quase letárgica. Sua mente entorpecida pelo desespero não parecia capaz de acompanhar com a velocidade inerente a um caçador o quanto ocorria. E tudo se tornou ainda mais difícil quando escutou um uivo alto e penetrante penetrar seus ossos. A voz do lobo estava por baixo de sua pele, impactando-o de uma maneira irreversível. Não havia tempo de raciocinar ou formalizar estratégias. Sentindo o aperto em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus braços afrouxar com a desatenção dos guardas, utilizou toda a sua força para puxar os membros, fazendo-os desequilibrar enquanto se desvencilhava.

Correu em direção ao filho, os olhos fixos unicamente no rosto infantil que lhe chamava com urgência. Ignorou todos os gritos que quebravam o silêncio da noite; ignorou o cheiro de sangue que se impregnou ao ar, tornando-se nauseante ao ser inalado; ignorou os sons de flechas voando rentes a seu ouvido.

Nunca tinha estado mais perto de Noah desde que todo aquele caos havia começado. Não podia desperdiçar a oportunidade.

Contudo, como não podia deixar de ser, Sir Velory o viu se aproximando. Desmontou do cavalo rapidamente, e, sorrindo para o caçador, puxou a corrente que segurava os braços de seu

PERIGOSAS ACHERON

filho. Com o brusco movimento, o menino caiu de joelhos sobre o chão.

Noah gritou. Nikolau gritou ainda mais alto.

Uma dezena de pessoas cruzaram a frente do caçador, impedindo-o de enxergar a criança.

Seu coração disparou. Não podia perdê-lo de vista.

Então, alguns segundos depois, recuperou o campo de visão.

E Noah não estava mais lá.

Nikolau dedicou ainda mais velocidade em seus passos, sentindo os músculos da perna reclamarem do esforço.

Não via mais a carruagem do rei. Não via mais Sir Velory. Tudo era uma bagunça, desfocado em seu desespero para compreender todas as silhuetas que se destacavam sob a luz da lua e das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamas.

— Noah! — gritou, ofegante, virando-se para todas as direções e sentindo a mente vacilar em sua lucidez. — Noah!

— O menino possuído escapou! Matem-no!
— Uma voz estridente se fez ouvir de algum ponto à direita do caçador.

Seu coração despencou.

— Não, não, não! — berrou, empurrando todo e qualquer corpo em seu caminho, tentando seguir cegamente a origem da voz. — Não toquem nele!

Através de sua visão periférica, percebeu uma aglomeração maior de pessoas a poucos metros de onde estava. O coração ressurgiu em seu peito, batendo descompassadamente, sufocando-o enquanto tentava respirar.

PERIGOSAS ACHERON

— Noah — sussurrou para si mesmo, como um mantra, uma oração.

Nikolau tinha impressão de que seria mais fácil cortar um muro através da força de suas mãos do que abrir passagem entre a maré de pessoas. Era absolutamente alarmante a força que um povo unido possuía. Talvez fosse justamente por tal razão que o rei tanto o temesse. Determinado, contraiu os músculos e fez força para transpassar a barreira humana, desejando finalmente voltar a avistar o rosto de Noah.

Então, bastando uma única movimentação precisa de homens e mulheres afastando-se para um mesmo lado, e Nikolau o enxergou. A pequena face transformada em uma máscara de terror e angústia. Lágrimas caíam em abundância dos olhos de Noah, os lábios trêmulos enquanto tentava falar.

O caçador viu que homens puxavam as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

correntes presas às mãos do filho com violência, outros o insultavam e maldiziam-no.

O caçador constatou, sentindo o ódio dentro de si aumentar exponencialmente, que aqueles homens e mulheres que atacavam seu filho sob a justificava de que o garoto estaria conectado ao demônio, eram quem, na verdade, esbravejavam maldições. Concluiu, tal qual em uma epifania, que os olhos são espelhos do espírito, e o mundo, reflexo da alma. Aqueles que com maior intensidade enxergavam a maldade eram quem a tinham dentro de si.

— Soltem-no! — o caçador gritou, arremessando-se para a frente, em uma tentativa de avançar com mais rapidez.

Sua voz, porém, perdeu-se sob o som de uma voz muito mais aguda e alta.

PERIGOSAS ACHERON

— Fenrir, traga-o!

O homem reconheceu o tom aveludado da voz de Pietra, mas não teve tempo de entender o que estava prestes a acontecer. No instante seguinte, as pessoas se afastavam aos berros, tropeçando umas nas outras e correndo para longe do garoto. Nikolau tentou continuar adiante, mas era tão inútil quanto nadar contra a ressaca de um mar.

Foi enquanto se mantinha lutando para ficar no controle de suas próprias pernas que enxergou o lobo parado a frente do menino, as presas em completa exposição. O som que escapava de sua garganta era o suficiente para manter todo o povo afastado, uma vibração que se alastrava por todo o solo e subia pelas pernas, entranhando-se à pele e arrepiando todos os poros.

Nikolau não conseguia enxergar o rosto do

PERIGOSAS NACIONAIS

filho, mas via suas correntes tremeluzirem, acompanhando o tremor de seus braços e pernas. Ele mesmo não sabia se a fera protegia o garoto ou simplesmente se impunha para tê-lo como seu; mas não importava. Noah pertencia somente a seus braços.

— Papai — ouviu-o gritar, soluçando.

Não havia mais pedaços para que seu coração pudesse se despedaçar; estava todo ele destruído, irremediavelmente machucado.

— Noah! — respondeu, sem sequer saber se o filho conseguiria ouvi-lo de onde estava.

Então, como se o céu ainda não houvesse derramado desafios suficientes sobre ele, Nikolau assistiu, com o sentimento de impotência agigantando-se, uma sombra montada em um cavalo passar tão rápido quanto uma ventania,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reduzindo a velocidade tão somente para puxar o menino para cima do dorso do animal. O lobo vociferou em resposta, disparando em uma corrida desenfreada em busca do menino.

O caçador observou, inerte, uma vez mais o filho desaparecer.

O mundo inteiro caía sobre seus ombros novamente. E dessa vez não tinha certeza se conseguiria se levantar.



Walkyria viu quando Nikolau caiu sobre seus joelhos enquanto assistia ao menino sendo levado. Mesmo não possuindo filhos, sentia como se fosse mãe de suas irmãs, de modo que quase conseguia sentir em seu próprio peito a dor que asfixiava o caçador.

PERIGOSAS ACHERON

Impulsionada pela compaixão, cavalgou em sua direção, gritando para que abrissem caminho. Aquelas pessoas pareciam tão desorientadas quanto um rebanho de ovelhas sem pastor por perto. E, naquele caso, nem sequer pareciam conhecer quem era seu pastor.

Quando finalmente alcançou o homem e o tocou no ombro, foi arrematada pelo olhar que lhe dirigiu. Havia tamanho pesar que não parecia ser possível sustentar-se diante dele. Tampouco parecia correto ou justo.

Nikolau não reagiu de imediato. Deixou-se ficar por longos segundos, encarando Walkyria, embora ela tivesse certeza de que ele não a enxergava de fato. Parecia vazio. Perdido em sua própria profundidade, imerso em seu próprio desespero.

— Caçador — Walkyria chamou com

PERIGOSAS NACIONAIS

firmeza, embora sua voz estivesse um tom mais suave do que o costume. — Precisamos ir.

Ele continuou a encarando, dois pedaços de vidro parecendo ocupar o que deveriam ser seus olhos.

Walkyria precisou disparar uma flecha em um guarda que pareceu reconhecê-lo e que começava a desembainhar a espada caminhando em sua direção, mas nem mesmo isso despertou Nikolau de seu lamentável transe.

Bufando, desmontou do cavalo e ajoelhou-se à frente do homem.

— Nikolau, você morrerá se ficar aqui parado no meio da praça que arde em chamas — disse, com a maior clareza que conseguiu dedicar. — E, morto, as chances de recuperar Noah caem para zero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A simples menção ao nome do garoto despertou algo na figura prostrada à sua frente. Uma sombra cruzou seu rosto, e o maxilar imediatamente enrijeceu-se.

— Quem o levou? — perguntou, a voz saindo rouca e fraca.

Walkyria estendeu uma mão para que ele se apoiasse. Nikolau hesitou por um momento, mas a agarrou em seguida, levantando-se com esforço.

— Tenho uma ideia — a moça respondeu.

— Eu não posso e não vou auxiliar a Sereia. Preciso encontrar Noah — declarou, olhando-a firmemente, recusando um chamado que sequer sabia se viria.

— Eu sei — Walkyria assentiu, montando o cavalo. — E aposto que Pietra também sabe. Vamos — chamou, convidando-o a subir também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Walkyria, se você for comigo, não posso garantir sua proteção ou prometer qualquer lealdade enquanto seguirmos juntos.

A moça sorriu ao ouvir o que ele dizia.

— Perfeito. Também não posso garantir sua proteção e definitivamente não irei te prometer lealdade — completou, puxando-o para o dorso do cavalo. — Então vamos apenas torcer para que nossos caminhos não se confrontem em uma encruzilhada de dor. Pois você perderia, caçador.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A aproximação do castelo causava uma miscelânea de emoções em Mikaela. Havia muitas memórias e esperanças nos cômodos que aqueles fortes muros guardavam.

Os muros que pretendia derrubar.

Se a jovem de cabelos ruivos estivesse falando a verdade, quando as proteções erguidas por Durian caíssem, horrores seriam revelados. E tal constatação, além de todo o medo, causava uma revolta sem precedentes em Mikaela.

Aquele castelo era mais do que uma construção histórica e real. Era o seu primeiro lar, o seu porto seguro, um santuário de sua infância, de sua família e de seus sonhos. Não poderia conceber a ideia de que fosse maculado com as ações de seu sobrinho, cujas mãos pareciam instrumentos

forjados diretamente no inferno: o que tocavam tornava-se amaldiçoado, atraindo morte e dor.

Pobre irmão, pensou. Merecia o melhor dos filhos, não um rapaz mimado que parecia disposto a governar como se o reino fosse seu castelo esculpido em areia, e o povo fossem seus bonecos, sem qualquer consideração por suas vidas e necessidades. Mas a angústia que todo o atrito entre ambos os reinos causava à rainha estava preste a terminar. A morte se encarregaria disso, fosse abraçando Durian ou abraçando ela mesma e finalmente a reunindo com seu amado irmão de sangue e de alma.

— Vossa Majestade... — Ouviu uma voz a chamar, acompanhada de uma delicada batida no vidro de sua carruagem.

Mikaela puxou a cortina do lado de onde ouviu a batida, e, reconhecendo os soldados com os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uniformes da cor da bandeira de Slevik, assentiu pelo vidro para que abrissem a porta. O ar frio da noite atingiu-a em cheio, o característico vento gélido da floresta que norteava o castelo recebeu-a com a mesma delicadeza com que alguém recebia um familiar já há tanto tempo saudosos.

— Vossa Majestade, o conselho nos deu ordens de que a senhora não deveria estar aqui quando tudo acontecesse. Pode ser perigoso — o homem de rosto sério falou cautelosamente. — E precisamos estar focados no ataque às muralhas.

— E eu provavelmente os atrapalharia, já que precisarão me proteger enquanto o fazem, não é? — a rainha completou, o olhar intenso em direção ao soldado, que mudou o peso de uma perna para outra, em evidente desconforto.

— Vossa Majestade...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual é seu nome? — questionou.

— Rognak.

— E se eu disser, Rognak, que não preciso da proteção de nenhum de vocês? — Mikaela interrompeu-o. — Tragam-me um cavalo. E uma bainha.

O soldado hesitou, confuso sobre o que deveria fazer.

— Podem estar acostumados a obedecer a ordens de seu conselho, mas eu sou sua rainha. Não pense que me deve menos obediência por eu ser uma mulher — disse entredentes. — Agora vá.

O homem realizou desajeitadamente uma reverência, e afastou-se a passos largos.

Mikaela apoiou-se nas laterais da carruagem e, com cuidado, saiu para o ar frio da noite. Do lado

PERIGOSAS ACHERON

de fora, aguardou com a postura ereta, o queixo ligeiramente erguido, tal qual uma rainha poderia ser reconhecida, mesmo sem a sua coroa. Dali conseguia enxergar com maior clareza e nitidez as altas muralhas que antes lhe ofereciam segurança. De onde estava naquele momento, mais pareciam ameaçá-la.

Dois de seus soldados aproximaram-se, um trazendo um cavalo atrás de si; o outro, diversos armamentos em suas mãos. Estendeu-os em direção à rainha, que pegou todos eles com naturalidade, prendendo-os a seu corpo com agilidade e destreza.

— Protejam-me assim como protegeriam um de seus companheiros — Mikaela falou, encarando os homens à sua frente. — Entendo a preocupação de meu fiel conselho, mas cresci lutando com meu irmão, e fomos treinados para que ambos tivéssemos todas as habilidades necessárias

PERIGOSAS NACIONAIS

para que um reino se sustente: a perspicácia, a facilidade em negociar, os conhecimentos e a força. Ao contrário de meu sobrinho, como rainha não espero que venham até mim. Tenho, pelo contrário, o poder e o dever de ir até meus inimigos, protegendo meu povo e minhas terras — quando achou que estava pronta, Mikaela montou o cavalo que haviam lhe levado, dispensando toda a ajuda ofertada. — E o fato de ser mulher — falou, olhando um a um os soldados nos olhos — só me faz ainda mais apta para fazer o que quer que eu entenda necessário. Aliás, se os senhores já jogaram xadrez devem saber que se protege o rei... Mas é a rainha que se deve temer.

— Sim, Vossa Majestade — um dos soldados verbalizou a obediência de todos os demais.

— Então, qual o plano? — ela perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

O comandante do exército de Slevik, Sir Klen, ouviu a pergunta de Mikaela e se aproximou. Ordenou que um casaco com as cores do exército do país, preto e vermelho, fosse entregue à rainha para lhe cobrir os ombros e esconder, tanto quanto possível, sua identidade. Em seguida, voltou para a frente do grupo e escutou o que dizia um dos soldados que acabava de voltar de uma batida.

Assentindo, montou o seu cavalo e avançou em direção ao centro do grupo, fazendo cessar de imediato todo e qualquer resquício de conversa. A atenção era toda sua. Mikaela endireitou-se também sobre seu animal, sentindo um leve incômodo percorrer suas costas. Já não era mais tão jovem afinal, constatou.

— Homens! — Klen chamou, encarando um a um, até que finalmente encontrou o rosto de sua majestade. — Homens e mulheres — emendou

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente, não deixando espaço para que se processasse o equívoco —, seguiremos agora até o castelo. Lembrem-se de que a maior parte do exército de Litin encontra-se espalhado pela cidade, de modo que devem manter-se atentos à sua retaguarda — falou autoritariamente. — Quando souberem que o castelo está sob ataque, voltarão, e não devem conseguir nos encurralar contra as muralhas. — O silêncio foi a resposta de que precisava, atestando a concordância de todos. — Ainda assim, é possível que os melhores homens do rei estejam do lado de dentro o protegendo. Neste caso, permaneçam atentos quando vencermos os muros.

A rainha observava e o ouvia com atenção, absorvendo cada comando como se desde sempre fosse um dos soldados preparados especificamente para aquela espécie de confronto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lembrem-se de que o rei não deve ser ferido, mas tão logo encontrado, trazido a mim — ela completou de súbito, também parecendo que havia estado a vida toda se preparando para comandar um ataque como aquele.

O comandante do exército inclinou a cabeça em um sinal de assentimento.

— Levaremos o rei à presença de Rainha Mikaela, e descobriremos quais as provas de seu autoritarismo que esconde em suas torres — o homem explicou.

— Isto posto, podemos seguir? — Mikaela perguntou, sorrindo sutilmente. — Não vejo a hora de reencontrar meu sobrinho.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A rainha notou a primeira flecha flamejante somente quando a viu cravada no peito de um soldado poucos metros à sua frente. Ainda assim, o impacto causado pela percepção não foi como ela poderia esperar. Não a amedrontou; não a colocou em estado de alerta. Foi justamente o oposto: fê-la estática, letárgica, quase em transe. Permaneceu absolutamente congelada em seu lugar, enquanto assistia aos homens se movimentando com agilidade e precisão, a fim de tomarem seus postos.

Mas, para sua infelicidade, porém não surpresa, seus homens já estavam sendo esperados. Dezenas de soldados com as cores de Litin disparavam flechas por sobre as muralhas, tornando-a muito mais uma arma do que um alvo.

A gritaria dos homens a seu redor fê-la compreender que a despeito de todos os seus discursos e considerações sobre enxergar a si

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

própria como chefe e serva do povo, ela jamais poderia conhecer de fato suas dores. Jamais estaria entre a vida e a morte como os plebeus, que pareciam sempre à espreita, preparados para serem por ela assolados, fosse através da fome, da sede ou da guerra. Ela, conquanto rainha, nunca conheceria o que significava não ter opção para fugir da ameaça de tamanhos males; jamais saberia o que era conhecer o perigo e, ainda assim, ter que enfrentá-lo. Se não por si, por um filho, por uma esposa, por um pai.

A rainha sabia que se desistisse daquele ensandecido gesto de coragem jamais seria punida por tanto. Seria reconhecida por cumprir seu papel, aguardando que outros lutassem a guerra que ela havia determinado que precisava existir. Mas aqueles homens... Aqueles homens precisavam apostar a própria vida em uma batalha, uma vez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que se não o fizessem, iriam perdê-la de toda forma. Covardes e desertores nunca tinham uma segunda chance. Mesmo em tempos de paz.

Mikaela permanecia estática, perdida em sua epifania, quando sentiu um violento impacto a atingir. O solavanco despertou-a, porém antes que tivesse oportunidade de processar o ocorrido, notou suas pernas desprendendo-se do cavalo sobre o qual estava.

A queda não levou mais do que alguns instantes.

Ainda no chão, Mikaela notou que os gritos ecoavam fundo em seus ouvidos, quase chegando à sua alma. Assistia, com a mente lenta pelo impacto da queda, seus homens recuarem a fim de darem as primeiras pancadas, que pretendiam que fizessem ruir as muralhas do castelo.

PERIGOSAS ACHERON

Os cascos dos cavalos no chão, as ordens e os gritos dos dois exércitos invadiram pouco a pouco os pensamentos dispersos de Mikaela, trazendo-a à tona com a mesma brutidão de alguém que encontrava a superfície após se afogar. Tentou levantar-se, assustada, sentindo a realidade pressionando-a contra o chão. A respiração saía entrecortada, com esforço, enquanto a violência a seu redor parecia torná-la mais vulnerável do que jamais havia estado.

E a sensação de perigo intensificou-se quando sentiu uma mão se fechar em torno de seu punho. Exclamou, sufocada pelo próprio susto, e virou-se, encontrando o rosto do comandante.

O homem soltou rapidamente o braço da rainha, parecendo arrependê-lo ao ver o medo em seu rosto transformar-se em reprovação.

— Vossa Majestade afirmou que
PERIGOSAS ACHERON

poderíamos protegê-la tal qual protegemos qualquer soldado — disse entre dentes, em um evidente esforço para controlar a adrenalina enquanto falava com sua soberana. — Pois então ao menos se concentre como um. Sei que deve ser assustador pegar em uma espada quando se está acostumada a apenas limpar o sangue que nela fica após o fim das batalhas, mas se não está preparada, minha senhora, volte para sua tenda e aguarde os resultados dessa disputa. Assim como se espera de reis e rainhas — falou rapidamente, a honestidade surpreendendo Mikaela.

A monarca sabia que a forma como o soldado se dirigia a ela era passível de reprovação, quiçá de sanção por tamanha ousadia. Porém não podia ignorar o fato de que o homem tinha integral razão. Fazer discursos calorosos motivando seus súditos a irem para a guerra era imensuravelmente

PERIGOSAS NACIONAIS

mais fácil do que ir a ela. E por isso mesmo os nobres jamais o faziam.

— O senhor está certo, comandante — falou, ignorando a dor que percorria sua coluna já não tão jovem. — Não os preocuparei mais. Façamos o que deve ser feito.

O soldado meneou a cabeça, esboçou uma reverência e saiu apressado, deixando-a novamente sozinha em meio a um mar de homens que gritavam sob a chuva de flechas.

— Não vamos conseguir derrubar todos eles — uma voz se fez ouvir. — Precisamos invadir o castelo!

Mikaela, tentando controlar o nervosismo, apanhou o arco que havia lhe sido entregue e mirou para cima da muralha. A adrenalina percorreu todo centímetro de seu braço estendido, injetando-lhe

PERIGOSAS ACHERON

uma coragem que se originava diretamente das lembranças havidas em seu coração. Viu o pai ensinando-a a atirar; viu as disputas com o irmão. E de repente, como se sequer pudesse controlar seu movimento, viu a flecha escapando-lhe do arco, voando firme e certa em direção ao alvo em que mirava.

A sensação a inundou, expulsando o medo que antes havia. Não existia mais espaço para hesitações. Rapidamente, puxou outra flecha da aljava, fazendo-as voar, uma após a outra.

Mikaela não era mais uma rainha. Era uma guerreira. Uma mulher.

Continuou disparando, mantendo-se atenta a saraivada de tiros que derrubavam alguns dos homens ao seu redor. Exigia de sua própria mente que se concentrasse no que precisava ser feito e ignorasse o cheiro de carne queimada e os gritos de PERIGOSAS ACHERON

dor dos atingidos. Precisava se lembrar que, se não fosse eficiente o bastante, seria ela a sucumbir sobre o solo, decepcionando seu marido, seu irmão e seu povo.

— Afastem-se! — Ouviu o comandante ordenar, sua voz autoritária soando por toda a extensão. — Afastem-se!

Mikaela agarrou as rédeas do cavalo e obedeceu ao comando, olhando para a direção da voz. Homens carregavam imensos aríetes em direção aos portões do castelo real, pequenos gigantes contra um inimigo ainda maior.

— Ao meu comando — o comandante gritou, a voz ressoando por cada corpo. — Agora!

Como resposta, as duas superfícies se chocaram em uma explosão de barulho. Mikaela teve impressão de que eram seus próprios ossos que

quebravam, tão alto foi o estrondo que ocorreu.

Mas havia mais.

Os aríetes continuaram indo de encontro aos portões, fazendo sons ressoarem de cada um dos beijos que davam.

— Aumentem a força! — o comandante gritou.

Mikaela continuou sua parte da ação, disparando flechas enquanto sentia os músculos arderem com o esforço. A cabeça também doía, os olhos ardiam, as narinas pareciam respirar ácido.

Em poucos minutos, pensou ao menos um milhão de vezes em desistir e recuar, deixar que os homens treinados para a tarefa se encarregassem de fazer o que devia ser feito. Afinal, como o comandante havia salientado, era o que se esperava da realeza.

No entanto, a ideia de que seu irmão havia desafiado toda a lógica e costumes para enviar uma suposta bruxa para buscar ajuda contra seu próprio filho, provava que a forma como os monarcas estavam acostumados a se portarem não necessariamente significava ideais a serem seguidos. Começava a achar, pelo contrário, que a arrogância de sentirem que sabiam tudo o que era melhor para todos apenas impedia que realmente ouvissem o que não era óbvio, longe do ouro, da nobreza e do conforto.

Talvez nunca houvesse aprendido tanto em tão poucos minutos como o fazia naquele momento, tendo a seu lado quem costumava estar em posições tão inferiores na hierarquia real.

Ademais, se tinha alguma dúvida sobre ficar, a mesma se dissipou no instante em que os homens de Litin trocaram as flechas por bolas de

fogo. O estrago causado aumentou exponencialmente em poucos segundos. Mikaela não se surpreendeu, apesar do horror da cena que se desenvolvia bem ao alcance de suas mãos. O ataque de seu exército havia se intensificado; certo é que a defesa o faria na mesma medida.

— Disparem as catapultas! — Novamente a voz do comandante se fez ouvir.

Mikaela fechou os olhos instintivamente, cônica dos barulhos ensurdecadores que se misturariam aos já existentes. E não estava enganada. Porém, mesmo com os impactos absurdamente altos de concreto, ferro e madeira se chocando, eram os gritos de dor e de ordem que causavam o arrepio que eriçava todos os poros da rainha.

— Não estão conseguindo segurar o portão — um dos soldados anunciou aos berros. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Continuem! Vão cair!

As palavras surtiram o efeito desejado. Apesar dos focos de fogo cada vez maiores, alastrando-se perigosamente para todas as direções, os homens pareceram motivados. Se faltava pouco para que conseguissem obter êxito em sua missão, todo o esforço extra se fazia necessário. E a coragem de seus súditos inundou a rainha de um sentimento nunca experimentado: talvez orgulho, talvez culpa, talvez até mesmo um pouco de silêncio.

Se por um acaso sobrevivesse àquela noite e pudesse voltar para casa, para seu trono e para o conforto que a coroa lhe garantia, não sabia se seria capaz de esquecer o quanto ocorria naquele momento. A guerra de fato deixava marcas, concluiu, e embora as do corpo fossem evidentes, eram as da alma que continuavam a sangrar mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito tempo depois.

Bum.

Bum.

Os aríetes continuavam acertando incessantemente os portões.

Mikaela já não sabia há quanto tempo estavam ali. Atacando e resistindo, ferindo e sendo machucados. Com a balbúrdia de sons e cheiros, sentia-se zozza, desorientada. Podia jurar que já estavam naquela situação há dias, quiçá semanas a fio, tão exausta estava. De corpo e de mente.

Frequentemente olhava para trás, na direção da floresta por onde haviam avançado, amedrontada com a possibilidade de que o restante do exército de Litin surgisse e os encurralasse. E então todos os seus homens estariam mortos, sem sequer saber a razão pela qual lutavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De novo! — o capitão gritou, impulsionando-os a continuarem com as batidas nos portões. — Vamos derrubar enquanto estão com apenas parte do exército!

Bum.

Bum.

As pancadas ecoavam com cada vez mais intensidade.

Bum.

Bum.

Mikaela tinha a impressão de já não conseguir sequer escutar os próprios pensamentos.

Bum.

Bum.

Os braços moviam-se involuntariamente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

refazendo o movimento de preparar e atirar flechas no exército cada vez mais parco do que outrora havia sido seu lar.

Bum.

Bum.

A rainha pensou que sentia o chão vibrar, os barulhos ensurdecedores ressonando não somente em seus ouvidos, mas por todas as fibras de seu corpo. Era como se os aríetes estivessem conectados a seus nervos, e cada pancada também a ferisse.

Bum.

Bum.

Apesar das pancadas serem absurdamente altas, ainda mais profundos eram os gritos dos soldados que caíam. Mikaela constatou, naquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, com uma apatia sem precedentes, que tal qual no nascimento todos choravam, independente dos títulos que os diferenciariam ao longo da vida, também no leito de morte tornavam-se iguais. A carne ferida exalava o mesmo cheiro. As gargantas, os mesmos lamentos.

Talvez, concluiu, contrariando todos os dogmas e educação que lhe haviam sido impostos, fosse uma grande besteira qualquer segregação. Era quase como tentar separar rio e mar, porque possuíam suas diferenças quando, inevitavelmente, se encontrariam em uma foz e se perderiam um nos braços do outro.

Bum.

Bum.

— Estão caindo! — A voz do capitão novamente se fez ouvir. — Mais forte!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os olhos de Mikaela então se fixaram no imenso portão a sua frente.

Apesar da óbvia dedicação a este exato objetivo, ver os imensos buracos que se formavam nas proteções do castelo causou o mesmo efeito no coração da rainha. Quando poderia ter se imaginado do lado de fora das muralhas daquele castelo? Quando poderia se imaginar atacando o que antes servia para sua própria proteção?

Porém não houve tempo suficiente para que refletisse sobre os caminhos tortuosos e inesperados em que seu dever como rainha a colocava, pois quando as barreiras sucumbiram, todo o restante aconteceu muito rápido.

De repente, não tinha mais o controle do próprio corpo.

A enorme reunião de homens seguia para a

PERIGOSAS ACHERON

mesma direção, esforçando-se para passarem pelas brechas abertas. Eram como uma forte correnteza, contra a qual não se podia lutar. Mikaela, com um impulso, firmou as pernas em torno de um cavalo que estava próximo, e avançou, empurrada pela pressão que os outros soldados atrás de si faziam.

Os disparos que vinham de cima das muralhas foram reduzidos drasticamente, já que a maior parte dos homens desceu para defender a frente do castelo. Porém não estavam em número suficiente. O exército de Slevik avançava rapidamente, os homens que se colocavam em seus caminhos pouco ofereciam resistência. Eram muitos contra poucos. As chances estavam a seu favor.

Inspirando profundamente, Mikaela se preparou para entrar nas propriedades reais. Aquela definitivamente não era a maneira como esperava

retornar a seu antigo lar, mas se agarrando a tudo o que sabia e acreditava, reuniu toda a sua coragem.

Tratava-se de um convite de seu irmão, afinal. E o convite dele jamais poderia recusar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau já não tinha certeza a respeito do local para onde estavam indo. Ainda tinha a impressão de que seu corpo seguia vazio, a sua alma ainda presa ao encontro, ainda que longínquo, com o filho. Sabia que aquilo contrariava seus instintos, mas simplesmente não tinha forças para tomar à frente. Apenas se deixava levar por Walkyria.

Desde a noite em que Noah havia sido levado, jamais tinha estado tão perto de recuperá-lo. De onde estavam, na praça central de Litin, conseguiu vê-lo... Pequeno, frágil, assustado. Sem conseguir tocá-lo. Falhando em tê-lo de volta. Com a perda, lembrava-se de ter escutado a voz de Walkyria dizendo que precisariam ir atrás de Pietra, porém naquele momento não sabia por quê. O corpo apenas havia obedecido, carne sem ânimo, tal

PERIGOSAS NACIONAIS

qual uma caixa vazia seria arrastada por quem tivesse uma direção.

Iam rápido suficiente para não prestarem atenção aos focos de batalha e de fogo espalhados por toda a cidade. A cada poucos metros havia soldados se digladiando, o exército Slevikiano em evidente tentativa de manter o Litiano ocupado. Nikolau não conhecia todo o plano da Sereia, mas imaginava que tal fato decorresse de seu pedido para que Rainha Mikaela lhe concedesse tempo suficiente para fazer o que precisava ser feito.

Enquanto avançavam, a cada poucos segundos Nikolau se via obrigado a mover o braço que segurava a espada, atacando soldados que se colocavam em seu caminho. Mas, como todo o restante, não era um movimento planejado. Os membros apenas agiam, impulsionados pela experiência e pelo instinto de sobrevivência. Se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém caracterizava uma ameaça, seus braços o enfrentariam.

Walkyria fazia o mesmo, e o caçador se deu conta de que estava grato pelo silêncio que compartilhavam. Não era como se precisassem falar. Havia muito mais significado no que calavam.

Assim, lutando para sobreviverem, continuaram cavalgando.



O caminho que Walkyria liderava se estendeu pelas margens da floresta, passando por todos os pontos que lembravam Pietra. Nikolau viu alguns poucos homens vigiando o cemitério e mais alguns outros guardando o cemitério de guerra,

PERIGOSAS ACHERON

locais onde a Sereia havia estado. Locais denunciados por ele ao governo.

O caçador imaginou que a bruxa talvez se sentisse insultada com a quantidade ínfima de homens que estavam a postos para capturá-la, caso se atrevesse a retornar para alguns desses lugares; ela poderia facilmente derrubar todos eles sozinha. Ainda assim, Nikolau entendia que havia um exército nas ruas de Evje, o que significava que de nada adiantariam evitar que Pietra fugisse para algum dos cemitérios se a cidade inteira fosse conquistada por um reino vizinho.

De toda forma, ela não iria para lá. Aqueles eram pontos em que costumava se esconder, o que já não era mais seu interesse. A Sereia havia deixado de ser presa. Em algum momento dos últimos dias, havia se tornado a caçadora.

Aproximando-se do limiar da floresta, com

os sons de batalha já bastante abafados pela distância dos pontos centrais de confronto, Nikolau conseguiu enxergar a casa de Rollo. Enxergou um cavalo à frente, pastando tranquilamente, alheio a todo o caos daquela noite.

— Onde está o soldado? — perguntou, estranhando o fato de não haver um guarda do reino junto ao animal.

— Ali — Walkyria respondeu, apontando para a frente da choupana.

O caçador precisou semicerrar os olhos para enxergar o que ela indicava. Em um primeiro momento, não notou ninguém, senão a silhueta cada vez mais visível do animal. Contudo, um instante depois seus olhos flagraram uma figura sobre o chão. De onde estava, tinha a impressão de se tratar somente de uma massa escura e larga, mas Nikolau estava familiarizado com cadáveres. Podia

PERIGOSAS NACIONAIS

reconhecer um quando via.

— Ela passou por aqui? — o caçador sussurrou em dúvida, notando que o único guarda a vigiar a casa do amigo de Pietra encontrava-se morto.

— Estamos chegando, venha — Walkyria chamou-o.

Cavalgaram por mais alguns poucos metros antes de finalmente pararem. Nikolau não reagiu quando notou que estavam em frente a sua choupana, finalmente abandonando a segurança da floresta para atravessar o caminho até a construção.

Não havia qualquer sinal de soldados por ali. Talvez Pietra houvesse se adiantado e já houvesse matado todos. Mas por que estaria voltando para um esconderijo? Por que se reunir com ele? O que pretendia fazer?

PERIGOSAS ACHERON

Quando desmontaram, o caçador cogitou deixar o cavalo que traziam no estábulo, mas um cheiro podre invadiu suas narinas e o fez lembrar que havia animais mortos ali, desde a noite em que Noah havia sido raptado. Agarrou a guia de Bestian e o guiou para a parte de trás da choupana, para que ao menos pudesse tirá-lo da vista caso alguém fizesse aquele percurso.

Nikolau deu a volta na casa, seguido por Walkyria, e sentiu o coração vacilar ao notar a janela fechada do quarto de Noah. No entanto, colocou-se em alerta no instante seguinte. Um cavalo marrom já se encontrava amarrado a um tronco de árvore, com marcas de sangue manchando seu pelo.

O caçador imediatamente retirou a espada da bainha. Se aquele animal estivera na guerra, certamente a levava consigo. Ninguém, nem

mesmo uma fera, conseguiria sair incólume dela. Walkyria, por outro lado, apenas segurou a própria bainha.

— Vamos entrar — sussurrou, virando-se para voltar para a frente da casa.

O caçador obedeceu-a, afastando-se e fazendo o olhar varrer todos os lados. Tudo estava inquietamente silencioso. O típico som que antecedia as desgraças.

A moça caminhou resolutamente para a frente da casa, abrindo a porta com cuidado quando a alcançou.

— Somos nós — anunciou, ingressando com cautela no interior escuro do lugar.

Nikolau entrou, semicerrando os olhos em uma tentativa de adaptá-los ao breu do cômodo. Somente uma pequena vela ardia sobre a mesa de

PERIGOSAS NACIONAIS

centro, iluminando não mais do que uma pequena região à sua volta. Contudo, não demorou para que uma silhueta se fizesse visível, surgindo de outro cômodo com uma segunda vela nas mãos. O caçador reconheceu o rosto.

— Noelle? — indagou, tentando se lembrar do nome da única loira dentre as irmãs. — Onde está a Sereia? — questionou, impacientando-se. O silêncio e a escuridão lhe faziam se sentir pequeno, perdido em uma existência completamente vaga e inútil.

— Ela não está aqui — a jovem respondeu, os lábios se curvando sutilmente em um discreto sorriso.

— Você mentiu para mim! — Nikolau berrou, voltando-se para Walkyria, a espada apontada para o seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu menti — a mulher confirmou, a voz refletindo o próprio sorriso no escuro. — Mas era a forma mais segura.

— Do que está falando? — o caçador continuou com a voz alterada, a espada avançando um centímetro.

Walkyria limitou-se a virar a cabeça para o limiar da porta onde Noelle estava com a vela nas mãos. Nikolau imitou o movimento, mas antes que tivesse a chance de compreender a nova silhueta que entrava no cômodo com rapidez, sentiu braços finos o envolverem na cintura.

E então, o mundo todo pareceu congelar. Não havia mais nada ao seu redor. Silêncio e escuridão, que antes o aprisionavam, pareceram explodir, expandindo-se até alcançarem o céu e retornarem, retirando dele uma angústia que pesava mais do que o universo inteiro em seus ombros, e

PERIGOSAS NACIONAIS

devolvendo-lhe em troca um alívio imensurável, capaz de arrebentar-lhe o peito em emoção.

— Papai! — Ouviu a voz infantil chamar, os braços apertados em torno de sua cintura.

A voz, a palavra, o toque, a respiração. A presença fragilizou seus músculos, fazendo-o derrubar a espada no chão a seu lado com um baque surdo, e cair de joelhos em seguida. Não sentiu o impacto. Não sentiu dor. Só sentia a o mundo inteiro explodindo dentro de seu peito.

— Noah — conseguiu sussurrar.

Os braços ergueram-se trêmulos em direção ao menino, como se temessem que, ao tocá-lo, a imagem pudesse dispersar-se tal qual mais uma de suas alucinações. Porém, ao segurar-lhe os ombros, encarou-o, e viu refletido naqueles olhos castanhos toda a sua própria vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enxergou o bebê frágil e ao mesmo tempo sorridente, que havia sido a âncora a impedir que afundasse nas profundezas do luto. Viu todas as vezes em que havia olhado para ele e sido grato por um homem como ele ter recebido um presente tão puro e valioso. Viu os primeiros passos, as primeiras gargalhadas, as primeiras palavras. Viu o menino que, mesmo tão jovem, cuidava do pai com tanto cuidado a ponto de ser confundido com um anjo em terra. Viu as vezes em que ele, Nikolau, acordara alucinando, gritando, perdido em seus pesadelos, e recebera o toque gentil da criança que, pacientemente, o trazia de volta. Viu o menino lendo. Viu-o crescendo. Viu-o hospedar seu próprio coração em seu pequeno peito.

Viu Eloyse, sorrindo-lhe, presente naquela vida, naquele pedaço do que ela era.

E então não pôde mais evitar. O soluço

PERIGOSAS ACHERON

irrompeu de sua garganta, fazendo-o desatar em um choro compulsivo. Os braços agarraram Noah, puxando-o para perto do peito tão próximo quanto conseguia. O corpo inteiro de Nikolau vibrava, a emoção fazendo pai e filho fundirem-se em uma única unidade, em um abraço que os fazia se tornar uma única alma.

Walkyria olhou para a irmã e sorriu, recebendo o mesmo em resposta. As duas se aproximaram, dando as mãos.

— Perdão, meu filho — Nikolau sussurrou, apertando-o tanto que nenhum dos dois respirava.

Não era como se importasse, de toda forma. Noah estava ali. Nada mais importava. O caçador não tinha plano nenhum de soltar o menino. Pretendia mantê-lo seguro em seu abraço por todo o tempo do mundo, sem deixá-lo um segundo sequer longe de seu alcance. Não suportaria perdê-

lo de novo. Não tinha mais força alguma para suportar tamanha dor.

E a alegria de recuperá-lo vinha na mesma proporção. Pela primeira vez em muito tempo, sentia-se genuinamente feliz, como se o sol ardesse dentro do seu peito, fazendo aquecer todo pedaço antes tão gelado existente dentro de si.

Quando o choro diminuiu na garganta de Nikolau, ele sorriu. Era a primeira vez que as irmãs o viam dessa forma.

— Foi você que o tirou do meio da multidão — conseguiu sussurrar para Noelle, ainda sem soltar Noah.

— Sim — a loira respondeu, sorrindo. — Vi quando ele foi levado para o meio da multidão, e vi também que você jamais conseguiria alcançá-lo a tempo atravessando a pé. Então abri passagem e o

PERIGOSAS NACIONAIS

tirei dali, dizendo apenas a Walkyria para trazê-lo até nós.

Nikolau ergueu os olhos molhados e encarou as duas mulheres.

— Obrigado! — A voz saiu anda mais rouca do que o normal. — Foi você que matou o soldado em frente à choupana de Rollo?

— Qual soldado? — Noelle replicou, o cenho franzido com a confusão. — Havia apenas um soldado de Slevik pelas redondezas, e ele não me interceptou.

Imediatamente, Walkyria levou uma das mãos para o cabo da espada presa em sua cintura. Nikolau levantou-se, sentindo o coração apertar ao soltar Noah. Com uma das mãos, segurou a pequenina do menino e, na outra, a espada.

Um dos cavalos relinchou do lado de fora.

PERIGOSAS ACHERON

— Saiam daqui — a mais velha sussurrou no escuro, o olhar viajando de uma entrada para outra da casa. Diante da ausência de respostas, aproximou-se de Nikolau. — A sua parte da missão está cumprida. Leve-o daqui. Fugam de Evje.

O caçador apertou a mão fria de Noah entre as suas. No entanto, seus pés pareciam presos ao chão, incapazes de abandonarem as duas moças.

— Não desperdice nosso trabalho, senhor caçador — Walkyria continuou, a voz séria como de costume. — Leve-o embora, e nós seguraremos quaisquer que sejam as ameaças. Deixe o guerreiro de lado e assuma a postura de pai.

Em resposta, Nikolau abaixou-se e pegou o filho no colo, sentindo o coração pequenino bater próximo ao seu.

— Obrigado — repetiu, a voz saindo com

dificuldade. — Eu... Obrigado.

O som de vidro quebrando arrebentou o silêncio do cômodo, fazendo todos eles se virarem para a direção de onde vinha.

— Vá — Walkyria sussurrou com urgência.
— Deixe reis e bruxas para trás, Nikolau. Para o senhor, é chegado o tempo de anjos.

O caçador trincou o maxilar, o coração inquieto enquanto se afastava em direção à porta. No mesmo instante em que pisou do lado de fora da casa, ouviu barulhos de fortes pancadas ecoando de dentro.

— Papai, elas não precisam de ajuda? — Noah perguntou, o rosto no ombro do caçador, enquanto o homem se esgueirava para encontrar Bestian e fugir dali.

— Aquelas mulheres não precisam de

PERIGOSAS NACIONAIS

ajuda, meu filho — respondeu, ofegante com o esforço de colocar Noah sobre o cavalo o mais rápido possível. — São elas a ajuda.

Nikolau montou em seguida, fazendo Bestian disparar novamente em direção à floresta. O caçador partiu, e embora soubesse que jamais poderia colocar o filho em risco outra vez, sentiu-se estranhamente culpado por deixar as irmãs, ainda que fosse verdade o que havia dito ao menino.

E assim, de repente, pensou ter visto piscar em sua mente a imagem das bruxas que um dia havia matado. E nessa alucinação, elas não lhe ofereciam ameaça.

Elas, na verdade, o salvavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Fazia muito tempo que Pietra não sentia medo. A sensação lhe era estranha após tantos anos sem temer a perda. Sem possuir o que guardar. Porém, naquela fatídica noite, parecia senti-lo novamente. Não era, contudo, como se mudanças houvessem sido realizadas em seu interior. Não era como se, de repente, houvesse desenvolvido laços e passado a nutrir estima por alguém que não Fenrir. Definitivamente nada havia mudado.

E talvez fosse por isso mesmo que sentisse medo.

Há muito tempo havia aprendido a se refugiar de Durian em um espaço criado dentro de sua própria mente, onde o pânico, que antes experimentava ao notar sua presença, se tornava repulsa. Além, é claro, de um ódio que a mantinha viva. A ira e o nojo, apesar de envenená-la como

efeito colateral, distanciando-a da pessoa que um dia havia sido, serviam para fazer com que sobrevivesse. Não sabia se teria conseguido caso tivesse se permitido sentir o medo e o desespero tão familiares nos primeiros meses de cativeiro.

Mas, agora, confrontar Durian preenchia-a novamente da familiar ojeriza que a havia mantido em pé. O medo, por sua vez, não advinha da possibilidade de perder, como se poderia esperar. Se isso acontecesse, dessa vez certamente morreria, e isso parecia um alívio frente à ideia de padecer mais um pouco em sujas mãos reais. Advinha, na realidade, do medo de sucumbir após tanto correr, tanto fugir, tanto sobreviver, sem antes se vingar do rei da forma como ele merecia. Se seu espírito não poderia descansar mesmo após a morte como a igreja costumava pregar, que pelo menos encontrasse o êxito em vida, enquanto ainda podia

ver Durian sangrando.

Segurando com firmeza a pedra avermelhada que pulsava sobre o peito, a Sereia seguiu, rígida, até o lugar onde tudo havia começado. O local onde jamais havia ousado voltar, o seu templo que ninguém mais conhecia, a não ser ele.

Enquanto avançava, pensava que havia sido relativamente fácil escapar do centro de Evje. Com a confusão que os guardas reais armaram em torno de Noah, ao menos por alguns momentos as centenas de olhos haviam se desgrudado dela. É verdade que havia sentido o estômago revirar dentro de si, um ódio que dessa vez era dela mesmo, por permitir que uma criança servisse de bode expiatório para seus pecados. Teve vontade de sacrificar tudo ali para evitar que o garoto se machucasse, afinal novamente era apenas um

menino sofrendo pelos atos de adultos. Mas aquela era sua melhor chance. Durian não havia saído da carruagem como esperava; o exército de Mikaela havia conseguido segurar o Litiano; e o povo, idiota, estava focado demais em acreditar que uma criança estava possuída. Idiotas, idiotas, idiotas.

Se não saísse dali naquele momento, poderia ser capturada pelos guardas pessoais do rei. Assim, embora tivesse o peito sangrando pela culpa em deixar que Noah se tornasse o centro do preconceito e do fanatismo de todos aqueles imbecis, havia puxado o capuz sobre a cabeça e corrido novamente em direção à floresta. Pensou ter ouvido, durante um tempo, a carruagem que carregava o rei em seu encalço, mas o perdeu quando se esgueirou por entre arbustos estreitos.

Queria ficar frente a frente com ele, mas não era estúpida. Precisava acontecer em um local

PERIGOSAS NACIONAIS

onde tivesse alguma vantagem, uma vez que ele certamente estaria acompanhado de outros homens juramentados a lhe obedecer. Assim, correu como vinha fazendo há tanto tempo, atravessando a noite escura, e sentindo o coração apertar conforme avançava.

Não fazia aquele caminho há muito. As lembranças que lutava para que permanecessem escondidas naquela parte de sua mente, onde costumava buscar proteção, pareciam querer invadi-la por inteira. Aquele recôndito, discreto e ínfimo, já não era mais suficiente quando ela finalmente se entregava ao destino que lhe havia sido reservado. Ainda assim, Pietra não queria submergir em lembranças. Eram dolorosas demais. Faziam-na fraca, vulnerável. Tornavam-na a garota que fora capturada, e não a bruxa que movera um país todo contra o outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentando equilibrar os pensamentos e sentimentos, caminhou até encontrar um cavalo desorientado em meio à floresta. Aproximou-se vagarosamente, mantendo-se atenta ao seu redor, e colocou a mão sobre a cabeça do animal. Esperou que ele se acalmasse e então o montou, disposta a fazer o percurso com mais velocidade.

Precisava chegar ao ponto do início de tudo. O ponto onde esperava que também se desse o final.



A Sereia cavalgou por vários e longos minutos em um profundo silêncio, notando que o seio da floresta ainda não havia sido atingido pelo sangue que era derramado na cidade. Não encontrou uma única pessoa em seu caminho, o

PERIGOSAS ACHERON

fato de não precisar usar suas armas para avançar, fez com que se sentisse ainda mais solitária do que o normal.

Quando a mata começou a se tornar menos densa, Pietra soube que estava perto. Desejou, involuntariamente, que Fenrir estivesse por ali. Sua presença lhe garantia segurança e estabilidade, e embora não desconhecesse a natureza selvagem e imprevisível dos lobos, confiava nele com mais força do que confiava em qualquer ser humano.

Mas sabia que não podia cobrar mais do que a fera já havia feito. Tinha muito pelo que agradecê-lo.

Com a lembrança dos olhos do lobo ajudando-a a controlar o ritmo de sua respiração, notou o contorno de uma casa muitos metros à frente. Diminuiu a velocidade do cavalo, sentindo o coração dar um solavanco no peito.

Havia conhecido a vida ali. Também havia sido ali que conhecera a morte.

A casa ficava à margem da floresta, em uma extremidade oposta ao lugar onde se situavam os cemitérios e as choupanas de Rollo e de Nikolau. Uma construção antiga e simples, sem qualquer atrativo aparente ou razão para que chamasse a atenção de alguém. Apenas paredes e um telhado, uma casa para quem não possuía um lar. Mais adiante, havia um longo caminho de neve, um lago congelado e então a mata recomeçava. Era como um fôlego da floresta, um caminho aberto por um equívoco da natureza, onde somente outro erro poderia habitar.

Foi ali que Pietra passou os anos de sua vida desde que seus pais a haviam abandonado. O povoado onde nascera tinha medo de seus olhos, de suas palavras afiadas, de suas críticas e

PERIGOSAS NACIONAIS

questionamentos a respeito da fé. Seus pais haviam sucumbido a este medo, e tão logo tiveram a oportunidade de embarcar para um país vizinho, deixaram-na sozinha no porto, incapazes de suportar as críticas e os olhares maldosos de tantas pessoas.

Pietra jamais os perdoou. Porém também não pensava eles. Foram as primeiras memórias que fez questão de isolar em um canto de sua mente, tal qual um cômodo trancado que se recusava a visitar. Cresceu sozinha desde os dez anos, e o medo que os seres humanos tinham dela fez com que passasse a temê-los também.

Havia se mantido isolada. Plantava no verão, assim como aprendera observando seus pais, e estocava para o inverno. Tendo aprendido a ler cedo, roubava livros quando tinha a oportunidade de visitar a cidade e sugava deles tudo o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podiam oferecer. Aprendeu o nome de todas as plantas e flores; aprendeu a utilidade de cada uma, os efeitos e perigos de outras. Aprendeu a manipular ervas e tirar delas o que de mais importante possuíam.

Aprendeu a defender-se também, embora tenha tido mais dificuldade em tal tarefa. Não possuía amigos com quem treinar, de modo que havia se dedicado a praticar sozinha, se machucando, ralando e sofrendo, tentando entender seus próprios erros sem possuir uma real noção de seu progresso.

Tudo mudou, porém, quando um dia uma mulher ferida surgiu à porta de sua casa, cambaleando moribunda. Havia um grave ferimento de flecha em sua perna e em sua barriga, e a moça de cabelos loiros emaranhados caiu quando ela abriu a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Pietra sentiu medo naquele instante. Temeu atrair atenção para si ao aproximar-se de alguém ferido. Por outro lado, teve medo também de ignorar a situação da mulher e ser a responsável por sua morte. Assim, em um impulso, agarrou seus braços e arrastou-a para dentro, empurrando com os pés as folhas que caíam das árvores a fim de que escondessem o rastro de sangue. E então, pela primeira vez encarando a morte de perto, viu-se obrigada a utilizar muito do que havia lido.

Observou o rosto pálido da moça à sua frente, os ferimentos malcheirosos e a quantidade de sangue que perdia. Mesmo com seus quatorze anos, sem ninguém precisar lhe dizer, soube que a moribunda não tinha muito tempo. Assustada, colocou-se a mesclar as ervas que conhecia, extraindo e impulsionando o efeito que cada uma delas possuía. Alívio da dor. Estancar o

sangramento. Cicatrização. As mãos moviam-se trêmulas, o coração disparado.

Pietra aplicou as misturas e aguardou. Deu água na boca da jovem. Conferiu sua temperatura. Manteve-a aquecida. E vigiou as janelas. No entanto, ninguém a procurou.

Levou dias até que finalmente abrisse os olhos. Quando o fez, saltou, assustada, fazendo as feridas já muito melhores sangrarem, embora seus olhos azuis confusos e amedrontados tenham se suavizado ao ver a aparência da menina que havia a socorrido.

E, naquele momento, foi a primeira vez que Pietra experimentou a sensação de ter seus traços pálidos, de olhos coloridos e cabelos flamejantes causando sossego ao invés de medo. Conforme relaxam uma na companhia da outra, passaram então a explicar seus respectivos papéis naquele

PERIGOSAS ACHERON

encontro. Pietra contou como havia a curado. A loira, de nome Lyana, contou que vivia com um grupo de mulheres e que haviam sido atacadas sob a justificativa de serem bruxas. Ela conseguira escapar; as outras estavam todas mortas.

Lyana permaneceu com Pietra durante meses. Aos poucos, as duas permitiram que suas barreiras cedessem, aproximando-se pelos motivos que a afastavam do restante da sociedade. Enquanto se recuperava, Lyana passou a treinar com sua salvadora, ensinando-lhe truques e apresentando-lhes golpes. As duas não conversavam muito. Apenas ficavam perto uma da outra, ajudando-se e apoiando-se.

Até que a loira começou a ficar inquieta. Queria voltar para casa, encontrar a família, procurar vingança. Pietra não desejava voltar a ficar sozinha, mas não se opôs. Estava acostumada

a ser abandonada.

Despediram-se em silêncio, com apenas um aceno sutil de cabeça. E Pietra depositou também aquela memória em um dos pontos isolados de sua mente, junto à memória dos pais.

No entanto, com o tempo, cada vez mais pessoas machucadas começaram a surgir às suas portas. A história sobre a recuperação de Lyana se espalhou, e a menina, silenciosa e discreta, salvava um após o outro, sem jamais fazer perguntas. Porém, como era de se esperar, sua fama começou a misturar-se com as de quem lhe procurava. A pele pálida, as marcas que ela mesma desenhava em sua pele por diversão, os olhos coloridos, as habilidades. Logo também ficou conhecida como uma jovem bruxa, talentosa e letal.

Isso não lhe causava mais do que um ligeiro incômodo. Havia sido acusada de ser filha do diabo

PERIGOSAS ACHERON

desde que nascera por conta de suas características, não era qualquer novidade. Enquanto as pessoas se mantivessem falando à distância, estaria satisfeita.

Contudo, apesar de mais esperta do que as garotas de sua idade, Pietra ainda era ingênua. Até aquele momento ainda não tinha ideia de quão cruel o ser humano poderia ser.

Assim como sempre fazia, ajudou um homem que se arrastou até a sua cabana. Ajudou-o e chegou a se sentir orgulhosa de si mesma por ter salvado um soldado real. Deitou-se com ele pela primeira vez, e apesar de não ter conhecido o amor em seus braços, conheceu a satisfação e o prazer. Pelo afeto em seus olhos, achou que talvez ele levasse a notícia de que ela não era uma bruxa no final das contas.

Ocorre que o resultado de seu gesto foi desastroso. O homem, de fato, levou a notícia ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

governo, despertando a atenção do jovem príncipe, que ficou fascinado pelos boatos. Uma menina de beleza ímpar, de características singulares, com uma personalidade afiada. Certamente não seria uma companhia tediosa. O nobre mandou que fossem buscá-la, e, quando o primeiro de seus homens chegou para pegá-la à força, Pietra matou pela primeira vez.

Mas o príncipe era mimado. Quando o soldado não voltou, enviou outros, e dessa vez a menina não conseguiu vencê-los. Foi arrastada para o castelo, a partir do que se iniciaram os anos que ela fez questão de colocar na recôndita e sombria parte sua mente.

Daquele dia em diante, Pietra deixou de ser uma menina talentosa e diferente. Passou a ser um corpo sem alma, e de tanto escutar que era uma bruxa, acabou se tornando uma.

PERIGOSAS ACHERON



A Sereia precisou empurrar a porta com o peso do corpo para que abrisse. Após tantos anos fechada, parecia indisposta a se mover, rangendo alto conforme se afastava centímetro a centímetro. Um cheiro desagradável de bolor e mofo atingiu seu rosto, forçando-a a recuar por um instante, com uma das mãos cobrindo a boca e o nariz. Controlando o estômago e o espírito, inspirou profundamente, e então entrou, pé ante pé.

O interior estava vazio, negro como o céu.

Um silêncio mortífero sussurrava lembranças nos ouvidos de Pietra, fazendo com que seus poros se manifestassem em um arrepio intermitente. Precisou enfrentar, com afinco, a enxurrada de memórias que insistia em lhe fazer

PERIGOSAS NACIONAIS

companhia. Era como se pudesse vislumbrar Lyana e tantos outros que havia socorrido. Por um momento, quase conseguiu sentir o cheiro de ervas e fumaça, de sangue e de feridas.

Estavam todos lá.

Mas a Sereia sabia que não tinha tempo para se entregar às recordações e reviver aqueles dias. Era perigoso. Poderia chegar às memórias que realmente doíam...

Por isso, decidiu ignorar o passado. Era hora de lidar com o presente.

Checou os armamentos que trazia consigo, a distância que estavam de suas mãos, bem como o tempo que gastaria para pegar cada um deles. E então contrariando o que havia feito durante tanto tempo, colocou-se a esperar. Se estava sendo caçada, que o caçador chegasse logo.

PERIGOSAS ACHERON



Os minutos passavam tão lentamente que faziam com que a espera se tornasse angustiante. Ainda assim, Pietra permaneceu o tempo todo atenta e alerta, prestando maior atenção ao silêncio do que prestaria a uma canção.

Sabia que ele chegaria.

E não estava enganada. Na última hora da noite, finalmente ouviu o som de cavalos se aproximando.

Pietra ficou em pé, as mãos se abrindo e fechando em um ritual de preparação.

O confronto final. O momento contra o qual havia lutado dentro de sua mente por tanto tempo, por tantas vezes resistindo à ideia de encará-lo

novamente. Em muitos momentos havia pensado em simplesmente desistir. Ir embora e nunca mais olhar para trás. Recomeçar com o que quer que houvesse sobrado de si, com o corpo machucado para sempre, a alma em retalhos irrecuperáveis.

Mas então percebera que não havia como fazê-lo. Para onde quer que fosse, sobreviveria sempre somente como o fantasma do que um dia havia sido, o espectro de um espírito destruído ao longo de toda uma vida. Se já estava morta por dentro, não haveria utilidade para a carcaça que era seu corpo. O que de melhor poderia fazer, afinal, era realizar o pedido do falecido Rei Agmund e, no caminho, encarar Durian com as mãos e pés soltos, como jamais antes havia estado em sua frente.

Os sons de cavalos ficavam mais altos a cada segundo, aproximando-se e lembrando Pietra que ainda havia um coração em algum lugar. Ele

batia irregular e descompassadamente, ameaçando romper sua caixa torácica. Seu peito já não se movia discretamente como de costume. Subia e descia com urgência, recebendo o ar como pedras de gelo que rasgavam a carne.

A ansiedade era tão grande que chegava a ser dolorosa.

A Sereia se deu conta então que, pela primeira vez, desde que tudo havia começado, não tinha um plano. Tudo o que havia, naquele instante, era ela e o derradeiro momento em que tudo finalmente terminava, de uma forma ou de outra.

O barulho proveniente dos cascos e ferraduras batendo no chão finalmente cessou, dando lugar a um pesado silêncio, quebrado apenas pela respiração ruidosa de Pietra.

A jovem cerrou os punhos com força, e

trincou o maxilar, sentindo os dentes rangerem com o gesto. O medo era extremamente desconfortável. Fazia com que se sentisse pequena, vulnerável e exposta, assim como quando era somente uma menina e lhe eram lançados olhares duros e palavras maldosas.

Pietra ouvia sussurros vindos do lado de fora da casa. Sabia que eles se preparavam para atacar. Chegou a pensar que talvez colocassem fogo na choupana, fazendo da construção uma imensa fogueira, porém também sabia que o rei não admitiria que ela morresse se não fosse sob seu olhar atento e cruel. Não... ele exigiria ver seu rosto antes que tudo chegasse ao fim.

— Está na hora de fazer a Sereia cantar. —
Escutou a horripilante voz dar início àquela dança.

Fazia meses que não o escutava falando diretamente para si, mas foi como se não houvesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se passado um único dia desde sua captura. A sensação de ódio e asco invadiram-na com a mesma força que as águas recém libertadas de uma barragem. Tomaram conta de tudo.

Pietra ouviu a porta da frente rangendo ao ser empurrada, e passos sorrateiros circundando toda a casa. Estavam cercando-a.

Forçou-se a manter-se estática, a esperar que ele fizesse o primeiro movimento. Já aguardava há tanto tempo, seria somente por mais alguns minutos...

— Eu sabia que a encontraria aqui — o rei continuou, e embora a Sereia não conseguisse ver mais do que sua silhueta começando a ganhar forma na escuridão, tinha certeza de que ele sorria ao falar. Reconhecia o modo como suas palavras soavam quando imersas em tripúdio e arrogância.

PERIGOSAS ACHERON

— Precisei facilitar para você. Cansei de envergonhar seus homens e Vossa Majestade — respondeu, dando um passo na direção do rei.

Apenas alguns metros de vazio os separavam. A jovem conseguia distinguir as roupas pretas e douradas no corpo do monarca, assim como o peso dos olhos azuis que a olhavam com divertimento. O sangue pulsava em suas veias, percorrendo-a com a mesma agressividade que um veneno o faria. Queimava cada centímetro de seu interior, causando-lhe náuseas e um desejo crescente de arrancar aquele maldito sorriso com suas próprias mãos.

Foi somente encarando Durian, após todo aquele tempo, que percebeu a quantidade de ódio que o corpo humano poderia suportar. E era muito. Desconfiava, aliás, que isso ocorria porque o sentimento corroía tudo o que havia por dentro, tal

qual ácido em suas veias, queimando o que mais pudesse existir, e fazendo-se soberano de sua alma, apossando-se de toda parte de si que pudesse existir.

— Admito que no começo foi divertido procurar por vocês. Foi como um jogo que me tirou um pouco do tédio que senti sem sua companhia.

As palavras de Durian causaram náuseas, que a Sereia achou que não pudesse manter em seu estômago. Um jogo. Ela não esperava nada de diferente do Rei, mas pensar que *ele* havia sido apenas parte de uma sádica forma de entretenimento para o monarca inflamou-a com uma intensidade que quase a fez explodir.

Deu um passo à frente, diminuindo a distância entre os dois, mas parou no lugar quando notou o sorriso no rosto do Rei se alargando. Aquilo tudo continuava sendo apenas diversão para

PERIGOSAS ACHERON

ele, embora ela pensasse ter visto uma sombra cruzar quase que imperceptivelmente seus olhos azuis. Talvez... talvez ele também tivesse medo.

— Mas começou a ficar cansativo, sabe? — ele continuou, os braços desconfortavelmente parados ao lado do corpo.

Sim, ele tinha medo, Pietra constatou.

— E fiquei irritado quando comecei a me lembrar de como você me enganou e conseguiu ludibriar também meu pai. — Durian então virou os olhos, como se repreendesse a si mesmo. — Não que fosse muito difícil. Meu pai sempre foi um tolo e agora vejo que aparentemente era um mal de sua geração, pois minha tia também se revela uma grande imbecil. Mas como eu sou egoísta! — acrescentou de repente, uma mão viajando vagarosamente para a própria testa. — Se foi cansativo para mim, imagino como deve ter sido

PERIGOSAS ACHERON

para você. Quero dizer. Eu ao menos sabia que venceria no final das contas. Agora você... Correndo de um ponto a outro, se escondendo o tempo todo, sempre sozinha precisou buscar ajuda em uma nação que não é seu lar. Que tola a minha tia... Seu feitiço deve ter sido bastante poderoso para fazê-la marchar contra seu próprio berço.

Pietra conseguiu sorrir suavemente, embora não houvesse qualquer humor no gesto.

— Passou a acreditar em sua própria criação, Majestade? — perguntou, dando mais um pequeno passo à frente.

O rei moveu a cabeça em uma negativa tão sutil que somente alguém com a atenção e os reflexos da Sereia conseguiria notar. Ela sabia o que aquele gesto significava. Os guardas pessoais de Durian possivelmente estavam a postos com olhos sobre ela. Conseguiram enxergar seus

PERIGOSAS ACHERON

movimentos, e qualquer deles que ameaçasse de fato o monarca seria o último.

— Sobre isso, aliás, quero agradecê-lo.

— Me agradecer? — O sorriso no rosto do rei vacilou por um momento, e Pietra ganhou confiança com a visão. — O senhor me fez tão perigosa aos olhos do mundo que facilitou a minha fuga. Nunca havia ninguém por perto, todos sempre tiveram medo de interceptar meu caminho. — A jovem sustentou o olhar daquele que mais odiava, sentindo-se, de repente, estranhamente apática. — Ainda hoje, um exército de homens armados se manteve parado a meu redor, sem qualquer coragem de me atacar. — Uma risadinha escapou por entre os lábios da Sereia, o som áspero e agressivo.

A ruiva notou que o rei parecia engolir abelhas. Sua expressão tornou-se sombria, o sorriso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deplorável desaparecendo e dando lugar a uma expressão terrível. Decidiu jogar com o palpite que tinha a respeito do significado do semblante do monarca.

— Ah, sim, você deve ter ouvido falar, não?

— Você os fez acreditar que havia enfeitado o exército de minha tia.

Pietra riu novamente, o som rasgando o ar, tal qual garras rasgavam a pele.

— Eu nunca disse isso. Eles interpretaram o que viram de acordo com o que você vem falando há meses. Todo o povo de Litin me enxerga através de seus olhos. E não é assim que deve ser?

Durian permaneceu em silêncio, a veia em sua testa pulsando.

— Você somente os controla pelo medo, e

PERIGOSAS ACHERON

cometeu o erro de fazê-los crer que havia uma ameaça ainda maior — concluiu, dando mais dois passos em direção ao rei. Dessa vez ela ouviu o som das armaduras tilintando do lado de fora.

Pietra sabia onde ficavam as brechas e arestas da casa. Sabia de onde poderiam vir os ataques. Durian também percebeu que ela havia escutado a movimentação.

— Você sabe que qualquer passo em falso e eles a matarão. Gostaria de que sua morte fosse um pouco mais dramática, mas estou farto de sua postura. — Os olhos azuis estavam escuros como o mar à noite. — Então dê mais um passo e eles atirarão.

— Você acha que eu tenho medo de morrer, Majestade? — Pietra indagou, honesta em sua pergunta, enquanto dava mais um passo sutil em direção a ele. — Meu único medo é não o acertar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rápido o bastante — concluiu, sussurrando.

— Você está morta — o rei respondeu, o rosto tingindo-se de um vermelho rubro, a face tremulando com o nervoso.

Então ele se moveu. Mas Pietra antecipou o movimento. Quando notou uma das mãos de Durian subindo, soube que era o sinal de que não havia mais tempo. Era o xeque mate.

— Isso não é novidade. Eu estou morta faz tempo — conseguiu dizer, antes de saltar em direção às pernas do Rei.

O mundo inteiro girou em volta de Pietra, saindo de foco e deixando-a completamente aturdida por um instante. Quando caiu, derrubou-o consigo, mas embora o corpo dele tenha abrandado o impacto com o chão, sua cabeça bateu diretamente sobre a madeira que o cobria.

PERIGOSAS ACHERON

Pietra pensou ter ouvido seu crânio se quebrando, as lascas espalhando-se por sua mente e arranhando sua visão. A pouca claridade dentro da casa tornou-se ainda mais limitadora com o borrão decorrente da pancada. Quatro braços do rei pareciam agitar-se em uma visão disforme, tentando afastar-se dela, enquanto mais dois braços fortes a arrastavam de cima do monarca.

Estava muito perto dele. Não poderia perdê-lo de seu alcance.

Deixou o corpo solto quando sentiu a força do homem que a puxava do chão, o impulso fazendo-a se levantar com rapidez e violência, a visão vacilando por um segundo. O puxão, no entanto, cumpriu o que ela esperava. Seu corpo encontrou o do seu atacante com brutalidade, fazendo-o desequilibrar-se por um ínfimo instante, suficiente, contudo, para que ela estendesse uma

PERIGOSAS NACIONAIS

perna para trás, ainda de costas, chutando-o na virilha. A Sereia sentiu o aperto em seus braços afrouxando ao mesmo tempo em que escutava o homem arfar. Aproveitando-se da brecha, virou o tronco com um impulso, levando a boca até a mão que a prendia e fincando os dentes com força.

O guarda urrou, e soltou Pietra. A jovem cuspiu, enojada, o sangue que molhou sua língua, atirando-se para a frente, e afastando-se do guarda que já tentava endireitar sua postura.

Mas uma flecha voou em sua direção.

Com a pouca iluminação que entrava na casa, ela não conseguia adiantar-se com suficiência, então só a notou quando ouviu o som do arco gemendo ao soltar a seta. Tentou esquivar-se jogando o corpo para o lado oposto ao que via o maior número de guardas invadindo a casa, mas errou o palpite e sentiu a coxa sendo atingida.

PERIGOSAS ACHERON

Caiu novamente, a dor excruciante da carne sendo rasgada tirando a atenção da cabeça que latejava pela pancada anterior. Levou as mãos até a flecha fincada em sua perna, e quebrou-a, tentando se arrastar para onde havia enxergado o rei se afastando. Precisava chegar até ele. Onde estaria o maldito monarca?

A bile subia à sua garganta conforme tentava se mover, a perna latejando de maneira tão profunda que Pietra pensou que o coração havia começado a bater em seu membro. Enquanto lutava para se levantar, o enjoo aumentando com o esforço de firmar a perna no chão, notou o brilho de metal reluzindo em sua direção. O rei se aproximava calmamente, manuseando uma grande e poderosa espada.

Covarde, pensou.

Esperou que estivesse caída, machucada e
PERIGOSAS ACHERON

vulnerável para que tivesse coragem de chegar perto o bastante. De toda forma, o que podia esperar de alguém que mantinha suas vítimas presas em uma torre do castelo, com guardas castigando-as quando tentavam gritar para que o pai não ouvisse o que o filho fazia em seus supostos experimentos secretos com ratos?

Pietra apoiou uma mão na parede a seu lado para levantar-se, mas Duran adiantou-se e bateu em seu rosto com as costas da mão. O impacto novamente fez a Sereia zonza, os ossos de todo o rosto estralando com a violência. Desequilíbrio-se, porém dessa vez conseguiu firmar o corpo, encostando-se na parede enquanto respirava sofregamente.

Estava encurralada pelo rei. Ele sabia disso e sorria com a visão.

— Sempre achei seus olhos incrivelmente
PERIGOSAS ACHERON

fascinantes. O bebê os herdou não foi? —
questionou sorrindo.

As palavras machucaram-na com mais
gravidade do que a flecha ainda fincada em sua
coxa.

— Não fale dele — a jovem sussurrou, a
garganta quase fechada com o esforço para digerir
a menção a *ele* pela boca do rei.

Durian apontou a espada para o peito de
Pietra que, lutando contra todos os seus instintos de
saltar sobre ele, apenas deixou que sua mão
percorresse sutilmente um dos bolsos de sua calça.

— Confesso que gostaria de ter visto como
ficaria quando crescesse. Será que teria o seu
cabelo ruivo?

Pietra trincou o maxilar com tanta força que
sentiu que seus dentes poderiam quebrar-se.

Inspirou profundamente, o olhar fixo nos olhos azuis de Durian. Precisava mantê-lo focado em seu rosto, ainda que isso significasse mais e mais desgraças escapando por entre seus asquerosos lábios.

— Quanto tempo ele viveu mesmo?

A Sereia alcançou o que precisava na parte de trás de suas vestimentas. Seus movimentos eram interpretados como tremulações decorrentes das dores e machucados que suportava.

Que continuasse assim.

— Eu não me lembro direito — o rei continuou, a espada subindo e descendo pelo peito de Pietra, o contato sutil da arma causando arrepios em sua pele.

Mas a adaga estava pronta em sua mão. Ela sabia, contudo, que não conseguiria escapar da mira

PERIGOSAS NACIONAIS

de Durian com a proximidade que estavam. Se tentasse mover-se para qualquer dos lados, certamente um dos guardas às costas dele atiraria ou se jogaria sobre ela.

— Acho que foram dois, três meses?

Não havia como se mover se não fosse para a frente.

— Tão pequenino.

Pietra sabia o que aquilo queria dizer, e a constatação a inundou de uma certeza que a confortou.

— Se você não tivesse tentado fugir, ele poderia estar vivo ainda. A culpa é toda sua — o rei falou, rindo, a espada agora apontada para a região de sua barriga.

E então ela não pôde mais suportar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um impulso, a Sereia do Inferno reuniu toda a sua força e jogou o corpo para a frente, forçando os próprios músculos a não sucumbirem quando o metal frio rasgou toda a camada de pele existente.

O rei levou preciosos segundos para se dar conta do que ela acabava de fazer. O sorriso de escárnio se desfez quando viu o rosto de Pietra colado ao seu, a barriga da moça transpassada prendendo-a a ele.

Mas já era tarde demais.

Utilizando o que restava de vigor em seu corpo, a bruxa levantou um dos braços, a adaga presa na mão, os nós dos dedos brancos com o esforço que fazia para não derrubar a arma. E então fincou-a na pele do rei, da melhor forma que pôde, atingindo a área entre o ombro e pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

O homem urrou de dor, dando um passo para trás e soltando o cabo da espada que ainda segurava firmemente. Os guardas adiantaram-se ao notar o monarca ferido, mas hesitaram entre socorrê-lo e capturarem a bruxa. O único segundo de dúvida bastou para que Pietra arrancasse a espada de seu próprio abdômen, arfando e caindo de joelhos ao fazê-lo.

A dor se espalhava pelo seu corpo inteiro, a ponto de não conseguir mais identificar o foco de onde emanava. Pressionou as mãos sobre a ferida deixada pela espada, sentindo-as encharcarem-se de sangue imediatamente.

Deixou-se cair, e arrastou-se para o outro cômodo da casa enquanto notava os guardas socorrendo o rei e o retirando da choupana. Os músculos de Pietra fraquejavam a cada instante que se passava, cada gota de seu sangue que se esvaía

PERIGOSAS NACIONAIS

levando um pouco de sua força.

— A ferida não é fatal. — Escutou um dos guardas gritar para outro, possivelmente se referindo ao rei. — Peguem-na.

A Sereia continuou rastejando, sem ter certeza de por que o fazia. Não era como se houvesse para onde fugir. Não era como se restasse algo que esconder. Mas simplesmente não conseguia admitir a ideia de ficar parada e sucumbir nas mãos daqueles imbecis reais sem lutar.

Ela era resistência. Era rebeldia. Havia sido assim durante toda a sua vida. Não seria diferente em sua morte.

Tateando às escuras, apanhou a espada que retirou de seu próprio corpo e ergueu-a, as mãos tremendo com a fraqueza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os pequenos e brilhantes olhos coloridos piscaram diante dela, e o sorriso infantil inundou-a de paz. Não era tão difícil morrer quando não se deixava nada para trás. Na verdade, era estranhamente reconfortante deixar aquele mundo, embora a machucasse a ideia de que não poderia rever o filho, nem mesmo na eternidade.

Ele era um anjo, puro demais. Pertencia a um céu que ela acreditava existir somente para ele mais e para ninguém.

Ela, por outro lado, era uma bruxa. Uma Sereia do Inferno.



Pietra tinha a sensação de flutuar. Abriu os olhos, mas eles pareciam querer permanecer fechados. E ela não tinha forças para controlar as

PERIGOSAS ACHERON

pálpebras.



Havia muitos sons chegando aos seus ouvidos. Não sabia se ainda estava viva. Mas por que o inferno teria tanto barulho de armas, gritos, uivos e cavalos?

Teria Fenrir descido para acompanhá-la?



Finalmente não havia mais dor.

O corpo inteiro formigava, mas mesmo isso parecia longe demais.



PERIGOSAS NACIONAIS

Vozes estavam muito próximas de seu rosto, mas ela não conseguia compreendê-las. E a verdade era que também já não queria.

Será que quando o rei morresse eles se encontrariam em algum plano posterior?

Esperava que não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau sabia que era um completo idiota por não partir de imediato para o mais longe possível de Litin, mas simplesmente não conseguia fazê-lo. A cabeça latejava com a dúvida que o afligia, embora seus pensamentos parecessem estranhamente calmos com a ideia de voltar para o encontro das três irmãs. Nenhuma alucinação parecia estar à espreita de sua mente naquele momento.

O homem passou um dos braços em torno do corpo do filho sentado à sua frente sobre Bestian, e apertou-o com firmeza, como se estivesse se certificando de que o menino ainda estava ali.

— Fique em silêncio quando nos aproximarmos — ordenou, sentindo a cabeça da criança se movimentar em um gesto de

concordância.

— Eu luto com você, papai. Só... Só não me deixe sozinho, por favor — Noah falou sobre o som dos passos do cavalo. Nikolau apertou o abraço ao notar a valentia e insegurança do filho.

— Nunca mais — respondeu, a promessa enchendo-lhe de razão e propósito.

O caçador mantinha-se mais atento do que jamais havia estado antes, ciente de que naquele momento já não lutava por um reino, por uma bandeira ou por um credo. Lutava para defender a criança em seus braços, a única razão na qual acreditava.

Era óbvio, no entanto, que a ideia de ir ao socorro de mulheres que defendiam a bruxaria, quando havia passado uma vida as caçando era uma ironia que o deixava confuso e incomodado. Fazia-

o crer que em algum dos dois momentos estaria errando, e ele já não tinha certeza a respeito de qual equívoco poderia ser pior. Incomodava-o também a sensação de que os atos conhecidos como bruxaria lhe assustavam menos do que os ordenados pelo governo. Nikolau não confiava em ninguém com seu filho, mas se precisasse escolher, certamente optaria que Walkyria o vigiasse antes de pedir auxílio a qualquer um sob as ordens do rei.

Apesar de não ser um homem das letras, sentia como se tal confusão desafiasse a lógica: qual era o ponto, afinal, em possuir um governo se era completamente impossível confiar nele? Simplesmente não parecia certo.

— Pai. — A voz de Noah despertou-o de seus devaneios quando se tornou possível que avistassem sua casa.

Nikolau segurou as rédeas do cavalo,
PERIGOSAS ACHERON

fazendo-o parar nas últimas sombras oferecidas pelas árvores.

— Não vou te deixar — sussurrou, reafirmando sua promessa ao menino, que somente assentiu com a cabeça.

O caçador semicerrou os olhos, tentando enxergar. A casa parecia estranhamente quieta, sem qualquer sinal da violência que esperava encontrar ali. Ele conseguia perceber marcas de sangue nas paredes e no chão, mas de onde estava não podia ter certeza do que aquilo significava. Sangue de guardas reais ou das irmãs?

Nikolau segurou com firmeza o corpo do filho e avançou lentamente. Talvez elas ainda estivessem na casa, feridas, necessitando de ajuda. Não havia partido há muito tempo, afinal. Determinado a verificar, decidiu então dar a volta na choupana, checando, primeiramente, a parte

PERIGOSAS ACHERON

traseira da construção, onde antes haviam deixado os cavalos. Controlou os passos de Bestian da forma mais sutil que conseguia, cuidando para que o som fosse o mais baixo possível antes que tivesse certeza de que não havia mais qualquer ameaça naquela área.

O caçador conseguia perceber a respiração tensa de Noah preso entre seus braços. O diafragma do menino subia e descia rapidamente, o que fez com que imaginasse o esforço que o garoto fazia para controlar seu medo e manter-se tão silencioso. Seu filho era um guerreiro, constatou, e isso nada tinha a ver com o número de mortes em suas mãos. Tinha, na verdade, a ver com sua resiliência, sua coragem e bondade incólume, não importava o quanto a vida pudesse se revelar cruel.

Em uma profunda quietude, alcançaram a frente da casa, e, ao avaliar a profundidade do

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio, Nikolau teve certeza de que não havia mais ninguém dentro. Não vivo, ao menos. Com mais confiança, acelerou o passo de Bestian, chegando à curva que daria para os fundos da choupana. Mas então, mais rápido do que poderia supor, sentiu uma presença em seu encalço.

Desembainhou a espada, o coração disparando imediatamente.

— Eu realmente achei que não o veria de novo.

A conhecida voz feminina agiu como bálsamo em uma ferida. Inundou-o de um alívio intenso, e algo próximo à satisfação atingiu o caçador. Desmontando do cavalo, e guardando novamente a espada, estendeu os braços para que Noah descesse para seu colo. Com o menino nos braços, virou-se para Walkyria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei que pudessem precisar de ajuda.

A moça revirou os olhos.

— Altamente improvável, mas agradecemos a intenção — respondeu, séria, embora Nikolau tenha visto em seus olhos um lampejo de brilho. — Eram apenas quatro guardas reais. Eu e Noelle já demos conta de perigos maiores.

— Tenho certeza de que sim — respondeu, honestamente, enxergando na postura jovem de Walkyria uma vida toda de luta e sobrevivência.

— Mas se ainda quiser lutar, chegou no momento exato — outra voz feminina falou atrás de si.

O caçador virou-se, ainda com o filho no colo, e encontrou Noelle sobre um cavalo, puxando as rédeas de outro nas mãos. A seu lado, a mais nova das três também montava, o rosto ainda

PERIGOSAS ACHERON

machucado o lembrando do equívoco que havia cometido no porto. O rosto de Sophia, não mais do que uma menina, fazia com que se sentisse não muito melhor do que o rei que havia cortado a orelha de seu filho. Nikolau sentia nojo de suas mãos sujas com o sangue da jovem, e uma culpa que o corroía como um inseto dentro de suas veias.

— Sophia acabou de voltar para nos avisar sobre o caminho de Pietra e do rei — Noelle contou, diante do olhar interrogativo do homem que havia se tornado seu aliado. — Enquanto viemos para cá, ela os seguiu para que não os perdêssemos.

— E onde a Sereia está? — o caçador indagou, desviando o olhar para Walkyria, incapaz de continuar encarando a mais jovem.

— Ela parou em uma choupana na outra extremidade da floresta. O rei a seguia, mas ficou

PERIGOSAS ACHERON

para trás porque sua carruagem não avançava com a mesma velocidade pela mata mais densa. — Walkyria caminhou em direção ao cavalo que Noelle segurava e o montou. — Precisamos partir agora. O rei seguia com vários homens.

— Onde está o rapaz... Rollo? — indagou, recolocando Noah no dorso de Bestian, e admirando-se com a organização e determinação daquelas mulheres. Depois de tanto, conseguiam continuar no encalço de Pietra, sem perdê-la de vista.

— Aquele tolo tentou seguir a Sereia, mas não sabemos para onde foi — Noelle respondeu, áspera.

— Todos já escolheram seu lado, caçador — Walkyria disse, séria, fazendo o cavalo adiantar-se em direção à floresta. — E acho que o senhor também já decidiu o seu.



Nikolau cavalgava rapidamente, certificando-se a todo segundo de que o filho estava rigidamente preso em seu abraço. As três mulheres iam à sua volta; Walkyria na frente, e cada uma das outras duas de um lado. Não haviam conversado a respeito da posição que seguiriam, mas parecia claro que entre eles uma decisão tácita havia sido tomada: Noah seria protegido.

O caçador não pôde evitar perceber que em momento nenhum elas haviam questionado sua decisão de levá-lo consigo. Pareciam, na verdade, não esperar nada diferente daquilo, como se fosse óbvio que o menino não deveria se afastar.

E, mais uma vez, percebeu que aquelas mulheres o faziam se sentir um tolo, pequeno e

covarde.

Ouvia-as conversando entre si sobre como estariam os confrontos no centro da cidade, e foi somente então que se lembrou disso. Na área em que estavam, os sons quase não chegavam. Quase não se via fogo ou sangue, com exceção de alguns poucos cadáveres e pessoas que provavelmente haviam corrido em busca de proteção.

Era relativamente fácil se esquecer dos efeitos da guerra quando não estava ao alcance da vista, notou.

— Pai, nós encontraremos o rei? — Noah perguntou, a voz entrecortada pelo vento que os machucava, quando notou que os cavalos começavam a reduzir a velocidade.

Nikolau sentiu o medo na pergunta do menino, e a sensação lhe encheu de raiva.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O rei pagará pelo que fez a você — disse, a voz dura em resposta.

— Parem — Sophia ordenou de repente, seu tom sério e preocupado. Todos obedeceram, os olhos voltando-se para ela. — Olhem — continuou, apontando para uma centena de metros à frente.

Nikolau não precisou se esforçar para entender a que a jovem se referia. Um homem com manto dourado vigiava a carruagem real. O rei de fato estava ali. Mais alguns metros à frente, era possível enxergar apenas uma parte de uma casa velha, na frente da qual uma imensa árvore de galhos secos se erguia. Nikolau lembrou-se, de imediato, da árvore do cemitério onde dias antes havia procurado pela Sereia, aos pés da qual havia encontrado a chave enterrada.

— O que é esse lugar? — perguntou, sussurrando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei — Walkyria admitiu, concentrada. — Ela nunca veio até aqui.

— Olhem quantos cavalos ali! — Noelle apontou para as proximidades da carruagem. — São dos homens que vieram com o rei.

— Eles ainda são a maioria contra nós, mas temos a vantagem de surpreendê-los se fo...

O raciocínio de Walkyria foi então interrompido por um grito áspero e eivado de ódio. Alguns corvos que estavam nas proximidades levantaram voo, afastando-se da casa. A mais velha das irmãs apertou as rédeas de seu cavalo nas mãos, e lançou um rápido olhar para as outras enquanto engolia em seco.

— Fique atrás — ordenou, encarando Nikolau. — Vamos.

As três irmãs partiram em um rápido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

galope, atraindo para si a atenção do guarda que estava sozinho ao lado do transporte do rei. Nikolau hesitou quando viu o homem flexionando os pés no chão, preparando-se para o ataque que sabia que recairia sobre si. O caçador assistiu, ainda parado, quando Walkyria levantou o braço, a espada como uma extensão dele, descendo sobre o ombro do inimigo.

— Feche os olhos — disse, apertando Noah em seus braços.

No entanto, antes mesmo que o menino tivesse tempo de obedecer ao pai, sangue jorrou do encontro entre a espada de Walkyria e o corpo do homem, que tombou, inerte, apenas alguns segundos depois.

Os cavalos ao redor relincharam, sentido de longe o cheiro de morte e reconhecendo a sua aproximação.

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau observou as mulheres cavalgarem com pressa e determinação em direção à casa, e antes que pudesse refletir sobre seus próximos atos, viu-se utilizando as rédeas de Bestian, avançando em seu próprio caminho. Parou ao lado do corpo do guarda que as irmãs acabavam de matar e desceu do cavalo apenas para pegar seu escudo. Montando novamente, ajustou-o em frente ao filho.

— Segure firme — sussurrou, dirigindo-se à construção.

A árvore de galhos secos parecia crescer diante dos olhos do caçador conforme avançava, como mãos que pareciam se estender para recebê-lo. Um calafrio percorreu sua espinha, agravando-se quando notou que as irmãs reduziam a velocidade. Homens cercavam-nas, as armas em riste, gritando ordens para que parassem. Pareciam surgir de todos os lados da casa para evitar que as

três mulheres se aproximassem.

A urgência com que se moviam denunciou a presença do rei, antes mesmo do caçador enxergá-lo. Ainda assim, a confirmação veio logo em seguida.

Um grupo de homens saiu pela porta da frente, tão próximos que formavam uma parede de carne e ossos, e Nikolau soube quem protegiam. A sensação de finalmente encarar o rei chegou acompanhada da dúvida que o afligiu de maneira insólita e incômoda. Se o rei se retirava, onde estaria a Sereia? Um novo calafrio percorreu sua espinha, dessa vez fazendo seu estômago agitar-se em revolta. Por algum motivo, a ideia de que ela estivesse morta o castigava, fazendo o rosto de Eloyse piscar, insatisfeito, dentro de sua mente.

Uma bruxa, Nikolau!, repetiu mentalmente.
Apenas uma bruxa.

Mas foi o grito de uma mulher que o trouxe de volta para a realidade, fazendo seus olhos voarem imediatamente para onde as irmãs encontravam-se cercadas. Noelle tinha uma mão no ombro, transpassado por uma flecha, enquanto chutava desesperadamente um dos guardas que tentava se aproximar. Enxergou Walkyria desmontar e avançar em direção aos homens que as cercavam, a espada em uma mão e uma adaga em outra, enquanto Sophia de cima do cavalo atirava flechas incessantemente, dando cobertura ao ataque da irmã mais velha.

Nikolau não conseguiu mais esperar.

— Não vou deixar nada acontecer com você — foi tudo o que disse a Noah, ainda que não tivesse certeza se ele escutava em meio à balburdia de sons.

Um dos guardas notou a aproximação do

PERIGOSAS ACHERON

caçador, e afastou-se do grupo que protegia o rei em sua direção com a espada em riste. Ignorando o incômodo que irradiava por seus músculos, Nikolau ergueu a própria espada e forçou Bestian a correr com a maior velocidade que pudesse.

Não tinha a intenção de um confronto direto. Precisava colocar o soldado em situação de vulnerabilidade.

Valendo-se da velocidade e da força do cavalo, quando se aproximou o bastante de seu adversário, mirou em sua arma e forçou sua espada contra a do soldado. Seu plano surtiu efeito, constatou, ao notar que o homem havia se desequilibrado e se esforçava para se manter em pé após a colisão.

O caçador aproveitou o breve segundo, e puxou as rédeas de Bestian com força, fazendo com que o animal virasse bruscamente para a direção de PERIGOSAS ACHERON

onde antes vinha. Então galopou rapidamente em direção ao guarda, e novamente o empurrou com a espada. Ainda sem ter recuperado o equilíbrio de antes, o soldado caiu, enquanto as mãos tentavam debilmente agarrar a espada caída.

Nikolau desejou que Noah não estivesse vendo quando se inclinou para baixo, fazendo a sua arma cair sobre o peito do homem que já estava no chão. Um murmúrio de dor escapou por entre seus lábios antes que o restante de seu corpo desabasse, a cabeça batendo com força sobre a terra. O caçador já havia visto homens e mulheres morrerem mais vezes do que poderia contar, mas naquele momento, a visão fez com que ofegasse. Talvez, percebeu, a ideia de que o próprio filho estivesse assistindo houvesse tornado o ato de matar aquele ser humano muito mais reprovável e cruel do que teria achado sob qualquer outra

circunstância.

Não gostaria mais de experimentar aquela sensação, mas naquela noite ainda seria preciso.

Trincando o maxilar, Nikolau puxou as rédeas do cavalo novamente, partindo em direção ao grupo que escoltava o rei às pressas para a carruagem. A quantidade de homens que envolviam o monarca oferecia-lhe proteção, porém lhe prejudicava a velocidade. O caçador sabia que não podia deixá-lo escapar. Se conseguisse retornar com segurança para o castelo, então não teriam outra oportunidade.

Mas então um lamento de ódio e dor irrompeu o ar.

Nikolau virou a cabeça para origem do som, notando que vinha de dentro da casa. Walkyria também pareceu ter percebido, embora os dois

PERIGOSAS NACIONAIS

braços estivessem ocupados em uma ferrenha luta contra um dos guardas do rei. Ainda assim, ela encontrou forças para gritar.

— A Sereia!

Os olhos do caçador varreram com urgência e ansiedade a área a seu redor. Noelle lutava com dificuldade em razão de seu ferimento, mas em seu rosto era notória a fúria que a mantinha em pé. Sophia e Walkyria faziam o mesmo, a concentração brilhando em seus corpos suados.

O rei se afastava rapidamente, já bastante próximo da carruagem. No entanto, Pietra... Pietra gritava. Ainda estava viva. E, de algum modo, Nikolau sentia que devia algo a ela.

Em um lampejo de determinação, o caçador desmontou do cavalo e pegou o filho no colo, sentindo o coração do menino bater

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descompassadamente contra seu peito. Firmou a espada na mão livre e adiantou-se em direção à porta, tentando controlar a respiração ruidosa.

O local estava escuro, e o ar tão denso que era como se ele precisasse disputar espaço com o vazio. Os sons, que se desenvolviam a poucos metros do lado de fora, chegavam abafados, parecendo muito mais longe do que realmente estavam. Com os primeiros raios de sol se manifestando, porém, o caçador conseguiu distinguir silhuetas na rarefeita claridade. Dois corpos estavam caídos no chão do que parecia uma antiga sala, ambos de guardas do rei. Um com a garganta cortada; o outro, com a pele roxa e os olhos injetados, indicando que havia sido sufocado.

Mas o que chamou a atenção do caçador foi o rastro espesso de sangue que tingia o chão, em um caminho que levava até uma segunda porta.

PERIGOSAS ACHERON

Nikolau ergueu a espada, e franziu o cenho, preparando-se para o que encontraria.

— Fique quietinho — sussurrou no ouvido do filho, cuja cabeça repousava em seu ombro.

O menino assentiu, em silêncio.

Nikolau deu passos lentos e pesados, seguindo a direção do sangue, que se tornava cada vez mais volumoso.

O silêncio o massacrava.

Mas então teve a impressão de ouvir uma respiração pesada e sôfrega, um esforço que arranhava garganta e pulmões.

Com o estômago revirando, adentrou o segundo cômodo, onde imediatamente avistou uma imagem rubra. Os cabelos alaranjados estavam pontilhados de sangue, mas era o abdômen que

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia ter sido revelado em sua integralidade, sem qualquer camada de pele. Os olhos da Sereia estavam fechados, mas ele conseguia escutar a respiração sofrida que escapava por entre seus lábios.

Com o coração disparado, colocou Noah no chão, e fez um sinal para que se mantivesse rígido contra a parede, distante de uma das janelas que haviam sido quebradas na luta. Concentrado, agachou-se e estendeu uma mão em direção à jovem bruxa. Sutilmente pegou um de seus braços que estava sobre o corpo, e puxou-o para encarar a gravidade do ferimento.

Seu abdômen havia sido transpassado por uma espada, Nikolau conseguia constatar, e a julgar pelo tom extremamente pálido de sua pele, sangue em demasia se esvaíra pelo buraco aberto em seu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O rei... — Ainda com os olhos fechados, sua voz saiu tão fraca quanto um fio.

— As irmãs irão atrás dele — Nikolau interrompeu, diante do esforço que a moça fazia para falar.

— Ele... cair — continuou, os olhos abrindo-se delicadamente, revelando as íris coloridas que tanto medo haviam causado.

— Você... Você não pode se curar? Um feitiço? — O caçador não tinha certeza do motivo pelo qual fazia tal pergunta, tampouco porque havia soado tão estúpida a seus próprios ouvidos.

A Sereia pareceu também achar que se tratava de um questionamento imbecil, já que um discreto sorriso se formou em seus lábios.

— Você... Ainda não entende — ela sussurrou, a voz quase inaudível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então me diga, me explique a verdade!
— falou, soando mais autoritário do que desejaria.

Pietra suspirou, fechando os olhos novamente, enquanto abria a boca para responder. Mas então, como se não restasse nada em seu ser, tornou a fechá-la.

Em seguida, sua cabeça pendeu, selando-a em um silêncio profundo e eterno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Mikaela observava quase sem respirar as pessoas que eram retiradas de dentro do castelo, onde tantos anos antes ela mesma havia nascido. Tinha a impressão de estar em um estado quase catatônico, firmando-se tão somente em seu dever como rainha e irmã do falecido Rei Agmund para não irromper em lágrimas. Mas ela sabia que não poderia evitar por muito tempo. Em algum momento a dimensão de toda aquela atrocidade se revelaria por inteiro, e a monarca tinha medo de jamais conseguir superar o que via. E, de uma certa forma, achava que talvez realmente não devesse esquecer.

O mal estava feito, e embora nem mesmo uma rainha pudesse controlar o tempo a seu favor, fazendo-o retroceder e impedir que tanta selvageria fosse cometida, ela certamente tinha o poder de

evitar que aquilo tudo se perdesse nas linhas da história, de impedir que se tornassem apenas relatos a respeito dos hábitos de um príncipe mimado.

Não, era muito mais do que isso.

Tudo aquilo resultava em uma geração violentada, em um número incontável de vidas irremediavelmente feridas. Um episódio que fazia Mikaela questionar, pela primeira vez em tantos anos, a respeito da gravidade e perigos de se ter o controle sobre tantas vidas somente em duas mãos. Agmund havia sido um bom rei, mas e Durian? Quando se misturavam lei, poder e religião em uma mesma figura, quem poderia contestá-lo? Quem poderia pará-lo ao agir de maneira prejudicial a seu povo? Era certo depositar o destino de milhares de pessoas em uma aposta no caráter de seu governante? Era justo que contassem com a sorte?

A coroa impunha privilégios, sabia, mas
PERIGOSAS ACHERON

agora percebia também que possibilitava autoritarismo. As muralhas conferiam proteção, porém também os faziam inalcançáveis. O título lhes oferecia poder; em contrapartida, nenhum controle.

Durian, que já havia sido um príncipe cruel, possuía todas as cartas para, como rei, legitimar sua monstruosidade. E, se não fosse por uma suposta bruxa, os danos que causou em poucos meses de reinado poderiam se perpetuar, contaminando a nobreza, o clero, o povo, tornando-os obedientes aos comandos que não faziam nada além de os subjugar.

— Majestade... — Mikaela ouviu a familiar voz do capitão Rognak soando a seu lado. Virou-se, lutando para manter a expressão neutra. — Não há mais qualquer resistência no castelo. Os prisioneiros foram levados à sala de jantar para

serem alimentados, e estão sendo mantidos aquecidos. — O homem desviou o olhar por apenas um instante. — Os criados estão sendo questionados, mas muito deles também são prisioneiros, outros não tem ideia do que de fato acontecia. Talvez seja o momento para a senhora se retirar.

Um ardor que mesclava ira e uma espécie de culpa irradiou no peito de Mikaela, que respondeu rispidamente:

— Não, eu preciso vê-los.

— Majestade...

— Eu devo isso a eles, Capitão — a rainha interrompeu, firme, embora em seus olhos não faiscasse qualquer repreensão. Havia, na verdade, quase uma súplica.

— Então venha comigo — ele disse,

virando-se para caminhar em direção ao interior do castelo.

Mikaela finalmente moveu suas pernas, que pareciam presas à porta principal da construção há tantas horas. No mesmo instante, sentiu que os membros ameaçavam lhe trair, tremulando diante da iminência do que a levavam para ver. Enquanto avançava, se dava conta de que jamais poderia imaginar sentir tamanha repulsa ao retornar ao que costumava pensar como a casa de seu coração. Tinha nojo dos tapetes, dos quadros, das estátuas e de todos os adornos, enxergando-os como grandes máscaras que tentavam esconder uma única e horrenda verdade. O castelo já não era um lar, e depois do que havia acontecido ali, jamais voltaria a ser. Era uma prisão, mais um cemitério em uma cidade que parecia pregar a vida enquanto bajulava a morte.

A caminhada em direção ao salão para o qual o capitão a conduzia pareceu durar horas, porém ainda assim não o suficiente para que a rainha se preparasse para o que estava prestes a encontrar.

Isto porque quando finalmente alcançaram as portas que almejavam, Mikaela sentiu o coração tropeçar em seu peito. Teve medo de que sua expressão denunciasse seu desequilíbrio emocional, mas o soldado não se preocupou em olhá-la. Hesitou por apenas um segundo antes de abrir as portas.

O cheiro atingiu-a como se fosse um punho fechado, nocauteando-a através do estômago. Uma mistura de suor, odor de semanas sem banhos e sopa quente deixaram-na imediatamente enjoada. Lutando contra a bile em sua garganta, esforçou-se para dar um passo à frente, disputando espaço com

o ar pesado que preenchia o ambiente.

E então viu. Pelo menos duas dezenas de pessoas, em sua grande maioria mulheres, ocupavam uma grande mesa central, cobertas por mantas que envolviam seus ombros. Mikaela percebeu que apenas uma ou duas lhe dirigiram o olhar, e mesmo pelo breve instante em que seus olhares se cruzaram, pôde enxergar o pavor enraizado. E somente isso. Parecia não haver mais nada ali.

Com o coração fazendo doer todo seu corpo e lágrimas embaçando sua vista, caminhou lentamente em direção à mesa, despertando alguns novos olhares. Incapaz de se aproximar ainda mais, sentindo como se não tivesse permissão para fazê-lo, simplesmente parou onde estava.

— Você é a rainha que disseram ter vindo para nos liberar?

PERIGOSAS NACIONAIS

Mikaela sentiu como se um enxame de abelhas se instalasse em sua garganta. Engolindo em seco, usou muito da fibra própria de sua posição para conseguir responder.

— Sim — respondeu, notando que a voz escapava trêmula por entre seus lábios. — Todos vocês voltarão a seus lares, com ouro suficiente para que possam se reestabelecer e cuidar de si mesmos e de suas famílias.

A rainha pensou ter visto os rostos se iluminarem sutilmente, embora os olhos continuassem duros e frios.

— O que acontecerá com o rei? — uma das mulheres sentada à mesa perguntou. Enquanto lhe dirigia o olhar, Mikaela não pôde evitar a percepção de como sua face era magra. Os ossos eram visíveis sob a fina camada de pele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O rei será julgado por seus crimes. Jamais o verão novamente. — Somente então Mikaela viu todos os rostos se voltando para ela. — Eu prometo. Mas para isso — continuou, insegura, escolhendo as palavras. — Preciso que alguém converse comigo. Preciso entender o que aconteceu.

Uma das jovens levantou-se, os braços segurando a manta que cobria seus ombros. Ainda assim, suas mãos revelavam imensos hematomas.

— Eu contarei — a voz da jovem era fina, tão frágil quanto um pedaço de vidro.

Mikaela assentiu.

— Venha comigo, por gentileza...

— Nina — respondeu.

— Venha comigo, Nina.

PERIGOSAS ACHERON

A antiga prisioneira se moveu, e quando se aproximou, Mikaela sentiu que era apunhalada diretamente no coração. Não era uma menina. Era uma mulher, talvez quase uma senhora. Mas estava tão magra e debilitada que parecia infinitamente menor.

A rainha indicou com a mão para que ela fosse na frente, e então se dirigiu a uma sala reservada, onde nos grandes bailes se discutiam, por vezes, política e alianças. Várias poltronas aconchegantes continuavam ali, e a monarca sentou-se em uma delas, convidando a outra a se sentar de frente. A mulher hesitou, parecendo receosa, mas obedeceu quando viu o olhar encorajador da governante.

— Eu... Eu não sabia — foi Mikaela quem falou primeiro, sem planejar o que dizia. Suas mãos se entrelaçavam, úmidas e trêmulas, mas se

mantinha determinada a não desviar o olhar da senhora de cabelos desgrenhados e loiros. — Gostaria de pedir desculpas em nome de minha família, mas mesmo para mim essas palavras soam tolas e inúteis.

— Ele a odiava — Nina respondeu, com a voz mais firme do que antes. — Porque a senhora não aceitaria retomar a escravidão. E era este o seu objetivo como rei.

— Como ele os sequestrava? — indagou, sentindo-se suja por fazer perguntas sobre tamanha crueldade.

— Nenhum de nós é importante. Somos o resto do povo. Mulheres ditas como bruxas, homens fracos e doentes que viviam pelas ruas em busca de sobrevivência — explicou, os olhos sombrios enquanto falava, embora sua voz não transmitisse qualquer emoção. Era quase como se

PERIGOSAS ACHERON

não as possuísse mais. — Alguns de nós eram destinados a cozinhar, a limpar. Outros éramos usados para quando quisesse extravasar sua violência — seus olhos viajaram para as marcas visíveis em suas mãos.

— Desde quando isso acontece?

— Talvez tenha começado dois ou três anos antes do Rei Agmund falecer. Até onde sei ele trouxe uma escrava, depois outra, depois eu, e então a ruiva. No começo tinha que ser mais cuidadoso para que o pai não o descobrisse, mas logo que morreu, ficou fácil. Podia controlar o exército sozinho. Tinha também o padre Nigak a seu lado.

— O padre? — Mikaela indagou, percebendo que ninguém o havia visto no castelo ou encontrado qualquer sinal sobre sua localização. O estômago novamente ameaçou lhe fazer vomitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Ele nunca aparecia nas torres, mas sabíamos que ele apoiava o rei Durian. Ajudava a manter a cidade limpa, o povo sob controle.

— Eu não sei o que dizer — a rainha admitiu.

— O jovem rei era puro ódio — Nina continuou, ignorando a aflição de Mikaela, tão pequena diante da sua. — Cheguei a pensar que ele odiava todos igualmente, mas talvez somente odiasse mais o pai e a pobre Pietra.

A menção ao nome da jovem ruiva despertou ainda mais a atenção de Mikaela. Mas ela tinha tantas perguntas, que não sabia por onde começar.

— Ela foi a única que conseguiu escapar — a mulher acrescentou, como se lesse na expressão da rainha o que ela gostaria de saber. — Ele tentou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tirar o bebê dela, então ela lutou com mais selvageria do que eu poderia ser capaz de descrever. Mesmo fraca, derrubou mais de três homens.

— Bebê? — A cabeça de Mikaela trabalhava com grande fúria, tentando compreender tudo o que ela narrava.

— Pietra estava grávida quando foi sequestrada. Seu filho chegou a nascer aqui, mas depois que fugiu, o rei nos disse pessoalmente que havia matado a criança.

Novamente Mikaela se sentiu pequena, reduzida, inútil. Não conseguia imaginar a dor que a jovem de cabelos ruivos havia suportado. Talvez fosse egoísta, mas tampouco queria tentar.

— Foi ela quem me trouxe até aqui — contou, sem saber por que o fazia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nina sorriu tristemente.

— Ela sempre foi muito forte, taciturna, solitária. Não me admira que tenha sobrevivido, mas como conseguiu convencer uma rainha a trazer seu exército para a terra de seu sobrinho?

— Quando tentava escapar, encontrou meu irmão, Agmund, que a ajudou a fugir. Mas sabendo que estava sendo envenenado pelo filho e, sem ter certeza a respeito de quem o ajudava, entregou a Pietra uma carta selada para que levasse até mim.

— Ela poderia ter simplesmente fugido, ter se afastado daqui — a mulher refletiu.

— Ela poderia — a rainha confirmou, sendo invadida por uma assombrosa admiração pela bruxa. — Mas creio que ela não conseguiria. Não quando tinha em suas mãos a chave que libertaria todos vocês.

PERIGOSAS ACHERON

Nina assentiu.

— Eu gostaria de agradecê-la então. Pensava que era somente mais uma vítima, uma bruxa...

— Quando na verdade estava em uma missão para o último rei. É uma heroína. Uma guerreira, assim como todos vocês — Mikaela disse, convicta.

A mulher novamente sorriu, embora não houvesse força em seus lábios.

— Majestade... — A monarca virou-se para a porta quando ouviu a voz do capitão as interrompendo.

— Um rapaz que se diz amigo da Sereia pede para falar com a senhora. Diz que há mais uma carta.

A rainha ficou em pé imediatamente, determinando que o mandasse entrar. Poucos segundos depois, um jovem de olhos verdes penetrantes entrava no aposento, com uma das mãos sobre uma ferida aberta na lateral do corpo.

— Majestade, meu nome é Rollo, e Pietra deixou comigo uma segunda carta do rei Agmund.

Mikaela avançou em sua direção, a mão estendida e o coração disparado.

— Está aberta, porque quando encontrei em minhas roupas, não sabia do que se tratava. O final está em outra língua, não consegui entender. Peço perdão pela demora, mas eu só consegui alcançá-la agora — emendou, os olhos cheios de pesar presos em Nina.

Mas a rainha já não lhe prestava mais atenção. Absorvia as palavras do irmão como quem

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrava um oásis após dias vagando pelo deserto. Leu as linhas que explicava as descobertas sobre o filho, e reconheceu os traços da caligrafia como se houvessem sido realizados com pressa. O irmão estava prestes a morrer pelas mãos de Durian, e tinha plena consciência disso. No início do relato, contudo, não encontrou novidades, embora tenha sofrido novamente com suas palavras. Era como se pudesse ver o olhar triste e desesperado de Agmund enquanto escrevia.

Foi quando chegou ao final, porém, que tudo pareceu ruir sobre sua cabeça. Quando passou os olhos pelas linhas que estavam em outra língua, no idioma de seu falecido marido, precisou apoiar-se no encosto da poltrona para se manter em pé.

As palavras do irmão roubavam-lhe o ar, deixando-a completamente entorpecida com a revelação que acabava de fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é? — o rapaz questionou, sem sequer tentar disfarçar a urgência em sua voz.

— Gosta de Pietra Scarj, senhor Rollo? — a rainha perguntou, tentando reorganizar a mente.

— Mais do que a senhora poderia supor.

Mikaela inspirou profundamente antes de continuar.

— Então faça o que eu ordenarei agora como se sua própria vida dependesse disso — falou, ansiosa. — E então talvez você consiga salvar a Sereia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Rollo cavalgava tão rápido quanto Nevasca conseguia, ignorando os inúmeros corpos pelos quais passava. Não conseguia se ater ao ambiente a seu redor, tampouco conseguia interpretar o silêncio que reinava com o fim dos confrontos entre os exércitos dos dois países envolvidos na disputa.

Sua mente estava inteiramente ocupada pelas palavras da rainha, ordenando que cavalgasse pela cidade e alcançasse o vilarejo vizinho, um lugar onde duvidava que a guerra pudesse sequer ter chegado. Havia perguntado a razão para fazê-lo, insistindo para que a monarca revelasse o que devia procurar, mas Mikaela havia sido expressa e irredutível ao afirmar que ele saberia quando chegasse no endereço correto, que ele reconheceria. Além disso, não conseguia se esquecer do brilho e da urgência que havia nos olhos da rainha quando

PERIGOSAS NACIONAIS

havia dito que era a forma mais eficaz de salvar Pietra. Mas não importava o quanto Rollo pensasse, não conseguia deduzir o que poderia curar os ferimentos que certamente teria sofrido naquela noite. Uma arma? Ou talvez uma forma de fazê-la escapar de Litin?

Não fazia sentido algum, mas naquele momento, o rapaz não tinha mais nenhuma outra ideia sobre como ajudar a Sereia. Já não sabia onde a encontrar, assim como não sabia onde o rei estava. De alguma forma, porém, seu interior gritava que onde um fosse encontrado, o outro também seria. E o mero pensamento lhe causava calafrios. Era óbvio que não subestimava Pietra, mas não conseguia evitar se preocupar, e já havia notado que quanto maior a preocupação com alguém, mais diversificados eram os cenários de tragédia que conseguia imaginar.

PERIGOSAS ACHERON

Contudo, levando-se em consideração que Mikaela havia lutado contra Durian ao lado da ruiva, teria que confiar na monarca e torcer para que realmente estivesse certa.

Afinal não havia nada que desejasse mais do que encontrar uma forma de salvar Pietra Scarj de uma vez por todas.



Rollo alcançou os limites do vilarejo quando o sol despontava no horizonte. Não se lembrava da última vez que havia dormido, e quando se esforçava para recuperar a memória, parecia longínqua demais. Tanto havia acontecido nos últimos dias, que tinha dúvidas se sequer compreendia todos os fatos.

Pietra havia sido uma prisioneira de rei

PERIGOSAS ACHERON

Durian, assim como a mãe de Walkyria e das outras. Havia sido a única a conseguir escapar, e então o monarca, incapaz de encontrá-la novamente, colocou o povo inteiro em seu encalço, espalhando rumores sobre sua letalidade e criando a fama de que se tratava de uma impiedosa feiticeira. Todos pensavam que ela fugia, quando, na verdade, possuía uma carta assinada pelo pai de Durian, o falecido rei Agmund, que deveria ser entregue à sua irmã, rainha Mikaela, soberana de Slevik.

O caçador que antes queria capturá-la parecia ter desistido da missão, dedicando-se a encontrar o filho com a ajuda das três irmãs. Estas que, por sua vez, queriam a ajuda de Pietra para vingarem a morte da mãe pelas mãos de Durian

Era insanidade, concluiu, ao repassar tanto em sua cabeça.

Talvez tudo fosse fruto de mais uma de suas

PERIGOSAS ACHERON

noites de embriaguez, cogitou. E não fosse pela ideia de que talvez não houvesse vinho suficiente no mundo para embriagá-lo a tal ponto, Rollo teria se agarrado a essa teoria.

Seus pensamentos cessaram, porém, quando finalmente avistou o vilarejo. Como era esperado, não havia sinais de luta. O local era pacífico, apenas uma grande área rural de plantio e colheita. Tendo em vista que o exército de Slevik não havia atacado para massacrar o país e fazer vítimas, e sim para destronar o rei, o rapaz achou que fazia sentido que ao menos aquela parte do povo houvesse sido poupada.

Ao notar o olhar tenso dos camponeses e perceber que se retraíam conforme avançava, Rollo se deu conta de que era um estranho naquelas redondezas. Desmontou então calmamente de Nevasca, tentando controlar o ímpeto de correr em

PERIGOSAS NACIONAIS

direção ao endereço que era seu destino, ansioso para descobrir como poderia salvar Pietra. Antes que pudesse dar qualquer passo, porém, uma mulher de cabelos escuros e olhos negros começou a caminhar em sua direção, um machado, que antes utilizava para cortar a lenha, perigosamente posicionado entre suas mãos.

— Bom dia — cumprimentou, embora sua expressão indicasse pouca simpatia e uma dose muito maior de medo.

— Bom dia — Rollo cumprimentou, forçando um sorriso. — Estou procurando por Mina.

Uma sombra passou pelo rosto da moça.

— E por que a procura?

Rollo levou a mão ao bolso de sua calça, sentindo a carta que levava consigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Venho em nome do rei.

A mulher deu um passo para atrás instintivamente, seu rosto fechando-se tal como o céu que antecedia uma tempestade.

— Diga ao rei Durian que teremos os impostos na data estipulada — falou, áspera, marchando para longe do rapaz.

Rollo, sem entender a reação súbita, teve a impressão de que a aspereza velava, na realidade, temor. E o medo de Durian chamou sua atenção.

— Não venho em nome do rei Durian — disse, em voz alta, notando a mulher parar rigidamente em seu lugar. — Mas do rei anterior a ele, Agmund.

A jovem virou-se para ele, a boca entreaberta em uma expressão de verdadeiro assombro.

PERIGOSAS ACHERON

— O que disse?

O rapaz deu um passo à frente, estendendo a carta e exibindo o selo real.

— Venho em nome do rei Agmund. E tenho a impressão de que você é quem eu procuro — arriscou, ao notar que a moça reagia como quem já esperava a notícia que acabava de receber.

A camponesa levou um instante para digerir a informação, e então assentiu, olhando para os lados.

— Venha, acho melhor conversarmos em minha casa.



Rollo e Mina caminharam por entre o vilarejo em absoluto silêncio, ele se mantendo

alguns passos atrás o tempo todo, observando a forma apressada e ao mesmo tempo cautelosa com que a mulher andava.

E conforme os minutos passavam, mais insólito se revela o acontecimento. Como aquela mulher poderia contribuir para que Pietra fosse salva? A Sereia não poderia se esconder ali, já que apesar de se tratar de uma área razoavelmente distante dos olhos do monarca, ainda estava sob seus domínios. No entanto, a reação da camponesa não deixava dúvidas. Estava definitivamente conectada ao mistério que o havia levado até aquele local.

Tão logo adentraram a pequena choupana, feita de madeira e cimento, Mina fechou a porta atrás deles, derrubando o corpo sobre a cadeira da cozinha.

— Achei que demorariam mais — disse, a

PERIGOSAS ACHERON

voz trêmula. Rollo permaneceu em silêncio, não sabendo o que responder. — Isso quer dizer que os boatos que chegaram até aqui são verdadeiros? O rei Durian caiu?

— O castelo já foi tomado, mas até onde sei ainda não foi capturado.

Ela mordeu o lábio inferior, e assentiu. No mesmo instante, o rapaz teve a impressão de ouvir um barulho vindo do cômodo ao lado, o que fez com que Mina se levantasse, encarando-o.

— Se é preciso levá-lo, eu irei junto — declarou, sem que Rollo pudesse compreender suas palavras.

Contudo, no segundo seguinte, o responsável pelo barulho de antes entrou na cozinha, observando-os timidamente.

E então finalmente todas as peças se

PERIGOSAS NACIONAIS

encaixaram.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

— Abram espaço! Saiam da frente! Tragam médicos.

A garganta de Nikolau parecia prestes a explodir com o esforço que fazia para gritar enquanto corria em direção ao interior do castelo, com o corpo magro pesando em seus braços. O rosto de Pietra já não tinha mais cor. Era de um tom mortífero, um matiz opaco, um esboço do que um dia havia sido. O seu sangue havia encharcado as roupas do caçador, que havia a levado até ali sobre Bestian, e agora mesmo sua pele parecia escondida sob o líquido espesso e rubro. Nikolau, por sua vez, era todo sangue e pressa, urgência e confusão.

Noelle vinha atrás acompanhando Noah, mancando e ofegando com os próprios ferimentos, mas talvez mais viva do que o caçador jamais vira antes. Sophia e Walkyria conduziam a carruagem

PERIGOSAS NACIONAIS

real e aguardavam que os soldados da rainha Mirela retirassem o corpo inconsciente de Durian. A ferida em seu ombro de fato não havia sido fatal, mas a julgar pelo estado em que se encontrava, todos eles sabiam que Pietra provavelmente havia se encarregado de envenenar a arma usada para feri-lo. Apenas não sabiam ainda se a substância utilizada o mataria ou somente o manteria letárgico por tempo suficiente para ser levado até a tia, mas os minutos seguintes certamente revelariam qual era o caso.

Após minutos que se eternizaram como anos e metros que se estenderam como quilômetros, o caçador finalmente alcançou a porta principal do castelo, passando a correr ainda mais furiosamente do que antes.

— Ela vai morrer! — gritou, quando um dos guardas, confuso, colocou-se em seu caminho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Diante do fervor em seus olhos, o homem apenas lhe deu passagem, deixando que Nikolau continuasse correndo, sem saber ao certo para qual dos inúmeros cômodos se dirigia.

O caçador empurrou com os pés uma a uma as portas que encontrou, e somente quando enxergou uma imensa poltrona em uma sala de música decidiu parar. Ofegando, colocou o corpo de Pietra sobre o estofado, e observou sua respiração. O peito se movia quase imperceptivelmente, funcionando como se cada segundo fosse uma nova vitória.

Nikolau não sabia o que fazer. Seus braços pareciam pesos inúteis, sua mente parecia assistir, de longe, à morte gradual da Sereia. Sem qualquer ideia a respeito de como salvá-la, colocou as mãos sobre o abdômen da jovem, tentando tapar a ferida, e pressionou com mais firmeza o casaco que havia

PERIGOSAS ACHERON

posicionado sobre ela durante o caminho.

Ela havia perdido sangue demais. Não sabia sequer como ainda estava viva.

A atenção do caçador foi capturada pelos sons que vinham do lado de fora do cômodo, a voz de Noelle soando exasperada ao perguntar onde estaria o curandeiro do palácio. Em seguida, uma segunda voz autoritária se fez ouvir, fazendo cessar os demais gritos. Nikolau ouviu passos apressados, e então a porta abriu-se repentinamente, revelando uma mulher com os mesmos olhos de Durian, embora neles houvesse mais preocupação do que o jovem rei poderia sentir ao longo de uma vida inteira.

O caçador não precisou pensar muito para saber de quem se tratava. Os trajes nobres e a postura ativa não deixavam dúvidas.

Rainha Mikaela correu até Pietra, os olhos fixos no casaco sujo de sangue.

— Tragam ajuda! — gritou, o pescoço esticado em direção à porta. — Foi Durian? Onde ele está? — perguntou, finalmente parecendo notar Nikolau parado ao seu lado.

— No pátio do castelo. Está inconsciente, Pietra o envenenou.

Não houve qualquer mudança na expressão da rainha, que apenas se levantou no instante seguinte, quando uma senhora de idade avançada e cabelos grisalhos entrava no cômodo, com uma caixa nas mãos.

— Pode salvá-la? — Mikaela questionou de imediato, a postura autoritária revelando sua preocupação.

A senhora não respondeu. Limitou-se a se

inclinar sobre a Sereia, quase encostando o rosto em sua boca e permanecendo em silêncio enquanto sentia a sua respiração. Então se ergueu novamente, levantando o casaco ensopado de sangue e revelando a imensa abertura em seu abdômen.

Com uma das mãos esfregando a fronte, finalmente encarou a rainha.

— Não, eu não posso. Qualquer coisa que eu faça apenas prolongará seu sofrimento — disse, em meio a um suspiro. — Deixe-a morrer em paz.

A monarca elevou os olhos, a respiração entrecortada.

— Não podemos salvar seu corpo, mas conseguimos salvar sua alma. Por favor, faça-a acordar — ordenou.

A senhora ergueu as sobrancelhas, parecendo surpresa com o comando.

— Com todo o respeito, talvez Vossa Majestade tenha escutado histórias demais sobre bruxas. Já disse, poupe-a de dor. Deixe-a morrer.

O olhar de Mikaela endureceu.

— De fato ouvi. E concluí que não é preciso ser uma para salvar o espírito de alguém — disse, toda sua imponência se revelando em sua voz. — Agora, pela última vez, faça-a acordar. Mantenha-a viva por apenas alguns minutos.



Até mesmo as pálpebras de Pietra pareciam doer com o esforço para abrir os olhos. Sentia-se tomada por uma fraqueza sem precedentes, como se não houvesse uma única fibra de vigor que permitisse que movesse qualquer parte de seu corpo. Concentrou toda sua força para se mexer,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas apenas um de seus dedos respondeu, o restante parecendo estar desconectado de sua mente.

Sua visão estava turva, a boca seca e amarga. Não sabia onde estava e tampouco tinha vontade de descobrir. Queria apenas fechar os olhos novamente e deixar-se ficar, cansada demais para refletir ou continuar correndo.

— Pietra! — Ouviu seu nome ser chamado.

Com esforço virou a cabeça, buscando a origem do som. Havia muitos rostos ali, e estranhamente nenhum lhe parecia ameaçador. O caçador com o filho. A rainha. Walkyria e as irmãs. Estavam todos cobertos por sague, terra e suor, os olhos presos em seu rosto. Apenas Nicolau parecia encontrar dificuldades em sustentar seu olhar.

— Durian está morto — Mikaela declarou, analisando sua reação.

PERIGOSAS ACHERON

Mas Pietra não reagiu. Sabia o que o veneno faria. Sua única dúvida era se conseguiria sobreviver para presenciar o resultado.

— Então agora sou uma regicida de fato — respondeu, a voz rouca. — Acabei me tornando tudo aquilo que diziam a meu respeito. Se já falavam sobre mim, imaginem o que será dito depois que eu estiver morta.

— Eu não sabia de metade do que você era. Mas farei questão de que ele saiba.

A Sereia não conseguiu compreender a que a rainha se referia, mas por algum motivo que não sabia explicar, o coração pareceu reviver dentro de seu peito, batendo com uma força que não existia no restante do corpo.

— Você viu morte demais, Sereia. Está na hora de ver um pouco de vida — Walkyria falou, e

Pietra pensou ter visto um brilho em seus olhos. Talvez estivesse imaginando. Não poderia confiar em seu juízo quando estava claramente em seu leito de morte, sendo mantida viva por não mais do que um fio.

Então ouviu a porta se abrindo, e instantes depois Rollo entrou em seu campo de visão. Estava pálido, os cabelos escuros desgrehados, mas os olhos verdes definitivamente faiscavam atrás de uma camada do que pareciam ser lágrimas.

Talvez aquele tolo fosse o único a se ressentir quando finalmente morresse.

Porém havia mais em sua figura. Rollo parecia trazer algo em seus braços. Uma manta escura cobria o que quer que fosse, mas novamente o coração se manifestou em seu peito, sem qualquer explicação. O rapaz agachou-se a seu lado, sorrindo, e delicadamente puxou a manta, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

revelando uma pequena cabeça, coberta de fios lisos escuros.

Então virou a criança, revelando seu rosto a Pietra.

E nesse momento ela os viu.

Os olhos coloridos. Um azul, como o seu, mas o outro verde. Ainda assim, os olhos mais bonitos que já havia visto em sua vida.

Imediatamente, a Sereia mordeu o lábio inferior, sentindo que poderia sufocar com a emoção intensa que tomava todo o seu corpo, substituindo a dor, o ódio e até mesmo o ar.

Não, não poderia ser.

— Ele está vivo. Ele sempre esteve — a jovem achou que era a voz de Mikaela sussurrando, mas não conseguia ter certeza.

PERIGOSAS ACHERON

Todo o seu mundo, sua vida e sua história giravam rapidamente em torno daquele pequeno rosto que a encarava de volta, sorrindo timidamente.

Já fazia tanto tempo... Havia o carregado em seu ventre por meses, mas em seus braços por apenas algumas semanas. Mas ela o reconhecia. Ela o reconheceria mesmo que nada mais no mundo tivesse cor ou sabor. Era ele, afinal. O seu pequeno filho, o único amor que havia conhecido, a única paz que tinha experimentado.

Pietra desejava se jogar contra Rollo e tomar a criança de seus braços, mas não conseguia. A incapacidade de seus membros a irritou, fazendo-a ofegar com o esforço.

— Calma, aqui — o rapaz pediu, aproximando-se ainda mais e sentando o menino na beirada do sofá onde ela repousava.

A Sereia conseguiu mover a mão, arrastando-a para perto da pequenina mão do filho. E então, quando o tocou, absolutamente tudo ganhou novos sentidos. A pele morna e macia expulsou seus demônios, inundando-a de sentimentos cujos nomes sequer conhecia. Amor? Felicidade? Paz?

Havia chorado pela última vez quando o viu ser arrancado de seus braços, e desde então pensava que as lágrimas jamais encontrariam seu caminho de volta para seus olhos. Mas naquele momento elas encontraram.

— Você está vivo — sussurrou, com a voz embargada. — Vivo — repetiu, saboreando o significado daquela palavra.

— Meu irmão o salvou quando a ajudou a fugir. Ele estava fraco, e você também, por isso Agmund achou que nenhum de vocês conseguiria

PERIGOSAS ACHERON

sobreviver se permanecessem juntos. Entregou o bebê a uma amiga de infância, e ele se manteve afastado dos olhos de Durian, tendo sido dado como morto no lugar de uma criança que faleceu logo após o nascimento.

— Eu devia saber que ele estava vivo — Pietra sussurrou, os olhos grudados no rosto do menino, as lágrimas caindo sobre seu rosto pálido.

— Agmund fez o que achou ser mais seguro para vocês dois.

— Eu jamais teria partido se soubesse que ele estava aqui, que estava vivo... — Sua voz estava trêmula, os olhos parecendo não conseguir absorver o suficiente da visão mais bonita que já havia tido.

— Você não teria conseguido sumir com um bebê frágil como ele estava, Sereia. Durian teria encontrado vocês dois e os matado — falou,

ternamente. — E nós não teríamos descoberto sobre os outros prisioneiros antes que ele estivesse preparado o suficiente para conquistar aliados em sua missão de legalizar a escravidão. Você é uma heroína.

— Não me interessa nada disso! — Pietra respondeu com firmeza, apertando a mão do menino entre seus dedos fracos. — Eu nunca desejei ser bruxa, mas tampouco almejei ser santa! Vocês parecem não compreender que nenhum de nós vive nestes extremos. Eu só queria ter vivido com ele — concluiu, exausta, a respiração se tornando dificultosa.

— Eu sinto tanto por tudo o que passou, Sereia — Rollo sussurrou a seu lado, os olhos verdes brilhando com as lágrimas.

— Eu também — uma voz rouca concordou, e embora Pietra não conseguisse virar o

PERIGOSAS ACHERON

rosto, sabia que era o caçador.

Conseguia notar em seu tom, em suas pausas e no pesar de sua voz o seu pedido de perdão.

— Eu teria feito o mesmo pelo meu filho — a jovem conseguiu dizer, um sorriso triste cintilando no canto de seus lábios.

Se Nikolau se redimia através do silêncio entre uma palavra e outra, esperava que ele pudesse compreender que ela aceitava sua remição da mesma forma.

A criança agitou-se, e levou uma das pequenas mãos ao colar que Pietra levava em seu pescoço, a pedra vermelha chamando sua atenção. A Sereia sorriu ao notar os olhos fascinados do menino, lembrando-se de que havia encontrado o pingente no mesmo dia em que descobriu estar

grávida. Era a melhor lembrança que possuía. Ao menos até aquele momento.

O reencontro havia facilmente se tornado a sua melhor memória. Pietra esperava que, se na morte houvesse alguma sensação, pudesse carregar aquela por toda a eternidade.

Contudo, não conseguia mais ignorar o cansaço que sentia intensificando-se significativamente. Piscar havia novamente se tornado uma tarefa árdua, sendo mais difícil abrir os olhos cada vez que os fechava.

E pela primeira vez em sua vida, Pietra não queria mais dormir.

— Os olhos dele... — conseguiu balbuciar, com fraqueza. — Estará seguro?

Toda a sua captura, sua fuga, suas lutas. Tudo se resumia a saber como o menino ficaria. Se

ele continuaria vivo. Se cresceria saudável e feliz.

— Estará mais seguro do que qualquer outro homem em Litin — Mikaela respondeu, dando um passo à frente e mostrando uma das cartas de Agmund — Ele é o novo rei deste país.

Pietra abriu a boca para questionar, completamente aturdida com o que acabava de ouvir, mas tornou a fechá-la. Nem sequer sabia como formular as perguntas necessárias.

— Meu irmão incluiu a notícia de um registro e testamento. Legalmente ele é filho de Agmund, e na versão oficial foi mantido em segredo porque Durian não o aceitaria — falou, também seus olhos brilhando com lágrimas. — Ele é o legítimo herdeiro do trono. Será apresentado ao povo quando tudo for esclarecido. Será criado para saber quem foi sua mãe, para conhecer a maldade que a tirou dele, porém de forma a nunca se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acostumar com ela. Nunca aceitará nada do que causou tamanho sofrimento a vocês, Pietra. Haverá uma linhagem que carregará o seu poder e sua magia, ou seja lá como o mundo queira chamar essa fibra que existe em você. Os homens que descenderem de sua existência aprenderão a olhar as mulheres nos olhos, reconhecendo nelas a mesma força que eles mesmos possuem; as mulheres jamais abaixarão a cabeça, saberão reconhecer seu reflexo e seu valor, sabendo que, bruxas ou não, são suficientes. Tudo o que descender de você, Pietra, filhos, histórias ou lendas, será marcado pela liberdade.

A jovem fechou os olhos, vendo o sorriso do menino iluminar a escuridão que durante tanto tempo existiu dentro de si.

— Eu nunca cheguei a escolher seu nome
— sussurrou, a voz fraca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faça isso agora — Rollo disse, gentilmente.

— Quero que seja Agmund, tal como o homem que o fez rei — disse, cansada. — Que seu irmão tenha a chance de ter um filho que seja mais humano do que Durian jamais foi capaz de ser.

Mikaela enxugou uma lágrima que caía.

— Este é um nome de grandes homens.

— Sim — sussurrou, abrindo os olhos novamente, mas já não enxergando com nitidez o filho. — Agradeça a todos que cuidaram dele. E faça-o saber que sempre foi muito amado.

— Você também foi — Rollo respondeu, depositando um beijo sobre sua testa.

— Fenrir está bem? — Pietra conseguiu perguntar com o último fôlego que lhe restava.

PERIGOSAS ACHERON

— Lutou bravamente contra os homens de Litin, e desde que as lutas terminaram, está no limiar da floresta. Uivou quando você foi trazida para cá, e não se mexeu desde então.

A jovem mexeu a cabeça lentamente, aliviada com o fato de o lobo também estar vivo. No final das contas, estavam todos. Somente ela e Durian haviam sucumbido, encerrando o capítulo que haviam começado.

E quando pensava sobre isso, Pietra não sentia qualquer pesar. Lamentava não ter tido tempo com o filho, mas de alguma forma sabia que o mundo não possuía espaço para ela. Talvez jamais estivesse pronto para uma mulher que voava como ela. Estava satisfeita, porém, por saber que haveria para seu Agmund e para todas aquelas pessoas que haviam se mostrado corajosas suficientes para enfrentar um ditador cruel e sádico.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me salvou, Agmund — sussurrou, olhando para o menino que ainda brincava com seu colar. — Obrigada por salvar meu espírito. Meu corpo é parte muito pequena perto do amor que sinto por você.

O menino sorriu, a mãozinha subindo até o rosto de sua mãe para acariciá-la. Suspirando, a jovem fechou os olhos, ciente de que a Sereia do Inferno já não existia mais. Encontrar o filho havia sido a maior alegria de sua vida, mas naquele momento percebia que reencontrar Pietra dentro de si também lhe causava grande alívio.

Despedia-se de uma vida de feridas, guerra e caos. E, em sua morte, finalmente encontrava a paz.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Nikolau escutava Noah ler um de seus livros favoritos, os ombros pequenos encaixados em seu abraço. Estavam sentados sobre a grama em frente à sua nova casa, enquanto os vizinhos carregavam suas colheitas para dentro. Não demoraria para que a noite caísse, mas o caçador não tinha pressa.

Tempo, distância, demônios e santos haviam ganhado novos significados nas últimas semanas. Suas certezas haviam caído junto ao rei despossado e morto, suas dúvidas crescido tal qual a fama de uma mulher distinta e de olhos coloridos. Nada parecia igual no interior do caçador

PERIGOSAS ACHERON

aposentado.

Nikolau havia conhecido os eventos dos meses anteriores pela ótica de Durian e, em seguida, pela visão de Pietra Scarj. No entanto, nos últimos tempos também vinha a conhecendo pela perspectiva do povo. Nem todos os acontecimentos haviam sido revelados em sua integralidade, de modo que em muitas ocasiões as lacunas eram preenchidas com as considerações de homens e mulheres; em outras, apenas ignoradas, como se pouco importassem as intrigas em que os nobres se envolviam, desde que pão e orações, sustento e ópio, continuassem chegando a suas famílias.

E rainha Mikaela garantiu que isso não mudasse.

Após aquela noite, a monarca havia organizado o maior pronunciamento já feito em Litin, a fim de explicar ao povo o motivo de sua

PERIGOSAS ACHERON

intervenção.

Durante mais de uma hora, a rainha falou sobre os crimes de Durian, incluindo o assassinato de seu próprio pai e as ameaças a seu irmão nascido do romance que Agmund supostamente havia mantido com uma mulher de fora da nobreza. Mikaela narrou que as perseguições a Pietra Scarj eram motivadas pela existência de uma carta que o deserdava em razão de seus atos e que garantia o trono à criança. Durian não queria perder o poder; estava disposto a fazer de tudo para mantê-lo. Diante disso e dos termos da negociação de paz de décadas antes, Slevik estava legitimada a intervir para assegurar que a sucessão fosse observada e a vontade de Rei Agmund cumprida.

Felizmente poucos civis haviam sucumbido na trágica noite, de modo que o saldo da incursão, segundo Mikaela, havia sido satisfatório.

Apesar da verdade ainda que superficial da versão declarada, a monarca não insistiu na afirmação de que Pietra não era a bruxa que acreditavam; sabia que seria difícil convencer o povo a deixar de lado a imagem que faziam da ruiva de olhos coloridos. Apenas garantiu, com bastante ênfase, que era inocente de seus crimes, e que somente graças a sua coragem é que o autoritarismo de Durian havia sido descoberto. A rainha tampouco mencionou o fato de que a Igreja havia apoiado o sobrinho. A ele e aos demais, que conheciam tal informação, justificou afirmando que o padre havia desaparecido, e que não havia provas de seu envolvimento.

Mas Nikolau desconfiava que essa era apenas parte da verdade.

Agmund, Durian, Mikaela e qualquer outro governante precisavam da guarida e sustentáculo

garantidos pela Igreja, que deveria sempre se situar acima de qualquer pecado, além da corrupção dos erros humanos. Confessar seus erros implicaria não somente na desconfiança e queda de um homem, mas na fragilização de todo um sistema.

E isso governo nenhum admitiria.

Assim, a rainha havia garantido que os antigos prisioneiros de Durian tivessem todo o apoio e sustento, bem como Walkyria e suas irmãs. Estas e Rollo haviam inclusive ganhado títulos por seus serviços ao reino, além de obtido êxito no único pedido que haviam feito: queriam poder acompanhar o crescimento do pequeno Agmund, assim como Mina havia exigido, sua suposta mãe de criação.

Mikaela também havia tomado providências em relação à regência, tendo em vista a menoridade do jovem príncipe, mas a verdade é que Nikolau

PERIGOSAS ACHERON

não se importava com tais detalhes. Tinha como único propósito cuidar do filho, mantê-lo saudável, seguro e feliz.

Após uma vida de falhas, esperava que pudesse ao menos acertar com Noah.

Desde a morte de Pietra, o caçador já não tinha dúvidas de que havia estado errado o tempo todo. A alucinação que havia experimentado ao final daquela noite havia sido clara: seus demônios eram os próprios atos de seu passado; seus fantasmas, seus atos de violência; suas sombras, os anos em que havia seguido ordens sem questionar e feito tantas mulheres prisioneiras. Também naquela noite, quando Noah finalmente dormiu, Nicolau chorou, abraçando e confessando seus erros, aceitando a culpa que antes não conseguia admitir.

Sabia que jamais poderia se perdoar, mas achava que Eloyse havia feito isso, pois desde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então não havia tido mais alucinações. A falecida esposa passou a visitá-lo somente em seus sonhos, entre sorrisos e boas lembranças.

Agora, ciente de que não havia como fugir da dor do arrependimento, Nikolau havia se mudado para o vilarejo onde o pequeno Agmund havia sido mantido em segurança desde o seu nascimento, na esperança de que ao menos Noah pudesse esquecer tudo o que haviam superado. A mente do caçador havia sido forjada na dor, mas não o coração de seu filho. Pretendia manter sua bondade incólume, ao menos enquanto tivesse poder sobre a criança.

— Olha, pai — Noah disse, erguendo os olhos do livro em direção à floresta. — Ele voltou.

Nikolau seguiu a direção do olhar do menino, e encontrou o que ele apontava.

PERIGOSAS ACHERON

Um lobo de pelo cinzento e olhos coloridos os observava, atento, no exato mesmo ponto em que se sentava todos os dias desde que haviam se mudado.

— Não precisa ter medo — disse, por hábito.

— Eu sei — Noah respondeu, sorrindo. — Ele não está nos ameaçando. Está nos protegendo.

— Sim — Nikolau concordou, apertando o abraço em torno dos ombros do filho. — Animais reconhecem aqueles que não agem movido pela crueldade.

— As pessoas da vila comentam que todos os dias ele também caminha até as proximidades do castelo e fica observando uma das janelas — a criança comentou, admirada.

— É o quarto do jovem Agmund — disse,

ciente daqueles boatos. — O lobo possui novos líderes agora que a bruxa... Agora que Pietra se foi — corrigiu-se.

— Não, pai, não existem bruxas como o senhor pensa. Somente nos livros — Noah respondeu, encarando-o com olhos que guardavam a sabedoria que mantinha Nikolau vivo todas as manhãs. — E o lobo não possui novos líderes. Fenrir tem, na verdade, novos amigos.